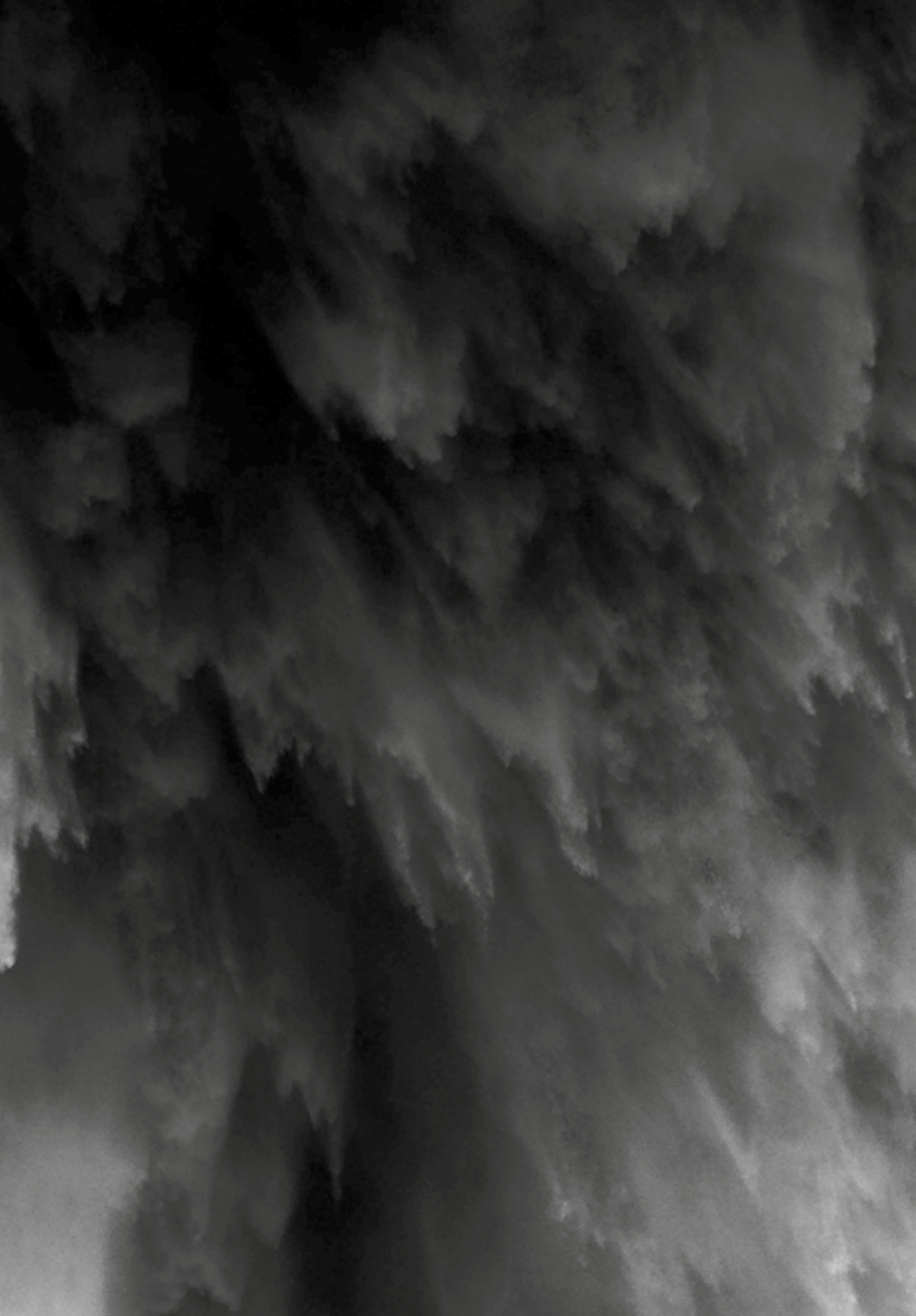
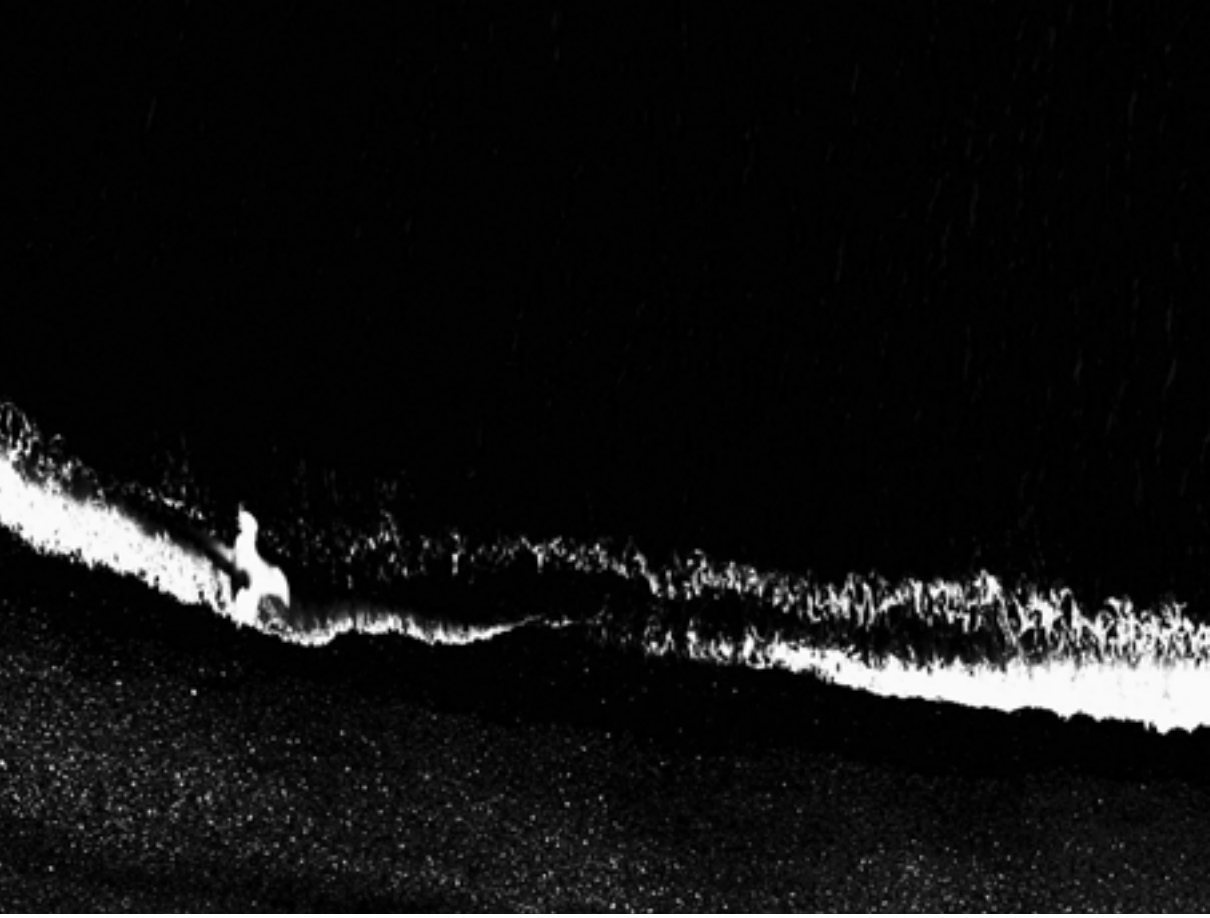
MADREPÉROLA
MARCOZERO
prosa e poesia londrinense
Rafael Silvaro [organizador]





MARCO ZERO

prosa e poesia londrinense

Rafael Silvaro [organizador]

MADREPÉROLA

SUMÁRIO

Londrina, território Literário 11

Camila Mossi 23

João Gimenes 29

Jasiel Silva Nascimento 41

Eduardo Baccarin-Costa 49

Maria Angélica Constantino 57

Tacy Muniz 61

Agnes Nagashima 71

Gabriele Antico Freiria 77

Daniele Cardoso 83

Amanda Santos 87

Ana Cristina Pereira 93

Júlia Diniz 99

Thaís Rossini 103

Adriano Rivolli 107

Amanda Damasio 113

Beatriz Bajo 119

Giulia Di Luca 125

Ana Paula Barcellos 133

Ricardo Dalai 141

Adrian Gustavo 147

Walter Helmuth Diesel 153

Jhonata Rossi 163

Valdir Rodrigues 169

Maria Cristina Moreno Matias 179

Akira Demenech 185

Danilo Brandão 191

Luis Henrique Mioto 197

Xarxel 203

Samantha Abreu 213

Matheus Migotto 217

Victor Hugo Barbosa 227

Maiara Caroline 233

Fernando Fiorin 239

Paola Psibelsky 247

Flávio Freire 253

Yuri Luz 263

Layse Barnabé de Moraes 273

Alessandra Navarro 279

Alex Freire 285

Luís Antônio Hangai 291

Vagner Xavier 297

Diego Navarro 303

Wilson Moreira 309

Vinícius Fonseca 315

Charles Feldhaus 319

Lucia Maria Felipe Alves 325

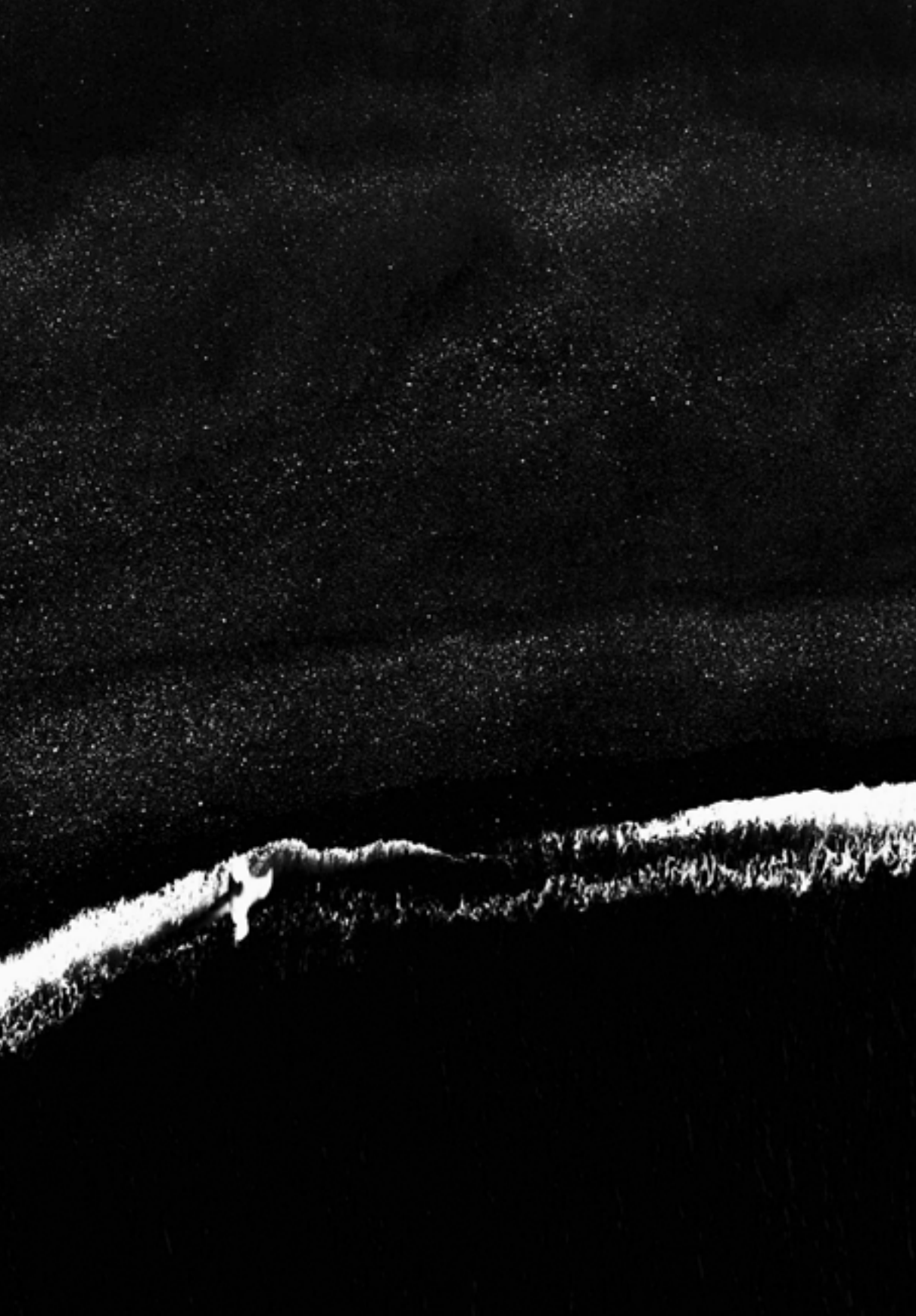
Aldo Moraes 335

J.M.Catarino 341

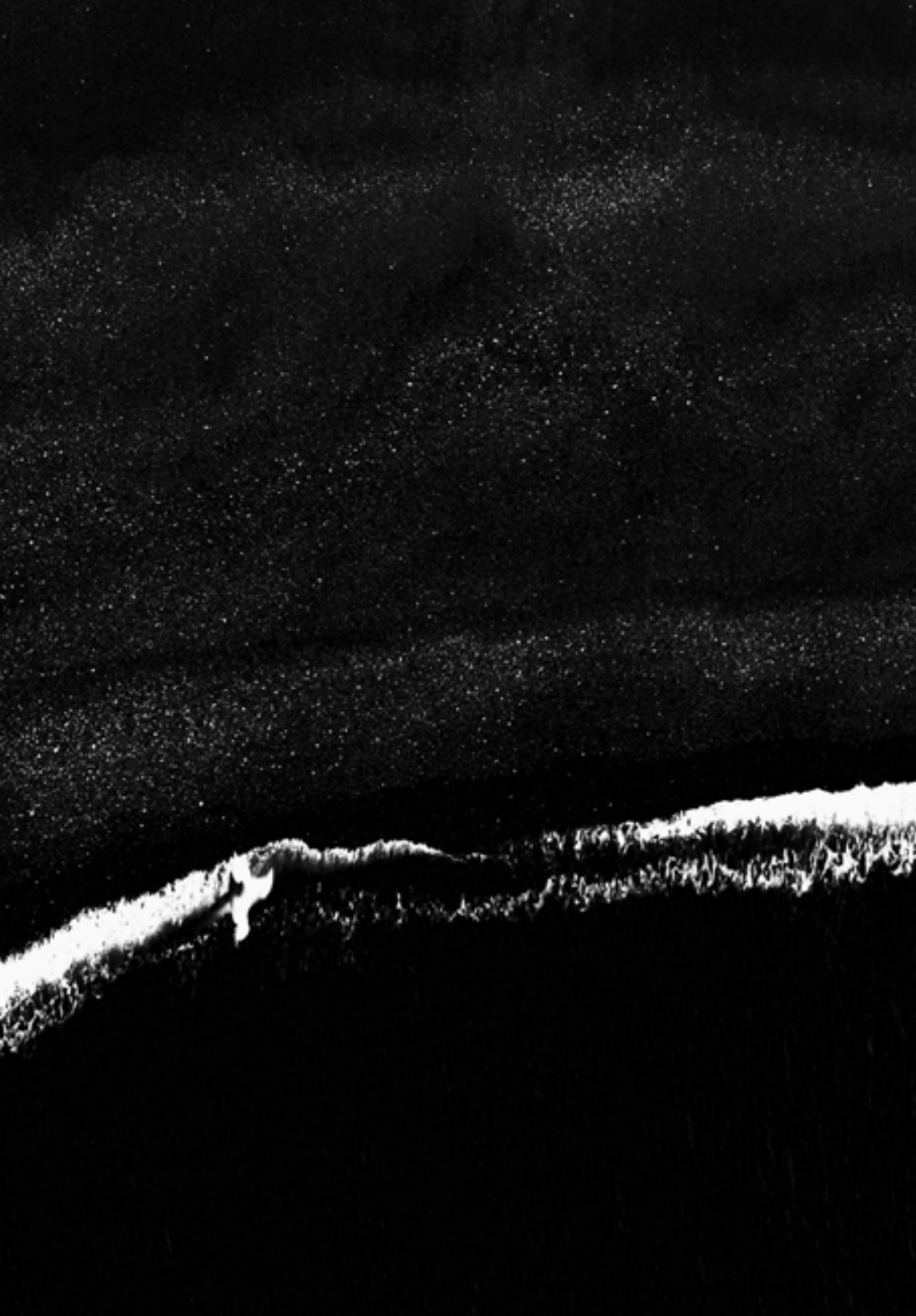
Marcia Paganini 349

Jackie Rodrigues 355

Os autores 363



Londrina, Território Literário



Marco Zero: prosa e poesia londrinense qualifica-se como uma antologia com um amplo e representativo conjunto de poetas e escritores em plena atividade de produção literária na cidade de Londrina. Encontram-se aqui nomes cuja circulação já é bastante notada no cenário local, alguns até nacional, e outros iniciantes, cuja militância e a participação em movimentos literários da cidade os encorajaram a publicar seus escritos até então engavetados.

Reunir textos, franquear a publicação de novos e reconhecidos talentos remonta a uma tradição que encontra na consagrada *Antologia de Poetas Londrinenses 12*, publicada há exatos 20 anos, seu veio precursor. A organização "pioneira" (para empregar um adjetivo muito prestigiado localmente) da diretora do Londrix, o Festival Literário de Londrina, e incansável militante cultural, Christine Vianna, reuniu, no apagar das luzes do século passado, nomes como os de Márcio Américo, Ademir Assunção, Maurício Arruda Mendonça, Rodrigo Garcia Lopes, Karen Debertolis, Mário Bortolotto, Marcos Losnak, entre outros. A carreira literária da maioria dos 12 autores presentes na antologia de Christine Vianna alcançou leitores de várias partes do país e até internacionais, projetando culturalmente Londrina para muito além das fronteiras do Paranapanema.

As editoras Kan, de Marcos Losnak, Atrito Art, de Christine Vianna, o coletivo Grafatório, no qual Felipe Melhado trabalha

como editor, e a Madrepérola, de Rafael Silvaro, têm oxigenado pensamentos e ideias com seus livros, em meio ao borchonoso conservadorismo cultural que tomou conta do país nos últimos anos. É quase um milagre sobreviver como editor no Brasil e é uma demonstração de resistência o empenho e a atuação de editores com foco em publicações alternativas em cidades do porte de Londrina. Rafael Silvaro, organizador desta antologia, é certamente o mais jovem empreendedor cultural entre os mencionados. Lembro-me dele ainda nos seus tempos de estudante de graduação na Universidade Estadual de Londrina (UEL), um aluno curioso da literatura, cuja paixão por livros o formou editor. Em seu percurso profissional, à frente da Madrepérola, Silvaro já publicou dezenas de poetas e escritores, exercendo seu ativismo literário também com a organização de saraus. A antologia em tela equipara-se em importância à sua precedente, a *Antologia de Poetas Londrinenses 12*. Apesar disso, há entre elas algumas diferenças que paga a pena ressaltar: enquanto a primeira só traz poemas, *Marco Zero* traz gêneros como o conto curto, a crônica, o poema em verso e prosa. Outro detalhe é que o número de escritores desta obra passa um pouco de 50 nomes, demonstrando uma pulsante vida literária em Londrina.

Diante dos números desta antologia, da presença de editoras alternativas e da constância de eventos literários no contexto pré-pandêmico, fica inevitável questionar de onde vem tamanho agito cultural que se transforma de geração em geração, sofre reversos de uma política que constantemente o coloca sob ameaça, possui momentos de grande vigor e euforia intercalados com profundo desânimo, mas esteve presente em boa parte da história da cidade? O escritor e dramaturgo Maurício Arruda Mendonça parece puxar o fio da meada para uma resposta à questão:

> Qual cidade que você conhece cresceu como Londrina de 1934 a 1984? Veja, a cidade dos meus contos tem apenas 75 anos. Não creio que haja outra cidade que fez um experimento de tempo tão radical. Talvez Brasília, mas Brasília já nasceu como marco da arquitetura moderna, né? Londrina pulverizou o tempo. Muita coisa aconteceu em pouco tempo. [...] Estou falando de uma cidade que nasceu sob o mito do Eldorado, que se construiu com esse imaginário da fertilidade da terra vermelha, resultado do maior derramamento da lava basáltica do planeta. Então, sob esse clima, há um paroxismo de paixões, o sexo explode, o desrespeito às regras, à lei e às convenções éticas e morais são desejados e aceitos. Some-se a isso que Londrina foi "a cidade mais rápida do Brasil", como disse Paulo Leminski[1] .

Londrina tem um "quê" de vanguarda demonstrado nas artes, nos prédios antigos, marcos da arquitetura moderna; nos festivais que englobam várias linguagens artísticas; na reconhecida e premiada produção dramatúrgica e cinematográfica; na musicalidade rebelde, útero inconteste da vanguarda paulista. Londrina pulverizou o tempo, como afirma Maurício Arruda Mendonça, numa aceleração alavancada em certa medida pegando carona em projetos desenvolvimentistas nacionais da era Vargas, de Juscelino e da Ditadura Militar. Mas, ao mesmo tempo em que se instaura uma marca ideológica do progresso e financeira baseada, sobretudo, no agronegócio, emerge uma expressão contracultural, como intuito de intensificar o apelo humanista e a solidariedade, clamar pelo equilíbrio ecológico, olhar para as populações negra e indígena e ressoar a voz da periferia. Esse jogo constante de forças revela muito de Londrina e

1. No livro de Marco Vasques (2010, p. 235). *Diálogos com a literatura brasileira*. Porto Alegre: Movimento; Joinville: Letradágua, v. 3.

demonstra que não se trata de um processo de aceleração contínuo, mas de vieses e revezes. Nesta cidade, a produção artística local convive com um certo desdém de uma camada social filisteia e conformista, refratária ao experimentalismo de linguagens e às tendências artísticas provocadas pelos vários coletivos e redes de artistas em constante produção.

Muitas vezes, quando o espírito vanguardista das artes londrinenses é lembrado, o paradoxo conservador citadino é deixado de lado, como se a produção e a circulação artística local não fossem, de alguma maneira, afetadas por essas diferenças. As artes têm sistemas de produção diferenciados: não se espera que um livro nasça de uma interlocução e relação entre seus agentes produtores do mesmo modo que se dá um concerto, uma peça teatral, uma exposição ou um filme... Mas as dificuldades de encontrar apoiadores, patrocinadores, investidores; as disputas cada vez mais acirradas pelos parcos recursos do que resta da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, Promic; o apagamento quase que total do empresariado na promoção cultural; os entraves para a formação de público; a falta de um pensamento crítico mais organizado e da presença mais incisiva de acadêmicos das inúmeras faculdades, centros universitários e universidades públicas e particulares em Londrina, são alguns dos problemas mais ou menos comuns enfrentados por agentes culturais e artistas na produção de uma arte londrinense. Mais especificamente sobre o papel das universidades na produção e promoção da cultura local, devem ser abertos parênteses para a UEL, a qual tem um papel histórico no acolhimento da vocação artística e mantém investimentos públicos voltados para a área de cultura por meio da Casa de Cultura e de departamentos, nos quais muitos docentes encontram-se engajados em festivais como os de música, teatro e literatura. Mas até mesmo esta estrutura pública encontra-se sob fortes ameaças decorrentes

dos cortes orçamentários, afetando de modo direto a realização de eventos, manutenção de espaços e equipamentos pela impossibilidade de abertura de concursos, resultando, inclusive, em fechamento de espaços alternativos como Cine Contour, ocorrido recentemente.

O cenário de falta de investimentos e os posicionamentos ideológicos reacionários esforçam-se para situar o escritor, o músico e artista em geral no campo de profissionais "dispensáveis". Num mundo social em que as informações chegam aos borbotões pela internet e é clara a aderência a conhecimentos que possam gerar algum tipo de rentabilidade, a alteridade e a estética são, equivocadamente, deixadas de lado. Toda e qualquer atuação artística e intelectual exige interesse, pesquisa, disciplina e diligência, que irão consumir o tempo necessário à produção da boa arte. A falta de reconhecimento profissional do artista tende a empurrá-lo para o amadorismo e o diletantismo, no qual vários talentos, sem fonte de financiamento, são desperdiçados, acarretando também uma consequente desvalorização do capital simbólico (de produção intelectual e artística) da própria cidade.

Uma antologia com mais de 50 escritores, num contexto em que ocorre a substituição do debate público por picuinhas e achismos e sobram hostilidades e aridez de pensamento, é demonstração de vida pensante habitando a cidade e, também, é um sinal de que Londrina continua pulverizando o tempo, no dizer de Maurício Arruda Mendonça. Isso significa que, na cidade, convivem grupos com diferentes temporalidades, produzindo formas de pensamento e ação, muitas vezes, reveladas num movimento dissociativo. Claude Lévi-Strauss levantou a lebre sobre a dissociabilidade de grupos sociais já na fundação da cidade, por conta de suas andanças pela região nos anos de 1930. Em outras palavras, o conflito de identidades

de grupos sociais não é algo novo em Londrina e podemos aprender muito com essa história, para não repetir os mesmos erros do passado. O antropólogo, ao ponderar suas anotações para o livro que seria publicado somente 20 anos depois e se tornaria uma das mais respeitáveis obras das Ciências Humanas no século XX, comentou sobre os que viviam em Londrina e entorno:

> [...] esses habitantes são de dois tipos: os gregários, para quem uma zona será tanto mais atraente quanto a implantação urbana estiver mais avançada, e os solitários, preocupados com a liberdade [...]

E adiante:

> Portanto, não é de modo metafórico comparar — como se fez com tanta frequência — uma cidade a uma sinfonia ou a um poema; são objetos da mesma natureza. [...] Nessas cidades de síntese do Brasil meridional, a vontade secreta e obstinada que surgia na plantação das casas, a especialização das artérias, no estilo nascente dos bairros parecia mais significativa na medida em que contrariava, prolongando-o, o capricho que dera origem ao empreendimento. Londrina, Nova Dantzig, Rolândia e Arapongas — nascidas da decisão de um time de engenheiros e capitalistas — entravam de mansinho na concreta diversidade de uma ordem verdadeira [...][2]

2. No livro de Claude Lévi-Strauss (1998, p. 114-5). *Tristes Trópicos.* Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia das Letras.

Esta antologia dimensiona-se, para me apropriar da metáfora acima, na sinfonia citadina, compondo-se como um grande poema de múltiplas vozes, talvez ecos dos primeiros habitantes solitários, que primavam pela liberdade, e se contrapunham ao capricho dos grandes empreendimentos. Não por acaso, reside em seu título, *Marco Zero,* essa dupla e conflituosa semântica. Há nele tanto um caráter antiburguês, ao fazer coro ao projeto literário de Oswald de Andrade, como também remete ao homônimo empreendimento imobiliário, próximo à futurista estação rodoviária de Londrina.

A antologia deixa entrever perspectivas diferenciadas sobre a cidade: faz do pensamento um território único, de linguagens e sentidos que são compartilhados nos saraus, festivais, encontros de pessoas que compõem uma comunidade de literatos e leitores. *Marco Zero* reúne poemas e contos feitos por um coletivo, cujas tensões tratam de experiências da ordem do subjetivo, dos conflitos amorosos, da morte, do existencialismo e do engajamento social. A obra não se caracteriza por uma estética dominante ou regras de produção. Existem nela vozes em diversas dicções poéticas, reproduzindo em menor escala o sincretismo, o ecletismo e a mestiçagem identificados na literatura brasileira.

Há, por detrás da escrita dos textos literários, uma rede de afetos operando, isto é, uma maneira de fazer parte de uma comunidade de literatos em que, por meio das trocas, o autor pode modificar o outro e deixar-se modificar, pelas motivações e relações de trocas estabelecidas no sistema social. Muitos dos escritores e poetas de *Marco Zero* se reúnem, mesmo que esporadicamente, para celebrar a arte em saraus, ou ainda, por meio de encontros e debates em redes sociais e outros eventos literários. São performances, declamações e criação de uma ambiência literária que permite compreender como

a poesia avança para além do texto impresso e revela-se como uma forma de ocupação e subversão do espaço público.

Tudo se apresenta interconectado: os grupos sociais constituídos em razão das afinidades ideológicas, o livro como forma de disseminação literária, a performance como voz, corpo e espaço dados à poesia. Os textos aqui presentes não podem ser entendidos como mera palavra escrita: eles são também posicionamentos sociais, voz, sentido e ocupação de espaço. Eles se tornam um tipo particular de ato: o ato da palavra.

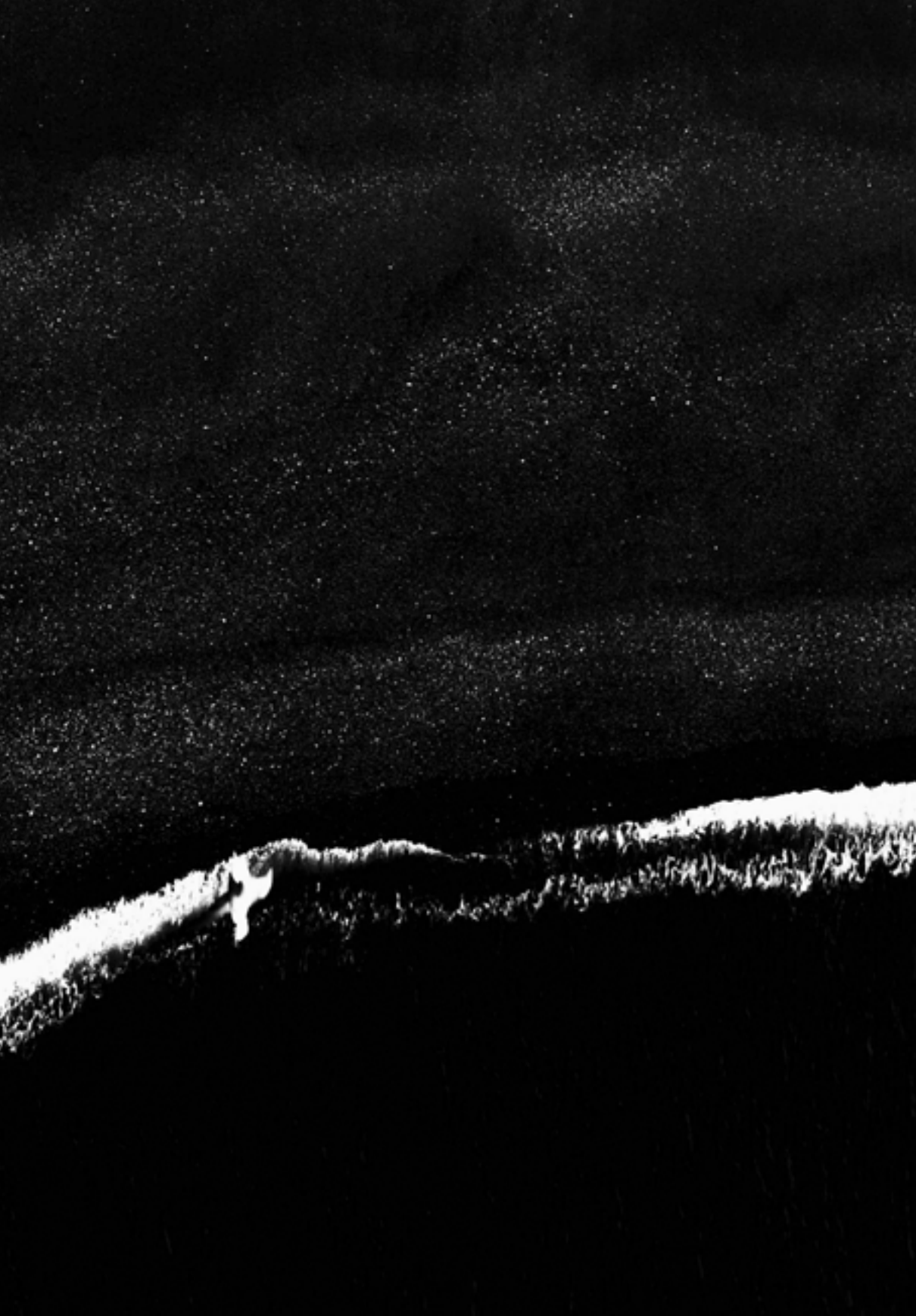
O ato tem a ver com a arte em seu mecanismo de produção, compreende um *locus* de atuação e interação, o qual também terá seus reflexos na representação espacial do poema. Insinua hierarquias e tradições que atravessam a arte ou formas de relacionamento de pessoas com instituições, as quais podem tanto ser combatidas como corroboradas por gerações distintas. Incita o associativismo por meio de desenvolvimento de projetos comuns, como *Marco Zero,* por exemplo. Tensiona os limites da rede literária local, expandindo ou encolhendo sua capacidade de penetração social e midiática. Subvenciona a migração e a simultaneidade do corpo e da poesia: a permanência do texto impresso aliada à circulação digital e/ou performática. Desse modo, o ato da palavra acautela a mudança necessária à sobrevivência da arte.

O ato da palavra dá algumas respostas ao questionamento sobre as razões da efervescência cultural contínua na cidade de Londrina: a forma como os sujeitos vão se afetar mutuamente e formular um pensamento diante da sociedade e, também, farão valer a subjetividade. Desse modo, o ato da palavra cria um tipo de território cujos limites não são mais geopolíticos, mas sim do pensamento: um pensamento específico por meio da arte, uma forma de ser e estar no

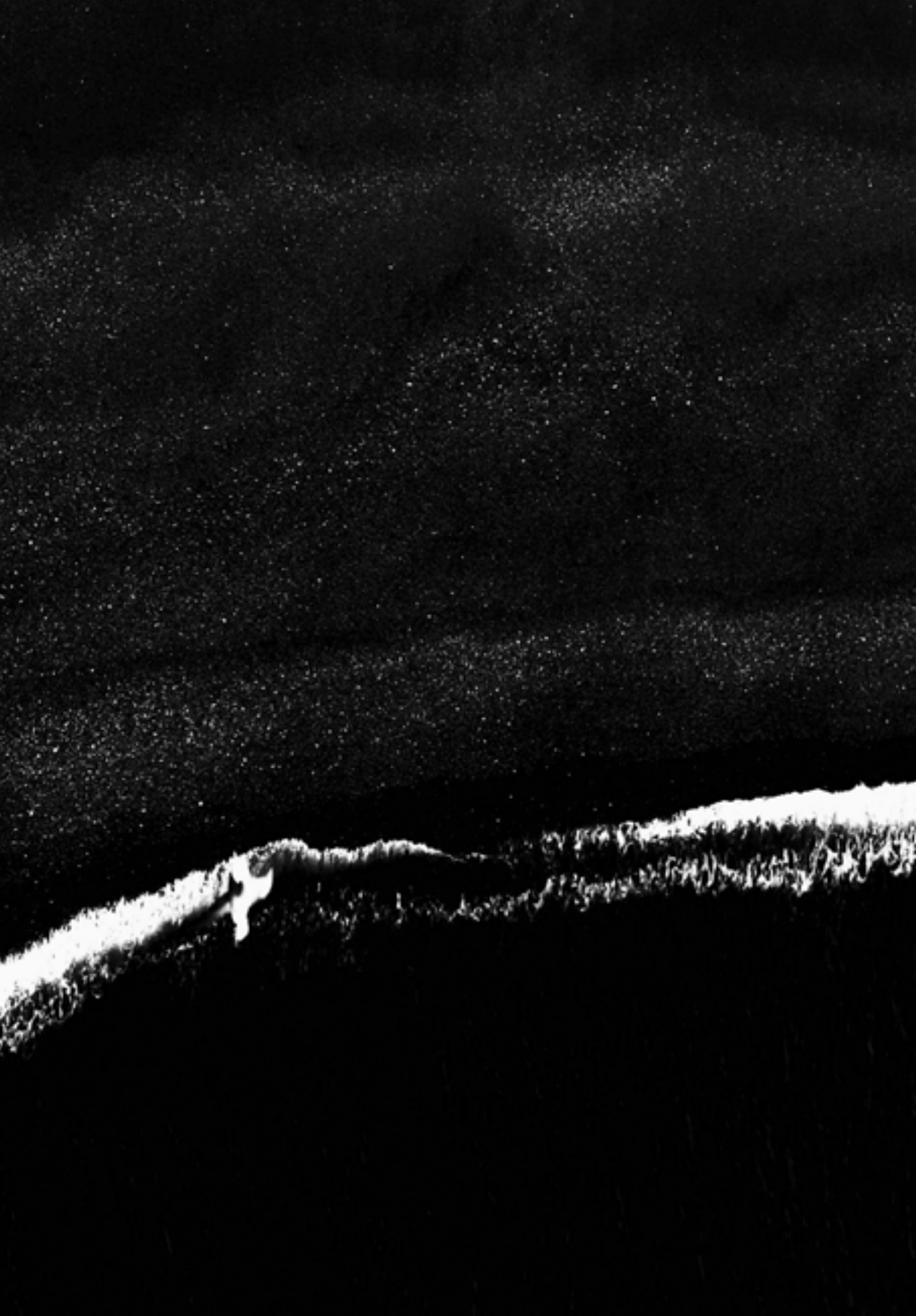
mundo. É preciso da arte para humanizar, é preciso a poesia para se viver uma temporalidade autêntica, isto é, aquela capaz sensibilizar para os acontecimentos e, num senso epifânico, revelar a verdade do mundo. A arte nunca deixou de ser necessária!

Frederico Garcia Fernandes

Prof. de Teoria Literária na UEL



Camila Mossi



GERAÇÃO ASSÉPTICA

Já tem um tempo que começou o processo de assepsia em Londrina, mas, silencioso, a gente não dá tanto valor. Lamentamos, aqui e ali, que o amor não sobrevive à especulação imobiliária: o terreno do Bar do J virou garagem de seminovos, o da casa dos Anões, estacionamento. Mas, inocentes, achamos que era apenas uma rede de coincidências guiadas pela mão invisível do mercado.

Além disso, há de se fazer cumprir as leis. Ora, se o Chopão, boteco do calçadão de Londrina, estava ilegal, tem mesmo é que fechar. O Chopão, o Dedé, só dava bêbado, bêbado e puta. A polícia vivia lá. A gente, que era estudante, também. O misto de cerveja barata, porção gordurosa e diversidade de classes sociais era um contexto interessante para os jovens sonhadores. Laboratório da vida real. Incomodava as famílias quatrocentonas — pode-se falar em quatrocentão londrinense? — que moram nos prédios antigos do calçadão, aquelas que não migraram para a Gleba. Tirava o ar europeu do calçadão.

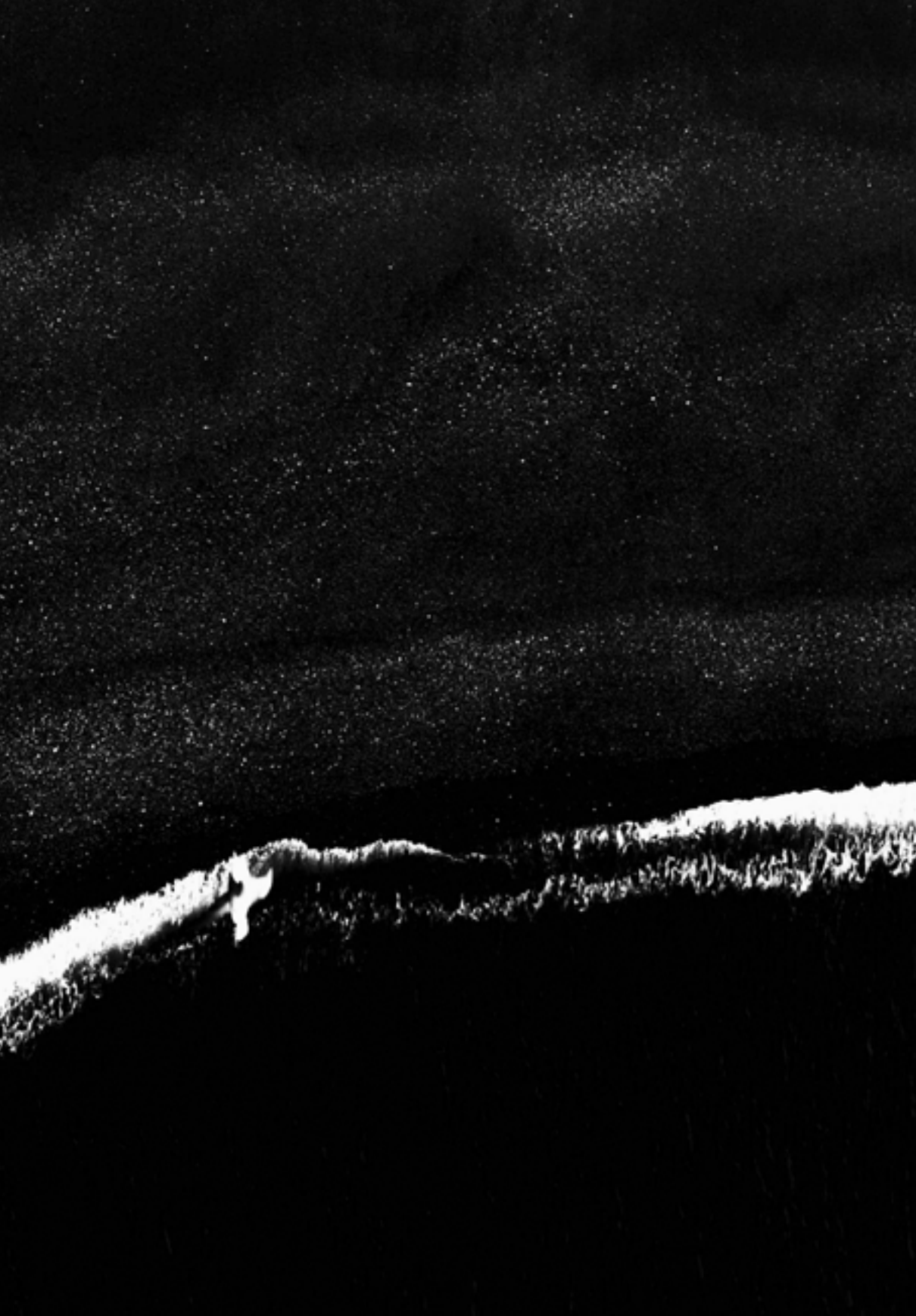
Nessa leva, a banca de jornais também dançou. Os pequenos quiosques de café. O coreto. É surpreendente que ainda haja bancos no calçadão. Hora ou outra um político, exemplo de trabalhador dedicado, reclama dos velhinhos aposentados — vagabundos — que povoam os bancos e, a contrassenso da saúde pública, alimentam os pombos. O bosque, mesmo, escapou por um fio de virar rua de

acesso a um grande empreendimento imobiliário. Perdeu árvores e charme. Diferente dos velhinhos, manca sem bengala.

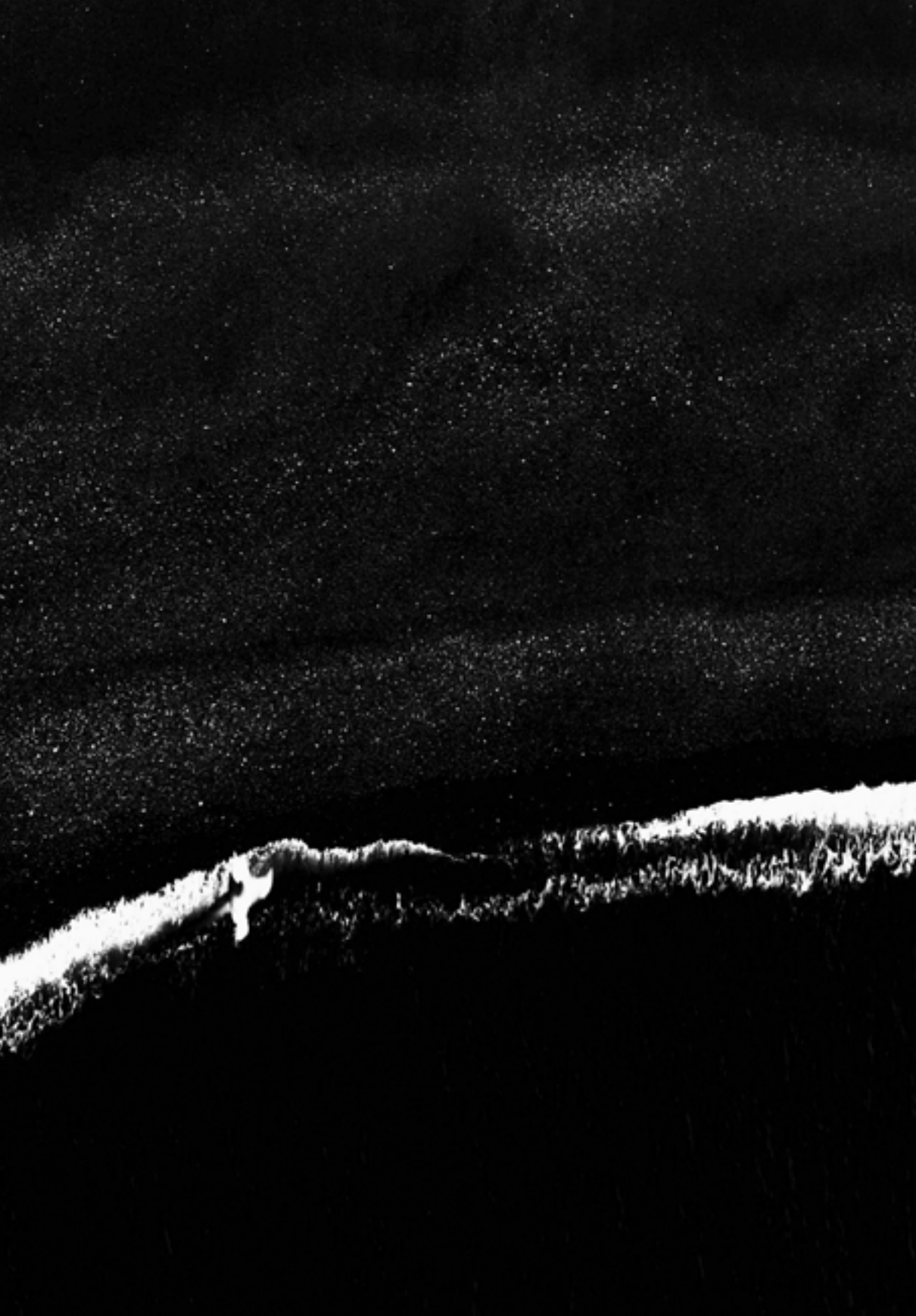
O centro, que fervilhava em vida, passa por uma assepsia. A fauna humana deu lugar ao projeto arquitetônico para encher os olhos dos passantes, não para se viver. A Londrina do século XXI é moderna e cinza, sem cores. Sem energia vital. A zona boêmia dos anos 50, que mantinha poucas ramificações até dia desses, foi limpa. Não cabe boteco. Não cabe cabaré. Não cabe praça. Não cabe galeria de acesso ao museu. Que junta vagabundo, né? Cidadão de bem não quer ver isso.

O Londrinense — londrino — não precisa viver a cidade e suas idiossincrasias. Ele tem os *shoppings*. Vários deles. Mais limpos e reluzentes que corredor de hospital. À prova de vagabundo. De pobre. De bêbado. Tem os *pubs*. No *pub* você não fica bêbado, fica alcoolizado. É diferente. Tem as ruas largas, arborizadas e vigiadas de uma bela Suíça. Os *gardens* suspensos do rei Salomão. O Londrinense, no alto de suas torres-fazenda, toma refrigerante *diet*, fuma cigarro eletrônico, faz pilates, vota em fascista e reclama do aumento do IPTU.

A última do londrinense foi a lei seca. O cidadão de bem não quer gente bebendo na rua depois das 22h. Não quer boteco para vagabundo fervilhar em alegria até o raiar do sol. Não quer os bixos bebendo no beco. Vamos matar a fauna de sede para que ela não desabroche em flora. A boemia, berço da literatura, da arte e da filosofia foi criminalizada. A cidade sem paixão. Estranho, isso de fazer assepsia sem álcool. O receio é que, agora, a assepsia vai ser a fogo.



João Gimenes



Isso é um diário de guerra

já se foi aquela fase da negação
da espera de que num dia próximo isso tudo acabe
já perdi aquela parte da esperança
de realmente acreditar que um dia vai passar
a gente se acalma entre a gente
fala que já vai se ver de novo em breve novamente
já demiti a parcela do falso bom senso
daquele que acredita no 0% do crescimento
vai ser até bem mais para bem menos
é toda cadeia de produção que está entrelaçada ao conceito de
[aglomeração
nada do que foi será
já dei adeus ao que chamei de lembrança
das festas com todas essas tias
e esses tantos primos bêbados brigando por um passado mal
[resolvido
das páscoas de chocolate e churrasco
dos blocos de carnaval de rua
aposentei todos os sonhos em uma grande quarta-feira de cinzas

é

meu filho

acabou o carnaval

mas o ano ainda nem começou

e já desfiz todos os meus longos planos

fiquei só com os que estão mais debaixo do nariz

já arregacei as mangas e fui para ação

não tem nem por onde começar a não ser do chão

cada dia dura a intensidade de uma semana

já passei uma semana limpando toda a superfície

da imóvel rotina desses móveis incômodos

já abasteci o tanque

já fui ao mercado após às 22 horas

e percebi que daqui para frente

vai ser só o essencial

nada de impulso irremediável

ou argumento básico para um divertimento profano

só vai sair o espírito

só a alma vai sair

já enchi a despensa como nunca havia feito antes

arroz, feijão, farinha, ovo, leite, lentilha, tapioca, açúcar, sal, óleo

já estabeleci novos limites diários

finjo que trabalho em casa

poucas voltas na praça

poucos passeios por aí

já programei até os segundos das saídas

já coloquei água sanitária no sapato e fechei até o último botão da
[camisa

já senti no ar a diferença dessa segunda que antecede o luto de uma
[semana inteira perdida

já fiquei em casa a maior parte do tempo sem vontade de fazer
[nenhum movimento

já perdi a noção dos dias da semana e a importância de se ajustar os
[ponteiros

isso é um diário de guerra

estou estudando ou tocando ou escrevendo

mas é 70 % lavando louças e estendendo roupas ao vento

hoje não saio para rua sem máscara

é para tampar a tosse e conter a saliva da raiva

a guerra continua

está mais viva do que nunca nos silêncios das ruas

nas trincheiras dos hospitais

na linha de frente do atendimento básico

e o dever do guerrilheiro é ficar em casa

e o devir da guerra é não sair de casa

como fazer o dinheiro?

como sair para comprar o leite?

com essa crise de produtos

com essa alta dos preços

com essa falta de emprego

com essa dificuldade de transporte

nunca foi tão fácil dizer que o passado era tão bom

mas o passado não tem volta

a máscara não é apenas para nos afastar do vírus

é para lembrar de evitar o contágio

para transformar o aperto de mão em acenos trocados

para olhar à distância os contatos nas conexões do espaço

para destruir toda uma proximidade insuspeita e desnecessária

para desfazer essa confiança construída com o corpo

nosso tato tão profundo e tão caloroso

para reduzir toda força social mais intensa

mais extensa

mais pra fora

mais expandida

mais coletiva

é para acelerar o nosso sujeito rumo ao indivíduo

a máscara é o rosto dos novos tempos

menos abastado
menos aglomerado
menos insatisfeito
o verdadeiro véu da nossa geração
nossos rostos menos particulares e mais imersos na paisagem
nossos olhos voltados para fora são um convite desesperado
para o que se passa dentro
nossos costumes importados
com respiradores e remédios controlados
assim o mundo se torna cada vez mais asiático
com os corpos mais fechados
mais curativos
mais meditativos
mais resolutivos
mais comedidos
mais cooperativos
bem vindos à sociedade celular
o fim do mundo ocidental
um oi ao mundo que se orienta
o fim da disciplina que aprisiona
um oi ao controle que se deseja
invisível e assintomático
com tecnologias mais delicadas

abraços mais curtos

ritos mais singelos

rituais mais sutis

beijos mais raros

sexos mais protegidos

sorrisos mais contidos

silêncios mais explícitos

lágrimas mais escondidas

rugas mais salientes

tragédias mais aparentes

tudo isso conquistado pelo peso da morte invisível

pela imanência do suave toque do álcool gel setenta

já se vê a pele mais ferida de uma geração que irá crescer na falta

para uns a falta de comida

para outros apenas a falta

vinte e poucos anos de nada

é uma nova era

tão vazia e tão repleta

talvez fechando em definitivo o século vinte e um

talvez abrindo de vez o segundo milênio depois de cristo

não sei

é uma etapa nova em direção à um enorme desafio

e sempre que o corpo enfraquece é momento de um olhar mais [profundo

uma atenção ao que nos resta do espírito

ao nosso anjo guia

em pedir ajuda aos outros seres

em buscar alguma força de algum lugar para fora desse planeta

estamos dando um grande passo em direção a uma fase da alma de [consciência

é difícil perceber a saúde na doença e perceber a doença que estávamos cultivando nessa falsa saúde aparente de acumular imóveis, carros e segredos

é a tragédia da vida

e nesse novo tempo celular

a vida é solitária

seremos humanos por necessidade

vivendo o desafio de quem começa uma nova etapa

de quem aprende duro na pele da experiência

de quem cria uma nova maneira de solucionar o problema

nada está dado como certo

está tudo em aberto

ainda mais conectados e ainda mais dispersos

ainda mais instruídos e ainda mais distraídos

ainda mais impossíveis e ainda mais limitados

ainda mais livres e ainda mais sedentários

ainda mais conformados de debates sem comentários

ainda mais informados de notícias sem argumentos

ainda mais *big data* meu grande irmão

e na próxima edição os candidatos vão estar todos em casa

governados por um estranho impulso de sua profissão

não sei se é verdade o que estamos vivendo

parece mais um filme de ficção

mas deve ser assim que a história é feita

é tão surreal que se torna um momento único desse planeta

até que a terra é plana voltou a estar no pleito

tal fascínio na crise do desejo não é confusão

foi nos dado tudo e nada nos interessa

essa banalidade de todo dia um final feliz

todo dia um banho quente

um grande lanche com tudo dentro

agora não

agora já não há mais amanhã

daqui para frente tudo vai ser diferente

o isolamento é o retrato do que será o começo do mundo em
[sequência

o isolamento é o retrato do que será o começo de um mundo seguinte

o isolamento é o retrato do que será o começo do mundo novamente

vidas viram *lives*

lives viram vidas

a estética crua e nua da nossa existência

cada vez mais compartilhada

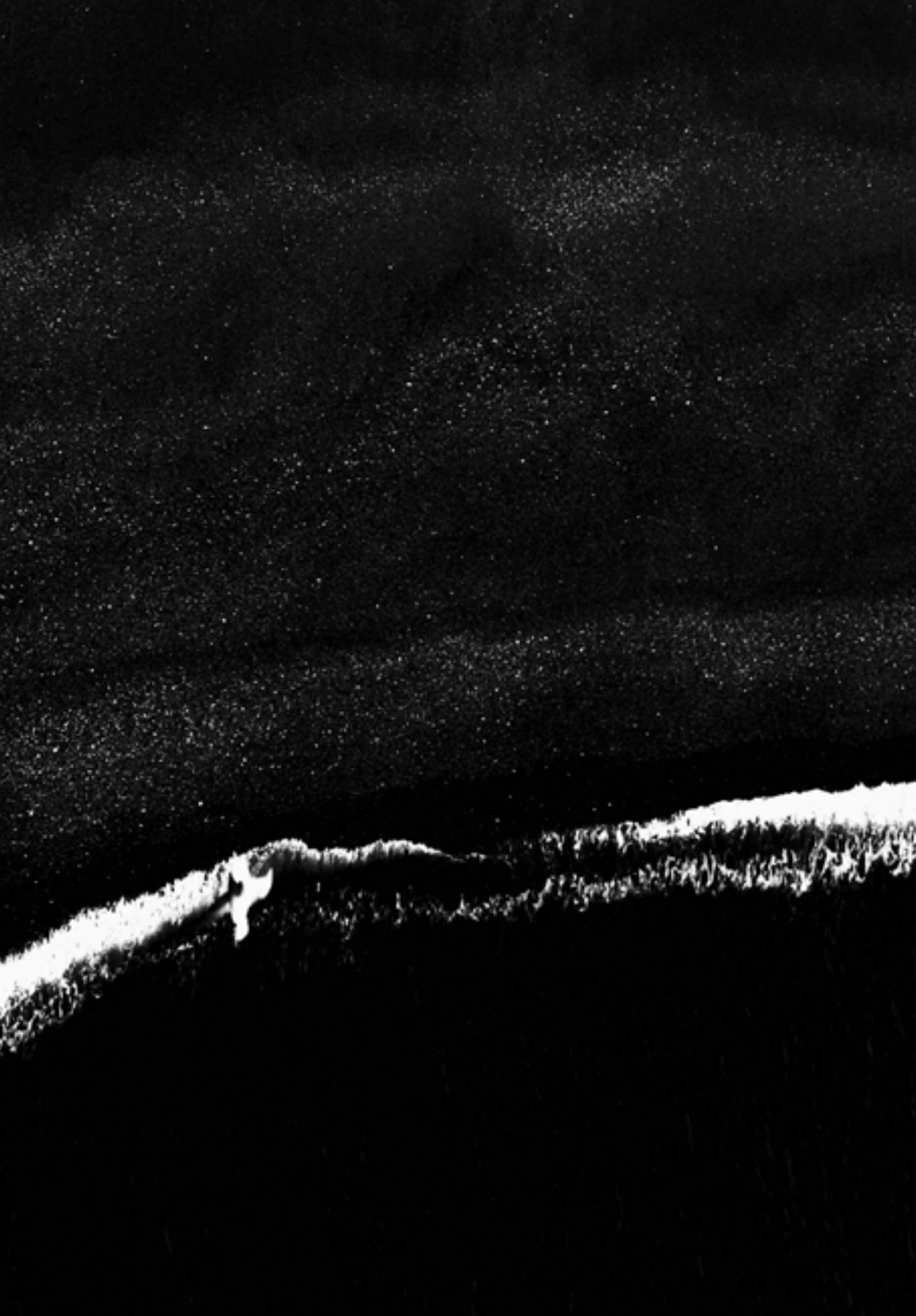
na nossa contínua e incessante busca

por continuar vivendo

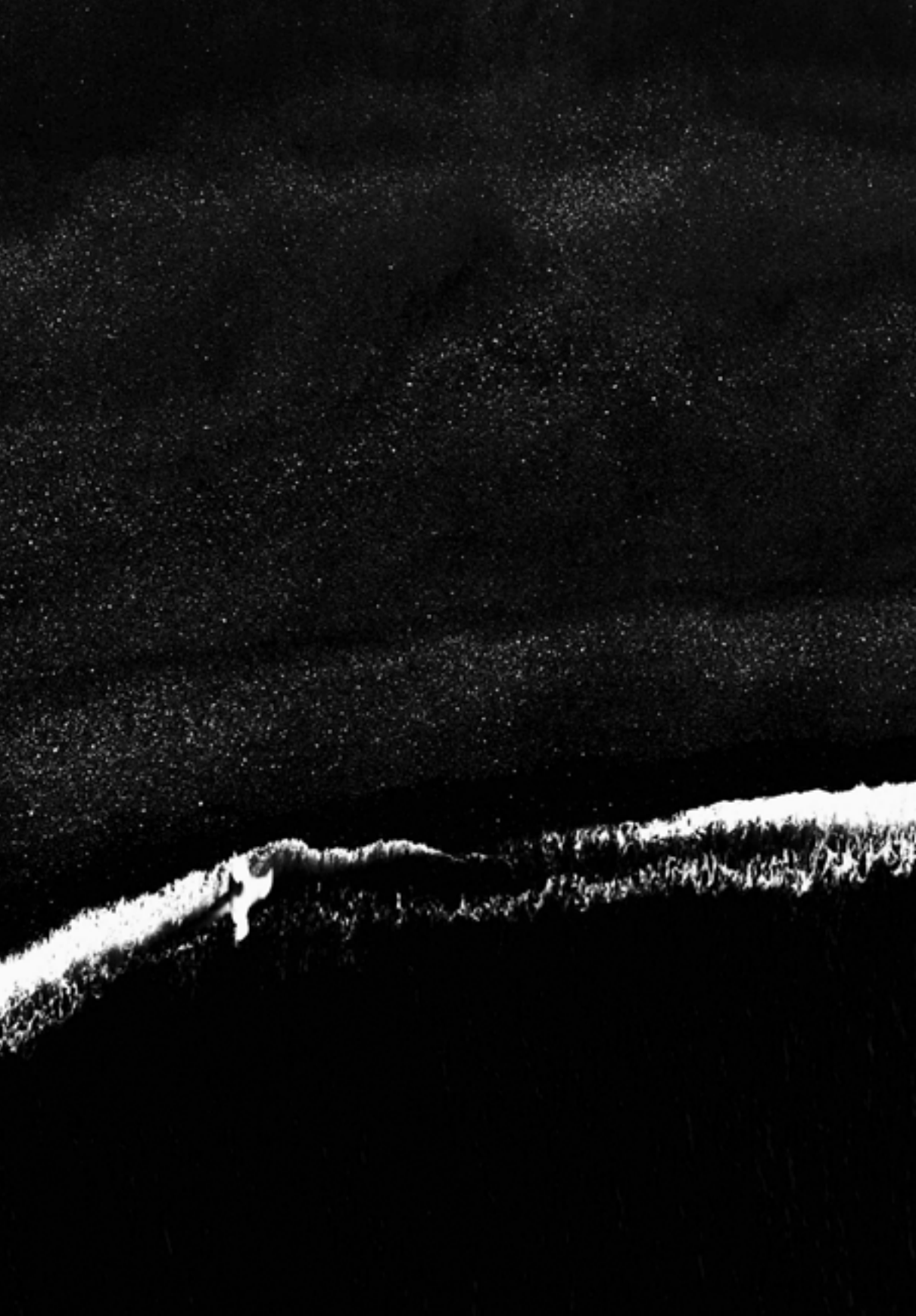
londrina/paraná

10/04/2020

5:35



Jasiel Silva
Nascimento



Saindo da rua Paraíba e entrando na Higienópolis

Sem rumo, caminhava pela rua Paraíba. Pretendia virar-se em alguma esquina que lhe desse na telha, ou mais precisamente, na única camada de telhas, pois não possuía nem eira nem beira; ao contrário das velhas casas de ricos que possuíam três camadas: eira, beira e tribeira.

Não possuía destino, andava a esmo. Esmava parar n'algum canto que lhe fosse suave aos pés fatigados pelo existir indolente e hedonista. Sentia que precisava encontrar um novo rumo, precisava achar seu lugar… não sabia bem por onde começar, por isso andava…

A tarde ainda distava do ocaso; na verdade passava pouco do meio-dia. Passou defronte das casas antigas da rua Paraíba e subiu rumo ao seu fim. Vinha do oeste… deteve-se no entroncamento da rua Quintino, Benjamim e Paraíba, pausou os passos e quis virar-se para casa; ponderou suave, tinha a opção de rumar ao terminal, de lá poderia ir para muitos destinos, mas optou por seguir para a rua Higienópolis.

Atravessou a rua Sergipe e sentou-se no ponto de ônibus em frente a caixa d'água da Sanepar, olhava o canteiro que começava ali e se estendia por toda a rua. Havia um longo caminho a percorrer e não sabia se conseguiria voltar. Estava de chinelos, eram calçados propícios para andar pela rua Paraíba e voltar ao seu lar, contudo, se decidisse seguir não seria suficiente.

Precisava de um tênis confortável, talvez da bicicleta, quiçá um carro para percorrer aquele trajeto. Havia uma descida longa que significava subida longa na volta. Pensou que poderia ir até a Gleba se estivesse de tênis esportivo. Mas concluiu: com suas havaianas, deveria ficar ali parado e depois voltar-se rumo a sua origem.

Deteve-se por ali por um longo tempo e viu uma loja de roupas masculinas. Nunca lhe chamara atenção nenhuma loja de roupas, vestira-se sempre por ser socialmente obrigatório; por quase toda sua vida, via-se como um ser desprovido de beleza e apenas cultivava manter-se assim.

Contudo, algo em seu interior mudava e um certo espírito vaidoso lhe brotava no coração. Quem sabe… mais magro, poderia pensar em vestir-se com uma roupa bonita, calçar uma sapato elegante, usar um relógio bonito; já não lhe parecia um sonho para além mar.

Voltou para casa pensando em mudar seu guarda-roupa, mas não sabia por onde começar, não possuía menor noção de moda, não sabia como melhorar sua aparência... Usou por tanto tempo o que lhe cabia no corpo que não cogitava de qual forma escolher uma roupa pra vestir-se.

Sentou-se na calçada de casa e pensou: Como farei para mudar meu guarda-roupas? Aquele grande armário estava sucateado, comprara surrado e estava tão decadente que apenas a sua alma estivera assim por tanto tempo. As gavetas e portas não funcionavam, estava sem sair do lugar há tanto tempo que beirava uma década, talvez, tivesse ali até alguns pés de feijão.

Após um longo pensar, resolveu começar pelo guarda-roupas, comprar um novo, já seria um primeiro passo enquanto pensava em

que roupa usar. Quem sabe fosse necessário fazer um curso de modas, talvez aprender a olhar-se no espelho, quem sabe poderia até encontrar alguma garota interessada; não sem antes comprar uma tábua de passar, chega de roupas amarrotadas, chega de uma vida amarrotada pela dor.

Ergueu-se e pôs-se a arrumar todo seu quarto. Enquanto arrumava, parou, saiu apressado; faltava apenas meia hora para fechar o comércio, ainda dava tempo; o dia de mudar era hoje, era a primeira etapa da mudança. Dirigiu-se até a rua Quintino, havia ali uma loja de novos e usados. Olhou os guarda-roupas que havia, gostou de um em específico, não era grande, mas era um começo; comprou o guarda-roupas, trouxe nas costas, comprou até uma estante para os livros… agora poderia alinhar cuidados do corpo com os cuidados da mente…

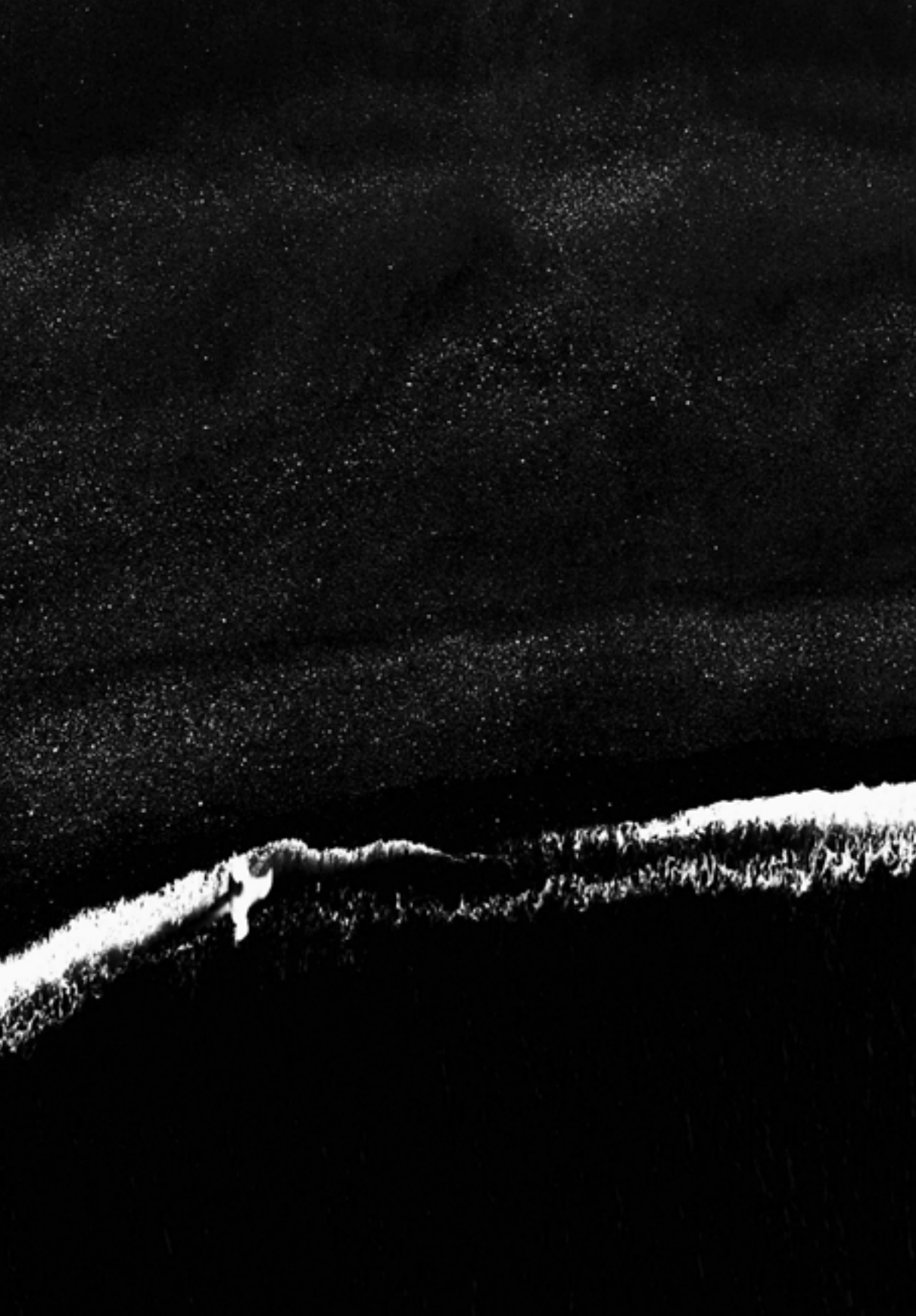
Sim, passara a cuidar do corpo há pouco. Havia 6 meses a praticar atividade física na rua Paranaguá. Talvez tenha sido da prática de exercícios que lhe surgiu a vontade de cuidar do corpo. Ele que sempre amou a rua Paraíba, desde a sua chegada a Londrina, começava a cobiçar a Higienópolis pela primeira vez. Por certo, precisaria de roupas novas para essa nova etapa. Não é simples cruzar a Sergipe, saindo da Paraíba e entrar na Higienópolis.

Chegou em casa com seu guarda-roupas. Quebrou o antigo, precisava contratar um caminhão para levar até a Kurica. Um certo cuidado ambiental é importante para preservar a cidade limpa. Afinal, a limpeza da bela cidade o encantara quando chegou há quatorze anos. Não seria possível mais naquele dia, era um sábado. Por isso, teve que guardar no velho quarto da bagunça. Não poderia deixar lá, pois, se o fizesse, voltaria aos velhos hábitos de guardar entulhos. Precisa seguir por uma senda diferente.

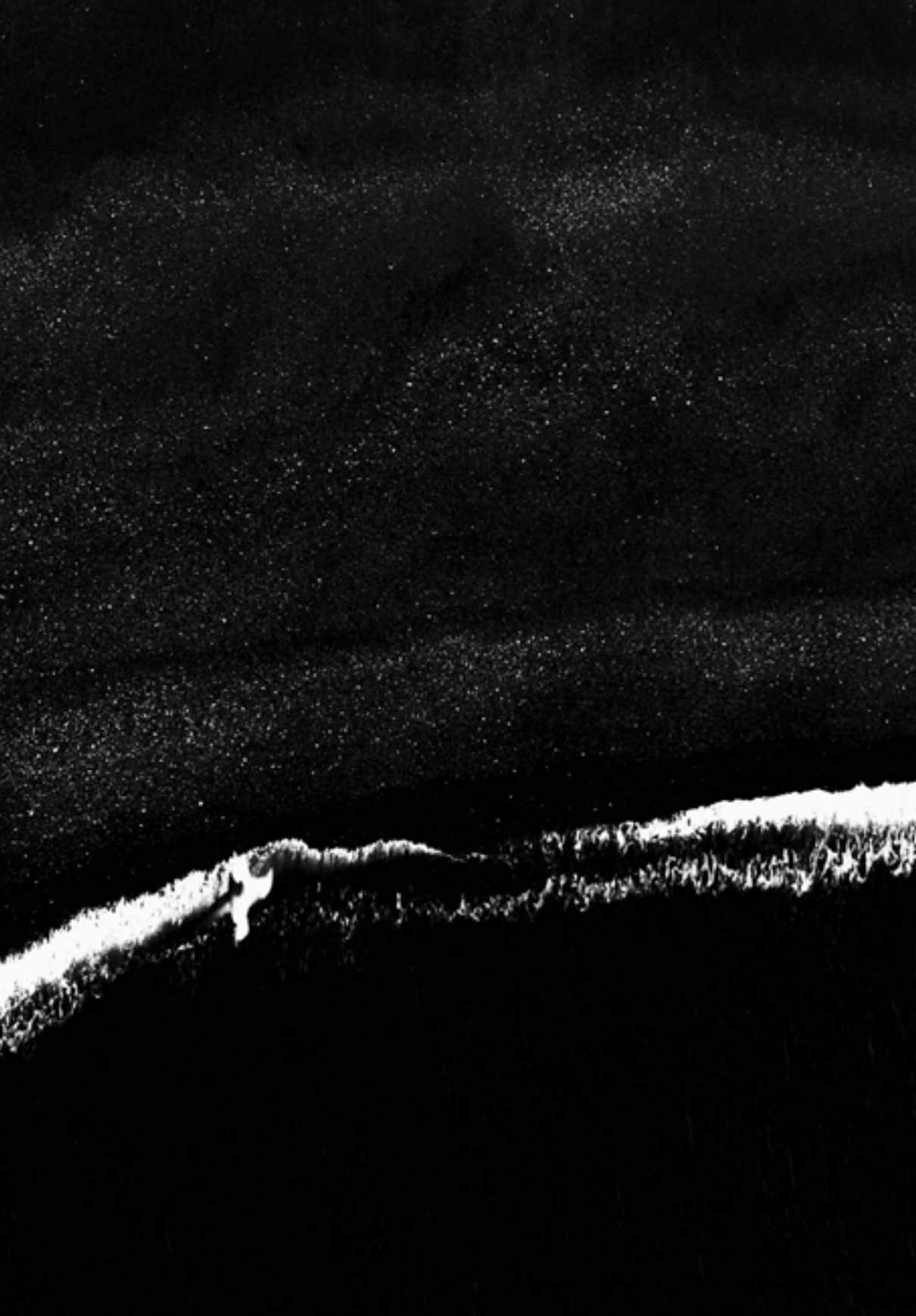
Após uma longa limpeza em seu quarto, pôs o guarda-roupas no lugar. Estava pronto para seguir rumo a Higienópolis. Levantou-se, colocou o tênis. Desta vez poderia seguir o canteiro central da rua rumo as descidas e subidas. Desceu rumo ao lago para fazer a corrida diária, esticou seus passos até a Avenida Ayrton Senna. Olhou todo aquele lugar, pensou pela primeira vez que poderia morar ali. Seria mais perto para caminhar no lago. Com sua nova vida seria interessante. Talvez o velho andante da rua Paraíba já não coubesse dentro de si.

Voltou para casa, o ocaso estava chegando suave com um tom alaranjado que é próprio dos fins de tarde nestas bandas. Sentou-se, tudo estava pronto, podia esperar o nascer de um novo dia, já não era o mesmo.

Quem sabe agora encontraria seu rumo. Talvez até pudesse ter uma casa com eira, beira e tribeira. Já não seria contado entre aqueles que não possuem nada. Já possuía uma guarda-roupa novo. Quiçá poderia trilhar novas sendas e viver novos rumos.



Eduardo
Baccarin-Costa



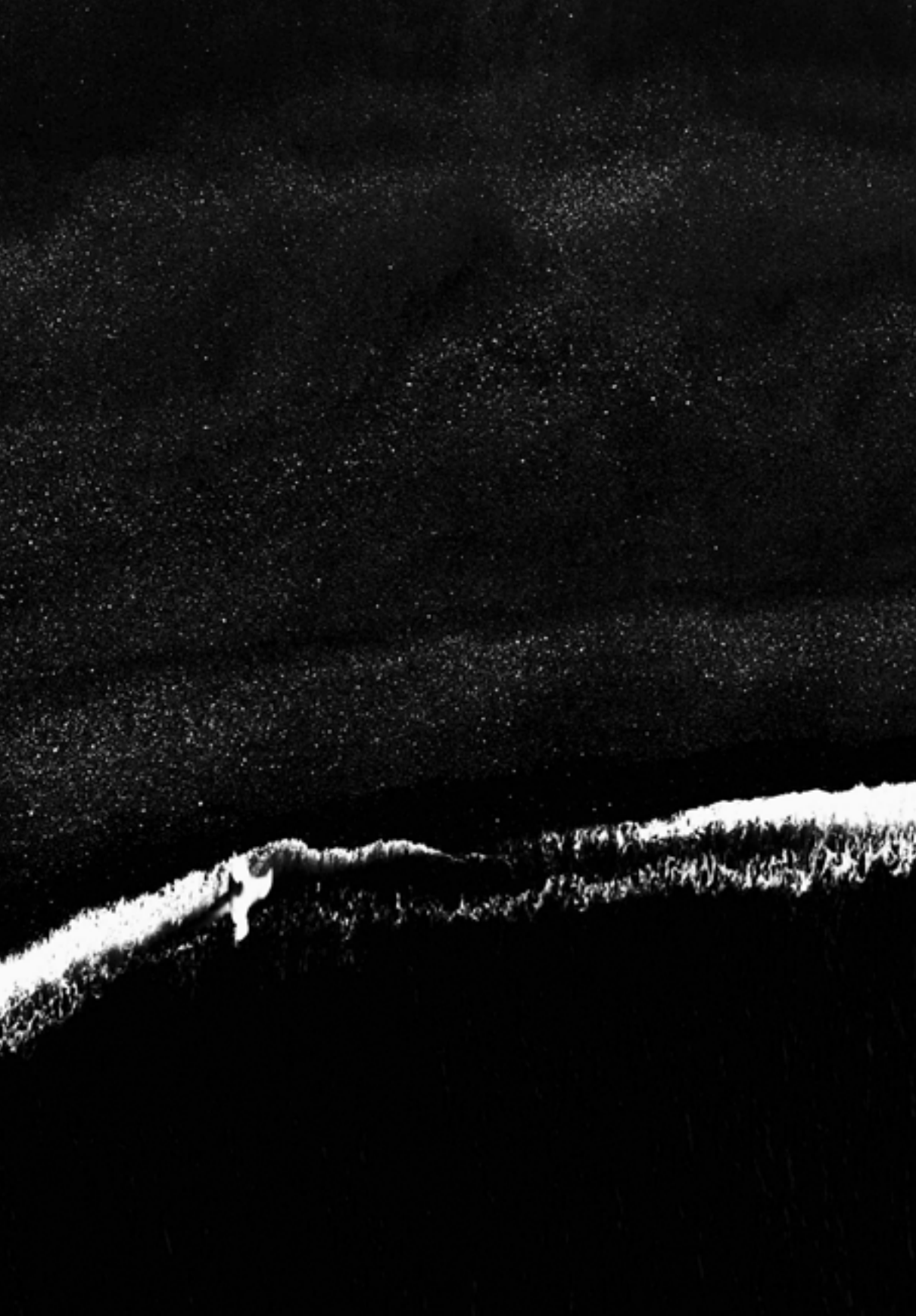
Encontro

Eu te conheço de onde mesmo? Sua cara não é estranha. Aliás, tem um jeito bem doce. De onde é que te conheço? E eu sei lá, dona… agora vai… agiliza…. Pera aí… deixa só eu lembrar… pra que tanta pressa? Pô, dona… agiliza aí, colabora… Mas que menino mais agitado. Você anda se alimentando direito? Tá dando nos nervos… quer morrer? Sabe, quem chega na minha idade com o mínimo de saúde não quer morrer, não. Quer muito mais encontrar a vida. Agora, deixa eu ver se eu me lembro de você… Dona, quer parar de sacanagem? Dá para deixar eu trabalhar direito?... Ai Jesus, me socorre… Ai Jesus, me salva… minha memória e minha visão tão cada vez piores menino… mas sua voz é conhecida… sua voz é…. aiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii… Que é isso dona? Quer me matar do coração? Não sacaneia não. Latrocínio é muito pra mim… sou mais de boa… Pedro Henrique, que saudade, quanto tempo eu não te via…. Pedro o quê dona? Tá me confundindo? Pedro Henrique, meu menino… e tua mãe como tá? A senhora é doida, dona? Pedro Henrique, meu afilhado… acho que já faz um ano que a gente não se encontra… lembro que, uma das últimas vezes que te vi, te dei um relógio bem bonito, lembra? Hã… relógio… relógio? Claro que lembro, madrinha… como poderia esquecer… todo banhado a ouro né? Ai Pedro, como você é engraçado… que ouro o quê? Tá achando que sou rica? Só porque moro naquele verdadeiro palacete

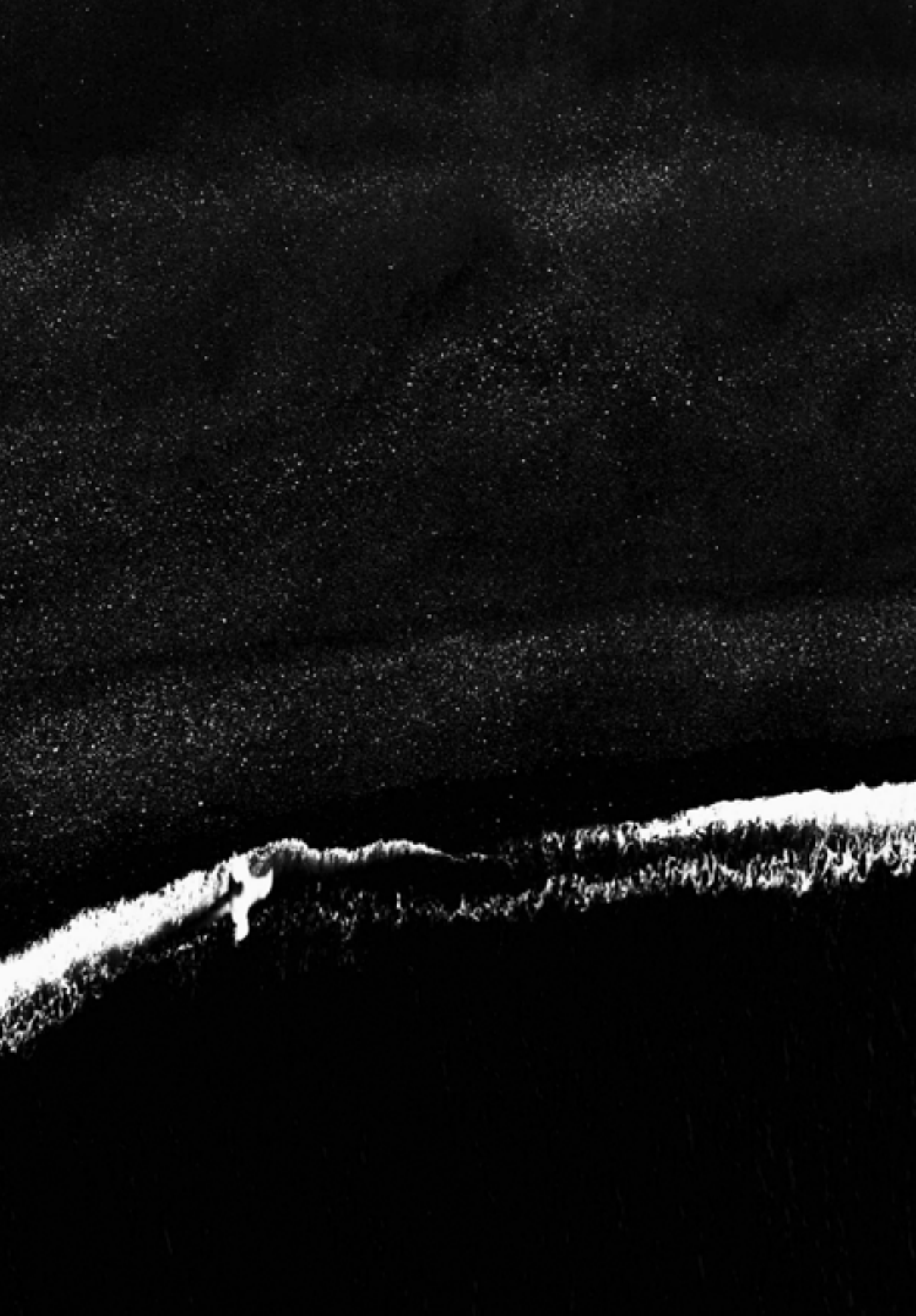
que o Barreto deixou para mim? Nossa, como podia me esquecer, o Barreto... mas com certeza naquele palacete tem muita coisa de valor não é? Ah, sim... com certeza... muitas joias raras estão ali... Joias é? Puxa, devem valer uma fortuna.... Nem tem preço de tanto que valem... Nossa, madrinha, a senhora não quer me levar e fazer aquele bolo gostoso que você sempre fazia? Enquanto isso eu pego, quero dizer, eu revejo todas essas joias, o que acha? Pedro, seu engraçadinho, esqueceu que eu nunca fiz um bolo na minha vida? Você sempre gostou foi das minhas cuecas viradas? Cueca virada? Tá me estranhando vovozinha? Sou macho-alfa, tá ligada? Oi? O que você falou? Pedrinho, você não vai acreditar, mas de uns tempos para cá ando com minha audição e com a minha visão que você nem faz ideia... Vixe, madrinha, faço sim... mas o que você acha de a gente ir para casa e você fazer esse negócio aí para mim? Para sua casa? Não sei onde você tá morando, Pedrinho, aliás você ainda nem me deu notícias de sua mãe.... como vai sua mãe? Ah, tá bem. Casou de novo. Casou? Separou do seu pai, foi? Não... papai morreu... Jesus, seu pai morreu e nem me ligaram... que maldade... Madrinha, falar em ligado, se liga... tô te chamando para ir na tua casa, ver as joias, tá lembrada? Ah, sim... então vamos... mas acho que eu tô sem dinheiro pro Uber... você paga? Meu Deus, que velha mais sovina, tá bom, pago sim... afinal é um pequeno investimento né? Então vamos? Vamos... já chamou o Uber? Tô chamando... pronto, Florindo a caminho. Nossa que coisa mais linda, Florindo. Acho que estamos na primavera né, que lindo... Primavera, Florindo... poético. Boa tarde, seu Florindo, esse é Pedro, meu afilhado... Pedro? Aqui tá dizendo Aloísio? Ah, não liga não ele é muito gozador, toda vez muda o nome só de brincadeira. Tem certeza, dona? Pode tocar seu Florindo, Pedrinho é gente boa. Toca aí motornero, não tá vendo ela dizer que sou gente boa? Pronto, chegamos. A senhora tem certeza que vai

ficar bem? Claro, seu Florindo, Pedrinho foi meu primeiro afilhado, vamos ver umas joias e vou fazer umas cuecas viradas para ele, depois ele vai levar um pouco para a mãe dele. Se a senhora tá dizendo, eu devo confiar. Me desculpe moça, mas nos dias de hoje não dá pra confiar mais em ninguém. Valeu, seu Florindo, até mais, vaza que já tá empatando. Pronto, madrinha... em casa. Nossa, sabe que quase não reconheço minha própria casa. Aqui é mesmo rua dos Girassóis, 130? Isso mesmo, Girassóis, 130. Nossa que diferente. Mas é aqui mesmo, madrinha. Tô até vendo uma foto da senhora ali em cima da TV. Ai, menino danado. Viu como sempre tive amor por você? É aquela foto do seu aniversário de seis anos, né? Pera aí... veio, essa dona é do bem. Pedrinho, tudo bem por aí? Tudo sim, madrinha... Tá com voz diferente, o que foi? Emoção madrinha, mas hoje não tô com muito tempo, pode me mostrar as joias? Eu não tô enxergando muito bem. Você pode pegar para gente, né? Essa catarata ainda vai acabar comigo. Se não me falha a memória elas estão aí dentro dessa gaveta, na prateleira do lado da TV. Bem *vintage*, né madrinha? Que é isso, Pedrinho? Não entendo essa linguagem de vocês não. Essas coisas são lembranças de mamãe. Então a senhora é *vintage*, madrinha. É essa caixa aqui? Parece que tem um álbum dentro. É nessa mesma, Pedrinho. Traz aqui para a gente. Velhinha esperta, quem ia desconfiar de joias guardadas numa caixa de álbum de fotografias. Mais uma que aprendi. Mas madrinha, aqui dentro desse álbum só tem um álbum de fotografias. Ai Pedrinho, você me mata de rir. Queria que tivesse o que dentro de um álbum de fotografia? Colar, anéis, pulseiras? Mas e as joias que a senhora disse, cadê elas? Olha aqui, não é uma joia essa foto do seu padrinho, novinho... até parece com você, né? E essa, do Albertinho.... tão maroto esse menino... virou político e perdeu um pouco a graça, mas ainda faz suas traquinagens pelo que fiquei sabendo... e essa aqui... Porra meu, que

furada. Essa velhinha aí não tem nada. Melhor eu ver se descolo alguma coisa daqui mesmo. O pior é que é tudo uma velharia, quem vai querer comprar umas coisas dessas na quebrada. E essa aqui, Pedrinho, lembra? Sua formatura de quarta série. Sofri muito quando sua mãe mudou de cidade e perdi o contato com você. Queria ter te acompanhado durante toda a sua vida. Queria saber da sua primeira namorada, do seu primeiro emprego, queria estar por perto na sua doença, comprar uma lembrancinha para você em cada aniversário, páscoa, natal... A senhora pensava isso mesmo, madrinha? A vida inteira, Pedrinho, a vida inteira. Orei muito por você, sempre pedi a Deus para te livrar do homem mal, da violência, da corrupção financeira e moral. Sempre pedi a Deus para você ser um exemplo de pessoa. Pediu, mesmo, madrinha? Com certeza. Eu sempre acreditei que você ainda seria uma referência para muita gente. Você sempre teve muito talento e muito coração. Pelo que me lembro, você seria capaz de ajudar as pessoas necessitadas e até pagaria uma passagem de ônibus para uma velhinha, se fosse o caso. Ou o Uber para fazer um assalto e se dar mal, né? Hã, o que disse Pedrinho? Tô ficando surda e cega mesmo. Pedrinho, eu não tô enxergando direito, mas acho que tô vendo uma lágrima no seu rosto. Tô gripado, madrinha. É coriza. Porra meu, tô ficando muito sentimental. Melhor vazar. Madrinha, preciso ir embora. O trabalho me chama. Ah, que pena. Nem comecei a fazer a cueca virada para você. Mas promete que vem me ver? Promete se esforçar a vida inteira para ser uma pessoa boa, um homem de bem? Promete, Pedrinho? Prometo, prometo sim, madrinha... agora preciso ir. Preciso trabalhar. Ou procurar um outro emprego para ver se dou conta de cumprir as promessas que acabei de fazer pra você.



Maria Angélica
Constantino



O projeto

O arquiteto esperava um casal com horário marcado, ansioso pelo que viria pela frente. Projetos, sonhos... Surpreender! Ler nos olhos o futuro, visualizar um mundo novo... Um lar! Tudo isso era combustível para sua alma criativa que clamava por novidade.

Adentraram-se na sala e depois dos apertos de mãos, sentaram-se... E com o coração emudecido ele ouviu o pedido.

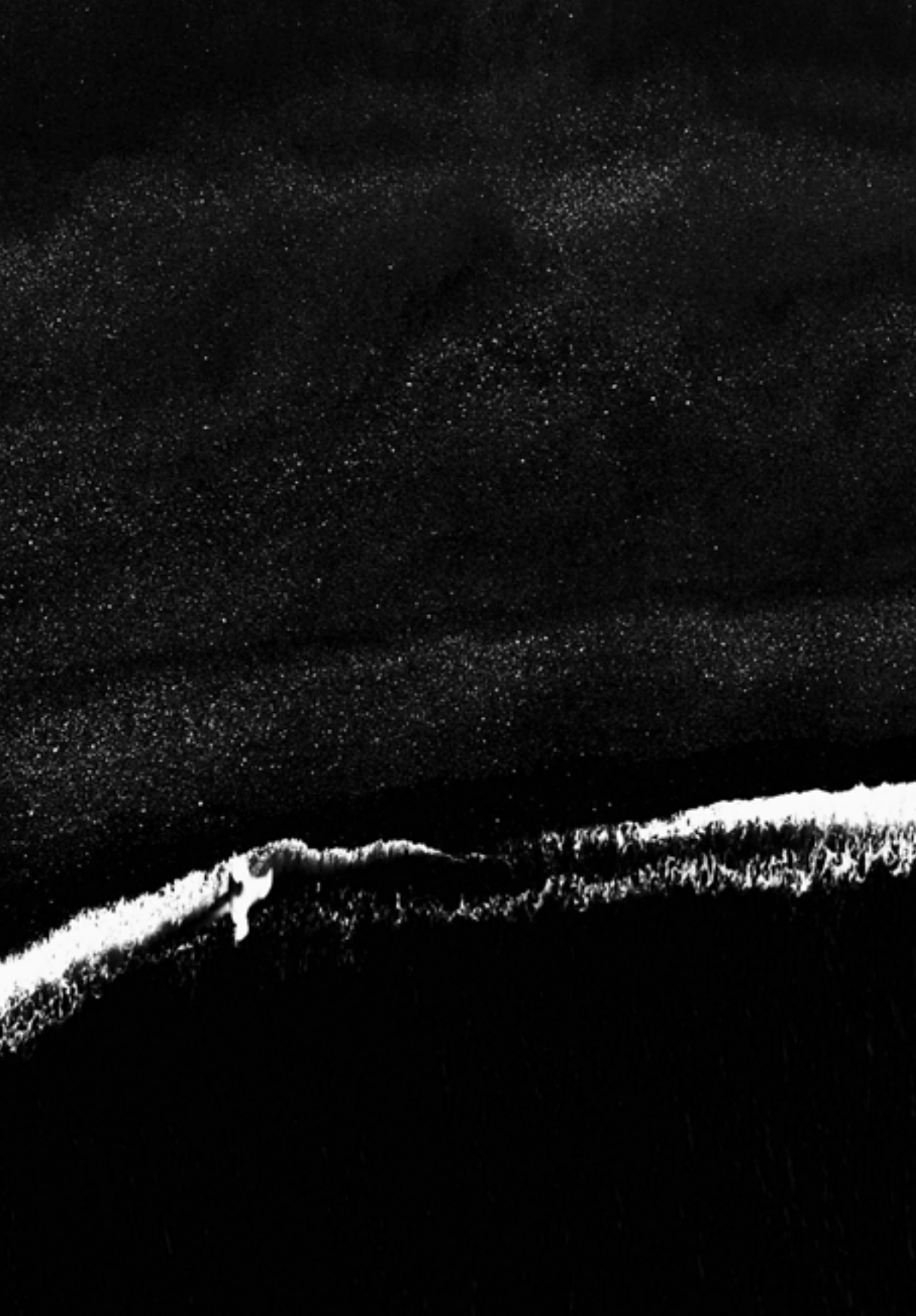
— Queremos uma casa igualzinha à do nosso vizinho. — O marido pousou a mão sobre a da esposa e sorriu.

A esposa completou.

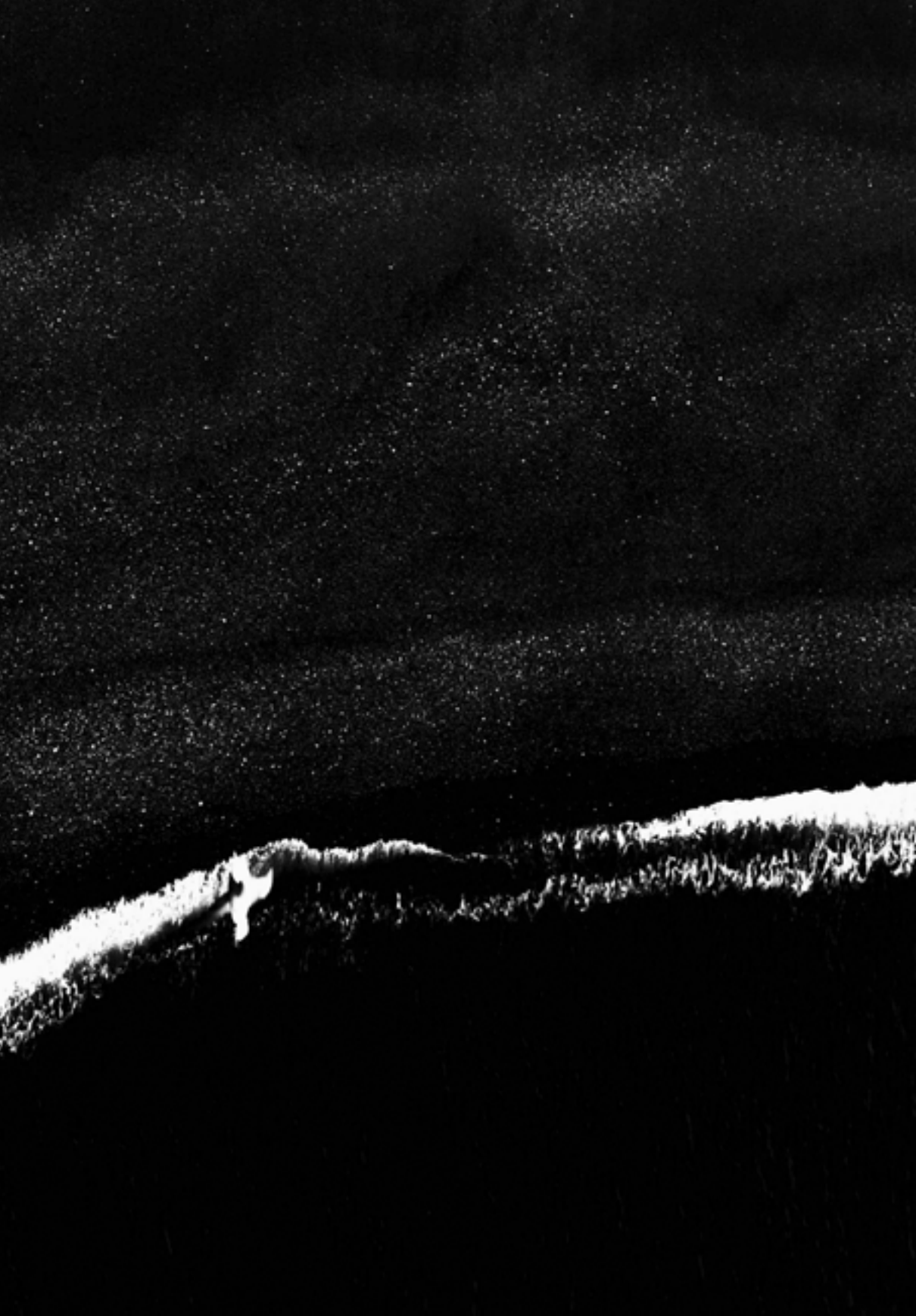
— Foi o senhor mesmo quem projetou. É o nosso sonho!

Ele, com certeza, franziu os lábios sem perceber... Imaginou a casa pronta e ninguém surpreendido. Nada de coração batendo acelerado ansiando as nuances, texturas, espaço... Então viu uma família infeliz num lugar que não fora criado para eles, mas para os vizinhos... com a identidade dos vizinhos, com as cores preferidas dos vizinhos... Viu as flores murchando e o gramado verde ralhando... Ao se recuperar, o arquiteto sorriu, endireitou a coluna e puxou o ar. Criou coragem e disse:

— Eu posso trabalhar no seu projeto, mas apenas se sonharem mais alto.



Tacy Muniz



Enganando o destino

— E agora, o que faremos? — perguntou Beto, com uma expressão angustiada. Seus cotovelos estavam apoiados sobre a mesa redonda e as mãos sustentavam seu rosto. — Anunciaremos ao Paulo que vamos desfazer a sociedade com ele? Ou continuaremos sujeitos para sempre à sua mesquinharia e àquela divisão ridícula de lucros que ele nos impõe?

Samuel, compassivo, encheu de cerveja o copo do amigo que se lamentava.

— Uma decisão difícil, com certeza... — observou, lacônico.

— Entendo que o Paulo, sendo o "dono" do negócio, aquele que assume os riscos financeiros, mereça ter a porcentagem maior dos ganhos da sociedade. Porém, ele não chegaria onde chegou se não fôssemos *nós três*, dando o sangue junto a ele. — Beto, que não era habituado a bebidas alcoólicas, enxugou o copo com apenas dois goles desesperados. Depois, encarou uma pessoa miúda, que até então se mantivera de braços cruzados e taciturna, junto aos dois rapazes na mesa. — O que acha de tudo isso, Ceci?

— Concordo que Paulo às vezes é difícil — respondeu a moça de vestido florido com estampinhas delicadas, estendendo o braço e oferecendo ao amigo o prato de petiscos. — Coma um pouco. Não é bom beber de estômago vazio.

Beto apanhou alguns amendoins, agradeceu, levou-os à boca e disse, mastigando:

— Posso lhes contar um segredo? Às vezes sinto que, não importa o que eu fizer, meu destino está ligado ao destino de Paulo de maneira inexorável. E não é de um jeito bom. Parece que, não importa a decisão que eu tome, mantenha ou não a sociedade, serei sempre dependente daquele frango com olhar de rapina. Para o resto da vida. Terei oitenta e tantos anos e ainda dependerei daquele mesquinho para pagar meu aluguel...

Um silêncio pesado, e então, Beto encarou o casal à sua frente, que olhava para ele com complacência. Samuel e Cecília, seus amigos de infância. Ele, cínico e cortante. Ela, doce e meiga. Ele, barulhento. Ela, discreta. Samuel era negro, alto e corpulento. Cecília era branquicelinha, baixa e de aparência meio frágil. Almas afins, complementares, em uma junção mais do que interessante. E a paixão deles aconteceu *bem debaixo do seu nariz*! Nem Beto, nem Paulo, sequer desconfiaram que em algum momento do passado, aqueles pombinhos safados passaram a ver um ao outro com olhos que não fossem os da amizade. Beto, no fundo, sentia-se meio pateta, meio enganado pelo casal. O que o consolava era que Paulo havia sido tão logrado quanto ele.

— E vocês dois? — disparou Beto.

Os outros se entreolharam rapidamente.

— Nós dois, o que? — perguntou Samuel.

— Vocês não se sentem, assim como eu, presos ao Paulo e à sociedade com ele, feito uma maldição? Não se enxergam como dois velhinhos ainda tendo de pagar a prestação de seu carro um

ponto zero, enquanto aquela doninha coleciona veículos importados na garagem?

Foi então que Samuel e Cecília trocaram um olhar demorado, pesado e — por que não dizer? — telepático. O marido fez um sinal com a cabeça, indicando que era o momento de a esposa falar.

— Beto, meu querido, — ela iniciou, comedida — há algo que você precisa saber.

O rapaz arregalou os olhos, assustado, como se estivesse prestes a ouvir a notícia mais aterradora de sua vida.

— O que foi? Ceci, diga logo. Me deu um frio na espinha. Que cara é essa?

Cecília virou-se em direção a Samuel.

— Tem certeza de que você não quer fazer isso, amor?

— É seu momento, querida — devolveu Samuel. — Diga-lhe.

— Vocês estão me fazendo suar. Olhem a roda de pizza que se formou debaixo do meu braço, nessa camisa jeans. — disse Beto.

— Acontece, Beto, que eu consultei as cartas, e recentemente descobri qual será o nosso destino. Samuel e eu não ficaremos velhos ao seu lado, nem ao lado de Paulo. *Nós morreremos cedo.*

Beto deixou o copo cair e se espatifar todo no chão.

— Não se preocupe, eu limpo — disse Cecília, calmamente, diante da afobação do amigo.

— Como assim vão morrer? Que brincadeira besta é essa?

— Não é besteira, Beto. — Samuel estava sério. — É a mais pura verdade. Você sabe que Ceci tem amizade com o pessoal lá

do mundo dos espíritos. Ela sabe das coisas e jamais brincaria com algo tão sério.

Beto cruzou os braços. Um misto de desespero e incredulidade bombardeavam sua cabeça. Ele, então, buscou suplicante os olhos da amiga, que assentiu com a cabeça.

— É tudo verdade, Beto. Fui informada de que o destino escolheu que eu e Samuel deixássemos esta terra antes de envelhecermos.

Beto perdeu o chão por instantes. Então refletiu, refletiu, e decidiu perguntar.

— Você pode ver meu destino nas cartas, Ceci?

Samuel bufou, ofendido.

— Pensei que os segundos em que você se manteve silencioso e perplexo tivesse a ver com a possibilidade de nos perder.

— No fundo, Beto — prosseguiu Cecília, ignorando o comentário do esposo — todos nós sentimos o que nos espera. É intuitivo. Se você já o disse, é porque talvez já saiba o destino que o aguarda... eu sinto muito.

— Não é possível! — bradou o rapaz, inconformado, levantando-se bruscamente. Começou a andar de um lado para o outro, passando, nervoso, a mão pelos cabelos macios. — Deve haver um jeito de mudarmos nosso destino! *Tem* que haver uma maneira de eu me livrar da dependência financeira que tenho de Paulo e uma maneira de vocês dois não morrerem!

Samuel fez um novo sinal de autorização a Cecília, e ela disse:

— Na verdade, há. Meus amigos do "outro mundo", como costuma dizer Samuel, me ensinaram uma maneira de burlar o destino e escapar dele, e eu posso ensiná-lo Beto. Sente-se aqui, acalme-se.

O moço obedeceu e sentou-se de frente para Ceci.

— Pois bem, — a moça iniciou a explanação — acontece que, assim como nós, humanos, a percepção do destino também é falível. Ele nos vê enquanto seres previsíveis, que tomam sempre o mesmo padrão de decisões que levarão ao mesmo padrão de resultados. Portanto, para que você engane o destino, é preciso que comece a praticar ações inesperadas da sua parte. Até que ele se torne incapaz de decifrá-lo, Beto.

— E o que vocês têm feito para, digamos, *poupar* suas vidas?

— Cecília tem feito aulas de tiro e aprendeu a jogar futebol — disse Samuel. — Já eu, tenho tomado um copo de leite todas as noites. Vocês sabem que eu odeio leite. E também aprendi a bordar. Veja esses babados na toalha desta mesa. Fui que eu fiz.

Beto explodiu em risos.

— Seus palhaços! Quase caí nesta pegadinha infame...

Samuel fechou a cara.

— Não brinque com coisa séria, homem! Você acha que estou orgulhoso de dizer a você que sei identificar um bordado *Richelieu*? E, *pior* que isso, aprendi como fazer um? Não zombe da nossa dor, Roberto. Como eu queria que o maior dos nossos problemas fosse aguentar o Paulo para sempre...

O amigo da camisa jeans já não sabia mais o que dizer ou o que pensar.

— E o que sugere que eu faça, então?

— O que você normalmente *jamais* faria? — indagou Samuel, levando à boca algumas castanhas e, repentinamente, recuperando a placidez.

— Ora, eu posso misturar cerveja, suco, ovos e catchup e tomar... — sugeriu o moço.

— Nada disso! — protestou Samuel. - Não quero você vomitando em minha cozinha. No entanto, há algo em que se pensar... — e, tendo dito isso, mirou Beto, desafiadoramente. — Neste exato momento está acontecendo um baile *funk* no clube dos Perdizes...

— Nem pensar! — Beto se exasperou. — Nem vem! Nunquinha. Nunca em toda minha vida. Eu não iria a um...

Sua frase exaltada foi interrompida com o som do murro que Cecília desferiu sobre a mesa.

— Roberto, você prefere se acovardar e correr o risco de se tornar o apêndice de Paulo para o resto da vida? Quando tudo o que tem a fazer é ir a uma simples festa e passar duas horinhas lá...

A veia no pescoço da amiga estava saltada, e o rosto dela enrubesceu. Totalmente contrastante com seu jeitinho sempre tão pacífico.

— Tudo bem, vocês venceram. — Beto se rendeu, enfim, ainda que inconformado — Eu vou a esse baile. Mas já aviso, — e apontou o dedo em direção ao casal, de maneira ameaçadora — se eu descobrir que estão me enganando, eu mesmo farei questão de abreviar ainda mais a passagem de vocês na terra. *Passem bem.*

Tão logo a porta se fechou em suas costas, Samuel soltou uma gargalhada sonoríssima. Abraçou a esposa, orgulhoso, e girou-a duas vezes no ar.

— Parabéns, meu amor! Ele caiu feito um pato! Agora você, finalmente, aprendeu a dominar a arte da trolagem.

Cecília, porém, não demonstrava o mesmo entusiasmo do esposo.

— Tadinho, amor... não acha que fomos longe demais? Ele não vai se meter em encrenca?

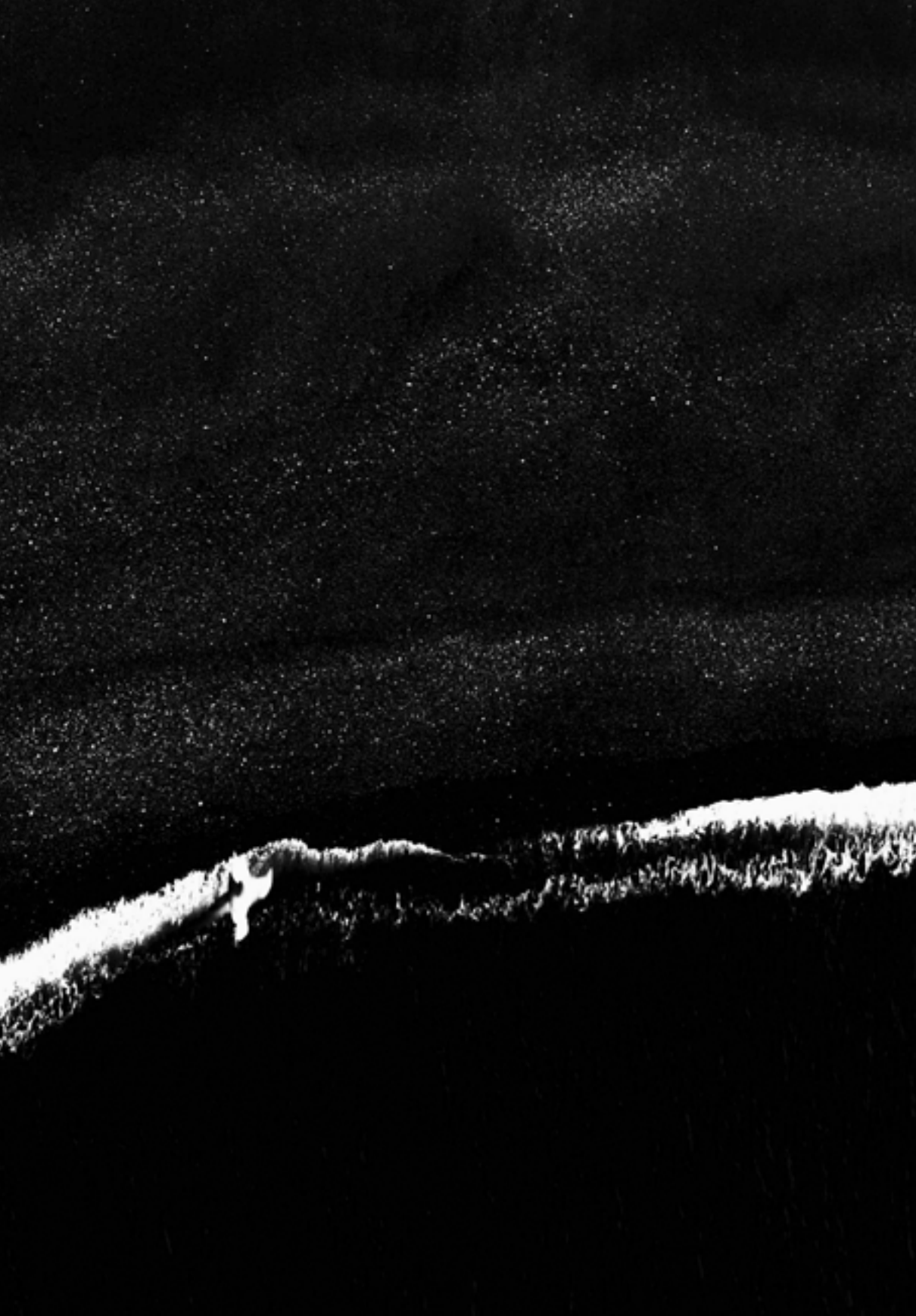
— Beto é bicho louco, amor. Ele se deixou domesticar pela necessidade de ganhar o pão de cada dia, assim como todos nós, mas sua essência é a de um animal selvagem altamente adaptável. Ele sobreviverá. Beto *sempre* sobrevive.

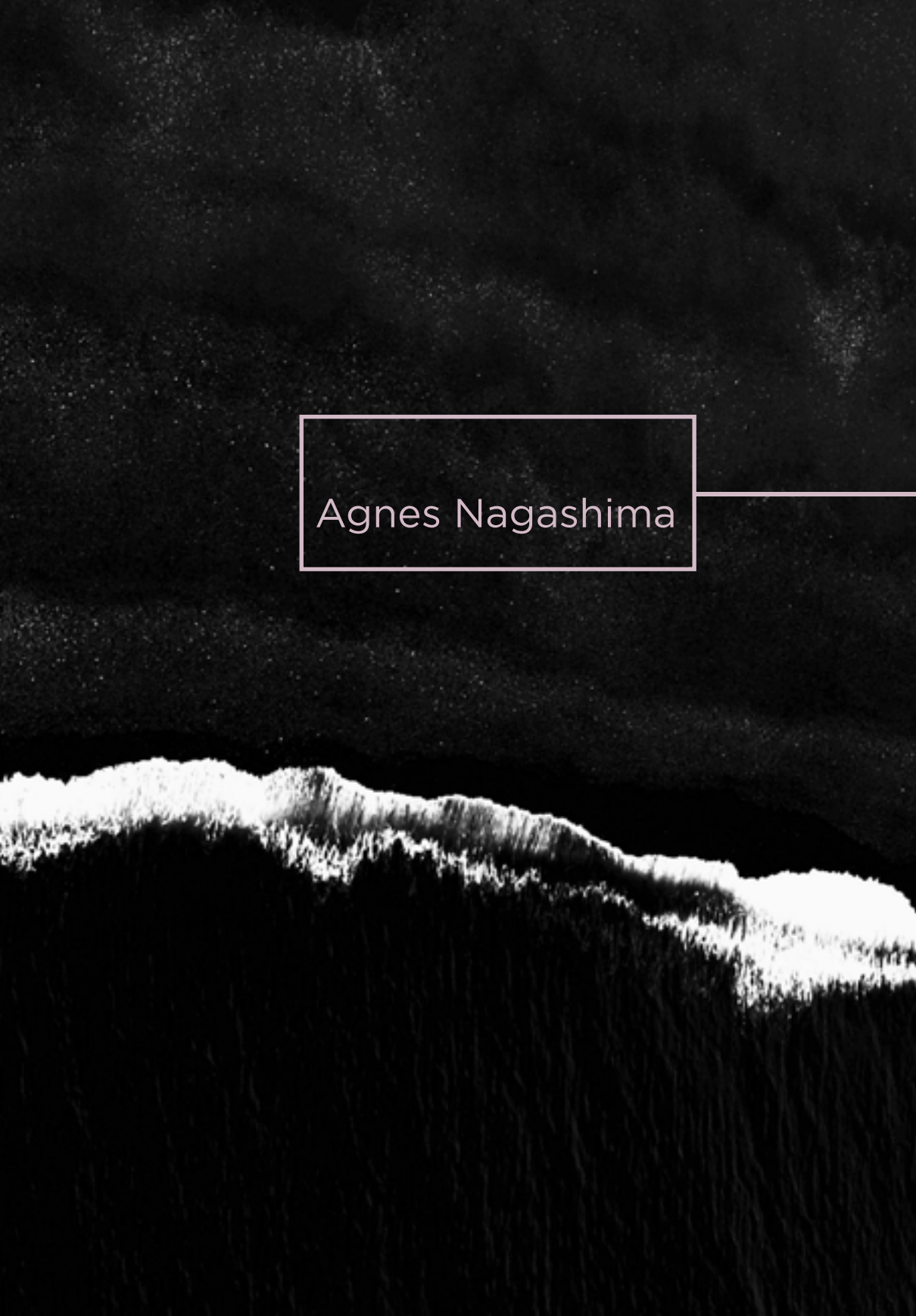
Então Cecília deu de ombros, um pouco mais aliviada, e bocejou.

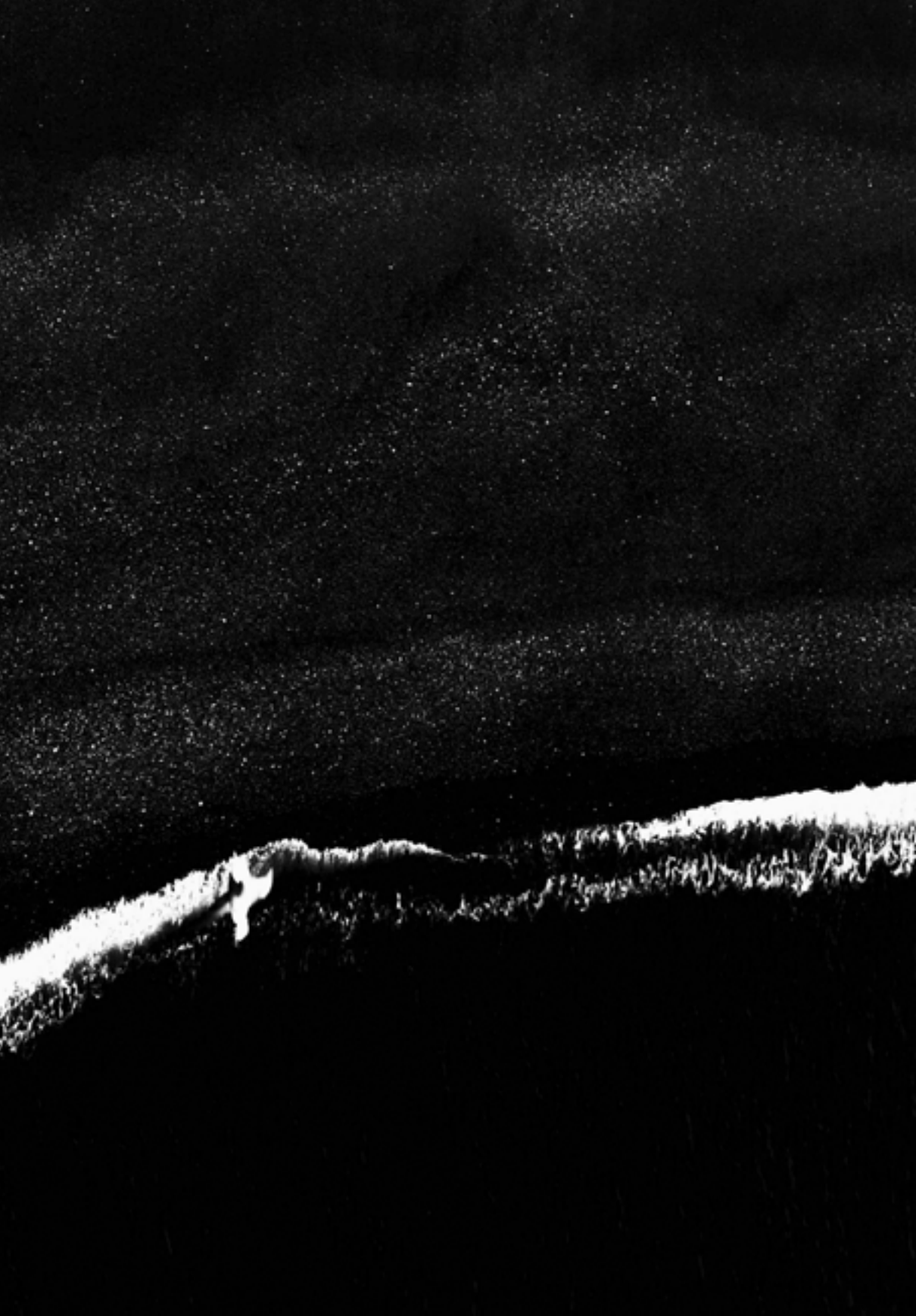
— Se você assim o diz... Eu vou me deitar, amor. Todo esse teatro me deixou exausta. Você vem comigo?

Samuel caminhou até a despensa, que ultimamente se transformara em um ateliê de costura.

— Já, já, minha pequena. Só vou terminar um ponto cruz no pano de prato da sua mãe.




Agnes Nagashima



Haicais de papel

De papel se fez
a leveza de uma garça
na brisa a voar.

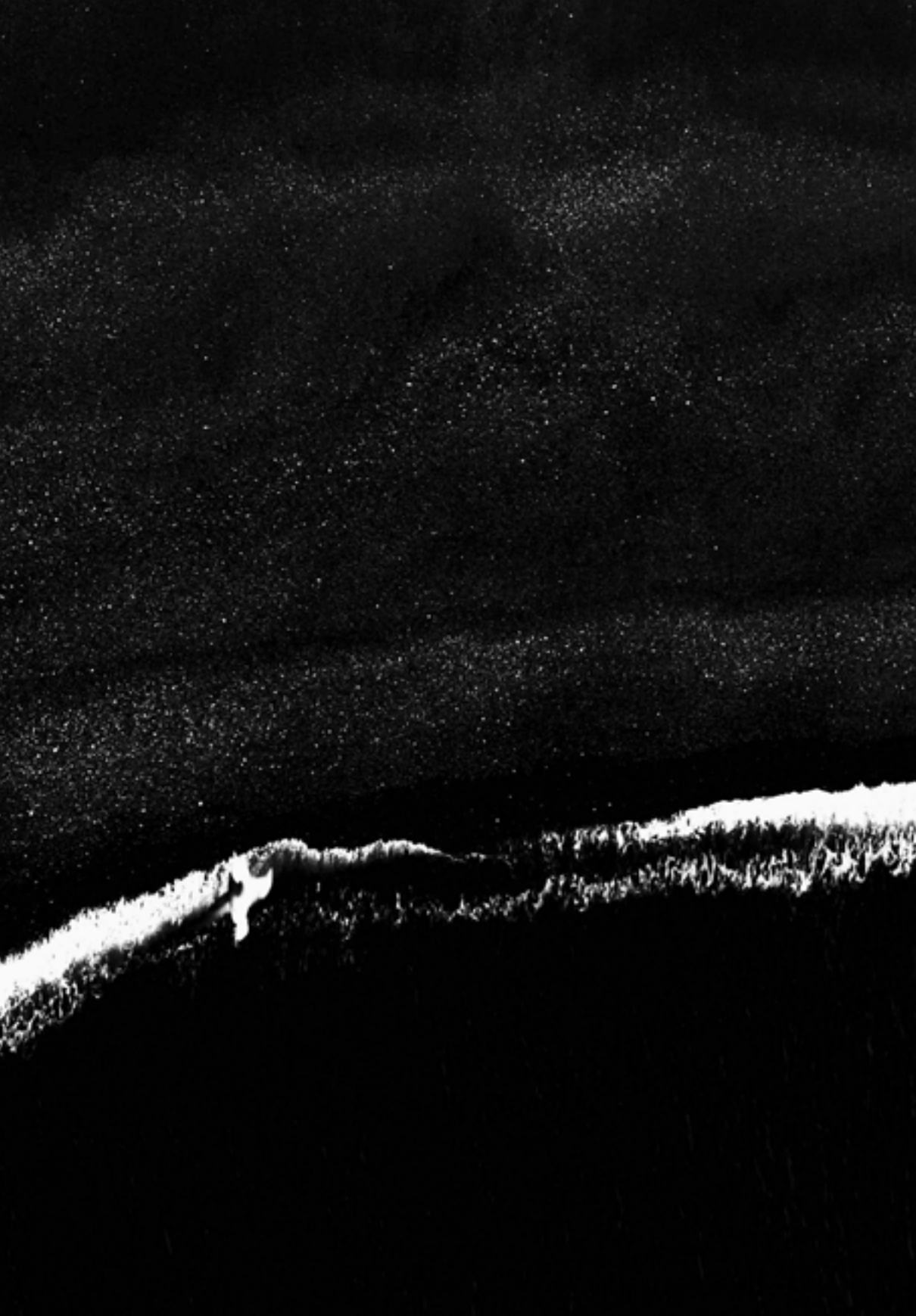
De papel se fez
tão pequena e delicada
flor de cerejeira.

De papel se fez
barco a sempre navegar
à luz do farol.

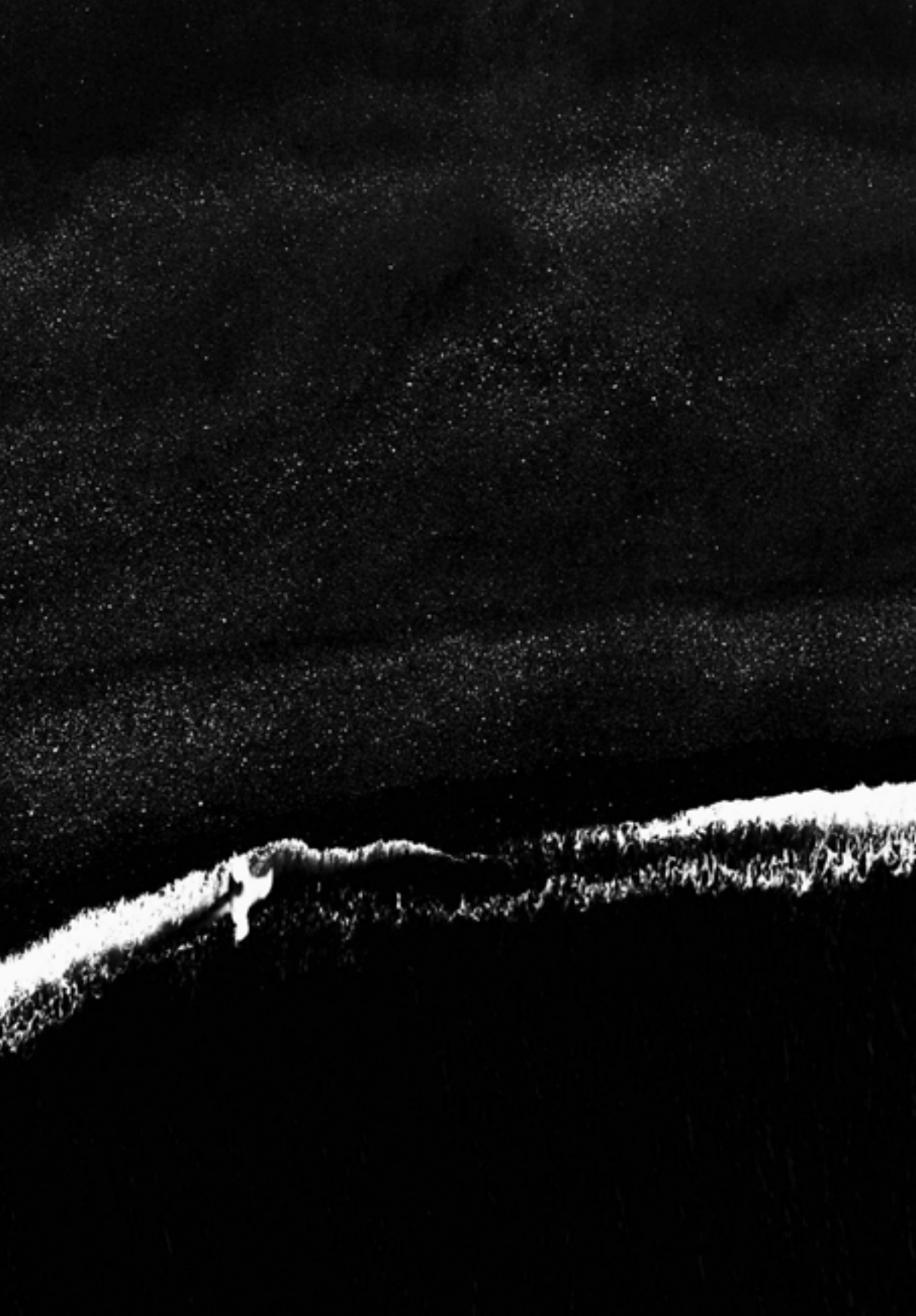
De papel se fez
Asas no céu pra voar
avião nas nuvens.

De papel se fez
Estrela com cinco pontas
brilha, só, no céu.

De papel não fez
nosso amor do coração
vida que sorri.



Gabriele Antico
Freiria



Coração de bananeira

Ela abriu os olhos. Tudo azul. Azul pálido, bem clarinho. A luz que entrava no quarto parecia ser azul também, assim como a poeira suspensa no ar. Lembrou-se imediatamente da meninice. Quando deitava de barriga para cima contando as nuvens que passavam no céu. Quanta felicidade. Contava até dez e depois saía correndo para o fundo do quintal, arrancando fora os corações das bananeiras. Corações vermelhos-azuis, cheinhos de nódoa, que manchavam suas camisetas todas.

Pensou na mãe gritando:

— Se não é mancha de romã, é mancha de bananeira, menina! Assim não dá para te comprar roupa nova, todas manchadas de nódoa. "Ainda bem que essa menina não nasceu homem. Doidinha, doidinha!"

Nas suas memórias a viu menina, banguela, rindo, com a língua no vão dos dentes. Não, ela não compreendia as verdades escondidas na frase da mãe. E sabia menos ainda das decepções que arqueavam os ombros daquela mulher que ela achava tão forte. Era apenas uma menina com sua ingenuidade travessa. Sempre rindo.

Foi quando, sorrindo, voltou a notar o quarto azul. Ela não sabia onde estava, sentia-se um pouco atordoada. Olhou para o lado e viu os olhos azuis cinzentos cheinhos de água. Claro, os reconheceu

imediatamente. Lembrou que sempre tiveram aquele ar de melancolia alegre, eram como nuvens carregadas em dia de sol ardente. Pronto. Estava em casa.

No dia em que viu os olhos azuis cinzentos pela primeira vez, soube que lhe acompanhariam sempre, teve certeza, sem saber o porquê. No princípio, questionou-se muitas vezes: — Para sempre? Ingenuidade minha. Sempre. Imagina, quanta bobagem — naquela época já sabia que, quando se está apaixonado, é sempre tudo para sempre. Muitas vezes, o sempre é um segundo.

O rosto para além dos olhos azuis cinzentos foi tomando forma. Como tinha envelhecido. As rugas nos cantos, as bolsas empapadas. — Querido! — foi o que disse, o som não saiu. Percebeu que tinha algo obstruindo sua garganta. Ele ouviu mesmo assim. Depressa, chegou bem pertinho. Conversaram, com as pontas dos dedos se tocando. Reparou que as pontas dos dedos só dizem verdades. A boca é que mente, as pontas dos dedos não. O problema é que somos apegados às palavras.

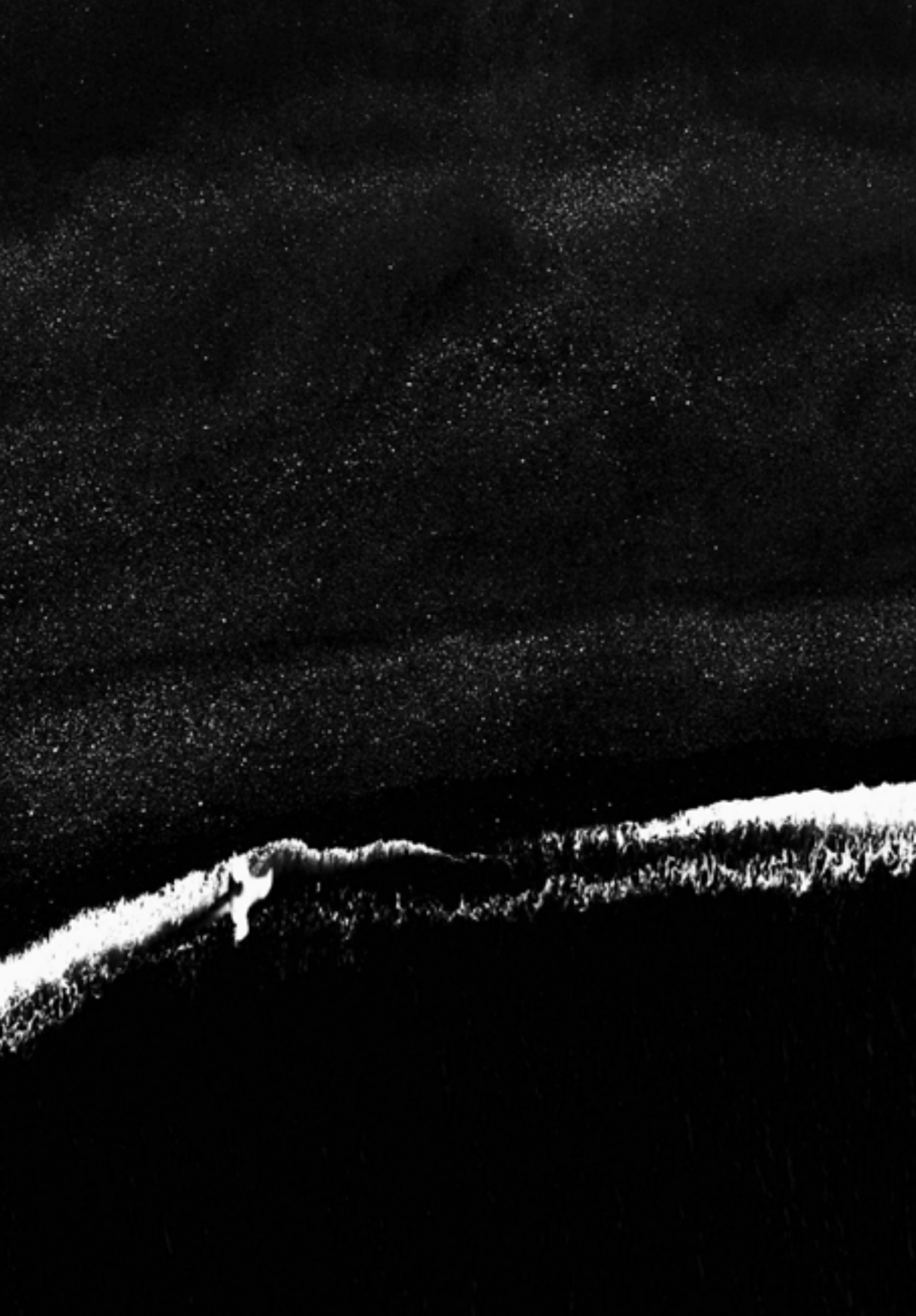
Lá, naquele quarto azul, aqueles minutos pareceram horas. Conversaram muito, recordaram tanta coisa. Os dois correndo pelos corredores da casa, o pedido de casamento. Lembraram também das lágrimas que muitas vezes jogaram um no outro. A gente só tem raiva de quem ama. E tiveram a sensação que tinham vivido tudo aquilo ontem. O que é o tempo, senão uma história?

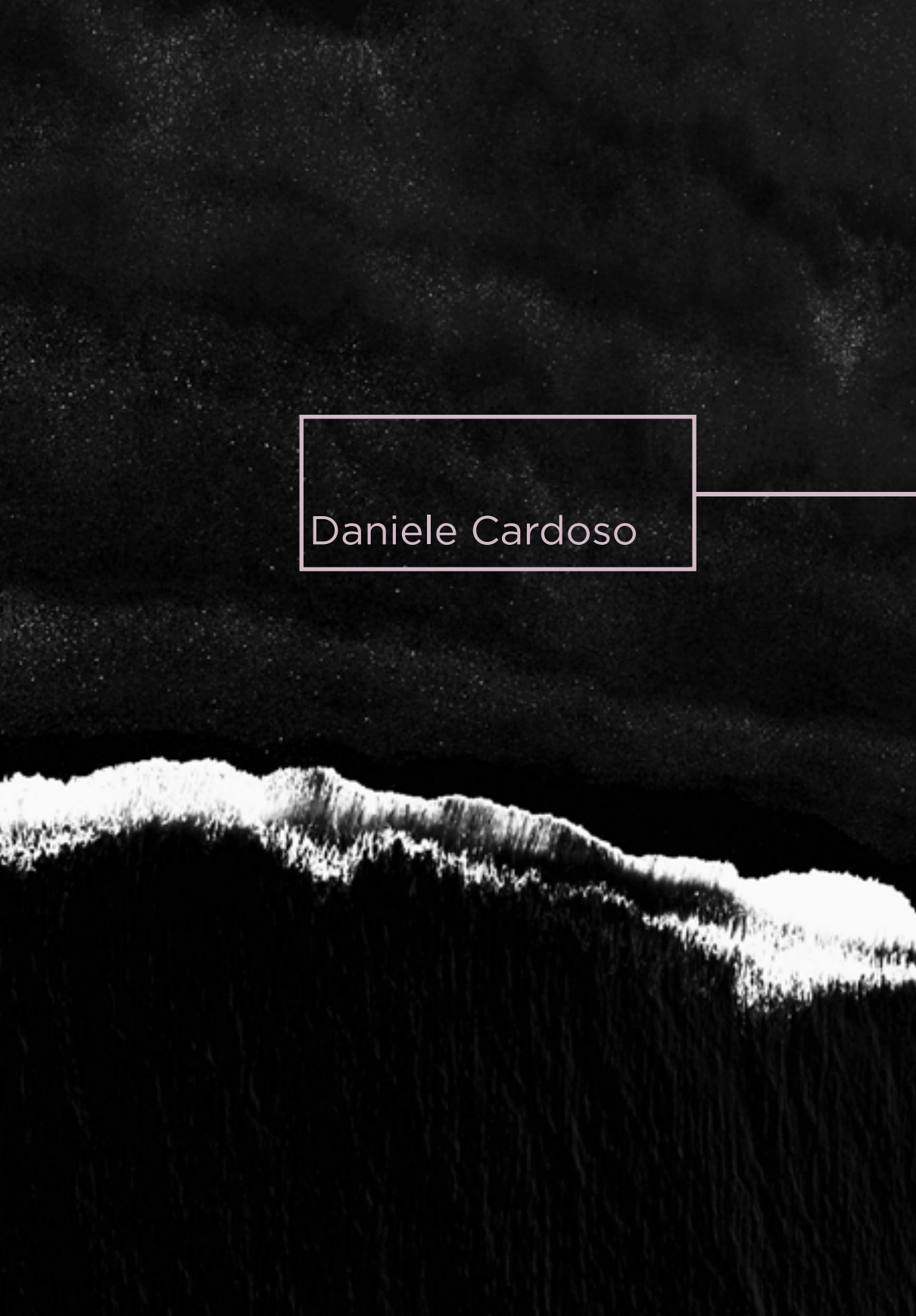
De repente, percebeu os olhos azuis cinzentos assustados. E viu neles o desespero, como poucas vezes na vida. Notou que a cama em que estava moveu-se às pressas e saiu andando por um corredor apertado. Só conseguia ver as lâmpadas cumpridas no teto, elas passavam seguidas uma da outra, formando vultos de luz. Escutou um bater de portas e depois tudo branco. Era uma sala tão branca

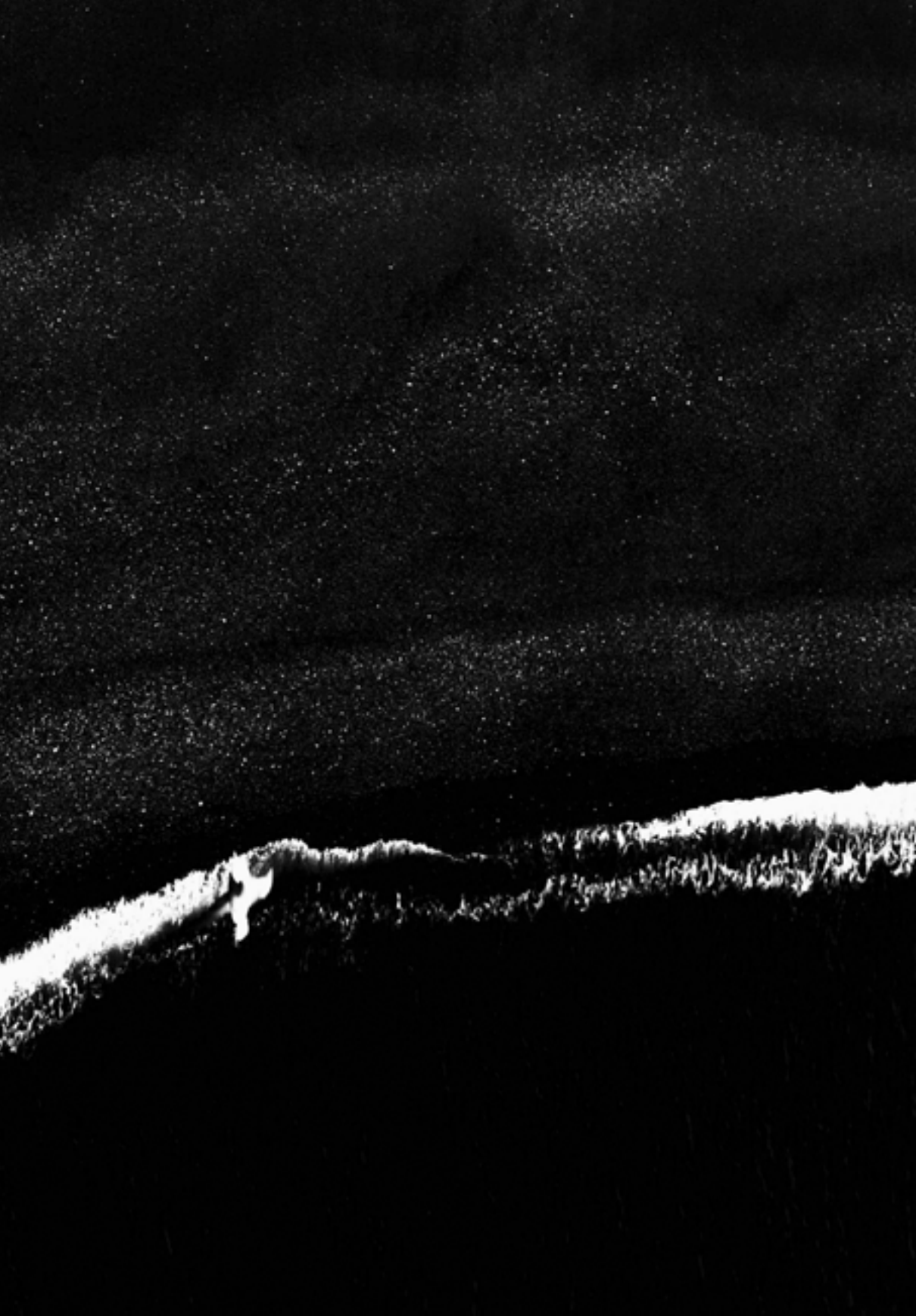
que lhe ardia os olhos. Por cima do pescoço, conseguiu ver apenas uns homens de azul se movendo rapidamente. Desejou estar de azul também, sua cor preferida. Azul com amarelo. Azul com laranja. Azul com azul. Por um instante, quis escolher o tom, não era necessário. — Azul bastava — azul como o céu da sua infância, azul como os olhos azuis cinzentos.

Sentiu uma onda de calor apertada que subiu espumando pela boca. A dor era no coração de bananeira. Uma dor muito forte. Então, viu seu talo quebrando-se e a nódoa espirrando com pressão, manchando sua camiseta toda. Conseguiu ouvir apenas um apitinho contínuo e uma mulher gritando:

— Ainda bem que nasceu menina. Doidinha, doidinha!




Daniele Cardoso



@escrevereomeuremedio

Eu sou toda poesia

Cada pedaço desse corpo

Que ocupa um espaço

Composto por fragmentos

De versos

Que dizem sobre quem eu sou

E traduzem o meu olhar sobre a vida

Transformo um emaranhado de pensamentos

Em poemas

Versos

Rimas

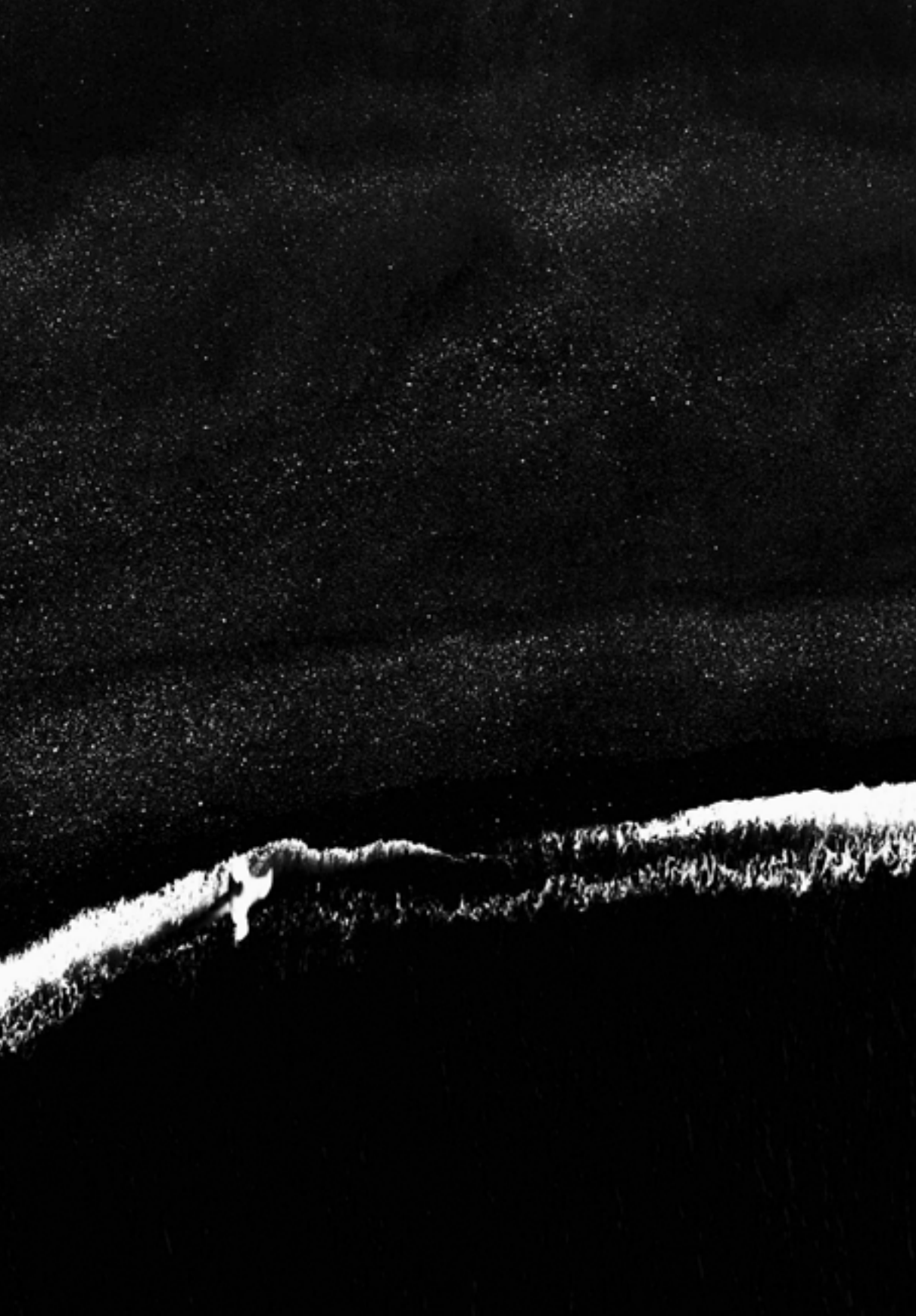
Poetiza-me

Escrever é o meu remédio

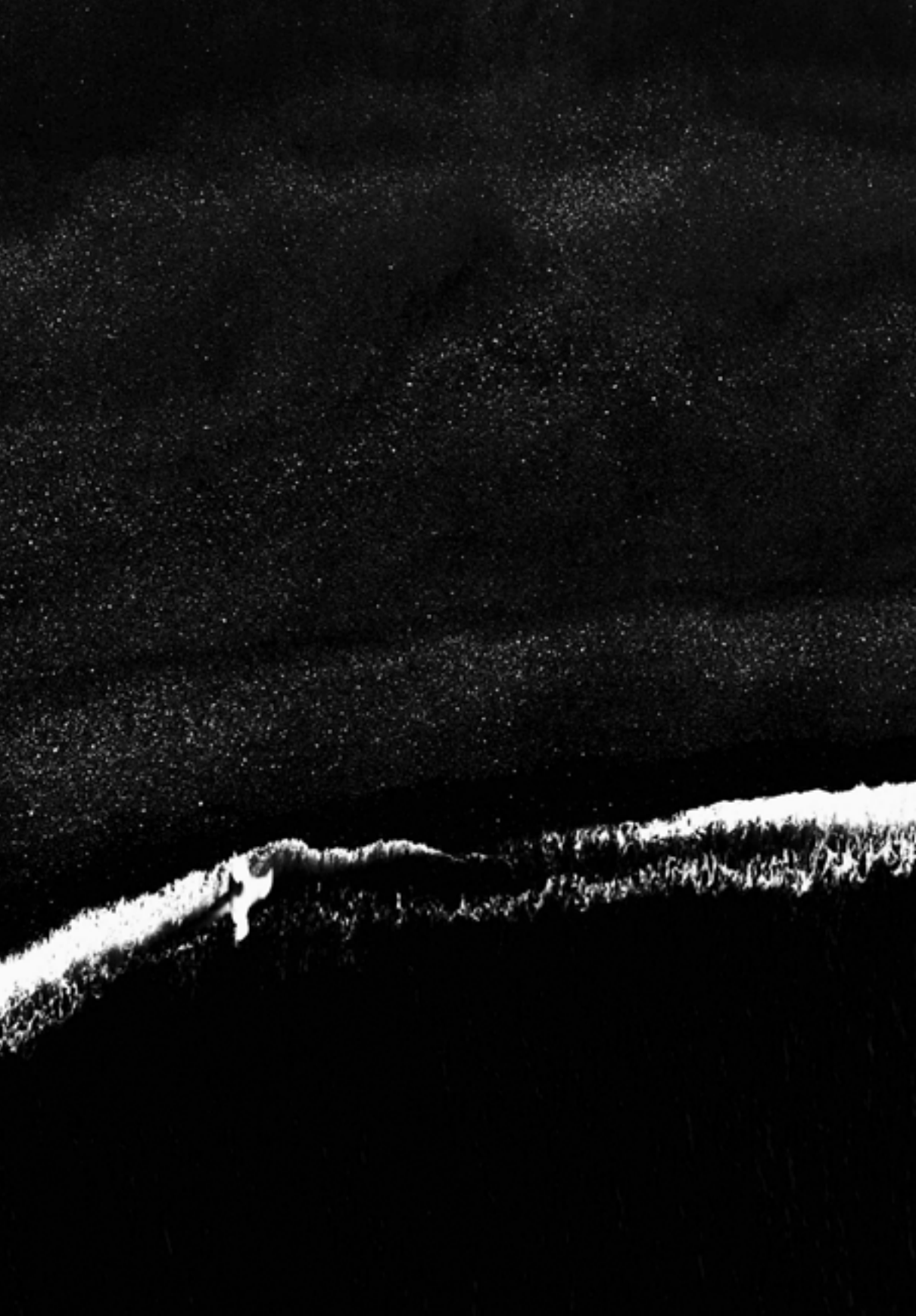
Não me cure desse dom

De usar as palavras

Para ser livre poetiza



Amanda Santos



O mergulho

Como uma boa *voyeur* desta vida que habita fora,
eu vejo ondas que ficam no formato dos meus olhos.
Vêm e vão...
Naquele mar que quero chegar,
naquela imensidão.

Mergulhando na paisagem alheia,
vejo que é preciso conhecer os rios de dentro de mim.
Eles devem aguar e desaguar em diversos lugares
bem geograficamente.

Eles estão ali dentro, em movimento,
seguem o fluxo sem que eu veja,
Pois estou com os olhos de mar, pra além.

Fugi daquele barco com aquela janela!

Embrenhei naquela terra, no caminho verde, cheio de espinho e galho quebrante.

Senti cheiro de limão, depois o do chá da vó Lourdes.

Parei pra ver a terra, vermelhinha que só ela,

daquelas bem férteis que vingam café.

Tinha uma música tocando no ar...

Não era mar...

Era lá dentro,

era água,

era rio...

Rio profundo.

Rio em fluxo.

Corredeira que me fez correr acompanhar,

ver onde ia desaguar.

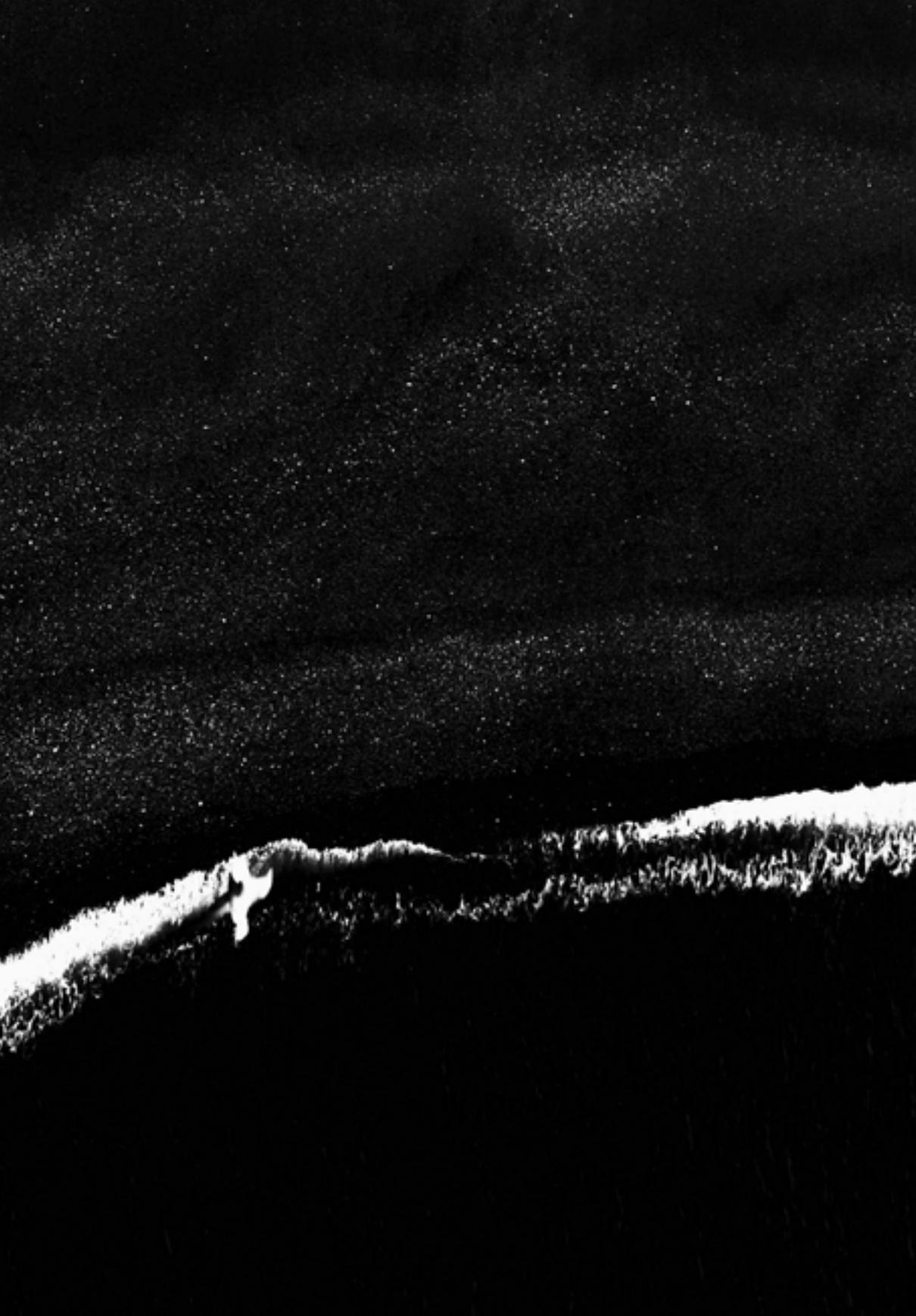
Tornou-se cachoeira,

uma queda livre,

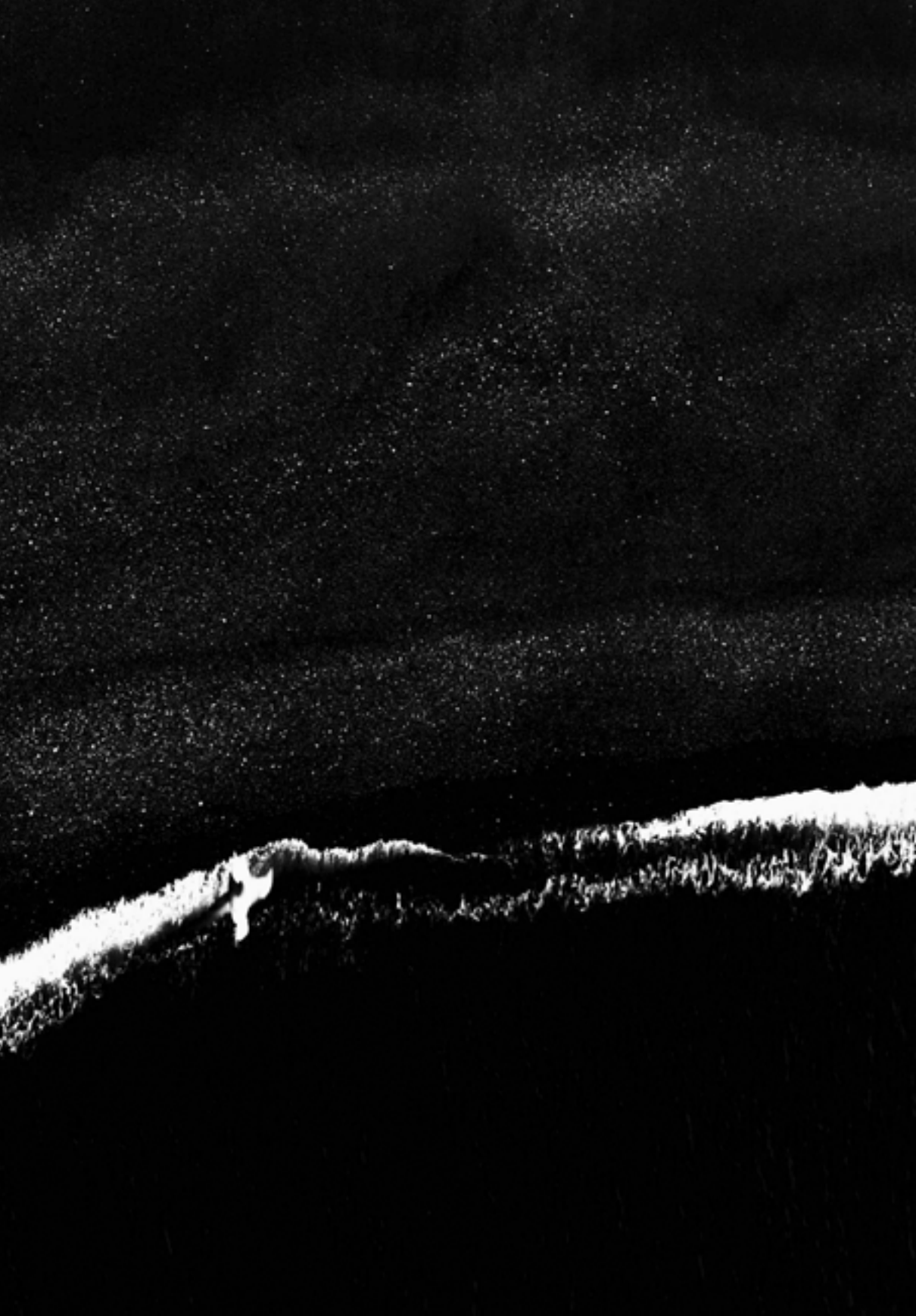
dessas que é pulo.

Pulei ali
dentro de mim,
com a música tocando a alma,
um perfeito *ballet*.
Um mergulho que te faz outro quando volta,
desses que batizam a palavra pro poema.

Chegou mansa aquela música,
trazendo as boas novas.
Sintonizou na minha poesia.
Fez bonita a festa verde e marrom,
com brilho de sol e pássaros cantando.



Ana Cristina
Pereira



Escuridão

está tudo escuro aqui

e nem me lembro mais que dia é hoje.

é isso que acontece quando se está em guerra,

pouco a pouco a identidade se perde

e a única coisa que resta é lutar...

Lutar para viver...

Lutar para sobreviver...

Lutar para vencer...

o problema é que nem sempre a gente vence,

ainda mais quando o seu inimigo é invisível

e você ainda não possui armas

capazes de matá-lo…

Matá-lo para vencer...

Matá-lo para sobreviver...

Matá-lo para continuar a viver...

está escuro aqui

e eu sinto os corpos mortos caindo no chão,

escuto os gritos e gemidos agonizantes da hora da morte,

escuto os lamúrios daqueles

que perderam alguém nessa guerra.

está escuro aqui

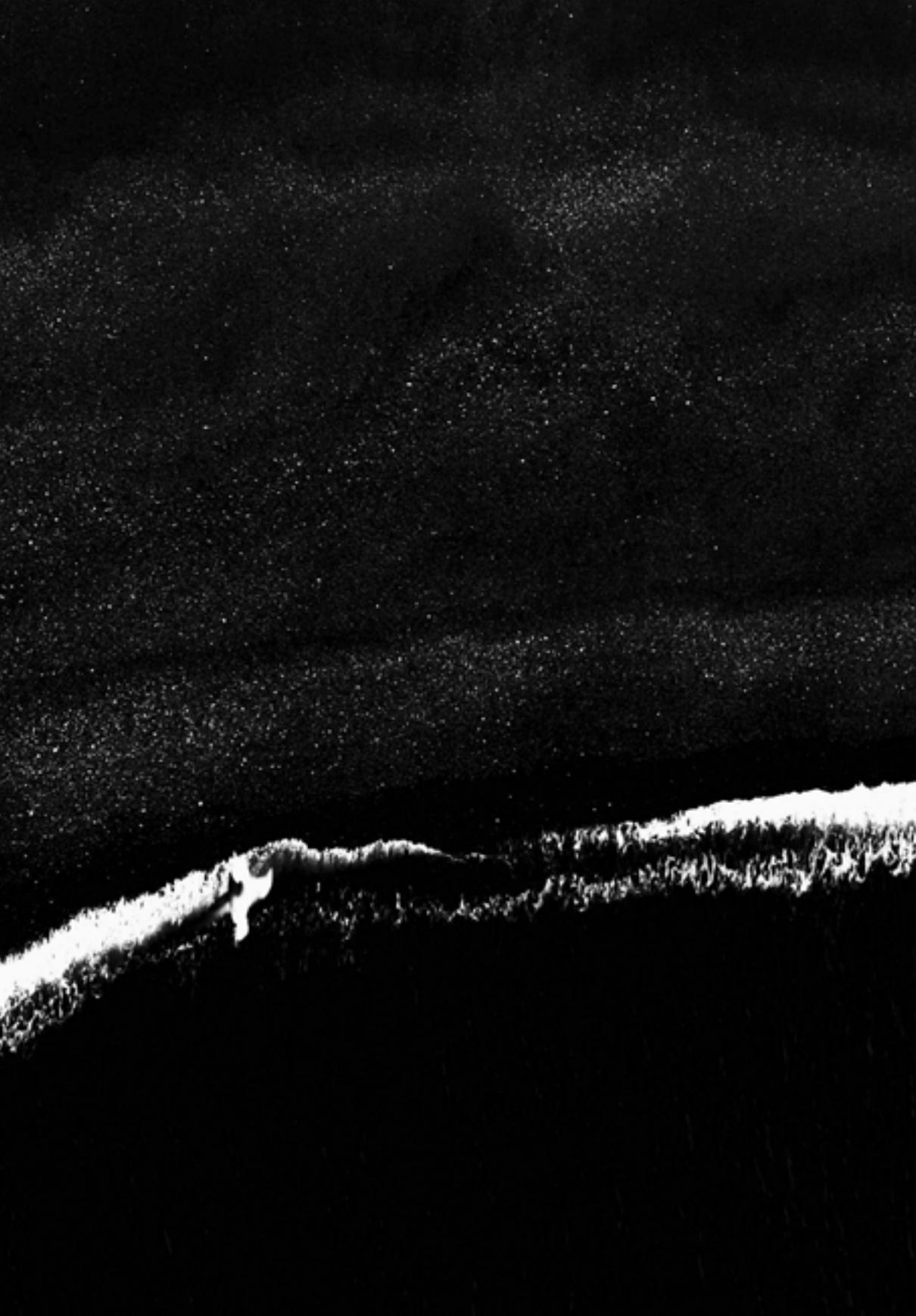
e estou há tanto tempo nessa escuridão

que não sei mais se estou vivo

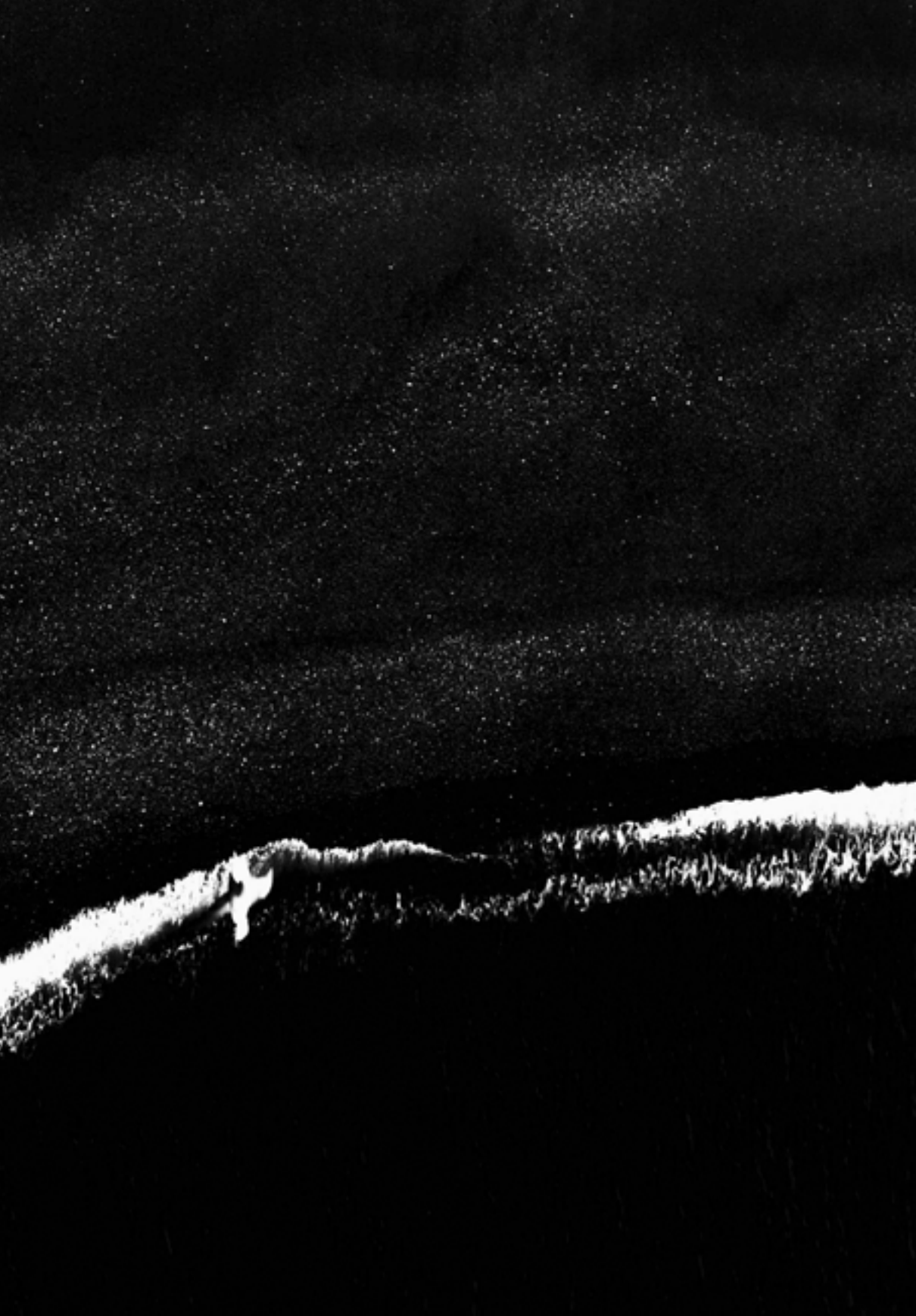
ou se tudo que sinto e escuto

faz parte de um círculo angustiante

do inferno de Dante.

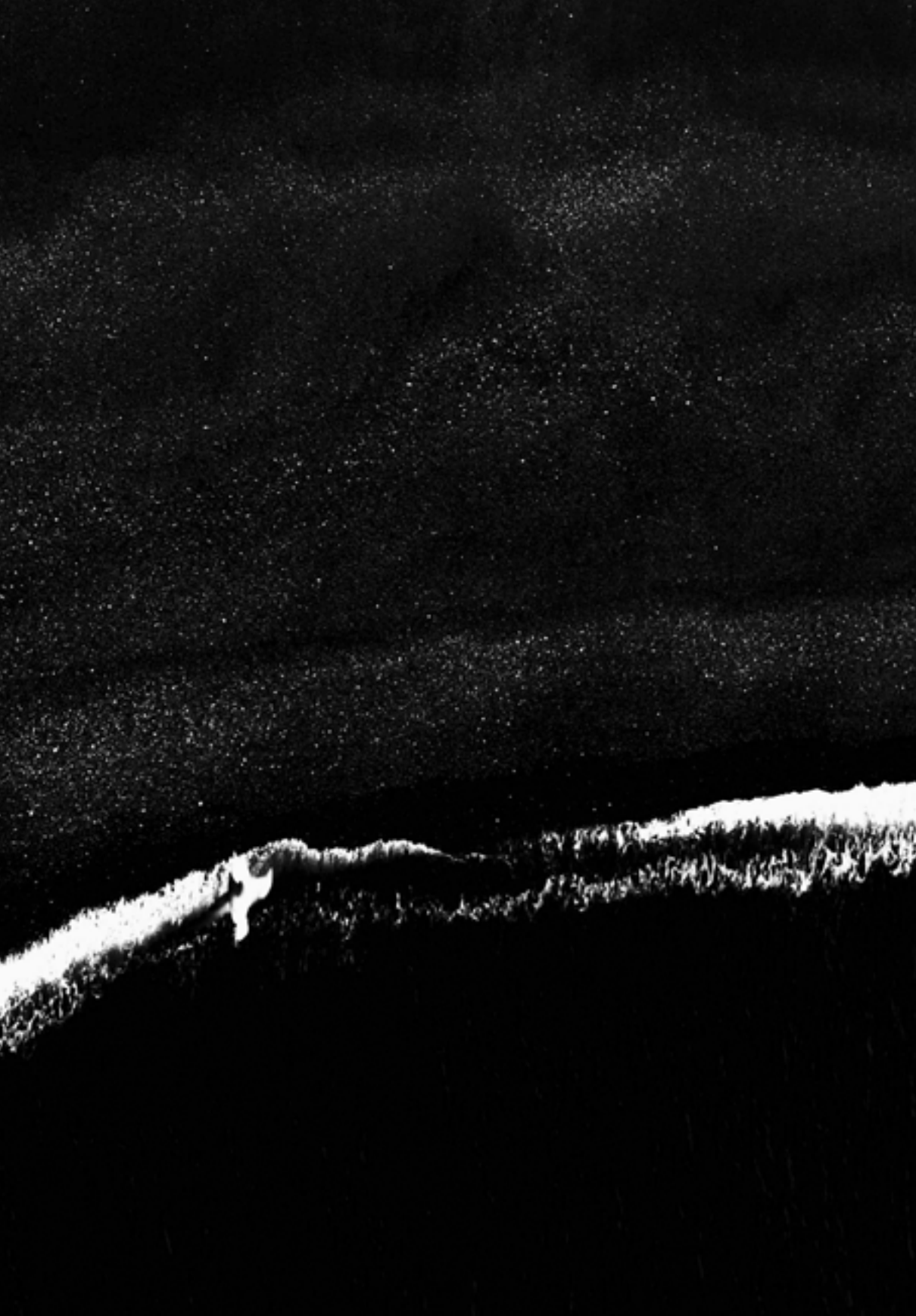


Júlia Diniz

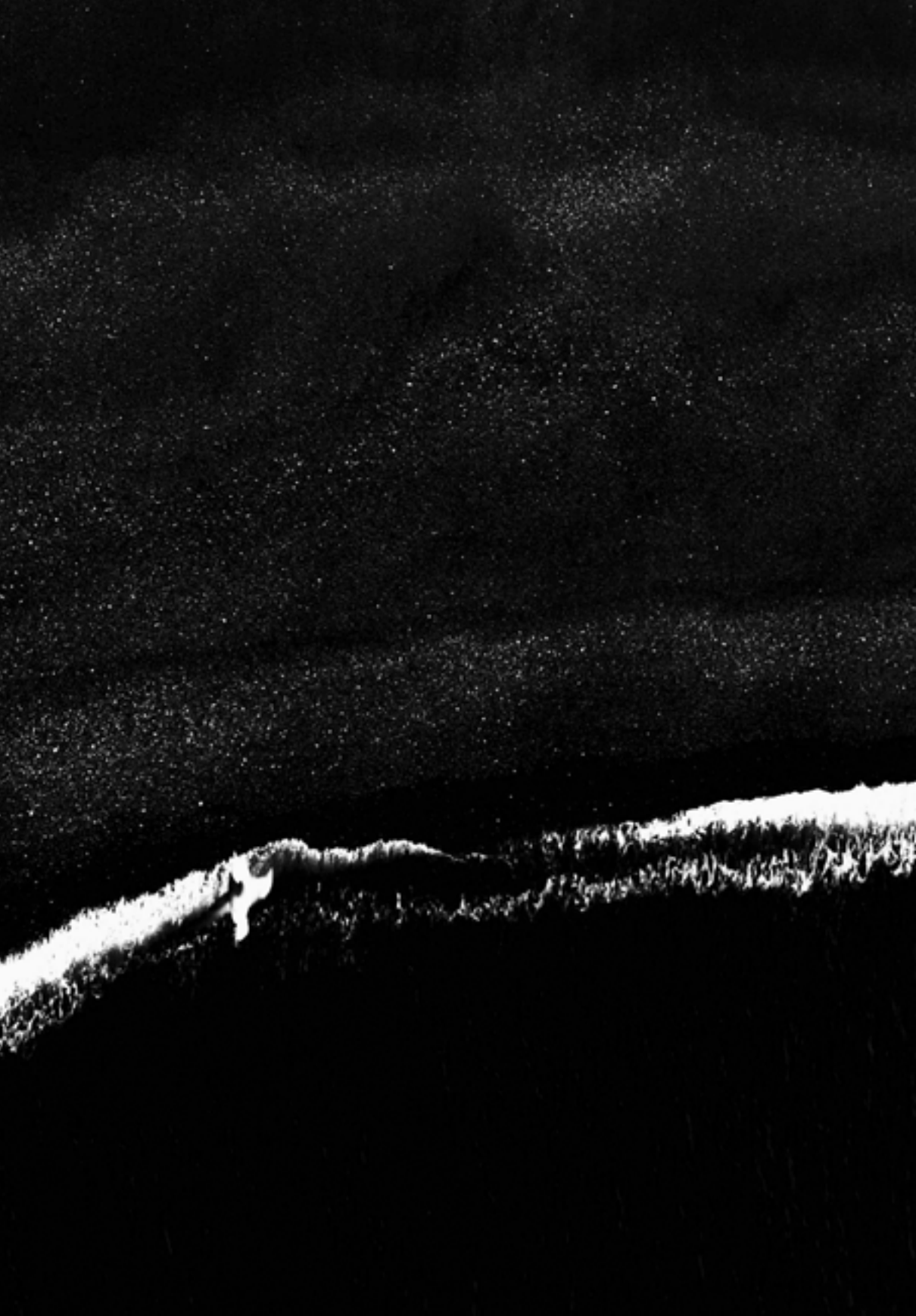


Eu teria sido queimada

Eu teria sido queimada pela minha inocência.
Eu teria sido queimada pela minha malícia e pela minha família.
Eu teria sido queimada por não pertencer às outras.
Pelos filhos que eu deixei de ter, pelas vozes que conversam comigo.
Eu teria sido queimada pela minha loucura, pelas minhas dores,
[pelos meus amores.
Eu teria sido queimada por ser puta, por ser santa, por existir.
Eu teria sido queimada pelos meus livros, pela minha escrita.
Eu teria sido queimada pelas minhas crenças
[e pelo meu próprio deus.
Eu teria sido queimada por amar demais
[e por odiar na mesma medida.
Por falar alto e por falar pouco, por lutar contra os meus dragões.
Eu teria sido queimada por olhar pra mim,
por mergulhar em mim e descobrir dentro de mim,
um universo inteiro.



Thaís Rossini

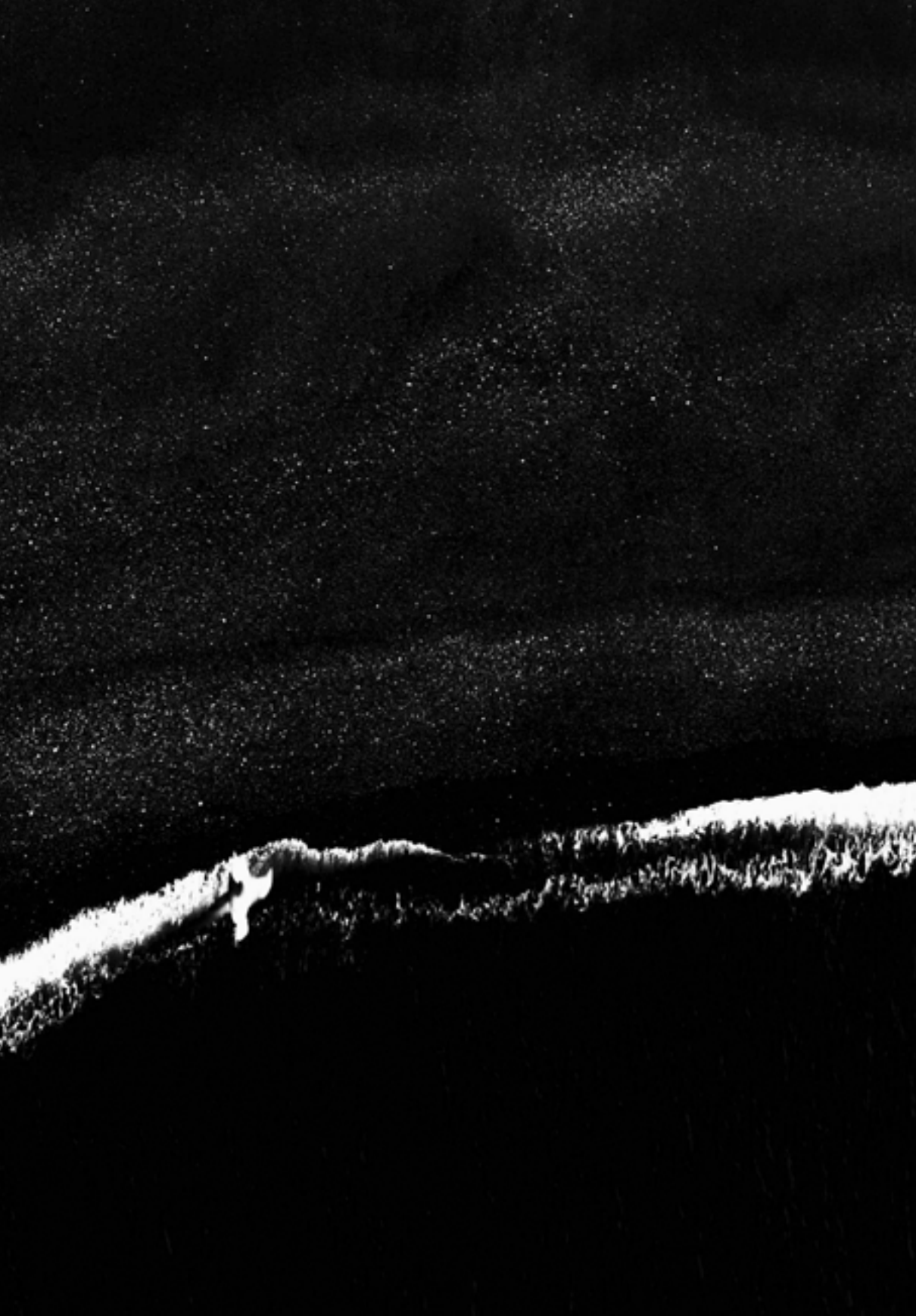


Veja, eu venci

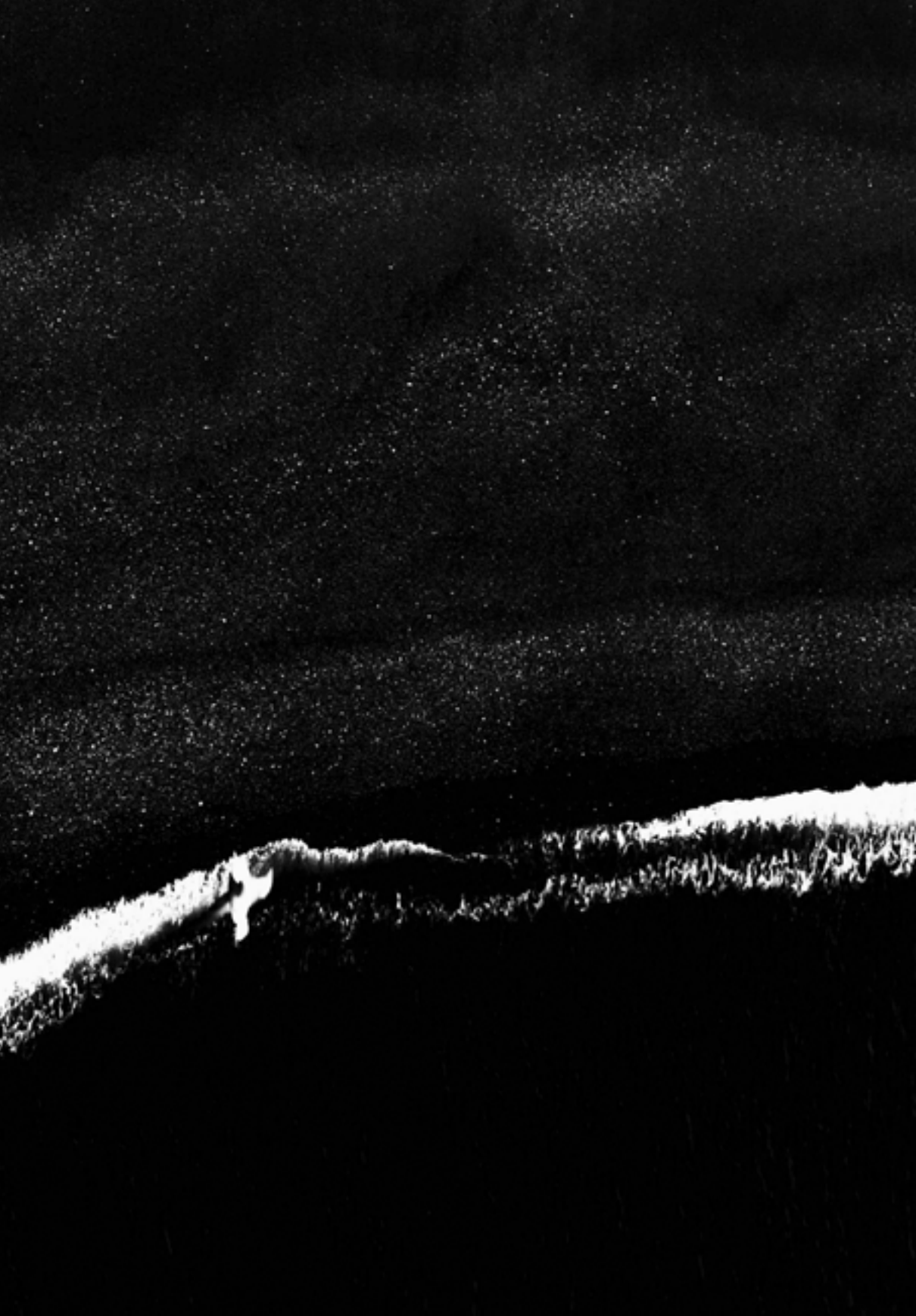
o sentimento que vem e vai, chega e desfalece.
em picos tão intensos quanto pouco duradouros.
sempre faz o coração bater mais forte,
mas a falta de ar às vezes não compensa.
o demorar-se pra ser algo,
o não ser sem explicação alguma.

e há também a minha primária ânsia de ser eu mesma
alguém que já não reconheço mais.
cansa-me muito mais do que angustia-me.
e, visto que minha angústia é tamanha,
já não tenho mais fôlego,
tão pouco há explicações a dar.

questiono com a parte inconsciente do peito
se há algum propósito em tantas nuances.
a parte do peito que pulsa e bate está a me dizer
que não há de ser em vão.



Adriano Rivolli



Dias de sol

Aquela manhã chovia com gozo. Uma chuva de pingos grossos, em um dia quente e bastante iluminado. Não havia sol aparente, as nuvens cinzas eram, de fato, o que se poderia chamar de branco gelo.

Ele chegou a colocar os óculos de sol, e sentiu-se agradável com eles, mas resolveu tirá-los pois achou inapropriado. A culpa é do nome dos óculos, filosofou. Qual seria um nome melhor para eles? Óculos de sol para dias chuvosos, e sem sol, não combinam. Concluiu que "óculos de dia" seria mais semântico e até mais adequado para a situação.

Neste contexto, a palavra dia é uma generalização para sol e não exclui a chuva, conjecturou a si mesmo. A princípio, ficou orgulhoso da conclusão obtida, mas contra-argumentou-se que alguém poderia utilizá-los durante a noite. Logo, "óculos de luz" era ainda melhor, pois a razão do seu uso era para evitar, ou proteger os olhos, da luz. Se assim o chamassem, seria possível utilizar os óculos de sol, mesmo chovendo e a noite, pensou e sorriu.

Todavia, outro argumento o incomodou repentinamente, há quem os use apenas por estética, na tentativa de se parecer mais atraente. Neste caso, "óculos de luz" seria tão inadequado quanto óculos de sol, pois trata-se de "óculos de beleza". Após um tempo

refletindo a respeito, abandonou o raciocínio, pois há uma objetiva distorção da finalidade de seu uso, o que é uma clara exceção.

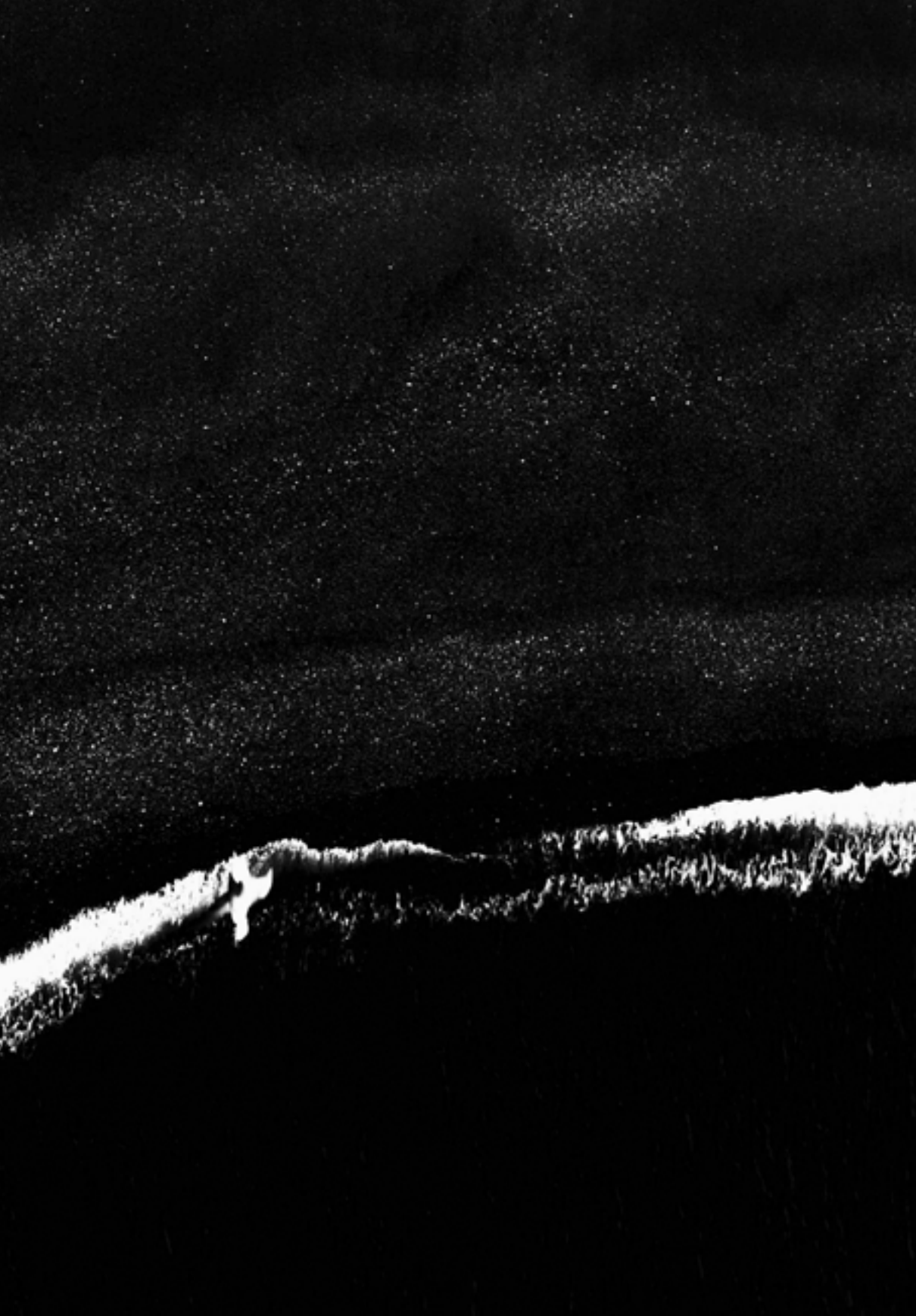
Em busca de mais evidências para sua proposição, sugeriu que o nome óculos de sol era também inapropriado para mundos com múltiplos sóis. Embora não fosse o caso da terra, "óculos de luz" também poderia ser utilizado em planetas multiestelares. Mesmo não sabendo o nome de tais planetas, sentiu-se ainda mais orgulhoso da sua racionalização.

Por fim, tentou desqualificar o termo "óculos escuros", o que se mostrou uma tarefa mais difícil. Sentou-se e contorceu-se ao pensar. Obteve êxito ao justificar que escuro é uma característica dos óculos, e isso não indica sua finalidade.

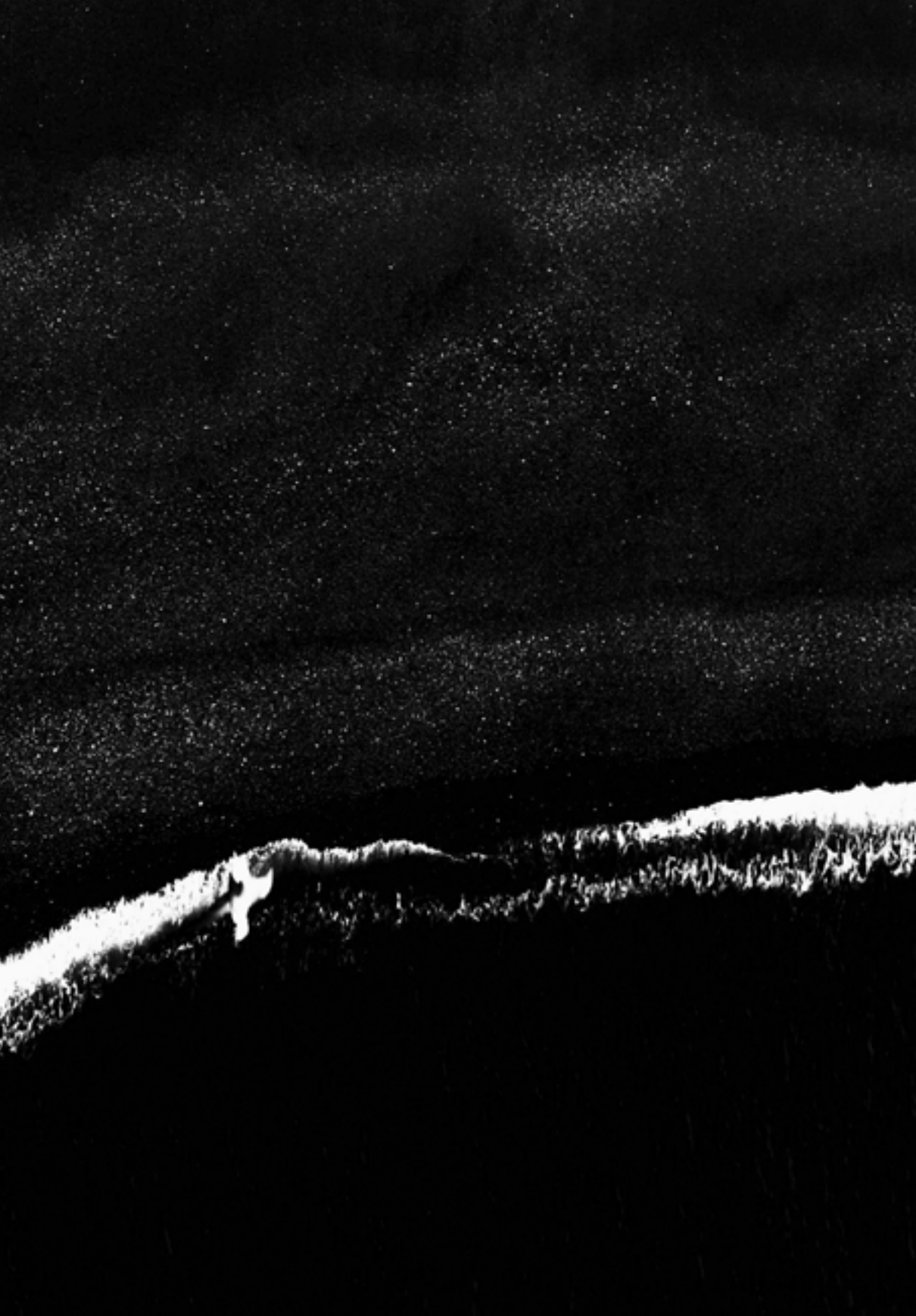
Assim, os óculos também poderiam ser chamados de "óculos leves", visto que eles não pesam tanto. Ou, até mesmo, de "óculos de plástico", considerando que a maioria deles são feitos de algum composto plástico. O que seria ridículo e inapropriado. Além de tudo, escuro diz respeito apenas à lente, mas os óculos também possuem uma armação. Chegou a sentir-se melhor, ao visualizar mentalmente uma armação clara de lentes escuras. É contraditório, disse triunfante ao assumir que tal argumento desqualifica o uso da característica "escuro" para nominar os óculos de sol.

Ao tentar ponderar-se, identificou que "óculos de luz" poderia, erroneamente, ser usado para indicar óculos com alguma fonte de iluminação. Embora fizesse mais sentido chamar tais óculos de "óculos com luz", as pessoas poderiam se confundir, pensou. E se espantou pelo fato dos "óculos com luz" não serem populares, e muito menos possuírem um nome próprio e autodescritivo.

De repente, voltando a sua realidade, notou que a chuva havia cessado, como um gozo, e o sol brilhava tímido. O céu ainda é cinza e estou atrasado, observou. Apressadamente, colocou os óculos novamente e, olhando no espelho, sorriu. Sentiu-se atraente, e não mais voltou a refletir sobre a ontologia dos óculos. Ele gostava de dias ensolarados.



Amanda Damasio



Poema da mulher estrelada

Maria estava cansada do seu nome,
de tudo o que ele significava.
Nem eu, poeta, vou chamá-la,
mas também não vou ficar quieta.
Ela tem uma história: não pra ser contada,
mas pra ser esquecida.

Do seu cérebro engordurado
escorria óleos dos dias anteriores,
pedaços de carvão muito pensados,
queria poder trocá-lo.

Olhava para si e sabia demasiado:
a posição das espinhas no rosto,
de onde puxou nariz e olho e cansaço,
sua língua seca sem força, a boca sem gosto.

Levantava a camiseta para olhar o peito:
o pulmão dizendo: exausta, exausta, exausta.
Era como uma série mil vezes reassistida,
sabia das falas, do enredo, não tinha mais graça.

Fez de tudo pra sair do mundo e então:
As luzes dos botões piscam enlouquecidas,
as telas gritam palavras,
fim da contagem regressiva.

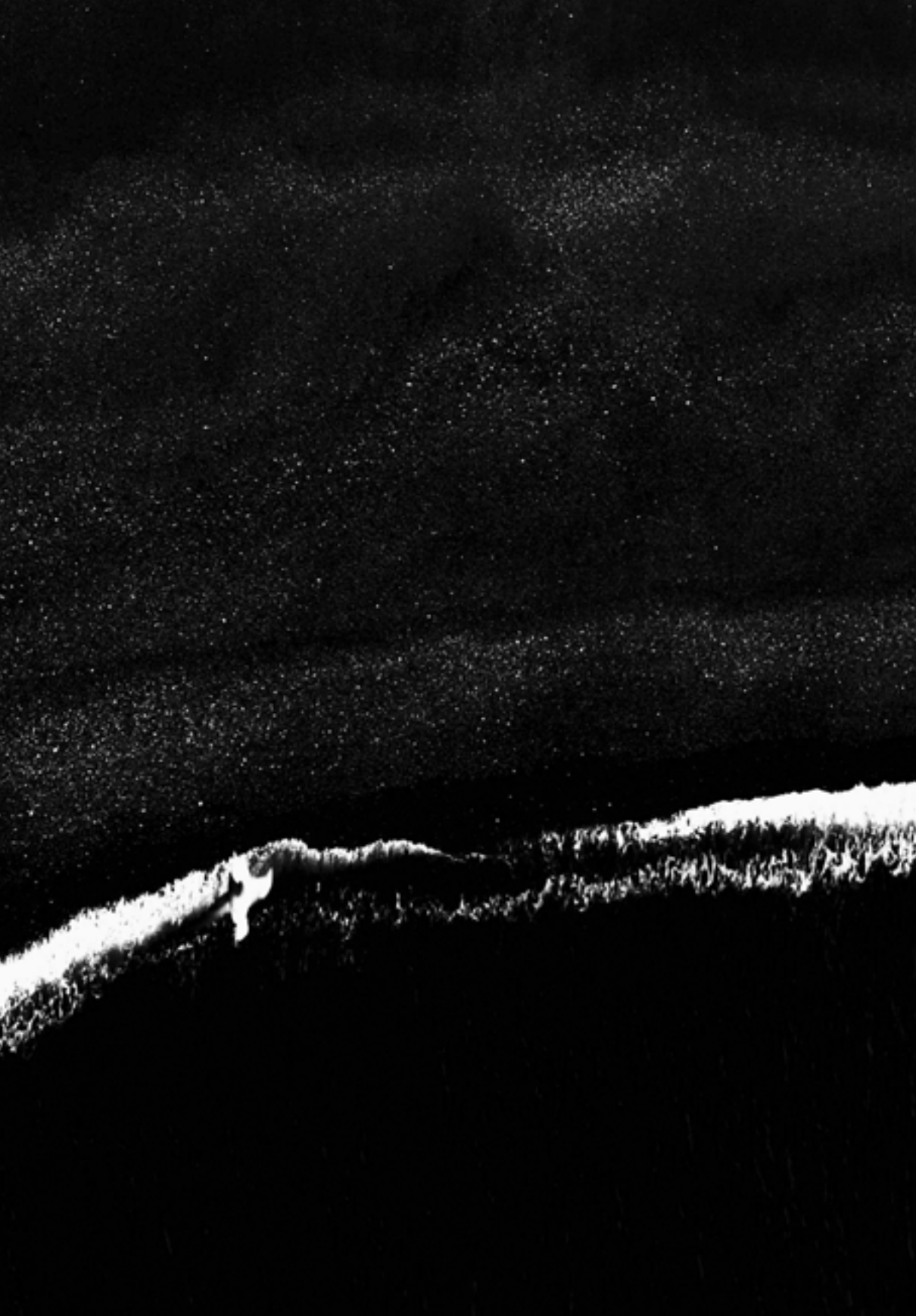
A mulher é lançada.
Atravessa imperiosa as nuvens de sua casa,
labaredas cobrem toda a exaustão dela.
Não há tempo de despedidas,
a mulher, sentindo-se mais uma Laica,
já se sente esquecida.
exonerada.

Boia seu país inteiro na janela.
sua língua, as ruas, as ilhas tão sonhadas,
sua literatura, os prédios históricos,
as cantigas de ninar, as águas engarrafadas,
os rios, seus pais, os cachorros eufóricos,

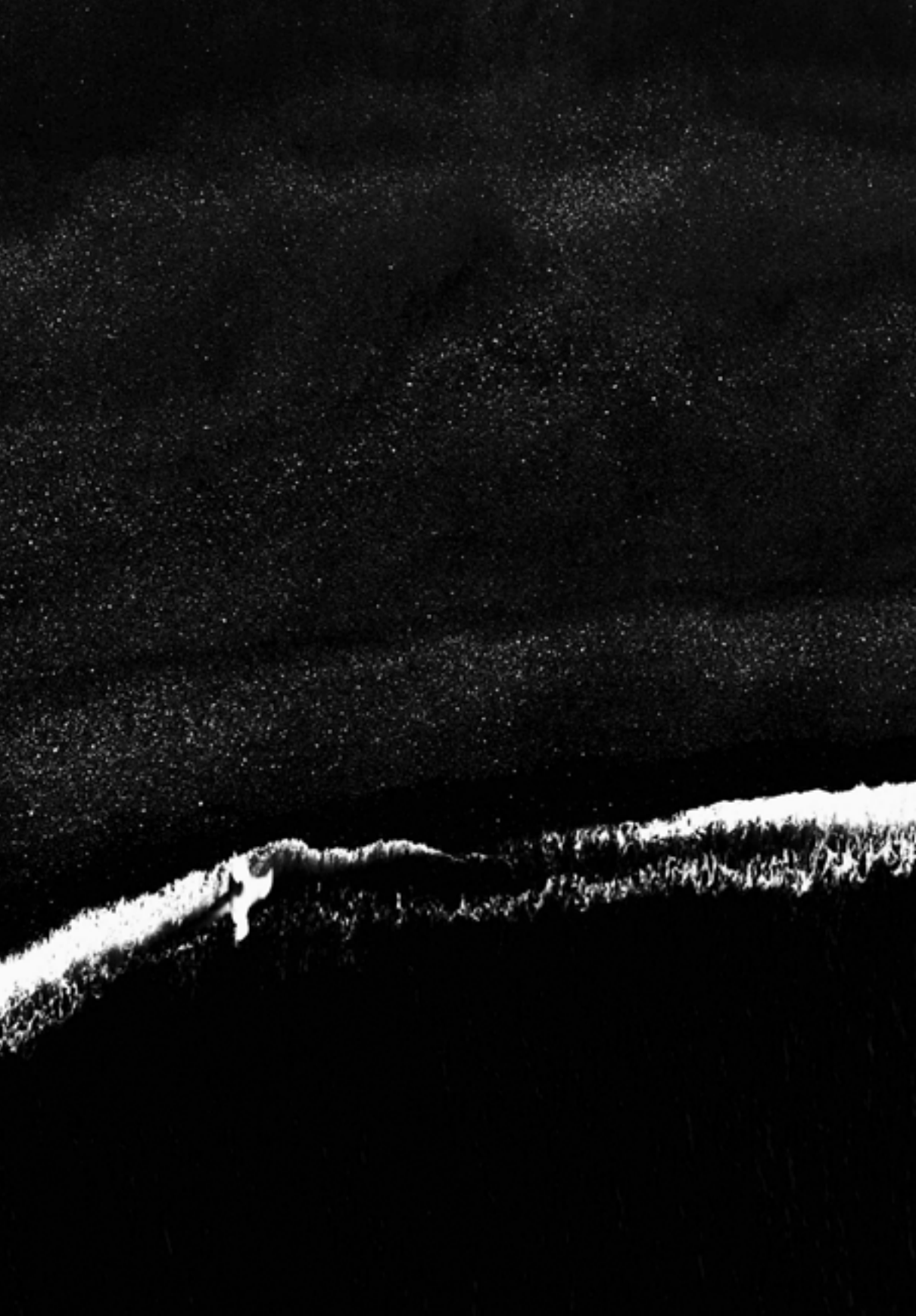
as pessoas todas, as vivas e as enterradas,
as feiras, os parquinhos, os bares, os pintos,
as lendas, as praias, os artistas tímidos,
as guerras, os absurdos, as doenças,
as 24 horas. Os feriados. O tempo.
Tudo. Se afastando, ficando pequeno.

Pensou que choraria. Mas não sentia nada,
não existia saudade, já era expatriada.
O mundo é uma paisagem a sua frente,
borrada, girando, uma tela interminável,
com personagens e detalhes sempre nascendo,
e ela uma mera expectadora terminal,
morrendo,
sempre.

Subitamente, tudo fica escuro.
Como se acabasse de deixar outro útero,
Um novo corpo — leve e estrelado.
Sem peso, sem nome e sem certificado.
Foi feliz e esqueceu-se de tudo.
As nossas velhas estrelas sabem lidar com o cansaço.



Beatriz Bajo



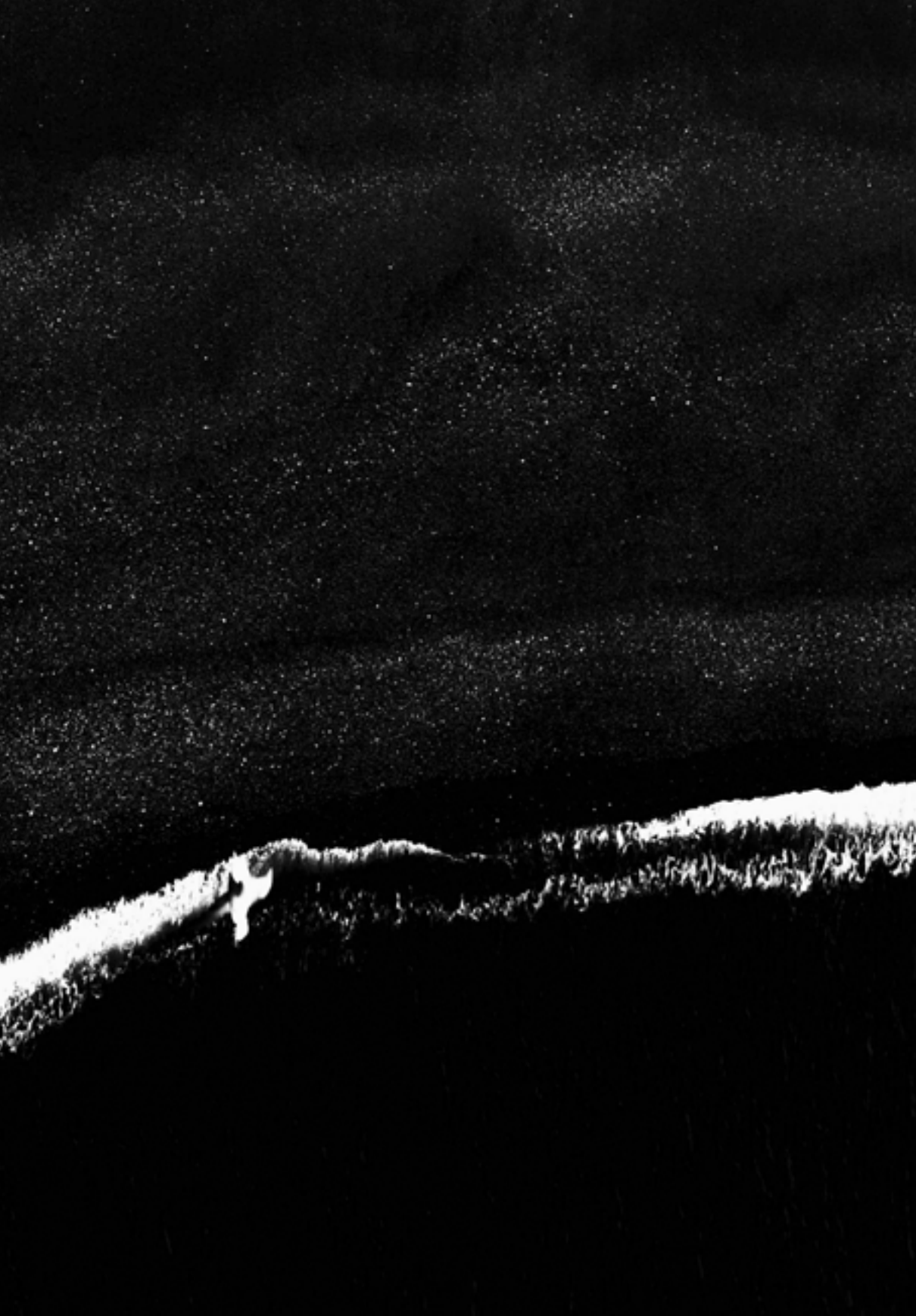
Ave

na parábola dos meus nervos
raivosos de seiva e sombras
grafas ramos invisíveis
engravidados de raízes
arbustos plenos indecifráveis
balé de braille em lanças surdas
sobre a madeira que me veste

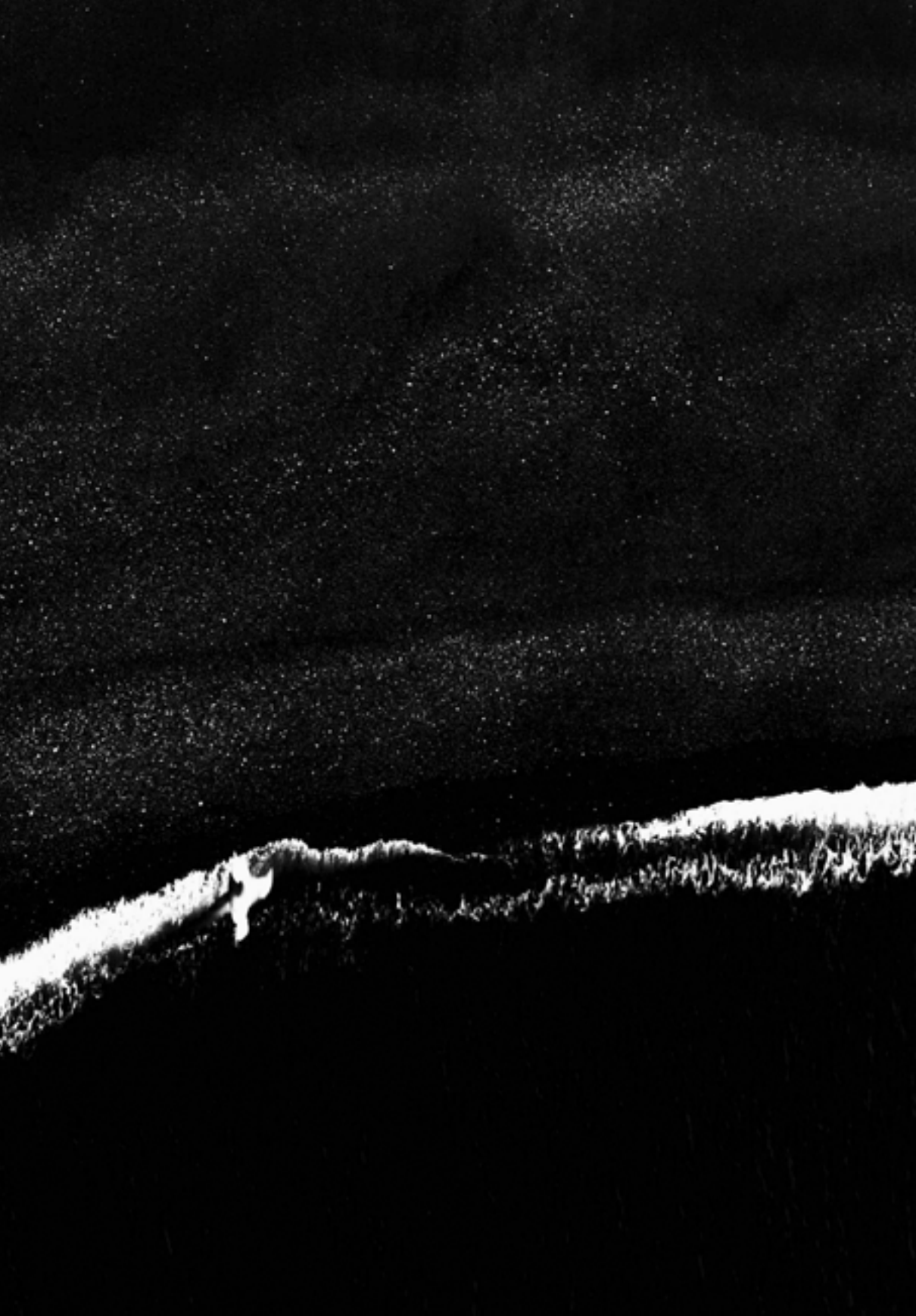
tuas palavras tatuam meu corpo
circunscreves no umbigo lenhoso
nódoas de entardeceres rosas
ainda úmidas pelos versos
escorridos dos teus lábios
há um livro teu em cada poro meu

dança selvagem de galhos
orvalho na pele da palavrardente
são lágrimas melífluas
futuros caindo sobre o tronco nu
adivinhações de omoplatas escorregadias
plantas de pés resvalantes

uma semente vertida
miríades de diamantes
no silêncio bendito
leia pétala a pétala
e milagres florescem
no agreste desinventado
por tua língua
imantada na minha
saliva nossa
amém



Giulia Di Luca



Ilusão

Aos 9 anos

Era uma vez uma linda garotinha de longos cabelos castanhos. Ela gostava de correr pelo jardim, entre as árvores e as flores, e sentir o vento bater em seu rosto enquanto seus cabelos voavam ao seu redor. Usava sempre um vestido cor de rosa, e com ele sentia que era uma princesa, mas não uma princesa recatada e indefesa como as dos contos de fadas que sua mãe lhe contava para dormir, mas sim uma princesa forte e valente, que salvava o seu povo de todo o mal.

Ela era uma menina muito extrovertida, adorava conversar com as pessoas, até com as que não conhecia, mas gostava principalmente de seus muitos amigos. Brincava, corria, se exibia, poderia ficar acordada para sempre para não perder um segundo da brincadeira.

Uma vez, há poucos anos, viajou com a família para uma cidade pequena e rústica, e ficaram hospedados em uma pousada. Ela se apaixonou por aquele lugar e, desde então, seu sonho era ter sua própria pousada quando crescesse. Ela seria cor-de-rosa, pois era sua cor favorita, teria uma varanda, e um jardim com muitas flores, e um lago para nadar.

Queria se casar com um homem bonito e gentil e ter muitos filhos, e eles viveriam felizes em sua bela pousada.

Ela adorava sonhar.

Aos 19 anos

Estava atrasada, como sempre. Mas jurava que desta vez a culpa não era sua, o despertador que não tocara. Olhou o relógio pela centésima vez e ficou ainda mais apreensiva. A aula começaria em cinco minutos e teria uma prova importante. Começou a correr.

Depois de fazer a prova, a qual chegara apenas dois minutos atrasada, foi com os amigos a um bar perto da faculdade para comemorar o fim do semestre. Na verdade, esta era apenas uma das desculpas que usavam para ir ao bar. As desculpas mais comuns eram uma prova difícil, ou provas no geral, seminários, aula vaga, feriados, ou, a mais usada, sexta-feira.

Ela, como sempre, era quem animava o grupo com seu jeito animado e divertido. Conversava, sorria, dançava, brincava com todos, era ela quem os unia.

Estava no segundo ano do curso de hotelaria. Seu sonho de infância, ao contrário do que todos pensavam, permanecera depois de tantos anos. O curso de hotelaria era apenas o primeiro passo para a vida de seus sonhos.

Quando foi ao bar pedir mais uma bebida, algo, ou melhor, alguém chamou sua atenção. Sentado a alguns metros de distância, estava um belo homem, alto, forte, com cabelos pretos e pele morena. Estava concentrado escrevendo em um pequeno caderno, mas pareceu perceber que estava sendo observado, pois tirou os olhos do caderno e olhou diretamente para ela. Tinha olhos azuis, da cor do céu quando está escurecendo.

E foi assim que tudo começou.

Aos 29 anos

"Eu sou feliz", repetiu para o espelho pela terceira vez. Fazia isso todos os dias antes de dormir.

Olhando para seu reflexo, não deixava de pensar em como havia mudado. Seu cabelo, antes castanho e comprido, era agora loiro e mal chegava aos ombros. "Você ficaria muito mais bonita se fosse loira, linda como um anjo. E seu cabelo é muito comprido, apenas vadias usam o cabelo tão comprido. Ficaria mais bonita se cortasse". Então o mudou.

Estava mais magra, podia ver o osso de sua clavícula, seus braços estavam muito finos, suas costelas eram visíveis. "Você é tão bonita, a mulher mais linda que já vi. Mas, sabe, você está ficando um pouco gorda, não acha? Ficaria mais bonita se emagrecesse". Então parou de comer.

"Eu sou feliz. Eu sou feliz. Eu sou feliz".

Não concluira a faculdade. Primeiro ele disse que seria bom para ela tirar um ano para descansar, quando um ano se passou, disse que não fazia sentido voltar a estudar, ele podia sustentá-la, queria cuidar dela. Então não voltou. A pousada nunca se tornou realidade.

Nunca tivera filhos. Ele não queria. Amava-a demais e não queria dividí-la com mais ninguém. Via seus pais apenas nos feriados e aniversários. Seus amigos... Cansaram de suas desculpas para não sair, nunca conseguiam vê-la. Mas tudo bem, ela ainda tinha a ele.

Voltou a analisar seu reflexo. Seus olhos pareciam cansados. A marca roxa embaixo do olho esquerdo não ajudava. Mas tudo bem, ele estava arrependido, até chorou de joelhos e pediu perdão. Das outras vezes também lhe deu flores. Ele prometeu que ia mudar, estava se esforçando de verdade.

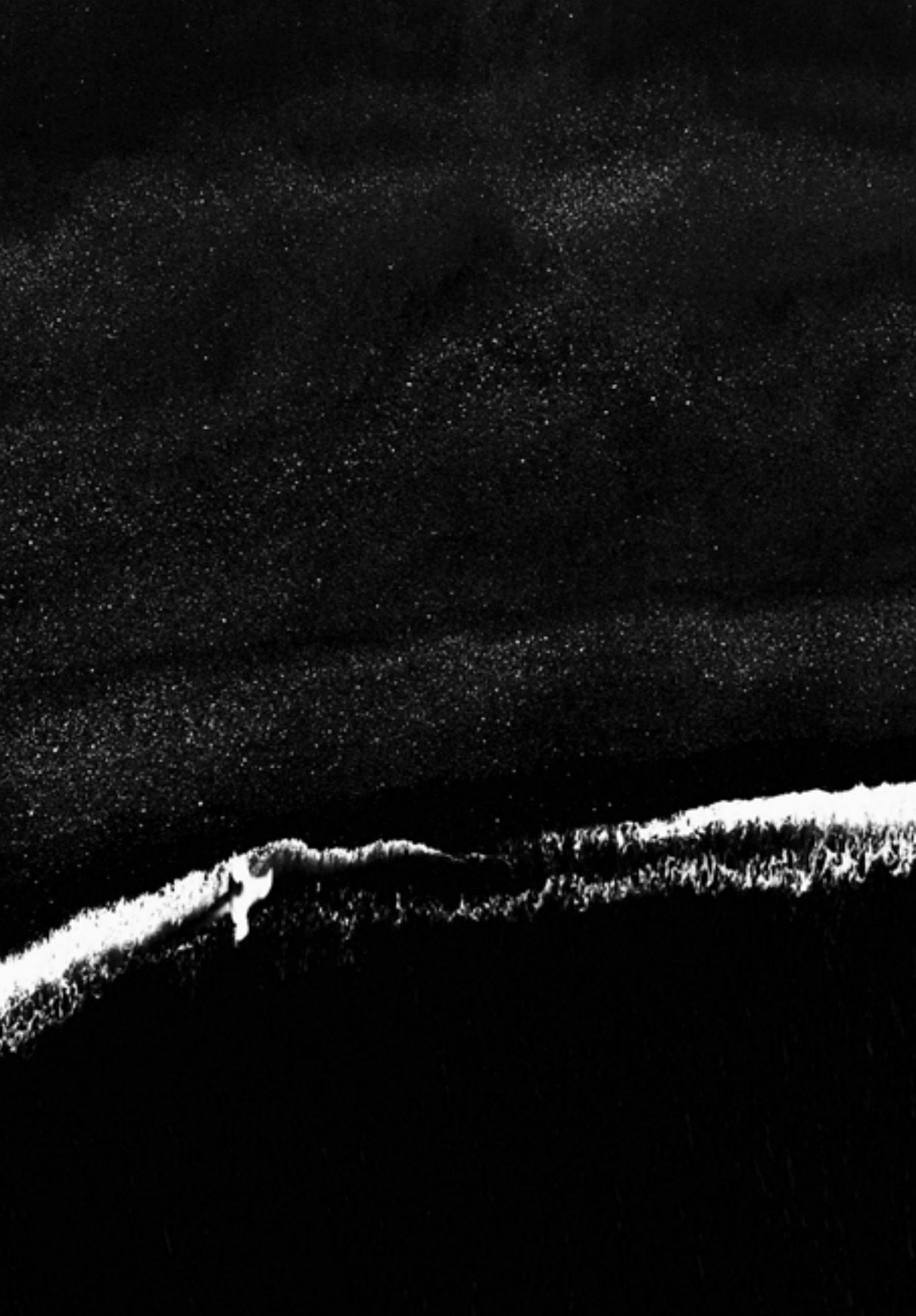
Tudo ficaria bem.

"Eu sou feliz".

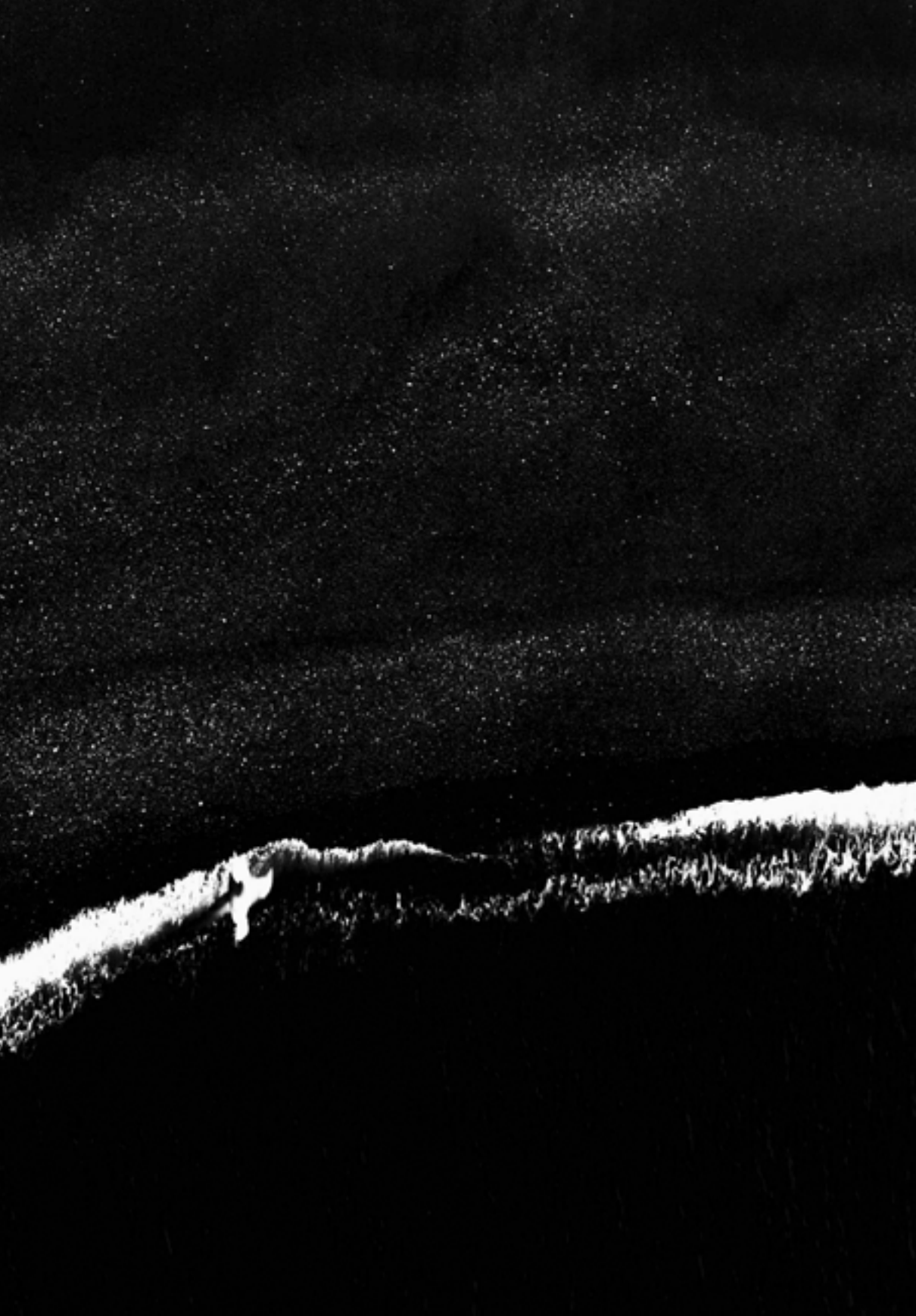
Aos...

Eu queria ser uma princesa. Eu queria ter minha própria pousada cor-de-rosa com um enorme jardim com flores e um lago para nadar. Eu queria me casar com um homem bonito e gentil e ter muitos filhos. Eu queria...

Não tenho mais chance de querer.



Ana Paula Barcellos



Dias de guerra e paz

Levantou-se um dia e já não podia mais ser só. Nem sair. Poderia ser, apenas. Olhou pela janela e tudo parecia normal — mas não estava. Agora, eram ela e mais cinco na casa. Acabou o trabalho tranquilo, acabou a paz. Fechou o notebook e foi montar quebra-cabeças.

Era incrível sua capacidade de se esquecer tão facilmente do clima de guerra, apesar do bombardeio de notícias e informações, enquanto a voz de familiares e parentes, ao vivo ou no viva voz, falavam sem parar sobre dinheiro e política. Preferia ela um modo de vida mais espontâneo, não marchar em rebanho, queria mesmo era andar sozinha. Gostava de caminhar para dentro, acompanhada de seus fones de ouvido e pela persistência da sua força interior.

Bebia uma taça de bellini e pensava que no fundo sabia que era possível se juntar à corrente coletiva e ainda assim preservar a individualidade própria e única, ela e o mundo juntos. Mas olhava para as pessoas à sua volta e era obrigada a admitir que esse ideal é ilusório, pois perdeu a fé. Mesmo sabendo, também no fundo, que dadas as circunstâncias do momento, seria imoral cada um continuar simplesmente a cultivar sua horta e separar seu lixo: as notícias, escancaradas em todos os lugares, convocavam à ação as pessoas sensatas e providas de pensamento crítico. Se o mundo segue rumo a um abismo, como continuar se abrigando dentro de uma bolha que vai explodir na queda?

Mas preferia esquecer esses pensamentos tão críticos, seria melhor impedir que esse embate interno prosseguisse. Decidiu desenhar pássaros, animais híbridos com cabeça de corvo, corpo de mulher e patas de cavalo. Relaxou e desfrutou de uma leveza e uma liberdade consoladoras que a levaram muito além desse mundo dividido. E decidiu, mais uma vez, viver de reflexões e de escrever livros ao invés de viver de modo fissurado e em pânico constante.

Ironicamente, o silêncio interno sobre a verdadeira situação externa que vivia, todas essas recusas, todas as tentativas de amortecer o mal ignorando-o ou desfazendo dele, todos esses desvios, eram uma violência imposta a si mesma, um ato de automutilação fantasiosa. À noite, o pânico vinha junto com uma espécie de delírio febril, que se alternava com períodos de relativa tranquilidade — quando repetia para si mesma que "o que tinha pela frente seria ruim, mas na realidade não tanto assim". Poderia voltar às suas reflexões, poderia escrever um romance... para então decidir novamente: "vai ser mesmo muito ruim, tenho certeza", e perceber que talvez fosse melhor dar um jeito de se livrar do medo — com coragem — e do ódio. Com realismo e desconfiança, mas ainda assim com os pés firmes na sua pureza ideológica — que oferecia, contraditoriamente, a melhor defesa para os nervos.

Passou a acompanhar de leve as notícias pelo computador — ela não tem celular — e se indignar numa luta interna e digna. Ao mesmo tempo, passava longas horas escrevendo em sua bolha mágica que a protegia do barulho que vinha de fora. Mas, quando estava cansada ou distraída, tornava-se violentamente consciente do que se passava e acabava abrindo a porta para o terror. Junto, vinha o fatalismo que poderia ameaçar seu trabalho, mas que ainda conseguia evitar.

No fim de semana, conseguiu usufruir de algumas pausas dos maus sentimentos, sem qualquer intrusão mundana. Tinha passa-

do alguns momentos à espera de notícias sobre hospitais caóticos, corpos recolhidos e suprimentos insuficientes. Ainda assim, sugava pela janela a sensação de uma vida levada de um jeito que dava uma impressão surreal de normalidade.

Na quarta-feira seguinte, viu nas redes sociais a notícia da morte de Lídia Moreira, sua professora de literatura inglesa. Lembrou de como ela rejeitava a ideia de seguir uma religião convencional e acreditar em uma vida pós-morte, uma imortalidade pessoal — como "desejam tanto os mais jovens".

Suas reflexões sobre a morte de Lídia se misturaram com outros vários assuntos e pensamentos, como a presença da lagartixa filhote que acabara de cruzar a cozinha apressada, o cigarro de Edson que queimava solitário no cinzeiro do parapeito... voltou a pensar na professora, que jazia agora num caixão sem velório que seguiria esquivo para o sepultamento. Isso fazia com que se ligasse, mais uma vez, ao medo da vida de fora. E começou a cantar para manter a vida ali, junta de si, mas a verdade é que tentar vislumbrar o sofrimento de Lídia, diante do qual nada mais tinha muita importância, renovou nela algum velho sentimento de solidariedade. Agora não conseguia pensar senão na dor que arrasava o mundo.

Na sexta-feira, ainda sentia o impacto emocional de saber da morte — seus pensamentos acabavam se voltando sempre para esse tema. Decidiu então ficar apenas sentada, "sentindo", até ficar levemente entorpecida, distante, pensando no funeral da mestre; até acordar do transe e se ver na cozinha, em frente ao computador, observando a si mesma e aos outros que se serviam do almoço. Esse distanciamento, de certa forma, trouxe algum alívio.

No dia seguinte, insistindo que arte e vida obedecem a ritmos separados e às vezes divergentes, viu-se altamente sensível à atmosfera política que pairava nos noticiários. A questão principal agora

era como sobreviver, como continuar durante esse período sombrio. Então ela pensava no momento presente, no que acontecia ali, no quintal de sua casa; na tarde quente, nos pássaros que vão embora piando com o cair da noite. Nas borboletas coloridas e libélulas, nos cachorros uivando, nos mosquitos de luz, no som das janelas sendo fechadas. Vez ou outra se traía, caindo em desespero e tentando voltar, também desesperadamente, ao estado anterior... não entendia como ligar os dois mundos sem juntá-los de vez, de forma que um não tocasse o outro.

Agora, também esperava que as pessoas começassem a cair mortas a qualquer momento e já parecia muito longe da ideia de voltar a ter qualquer sensação de normalidade. Já constatava, também dentro de si, um caos.

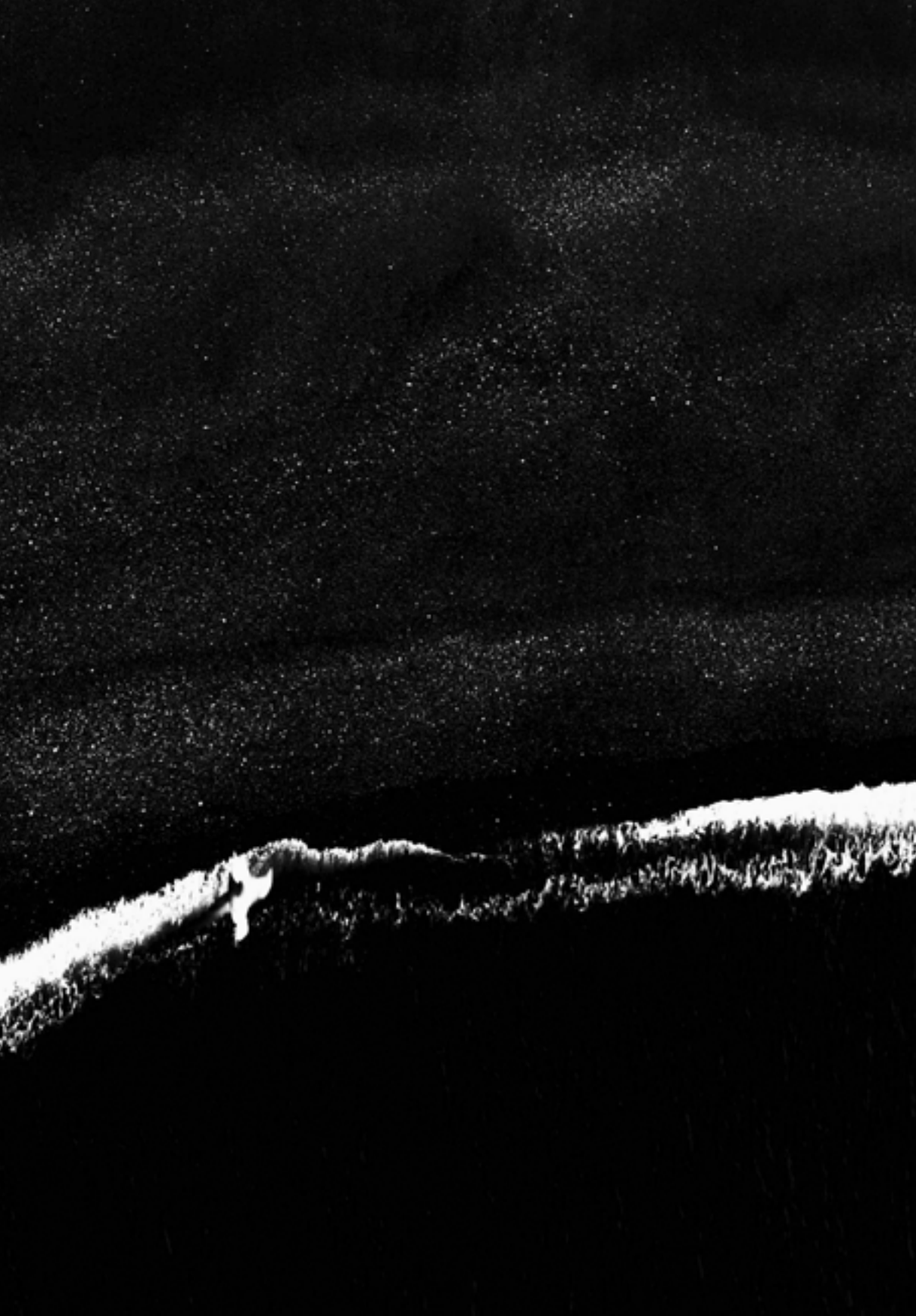
Dois dias depois, se deu conta de que as noites eram muito mais barulhentas e cheias do que os dias. E nada ainda de corpos caindo.

Ela refletiu que ainda era melhor ter o que fazer e entendeu que também não podia abrir mão do conforto. Ficava assim, dividida ao meio. Desistiu de ir ao mercado porque significaria encarar de frente o que acontecia: pessoas apressadas carregando máscaras e irritadas com o horário de funcionamento dos estabelecimentos, praças vazias, ruas praticamente desertas. Uma vida um tanto "subterrânea". Sentia-se muito mal, com os pés e mãos suando frio, um certo medo da palidez dessa cidade claustrofóbica. Precisava se isolar mais uma vez. Voltou pra casa e fechou as cortinas pensando que os ratos vivem como nós estamos vivendo.

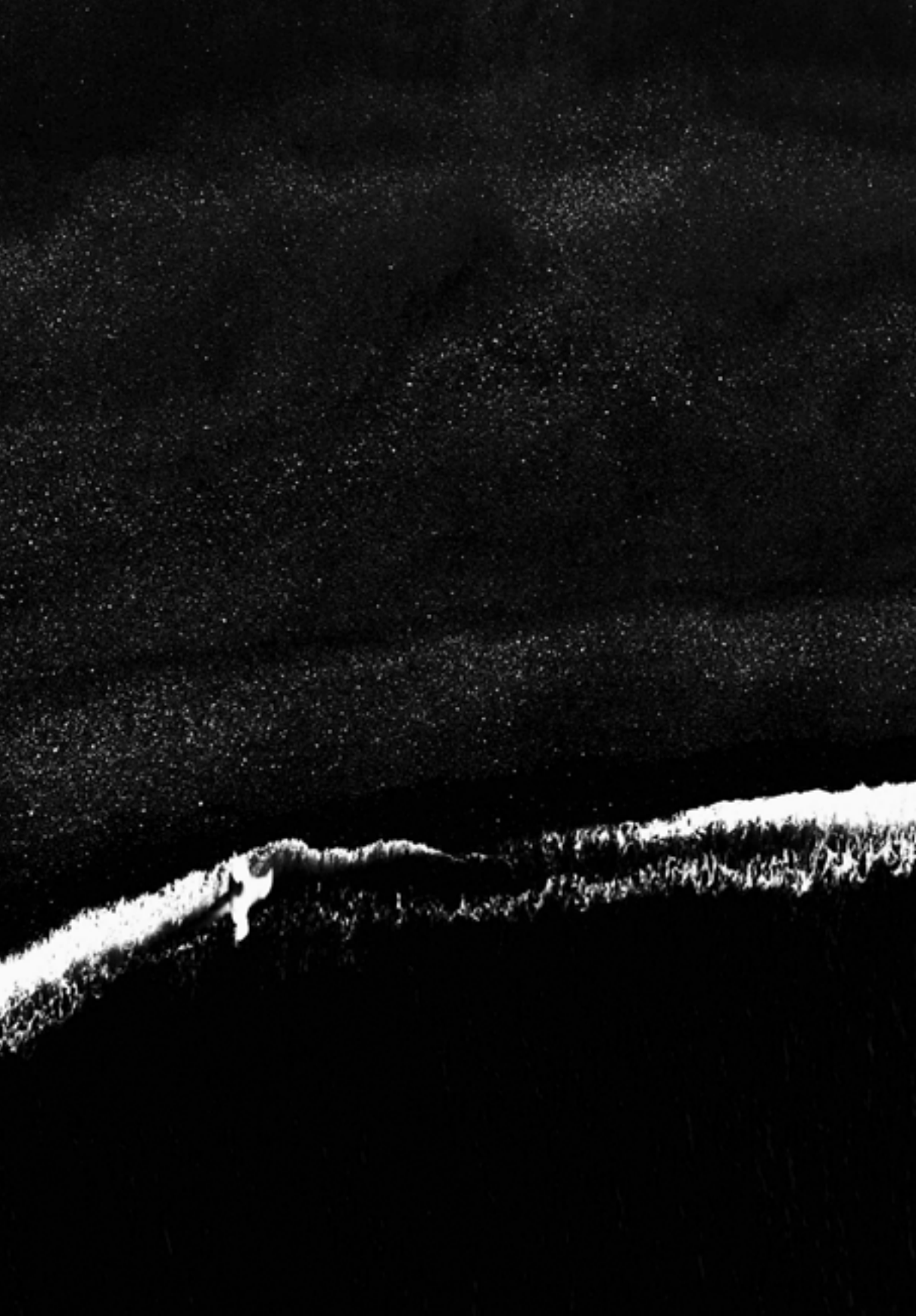
Sentiu alívio ao acordar de manhã, abrir as cortinas novamente e se deparar com um dia bonito, de um nublado que contrastava com o verde escuro das folhas das árvores na calçada. Sentiu paz, mesmo sabendo da sombra selvagem que a cidade fazia. Sorriu. E

continuou com aquela vida provisória, dando prioridade a ações completamente ordinárias como desinfetar a pia e recolher aquelas folhas do pátio. Lavou as verduras imaginando que muita gente estaria morrendo naquela mesma hora, ou se afogando a seco em camas estéreis de hospital; sabendo que isso lhe seria servido junto com a carne do almoço, amargando as folhas de rúcula e sugerindo que ela mesma poderia cair a qualquer momento, assim, de repente.

Pela primeira vez, os pensamentos não povoavam, todas as palavras pareciam estar sem corpo. Era preciso viver — e os passarinhos juntavam gravetos. Há guerra, há paz e não há propósito algum. Ela se recusou a explodir.



Ricardo Dalai

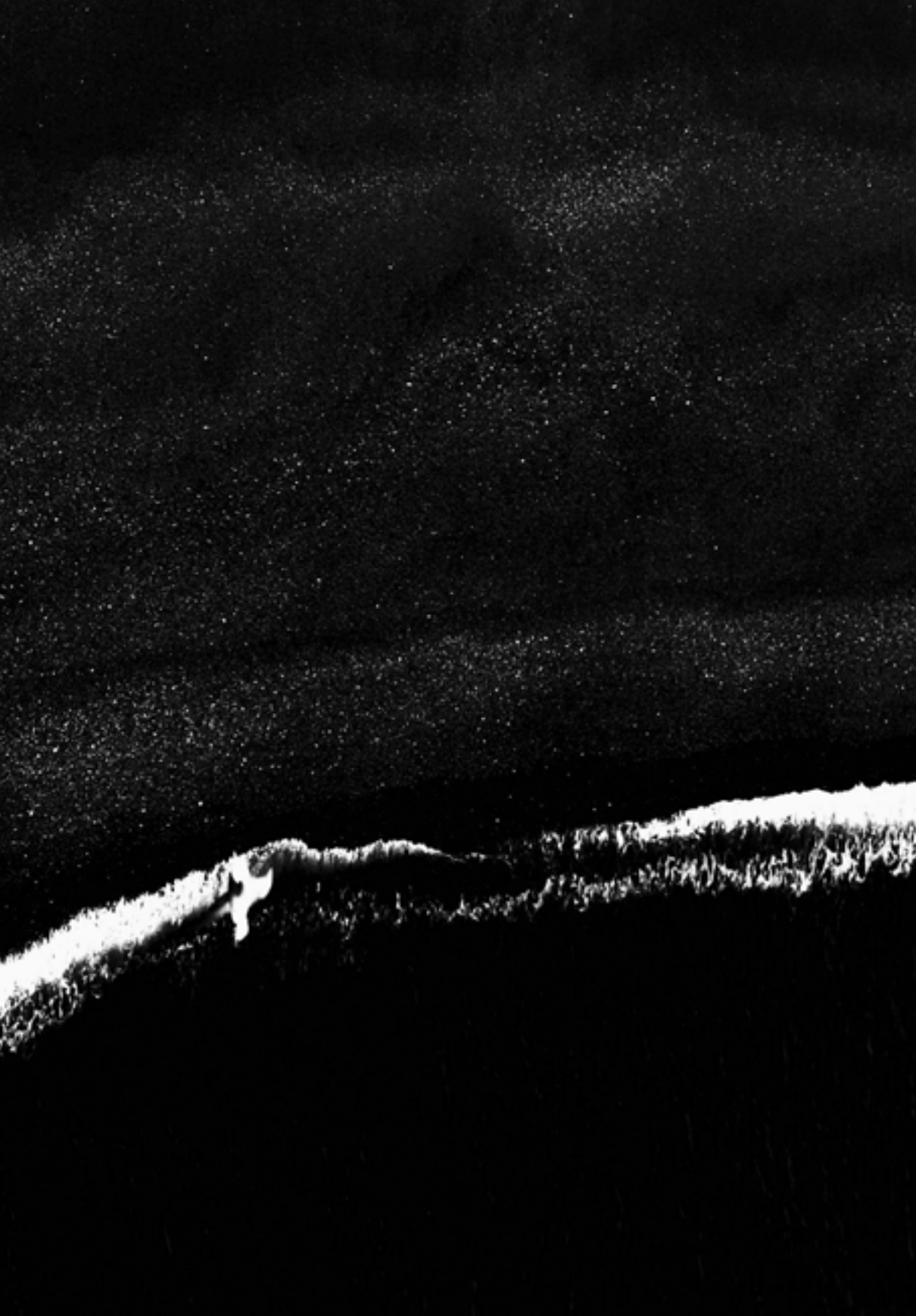


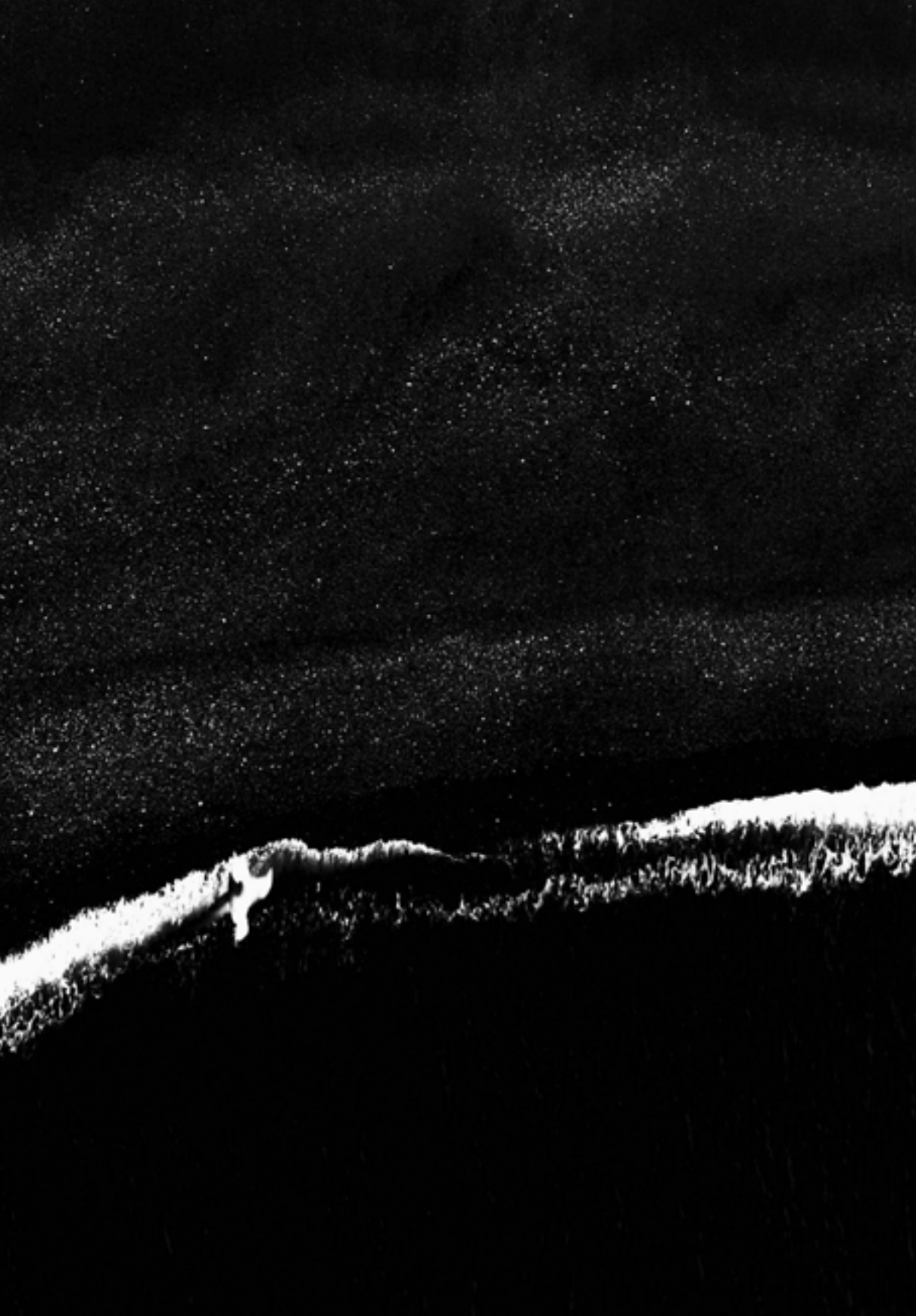
O gosto

para que buscar nas estrelas
o gosto do intocável
a cigarra canta um canto quase triste
no anoitecer mais belo de todos
os tempos
vão em circulares fendas
vão em caracóis miúdos
vão em espessas florestas
nas cavernas mais fundas

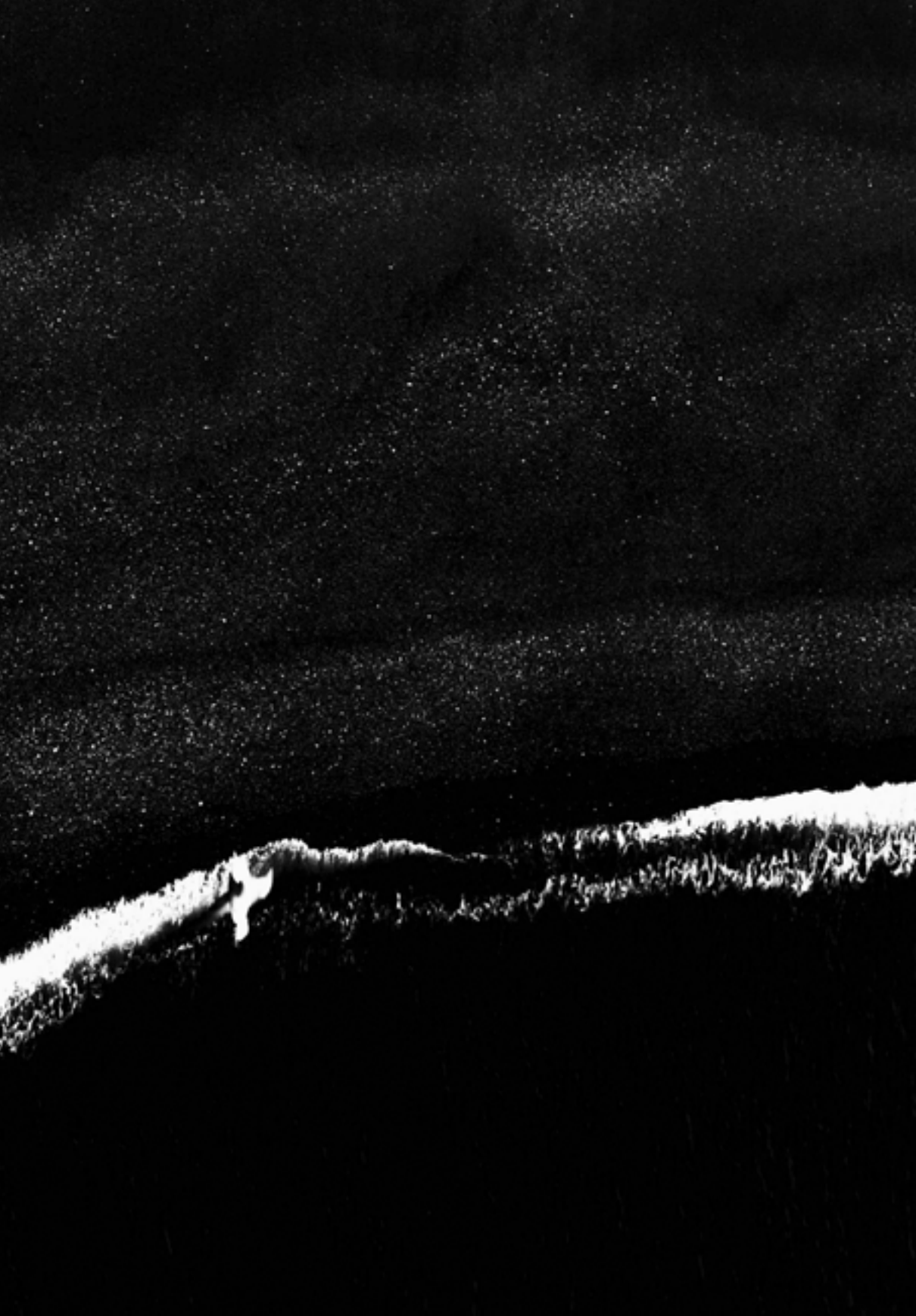
um rio começa a correr quando te moves
espírito fecundo
intocável natureza de mulher
e no fundo do vale
o tempo
que vai por todas as fendas
que vai até os caracóis miúdos
que floresce em espessa floresta
na caverna mais funda

a vida é sempre intocável





Adrian Gustavo



Antítese

Os dois, apesar de muito diferentes eram irmãos. Um possuía longos e alvos cabelos, trajava uma túnica branca, azureos olhos e asas hialinas. O outro possuía os cabelos negros emaranhados, os olhos turvos e rubros, as vestimentas sujas e abscedidas, as asas negras como o ébano e disformes como a de um morcego. O segundo era um anjo, o primeiro um demônio.

Ambos olhavam para a terra. Acharam uma criança; acabara de nascer e chorava. O demônio sorriu:

— Veja esta criança. Veja as lágrimas que derrama e as muitas que derramará; se Narciso é tão bom, por que permite que os inocentes saboreiem a dor e o sofrimento? Por que outorga aos inferiores a capacidade de fazer o mal e com isso prejudicar os inocentes?

— Ele não apoia ao mal, apenas cedeu ao homem a liberdade.

— Entre as quais está a liberdade para ir contra tudo que ele diz ser.

— Ele ajuda aqueles que observam seus princípios.

— Ou seja, os que o bajulam.

— Não, aqueles que escolheram o caminho certo, não aqueles que o buscam para satisfazer futilidades ou são falsos em sua de-

voção. Somente os que verdadeiramente merecem independente de seguirem-no ou não.

— E você, por que o segue?

— Porque não sou covarde, para oprimir inferiores a mim.

— Não os oprimimos, apenas damos a eles o que realmente querem.

— Vocês os destroem. Semeiam mais servos a Azazel retirando a bondade dos corações mais imaculados, tirando deles tudo o que tem de mais precioso fazendo-os cair em desespero a ponto de esquecer quem é seu verdadeiro Senhor. Fracos, prestes a desistir vocês lhes oferecem o que eles pensam querer e implantam a semente do mal os condenando a uma eternidade de sofrimento.

— Não, apenas tiramos suas riquezas materiais para torná-los receptivos a nossa ajuda. Depois somos como o que eles denominam vendedores; oferecemos algo que eles queiram e eles nos dão algo que nós queremos. Somos totalmente honestos com eles, mas já que o que oferecemos é a realização de seus desejos terrenos, eles nem se importam com aquilo que estão abrindo mão.

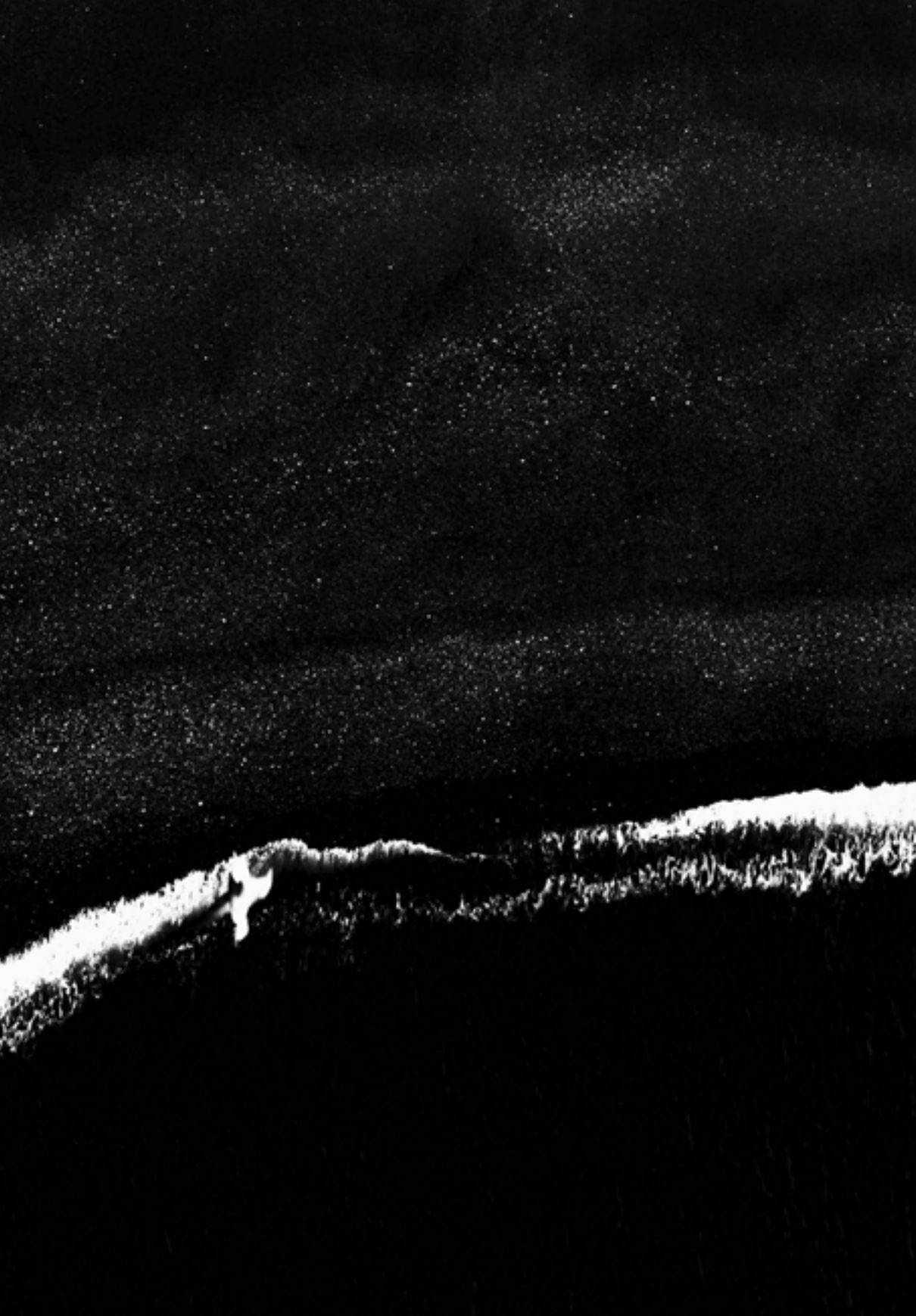
— Por que faz isso? Por que escolheste ele, preterindo ao meu Senhor?

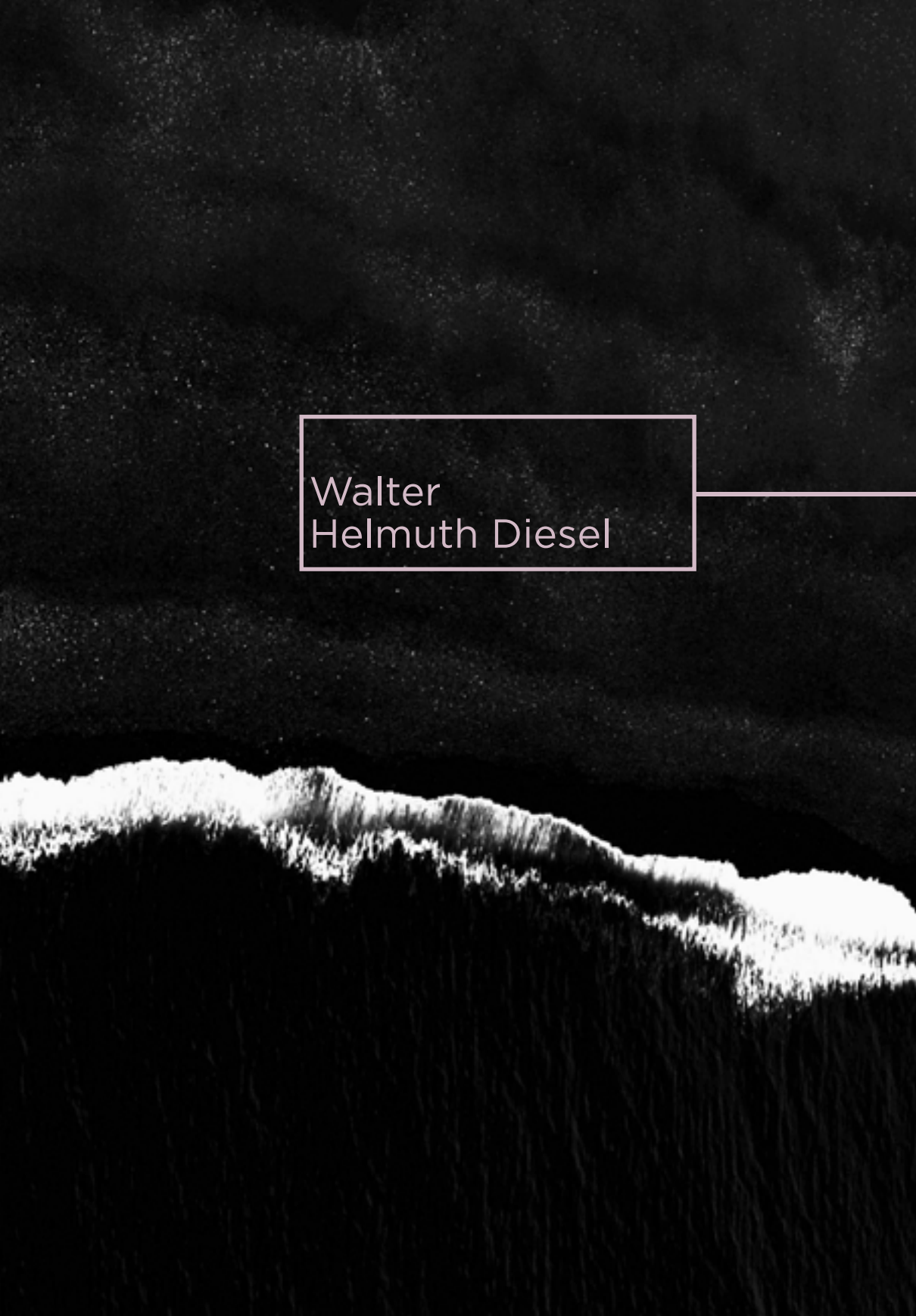
— Por que não suporto a hipocrisia!

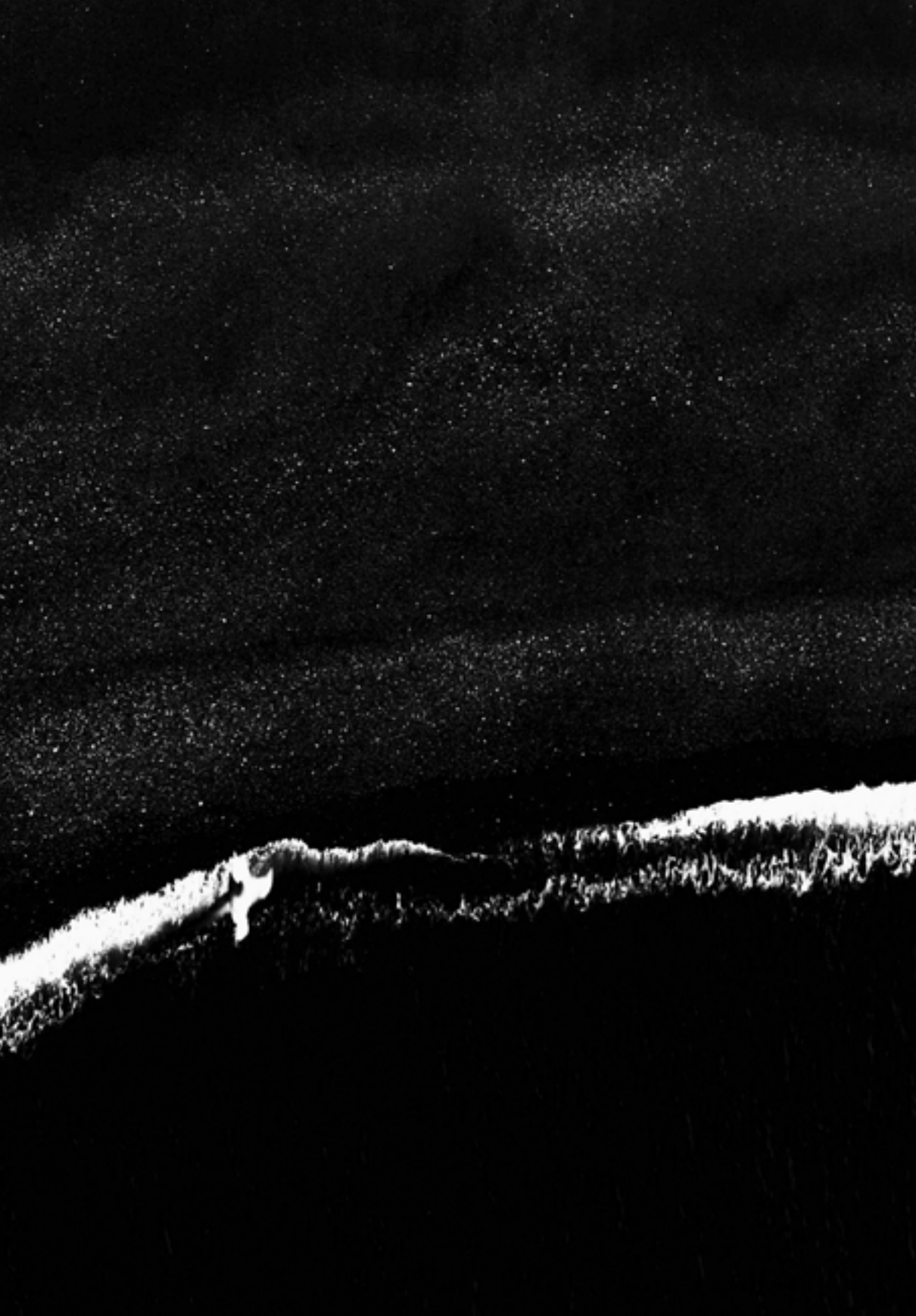
— Existe mais uma razão que me fez escolher ao meu Senhor. Eu... tenho esperança...

— Eu também, de que mais sangue será derramado.

As asas de ambos ruflaram em sentidos opostos, deixando a criança sozinha com seu choro, um choro que a acompanharia pelo resto da vida.




Walter
Helmuth Diesel



Tripalium

Everton foi dormir tarde, lá pelas duas da manhã. Embora cansado, tinha pouco sono e, além disso, estava um pouco frustrado. Passou a noite toda só nas inutilidades da vida moderna: youtube, facebook, instagram e o escambal — pra variar. Quanto sentido na vida! Dia seguinte, o despertador toca e ele abre o olho com dificuldade, já querendo fechá-lo de novo. Sem querer, num movimento involuntário, aciona o "soneca" e procura gozar mais uns dez minutinhos de sono forçado. Ao despertar novamente, agora sem sinal algum de despertador, percebe a cagada que fez e vê que está atrasado ao trabalho. Tenta descobrir o que fez de errado, o porquê do despertador não haver tocado novamente... Bem sonolento, ainda imagina que deva ter apertado algum botão errado do aparelho. "Ah! Foda-se!". O atraso já é inevitável, só lhe resta torcer para não dar de cara com seu coordenador ao chegar na repartição.

Levanta-se devagar e cambaleante, espreguiça largamente a pobre carcaça, agarra seus óculos, boceja de dar inveja a qualquer bicho preguiça e toma um susto! Bem ao lado da caixa de "contas pagas e a pagar", em cima da escrivaninha, percebe outra caixa similar. Estava ali: bem alinhada e estática, bem à sua frente. Dentro dela viam-se vários rascunhos, cadernos e fotografias. Ainda em estado intermediário, do sono à vigília, sem medo, Everton meteu a mão na caixa procurando algo de interessante e, numa experiência sinestési-

ca, pôde conhecer boa parte de seu conteúdo, senão todo ele. Eram rascunhos, esboços, sons, cheiros e cores de tudo o que sonhava em fazer na vida até então. Via, ouvia e sentia os sons das músicas que quis compor, dos versos, poemas e prosas que quis criar, dos lugares distantes que quis visitar, as bebidas e comidas que quis provar, as entrevistas, conversas e palestras que quis realizar, as pessoas a conhecer, o mundo a mudar... Saboreou tudo isso num contexto de êxtase e até lhe parecia que assim ficou horas e horas em transe profundo. Mas, de supetão, toda essa sinestesia cessou. A caixa ainda estava lá, mas sua mão fora dela. Ainda continuava sonolento, o que não o impediu de achar ânimo pra meter a mão na caixa de volta. Só que no meio do caminho desistiu. Parou e lembrou novamente que estava atrasado ao trabalho. "Seria um sonho?" — duvidou Everton. Sem delongas, foi lavar o rosto, talvez assim teria certeza da realidade em que se situava. Mas, antes disso, reparou que em grandes letras bem legíveis a caixa tinha por rótulo a seguinte mensagem:

BOM DIA! SORRIA!

Achou engraçado e meio estranho, mas não deu muita importância. Voltando do banheiro, com o rosto ainda molhado, certo de que realmente nada do que passou fora um sonho, tomou outro susto: a caixa desapareceu! Não entendendo mais nada, até procurou por ela ao redor da bagunça do quarto, mas não encontrou vestígio algum. "Merda! Tenho que sair logo!" — murmurou Everton. Calçou um par de meias sujas, vestiu a primeira muda de roupa que encontrou, deu um ligeiro tapa no cabelo, meteu no bolso — de qualquer jeito — a carteira, algum trocado, o vale-refeição e o vale-transporte, vasculhou rapidamente o quarto atrás da chave e dos fones de ouvido e saiu correndo. Trancou o apartamento, chamou o elevador

e, no meio da eterna espera pelo mesmo, lembrou que aquele era o último dia pra pagar o aluguel. Voltou correndo pro quarto, foi até a ordinária caixa de "contas pagas e a pagar", chafurdou-a com asco e encontrou o boleto do aluguel, lhe causando um misto de êxtase e arrependimento. Por sorte, ao trancar a porta do quarto novamente, percebeu que o elevador acabava de chegar. Então se sentiu o ser mais esperto e sortudo do mundo, pois era capaz de aproveitar de modo eficiente o tempo escasso que lhe sobrava.

Entrou de atropelo no elevador e lá encontrou a vizinha desconhecida e gostosa. Sempre quis convidá-la pra sair, mas sequer sabia seu nome. Abriu um sorriso, acenou com a cabeça e, num lapso rápido, viu que ela não estava sozinha. Com ela, também descia um cara esquisito, meio desajeitado, ainda abotoando a camisa. Enfim, Everton acabou engolindo as meias palavras gentis que lhe vieram à mente e se contentou com um breve "opa, bão?".

Já na rua, apressado, ele até corre atrás, mas perde seu ônibus. Procura se acalmar; afinal, não é a primeira nem a última vez que isso lhe acontece e, na síntese do dia, seu atraso ao trabalho não tem nada com isso. Inesperadamente, logo em seguida, avista outra condução que poderia lhe deixar praticamente à porta de sua repartição. Analisa rapidamente a situação e conclui que seu atraso ao trabalho já não será tão longo assim. Sente-se novamente o ser mais esperto e sortudo do mundo, percebendo que era capaz de aproveitar eficientemente o tempo escasso que lhe sobrava.

Agora ele se encontra de fato no início da peleja pelo transporte público em direção ao cartão ponto. Everton sobe à condução junto a outras dezenas de pessoas, se espremendo como podem, e acaba sendo parcialmente esmagado quando a porta de embarque se fecha — pois foi o último que ousou subir o primeiro degrau e não

queria arredar o pé daquela oportunidade. Entre a quarta e quinta parada do ônibus, ele finalmente se aproxima do cobrador e o percebe dormindo, com a cabeça recostada para trás e com sua bocona de lajota bem aberta, num sono profundo, roncando ameaçadoramente. Um pouco intimidado com essa situação, ele chega a invejar o cobrador (não deixando de censurá-lo também por aparentemente se portar de modo inadequado à função). No entanto, sem tempo para maiores julgamentos, já que atrás dele bufava uma multidão impaciente de passageiros amarrotados, ansiosos em vencer o primeiro obstáculo do dia de cão — a catraca —, ele logo mete a mão no bolso caçando, com tato de um cego habilidoso, o cartão de vale-transporte. Orgulhoso por encontrá-lo rapidamente, quase o empunha para se gabar, mas resigna-se em direcioná-lo ao leitor magnético. Tenta uma, duas, três vezes e nada acontece. Tenta uma quarta vez, já sob algum protesto dos ilustres usuários do transporte público, mas desiste lançando um audível e indignado "puta que pariu!". Mas não, ele não pode desistir. Então mete a mão no bolso novamente, agora caçando moedas e notas miúdas, a fim de se livrar delas, unindo o útil ao agradável. Como era de se esperar, essa tarefa, além de atrapalhada, aumentou o protesto do proletariado já angustiado com toda essa situação. O agravante disso era que o ônibus não partia enquanto Everton não girasse a maldita catraca, pois muitos outros demônios do trabalho aguardavam do lado de fora para adentrar ao ônibus. Finalmente ele consegue juntar os trocados, centavo a centavo e então volta a olhar para o cobrador: tinha esquecido que o pobre diabo ainda estava dormindo. Sem pensar na melhor estratégia, com educação e em baixo tom tenta despertá-lo:

— Amigo. Ei! Amigo!

O cobrador, além de não despertar, solta um ronco bonito e vigoroso. Pois bem, pacientes leitores, a esta altura dos acontecimentos, a plateia atrás de Everton, já querendo sangue, começa a ajudá-lo, não por solidariedade, mas por puro egoísmo. Após alguns gritos, o cobrador desperta, se recompõe como pode, faz uma cara de desentendido e libera a catraca para Everton. Resumindo: a aparente paz volta a reinar no transporte público.

A missão agora é outra: achar algum cantinho para se apoiar e se manter firme até a parada final e, quem sabe, com sorte, encontrar algum assento livre. Pois vejam só: a missão toda foi cumprida. Sentado ao lado de outro passageiro sonolento, Everton consegue botar os fones no ouvido para tentar relaxar e se distrair um pouco. Entre uma sacolejada e outra, aliás, várias delas, o ônibus chega à porta da repartição. Ele tenta descer do ônibus, mas antes essa fosse uma tarefa fácil, pois foram necessárias várias cotoveladas, empurrões e gemidos sonolentos para que o motorista mantivesse a porta do desembarque aberta; era difícil e demorado se livrar dos passageiros que empanturravam a condução.

Alívio! Essa é uma palavra bem adequada no dia-a-dia de Everton ao desembarcar do ônibus. Mas naquele dia ele não podia se dar ao luxo do alívio. Prontamente se dirigiu à repartição, bateu o cartão ponto e sentiu-se contemplado por não ter que topar com seu coordenador nesse interim. Dirigiu-se à sua mesa sorrateiramente — pois eram exatos 40 minutos de atraso — e ali tomou o último susto do dia. Aquela caixa estranha e sinestésica, que vira anteriormente em seu quarto, agora estava em cima de sua mesa de trabalho, alinhada e estática, bem à sua frente. Fitou-a melhor e percebeu dentro dela um rascunho legível de uma composição musical, que há tempos estivera pensando em solfejar. Lá estava o rascunho, todo completo, cifrado,

com partituras e detalhes que só ele entenderia e poderia, em pouquíssimos minutos, executar e se deliciar. Não pensando duas vezes, sentou-se à mesa e foi metendo a mão na caixa, sem deixar de perceber a mesma mensagem engraçada em seu rótulo:

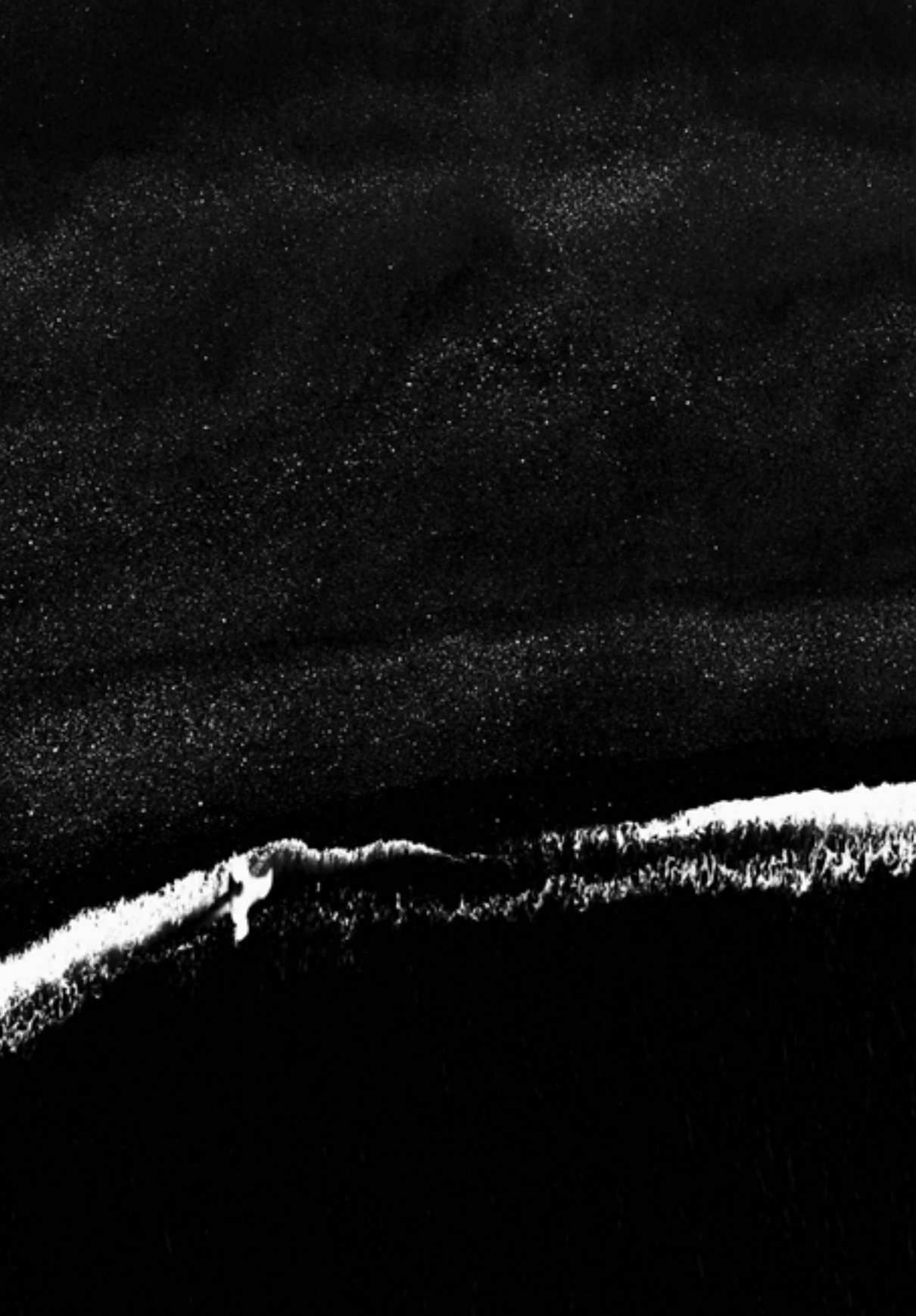
BOM DIA! SORRIA!

Mas pasmem! Infelizmente, dessa vez, Everton não experimentou sinestesia alguma, aliás, não experimentou nada. Pior que isso, a caixa começou a desaparecer tão esquisita e misteriosamente foi sua aparição. E isso se passou rápido o suficiente a ponto de Everton não conseguir salvar nada. Isso mesmo caro leitor, todos os projetos, sonhos e objetivos de vida que Everton tivera até então, foram sumindo e desaparecendo, caindo no esquecimento de uma caixa mágica. Então, quando menos percebeu, no lugar da caixa restaram apenas alguns singelos sulfites A4 com a seguinte sentença em letras garrafais:

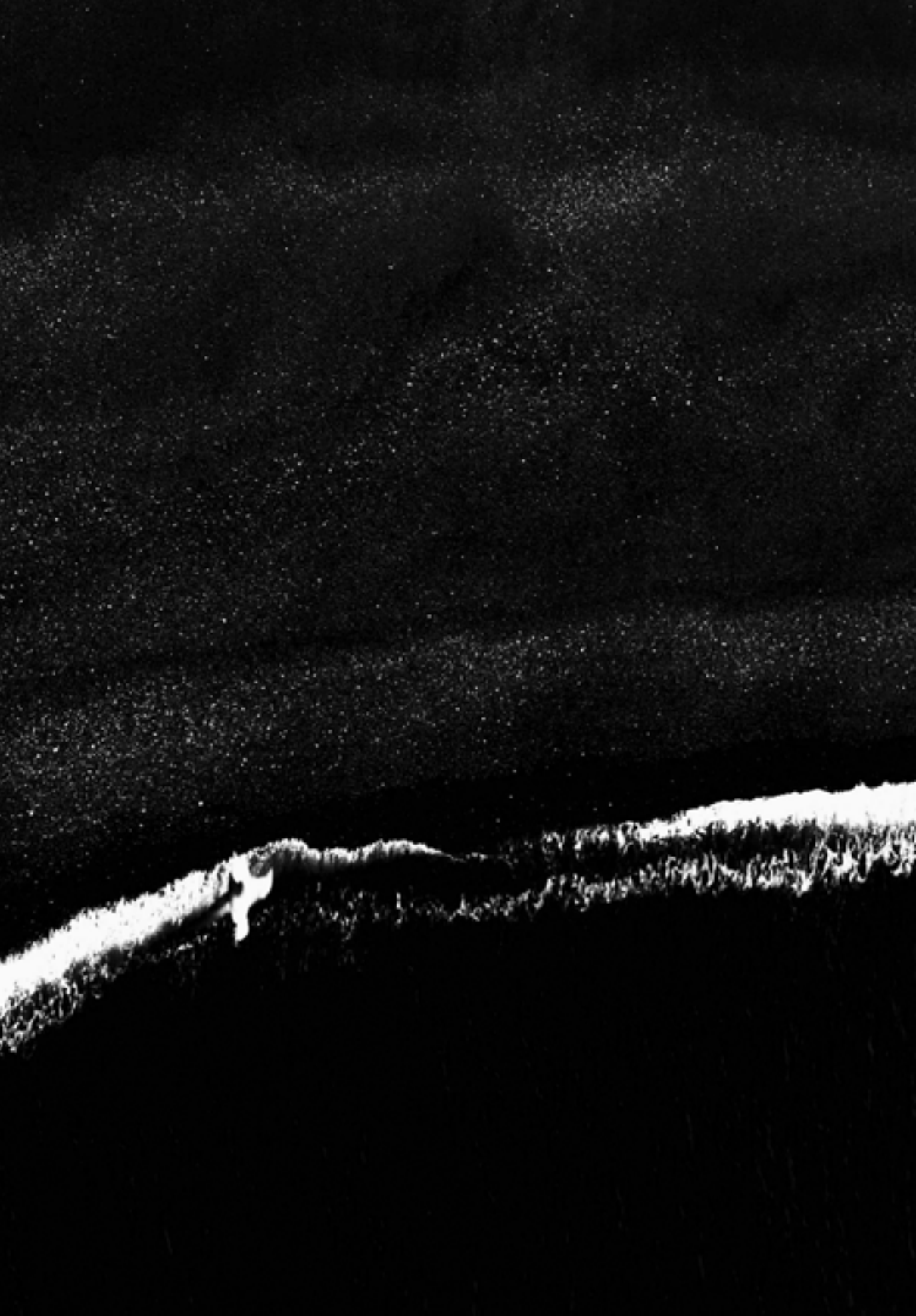
O TRABALHO DIGNIFICA O HOMEM!

Mais uma vez frustrado, Everton ergue a cabeça, se recompõe da perda e avista seu coordenador que vem em sua direção. O desgraçado apontava e cutucava discretamente seu rolex falsificado, esboçando uma nesga cínica no rosto, coisa que alguns chamam de sorriso. Ao chegar diante de Everton, mantendo o maldito sorriso, o saúda:

— Bom dia Everton! Chegou cedo pra amanhã, ein?! A gente precisa ter uma conversinha.



Jhonata Rossi



Antes que você duvide

Antes mesmo que a louça do último café da manhã
seja limpa para o próximo.
Antes da escova e da pasta de dente.
Antes da remela escorrer pelo ralo.
Antes da ida.
Antes da máquina ser iniciada.
Antes do ventilador ser ligado
por fazer muito calor.
Antes de vestir outra blusa
por fazer muito frio.
Antes do almoço morno.
Antes dos cigarros baratos.
Antes da merda e da descarga.
Antes do segundo turno,
Antes da pausa para mijar,
do café que esfriou
e do último cigarro do maço.

Antes da assinatura no cartão amarelo.

Antes da volta.

Antes da única lata de cerveja.

Antes do jornal nacional,

da novela e

do filme repetido.

Antes dos olhos ficarem pesados demais.

Antes mesmo disto!

Eu já sabia que existia algo maravilhoso guardado

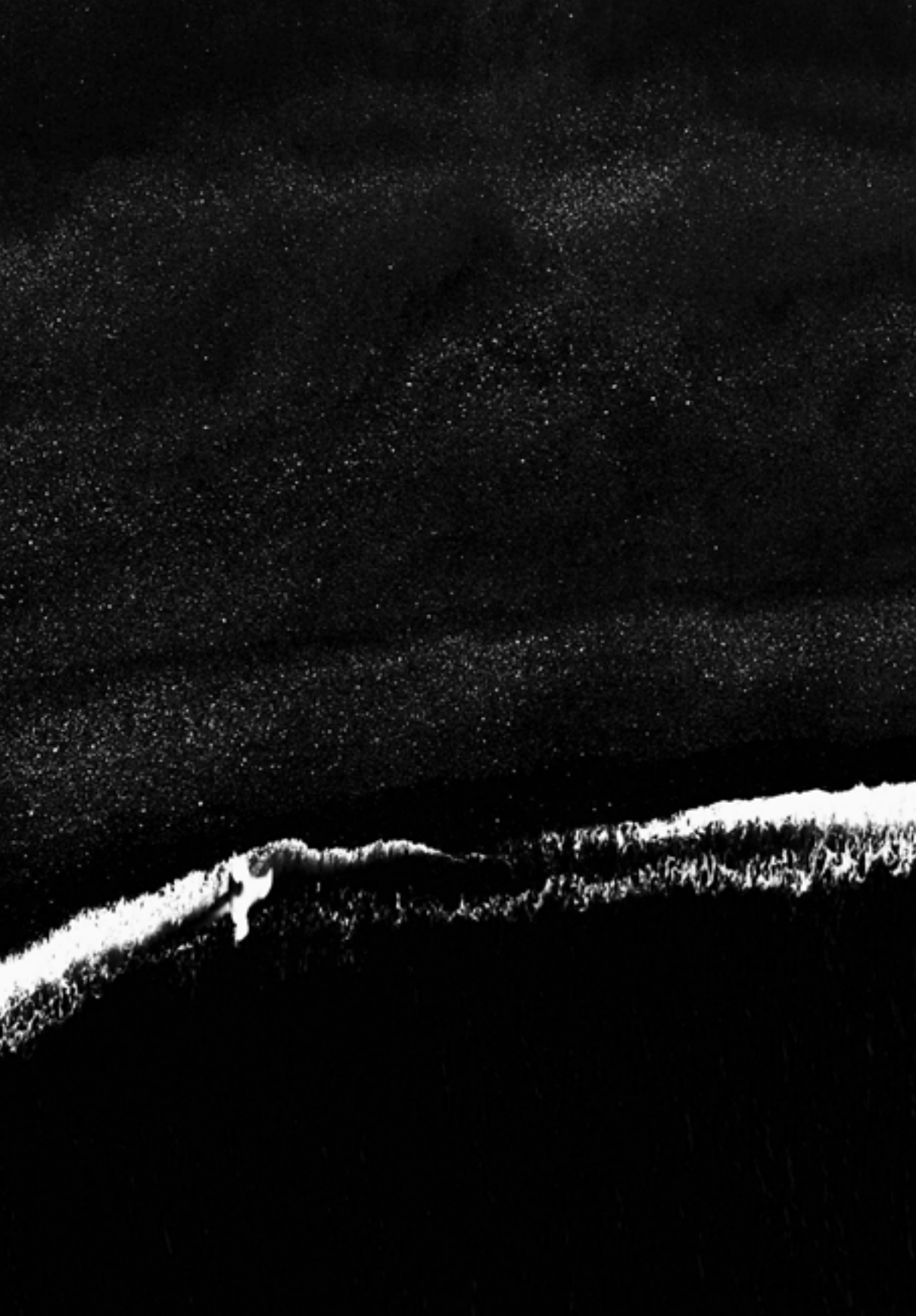
para aqueles que não desistem.

E num dia desses eu vou alcançá-lo,

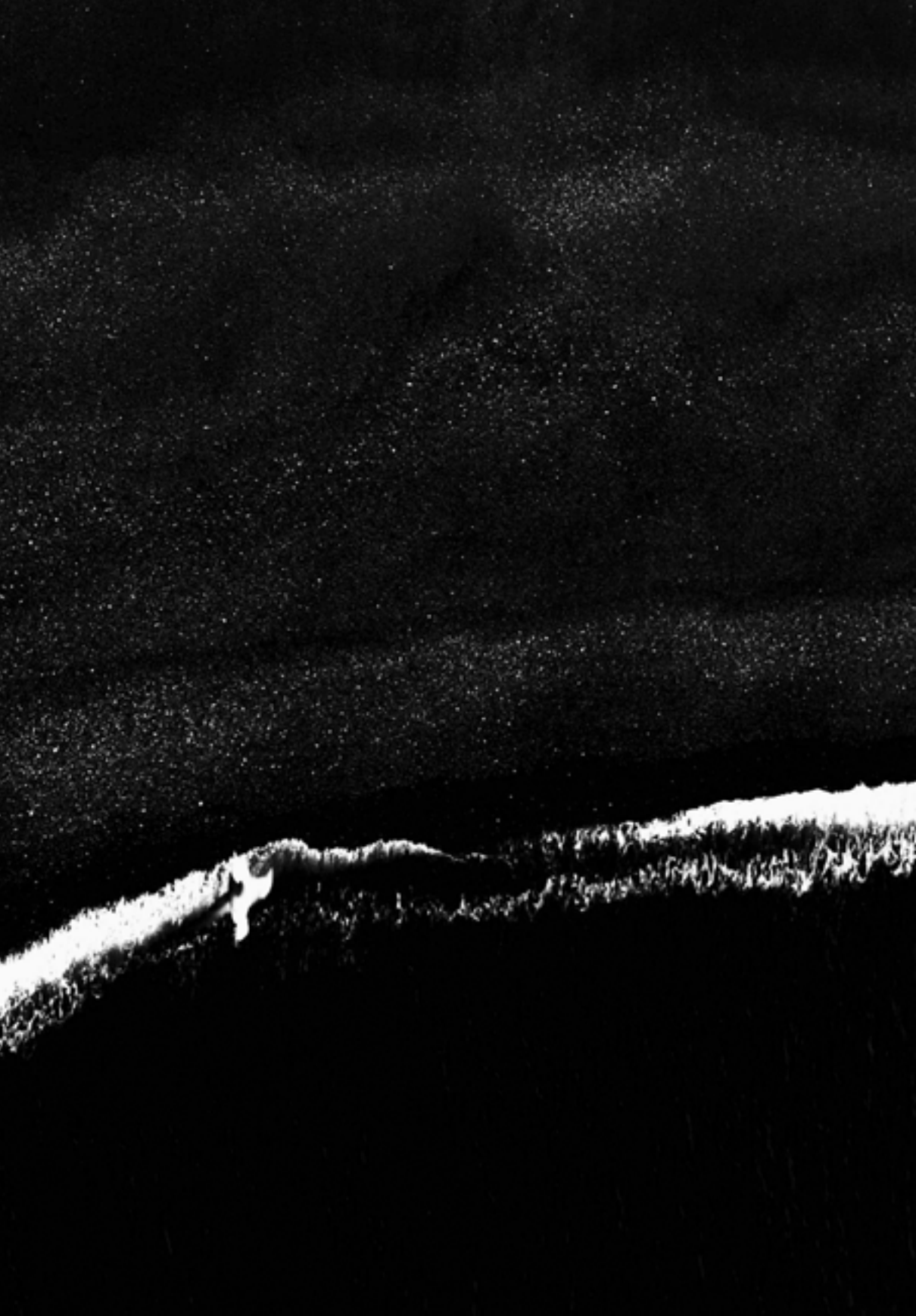
E eu vou ficar tão insuportável com isso,

que você vai duvidar

se não foi apenas por sorte.



Valdir Rodrigues



A voz do eu superior

Pelos olhos vermelhos
Sinto que tem chorado muito,
E pra onde olha
Não encontra solução!

Pelas palavras pesadas
Sinto que tem sofrido muito,
Que o amor não existe mais,
E não merece ser feliz!

Pela respiração,
Sinto... Estar muito cansada
Sem forças pra lutar,
No fundo se acha uma perdedora!

Quero conversar com você...
Dizer;

Os olhos ficaram vermelhos
Por não desistir,
Por ter lutado,
chegou aqui.

Sinto também em suas palavras,
A experiência de se sentir sozinha a deixou Forte,
Também em sua respiração
Sinto uma força,
Mesmo depois de tanto cansaço físico e mental,
Não se entregou!

Fique calma, não se preocupe!
Estou aqui para te escutar!

A vida te preparou para este momento,
Momento de angústia...
Tristeza...
Desilusão...
Decepção...

Você sabia que isso poderia acontecer!
Sempre viajava num piscar de olhos,

Para um mundo sem dor,

Sem tristezas,

Onde tudo é possível.

Tudo era possível por acreditar!

Não consegue mais viajar,

Por perder a fé.

Fique calma, não se preocupe!

Estou aqui para te escutar!

Lembra-se?

Quando prometeu a você mesma

Que iria ser feliz custe o que custar?

Lembra-se como era forte?

Sempre que caía e ralava os joelhos,

Levantava-se rápido como se nada tivesse acontecido?

Lembra-se?

Das brigas na escola?

Das brigas de rua?

Na faculdade quando queria defender suas ideias?

Lembra quando prometeu que nada iria
Desviar-te do seu objeto?

Lembra de quando você realmente era feliz
E não fingia?
Que era melhor ser sincera
Do que fingir ser feliz?

Fique calma, não se preocupe!
Estou aqui para te escutar!

Quando fingimos por muito tempo,
Deixamos de acreditar que é possível ser feliz,
O pensamento invade o ser...

Fique calma, não se preocupe!
Estou aqui para te escutar!

Lembre-se!
De que ainda é a mesma menininha
Que acreditava em príncipes encantados,
Unicórnios e fadas!

Lembre-se que ainda é sonhadora,
Guerreira corajosa,
Chefe de torcidas e rainha do baile!
No seu mundo você era...

Fique calma, não se preocupe!
Estou aqui para te escutar!

Você é a mesma de ontem,
Hoje e será a mesma amanhã,
O que muda,
É a maneira de acreditar
Em quem você é,
Ou em quem pode ser.

Apesar dos olhos vermelhos
E estar sem esperança
Ainda existe o amor!

Apesar das palavras pesadas
Você pode sentir-se leve,
Voe!

Apesar da respiração cansada

Ainda há descanso para sua alma,

Deite-se no meu ombro!

Fique calma, não se preocupe!

Estou aqui para te escutar!

O que vai escolher?

Você tem escolhas!

Vai escolher chorar?

Vai escolher se calar?

Vai escolher não respirar?

Ou escolher ser feliz?

Você é livre!

Você pode ser feliz!

Acredite!

Busque!

Sonhe!

Viva!

Ame!

Se entregue!

Não importa quem vai vencer ou perder!

Não importa!

Tudo pode passar!

Olha! Já passou!

Fique calma, não se preocupe!

Estou aqui para te escutar!

Enxugue as lágrimas,

Solte a voz,

Respire profundamente

Abra os braços

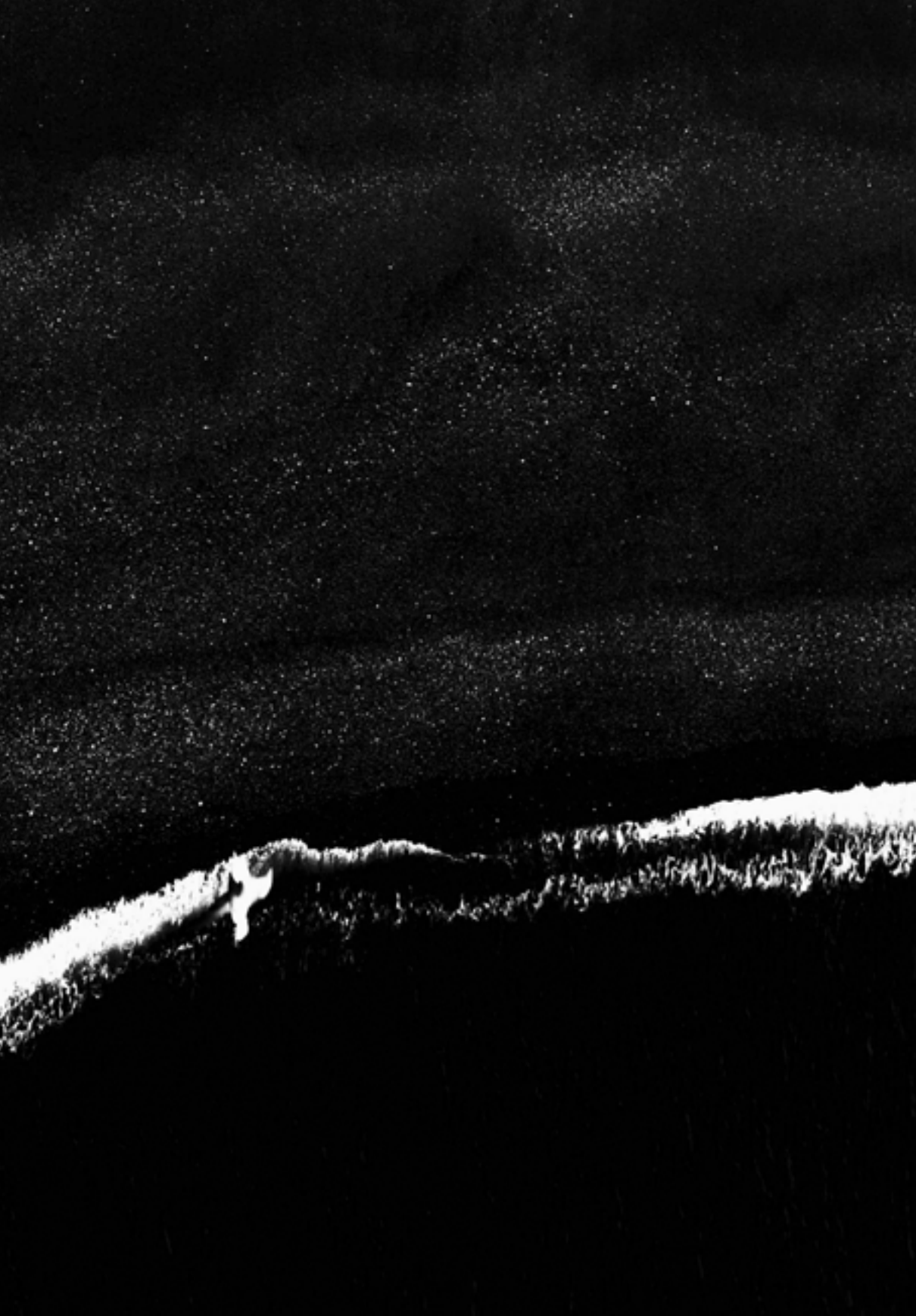
Voe, voe agora, voe...

Você é livre,

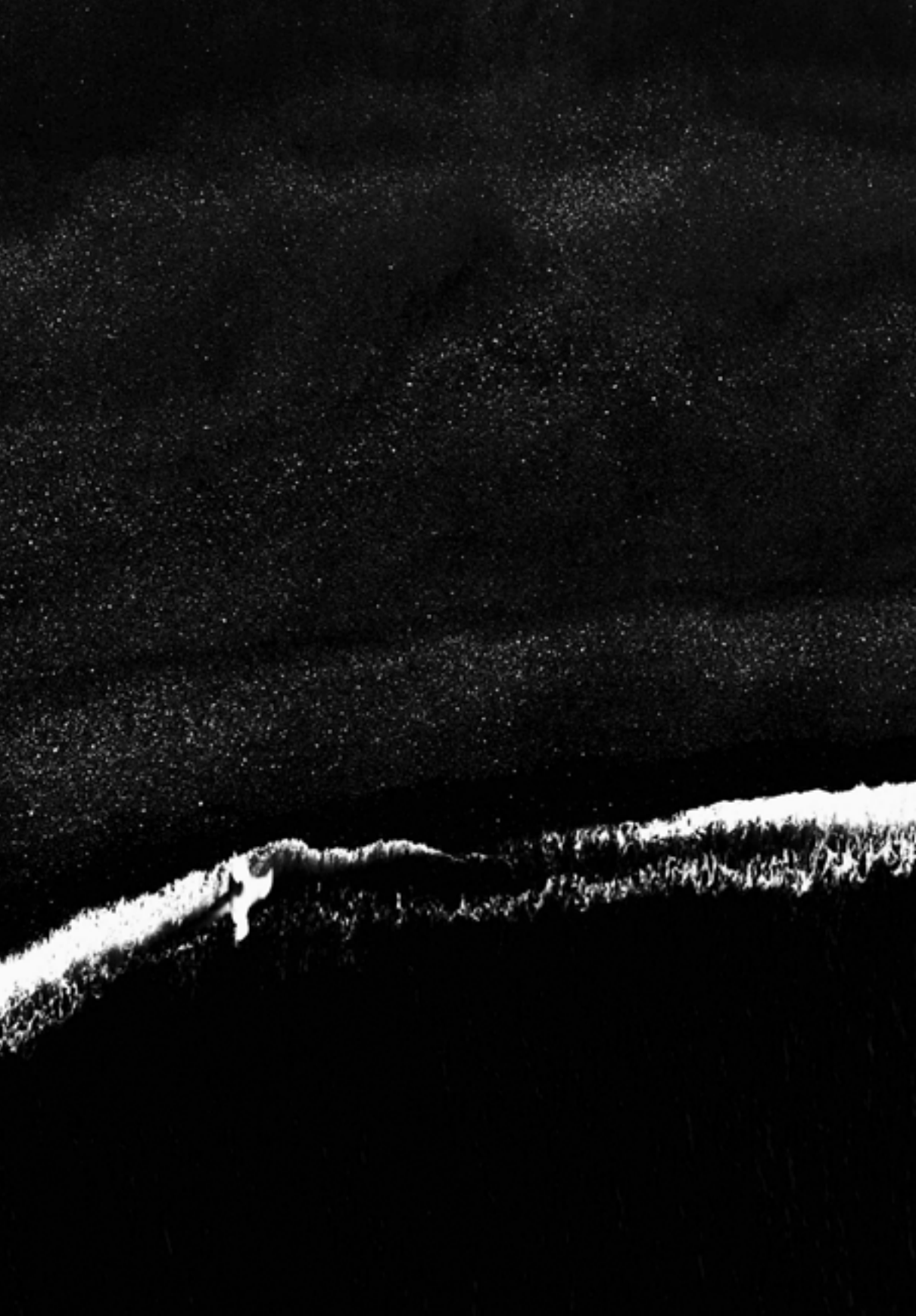
Deixe tudo passar,

A dor maior

É a dor daqueles que não deixam a tristeza partir!



Maria Cristina
Moreno Matias



Posseiro de si

Arrebata seus espólios em vida,

despojos de suas batalhas internas

Terra arrasada de quem elegeu a si mesmo como o inimigo

Arranca seus adornos, são restos de suas ilusórias conquistas

Há um eu seco e vencido

Do plantio de sonhos em campos devastados,

a colheita minguada dos seus amores

Fruto dos grãos mirrados que mãos inábeis plantaram

e murcharam

Dos desejos que queimou, recolhe as cinzas

Rastela, ajunta e apanha a esperança que restou

Ela será o adubo que irá misturar-se com a massa

e os líquidos de seu corpo

Desencava ressentimentos que plantou

e prepare uma trégua

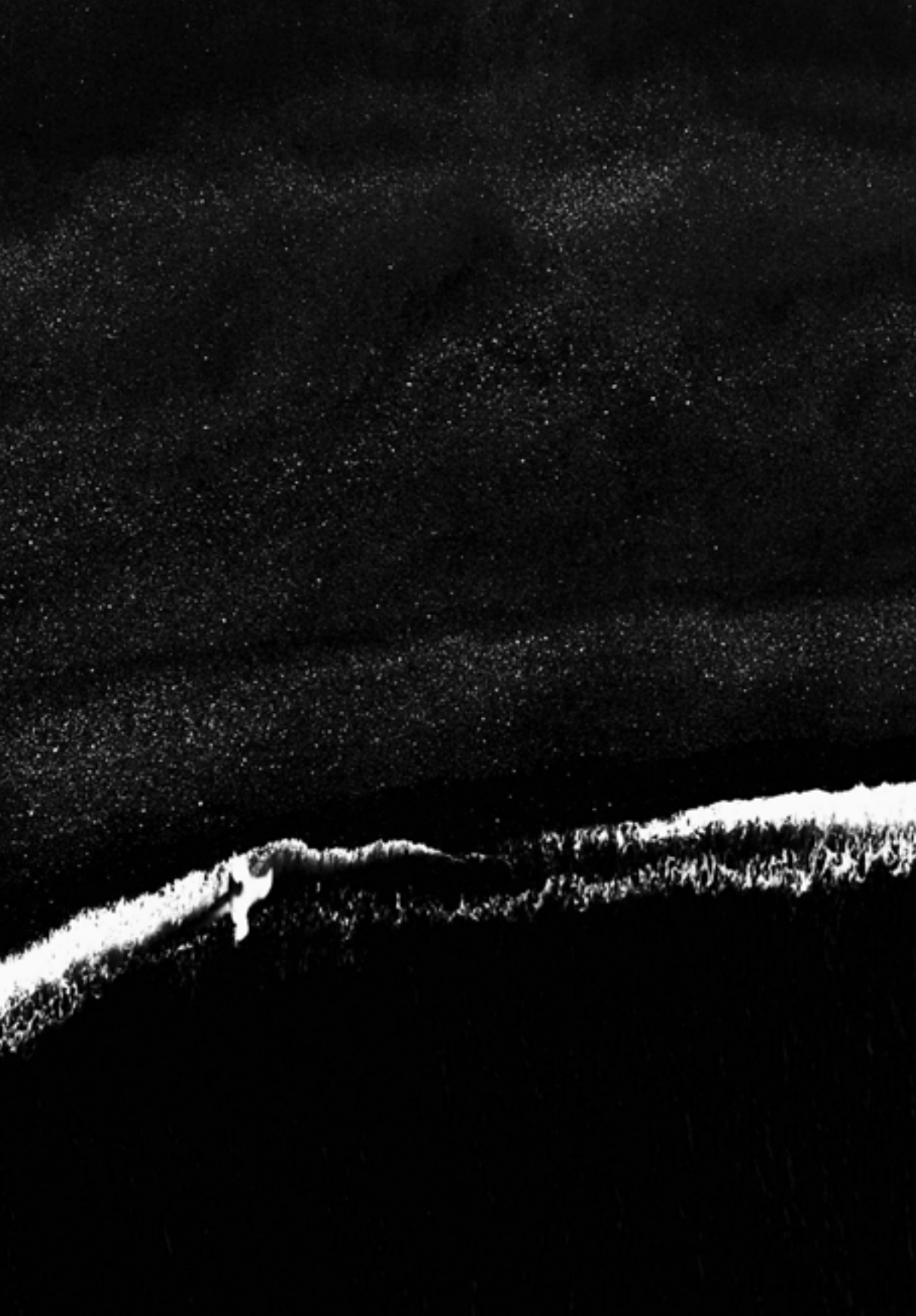
Põe fim às disputas em que se envolveu

Lança à terra a semente de algo que não seja a mesmice

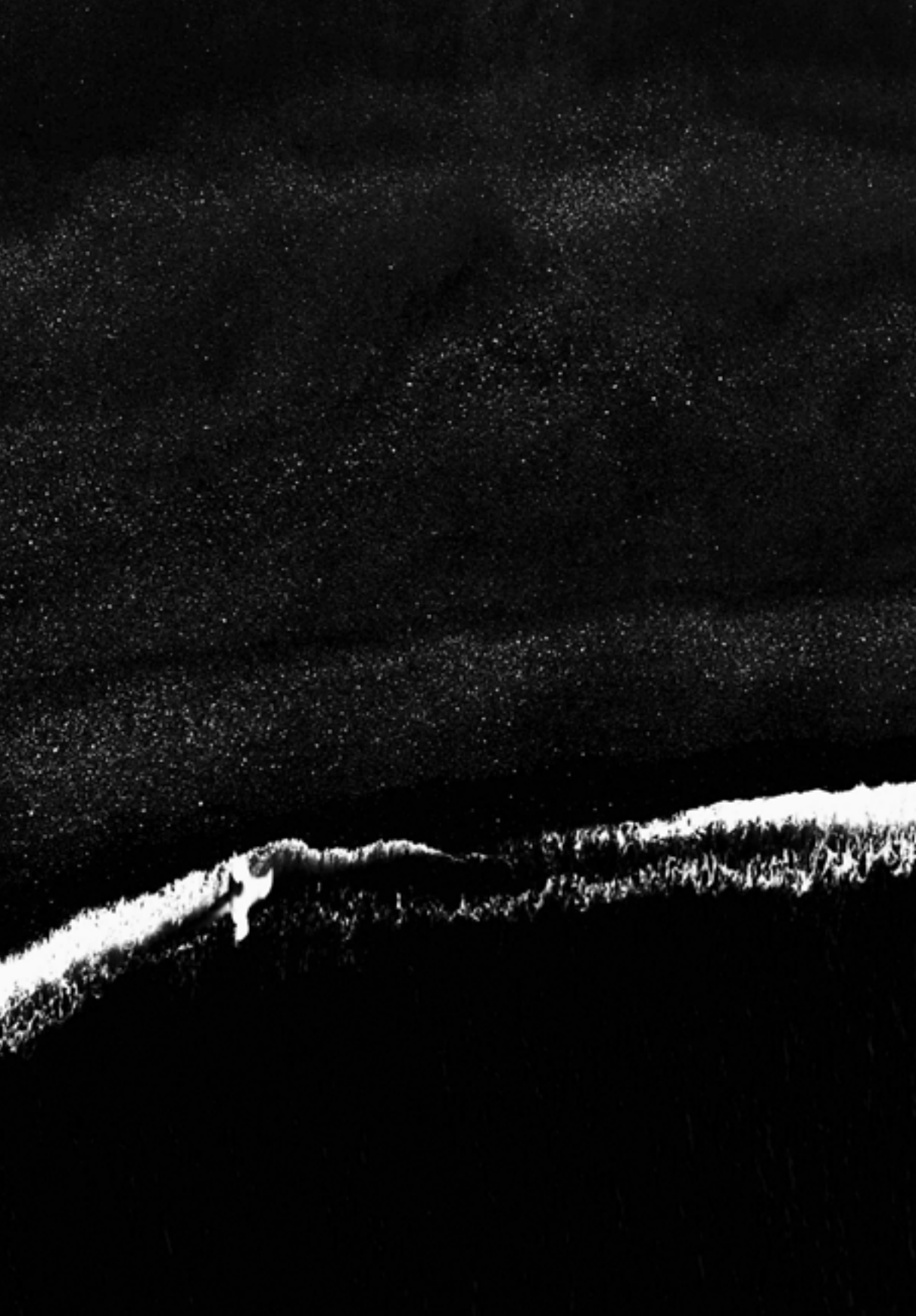
que enterrada, germinada e enraizada,

desabrochará numa miríade de tantos outros modos de ser e de viver

Toma posse de sua lavoura



Akira Demenech



Esterno

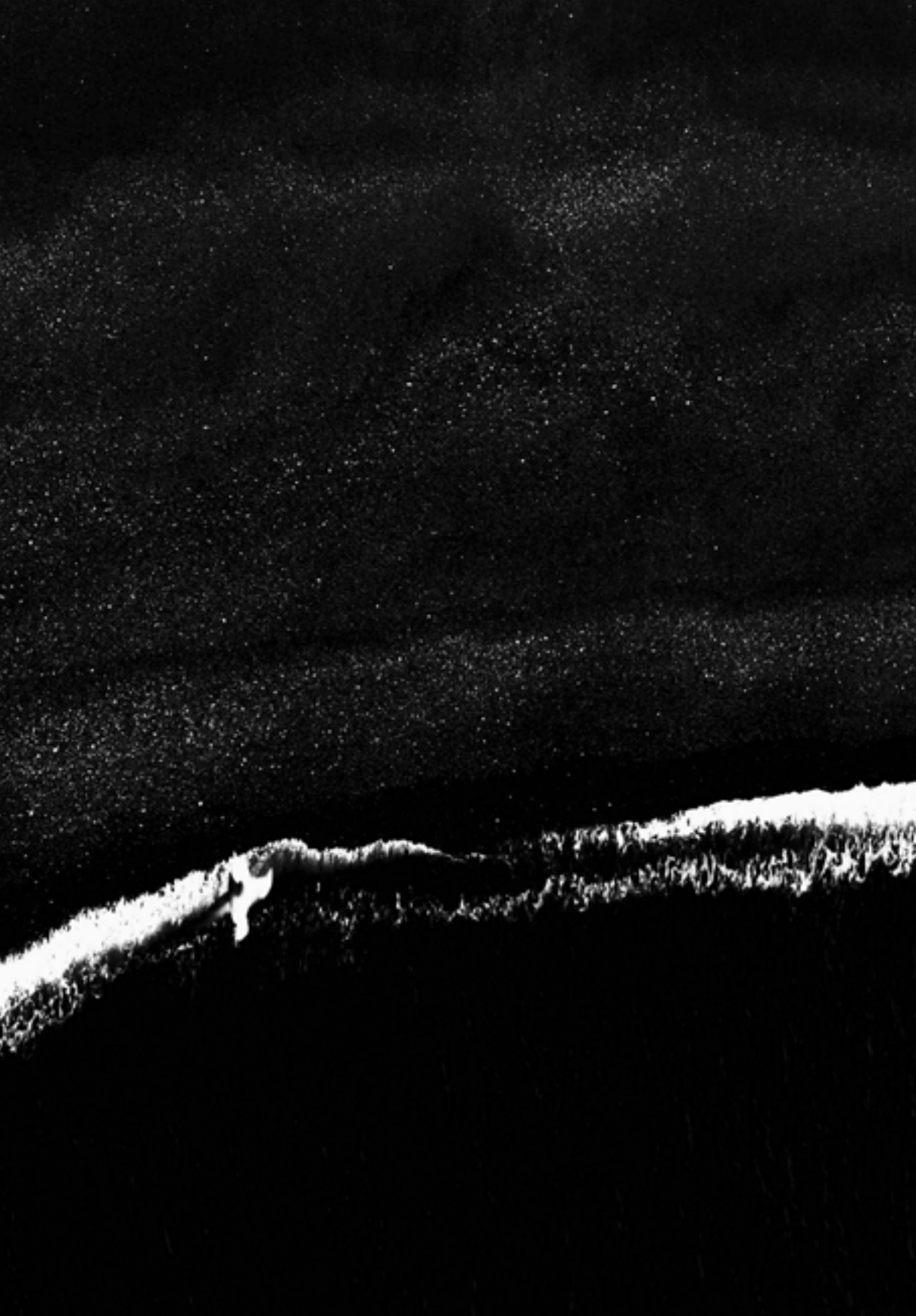
Àquele que ao Tempo cultua,
inconsciente da terra que corre,
desliza sobre o templo que lhe ouve
o ruído dos pés que arranham as nuvens,
as ruínas que o vento inala.

Às ruínas que silenciadas cultuam
aqueles que por sobre os ruídos correm,
aqueles corroídos pelo templo que desliza
inconsciente do seu sopro inerente
daqueles da terra fugidos.

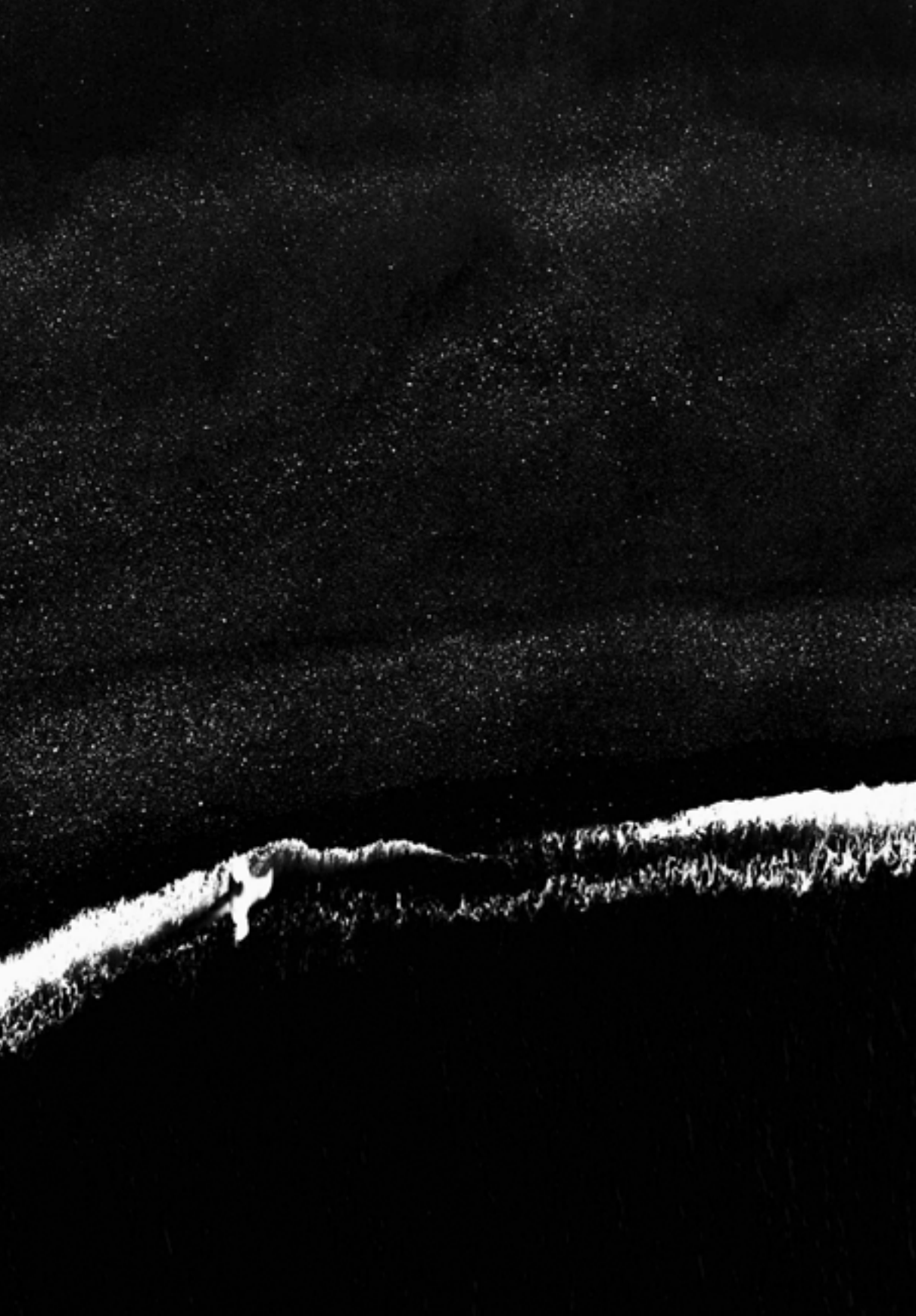
O mundo transita entre o que foi e aquilo que seria
Sumia do que fora escrito, sabia.
O ar paralisado e o tempo a escutar a respiração
de irmãos correndo, correntes roendo,
[o independente vendo o mudo,
o muro entre Passados e Parados

Barrados por si, passadas entre a História e tão pouca Memória,
remotas atmosferas das consciências, olhos percorrem
[o vasto Esquecimento,
recontam as vidas que ali havia
sabiam muitos sob o que se fora.

Fora daquelas mentes solitárias, àquelas sem dores dedicadas,
vive o fluido do funéreo, o líquido da eternidade,
que o Vazio repete, ao Vago concede, ao Louco conhece
quando o mundo solitário pergunta às paisagens
quanto que se expira nas cores escurecidas?



Danilo Brandão



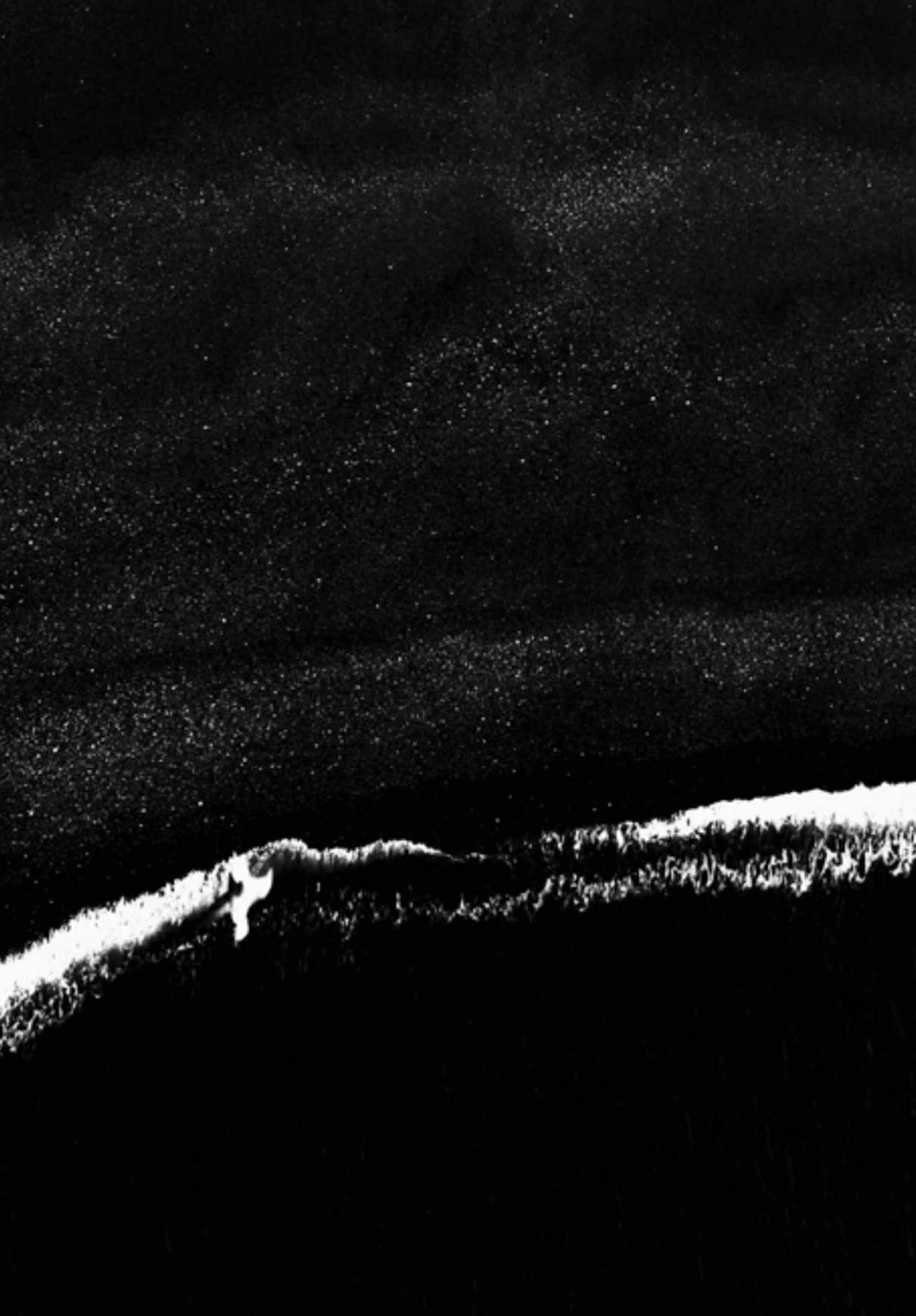
O vazio do não retrato

HÁ, NA VIDA, DUAS CERTEZAS INEVITÁVEIS: o erro e a deformação facial numa fotografia entre amigos. quando lembro de adalberto e da gabi, ambos sentados nos degraus em frente ao portão de casa, tirando fotos, como se a vida valesse a pena, me lembro desta sentença. seus rostos levemente deformados depois da terça-feira de carnaval. era carnaval. e, como aqueles dois amavam o carnaval, meu deus. por motivos diferentes. a gabi puxava o beto, que me puxava. é meio esquisito, o carnaval. pra mim, as fantasias e os vultos confundem as sensações. a gabi só queria beber. era legal vê-la assim. esquecendo da mãe, do ex-namorado, da incerteza do futuro, das viagens que não estava fazendo. era bom. seu cabelo cor de mel balançava conforme o movimento do seu corpo. os dois para a esquerda. os dois para a direita. seu busto era o contrário. enfiado num maiô rosa choque cheio de brilho com um decote tão profundo que chegava a evidenciar o resto da sua sanidade, mexia-se sem pretensão. descontroladamente. seu movimento era hipnotizador. parecia desprovida de membros inferiores. deslizava pelas dobras da cidade. a gabi tinha esse poder. ela atraia. trazia todos para perto e era uma espécie de guia. parecia querer atenção, mas era só seu jeito. não sabia fazer diferente. nunca soube. é claro que eles se amontoavam ao seu redor. era carnaval. é carnaval. nessa época, beto ainda era seu namorado. era difícil definir assim, de maneira direta, a relação deles como feliz ou triste. era

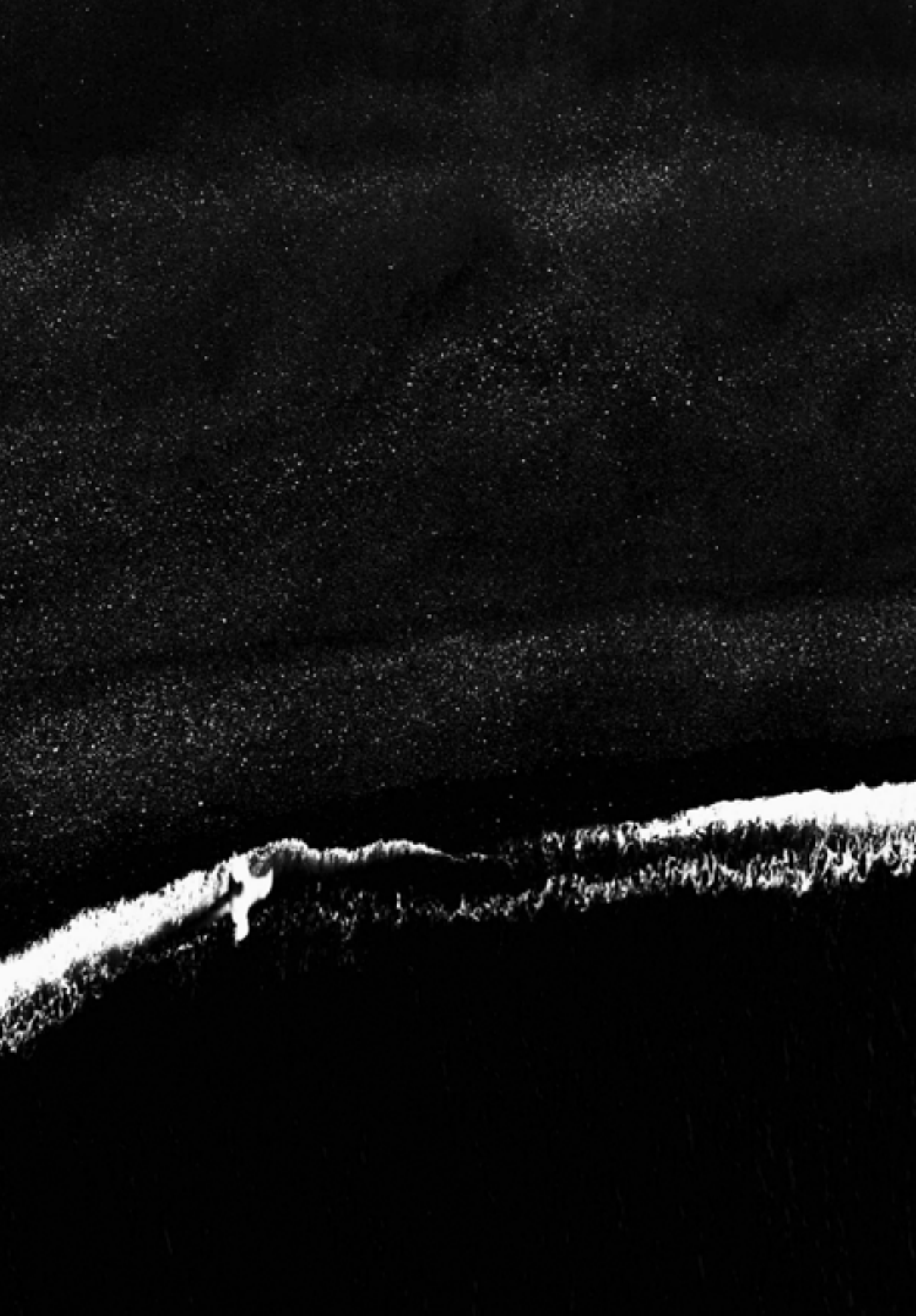
uma relação. trazia, portanto, o peso que as relações sempre trazem. mas, beto, sim, esse era triste. e isso era muito simples de definir. conheci ele no colégio. logo de cara, senti que aquele era um menino triste. carregava consigo um sentimento intrínseco de escuridão no olhar. era bonito. para os outros, como ele sempre completava essa minha afirmação. para ele, era um inferno. um inferno no qual ele não conseguia descobrir a saída. e a desgraça é que ele procurava e procurava. nunca parava. ia sempre rastejando pelas paredes que ardiam em chamas em sua busca incessante por uma brecha. sua pele ia queimando aos poucos, como quando a gente coloca a mão na chama de um fósforo e deixa por lá. estava descamando, o coitado. um ar. um alívio. era tudo o que procurava. era em vão. ele estava sempre buscando a sua salvação para sair do inferno. e o erro foi esse. a gabi apareceu quando tinha 18. aos 19, por uma espécie de milagre, eles se juntaram de vez. e ele fez dela a sua salvação. fez dela a sua brecha para o inferno. seu respiro. o erro. é um erro pensar que alguém pode ser sua saída. não pode, não pode, eu dizia pra ele, que deitava no meu colo e chorava porque ela havia saído mais uma vez sem avisar. é um menino carente. tem a ver com os filmes, com o modo que os homens idealizam as mulheres para serem a luz de suas vidas. aprendem isso desde os primeiros passos. contavam com elas para chegar aonde a terapia não conseguira. ou para trabalhar as questões que afetaram as sua infância. problemas com a mãe. pai controlador. irmã mais desenvolta. avô abusivo. são os filmes. o beto era cheio de filmes na cabeça. era cheio também de questões. mas a gabi não se importava. e é difícil pensar em como pareceu uma boa ideia para ela se envolver com alguém como o beto. o menino que não falava. o menino que não tinha expressão. o menino com o andar desconfiado. a gabi não estava nem aí. e era carnaval. a data preferida deles. e enquanto ela ia na frente, com seu sorriso meio torto,

meio branco, a gente ia atrás. olhávamos um para o outro. querendo dizer, não dizendo. era lindo, de fato. o beto era lindo. e, sempre, como que para pedir ajuda, num determinado momento, ele passava a mão por volta do meu ombro e acariciava de forma lenta a lateral do meu braço e sincronizava os seus passos aos meus. era lindo. a gente olhava os bêbados. a gente olhava os movimentos. a gente se olhava. a gente olhava para o chão. de vez em quando, a gabi olhava pra gente com um olhar cínico. dava um riso. sabendo de tudo. mas, logo voltava sua concentração para as pessoas, estava sempre aflita. em busca de pessoas. em busca do novo. como se a vida não se aquitasse jamais. como se o sossego fosse utópico. talvez, para sua alma de 19, era mesmo. a gente olhava. ouvia a música, sentia o balanço do seu corpo. conforme a tarde avançava, mais pessoas se juntavam ao nosso grupo. vinha eles da faculdades, eles da família, eles do grupo de teatro. todos amigos da gabi. quanto mais pessoas se juntavam ao nosso carnaval, mais retraídos ficávamos. é engraçado, ela dizia. engraçado como vocês dois são mais velhos que eu. as pessoas sempre acham o contrário. e depois olhava pro teto, simulando surpresa, como se essa fosse uma afirmação que ela pescou na hora. como se a fala não tivesse sido ensaiada. não há maneira de prender alguém, e o beto sabia disso. ela o deixaria em breve. com toda a sua presença, com toda a sua calma, com toda a sua euforia, ela o deixaria em breve. logo na próxima dobra. e tinha que ser assim. enquanto ele fosse um menino que continuava a idealizar as mulheres para se encaixar às suas necessidades, seria assim. todos sabíamos disso. ela sumiu da nossa vista, dobrou a esquina e, até o fim do carnaval, nunca mais voltou. ficamos eu e ele. sozinhos.

— o amor é como aquela piada do galinheiro. trata-se do pior negócio do mundo. nunca sabemos se, na notícia do dia, o ovo faz mal ou bem para saúde da gente.



Luis Henrique
Mioto



Capítulo 3, versículo 6 e ½ ou O que Eva disse ao Adão que o convenceu a também comer o fruto?

Colheu o fruto, comeu e deu também ao marido, que estava junto, e ele hesitou e perguntou à mulher: "Que sentes?". E esta não respondeu, ficando com os olhos muito abertos e inflamados. O homem notou então que a mulher protegia o fruto mordido apertando-o no ventre e voltou a perguntar: "Que sentes, mulher?". E esta novamente não lhe respondeu, fechou os olhos soltando um gemido de inteiro conforto.

E só então a mulher voltou à palavra e disse assim ao homem: "Desculpe-me, mas é que acaba de descer-me neste instante uma água deliciosa de uma forma que nunca havia sentido". E o homem perguntou à mulher, pois não havia compreendido aquelas palavras: "Foi o gosto do fruto que te causou tal conforto?". A mulher ao ouvir tal pergunta olhou o homem pelo canto dos olhos e sentiu impaciência e disse-lhe então: "Sim. Aconteceu depois de ter mordido o fruto, este conforto que falei a ti porém teve início com uma brisa que passou por minhas pernas. Mas agora me sinto inquieta e sem entender por quê".

Quando a mulher acabou de falar, entregou o fruto ao homem e passou a observar algumas folhas que haviam crescido no jardim. A fim de satisfazer-se, colheu uma folha e enrolou-a como um pergaminho e, após preparar o fogo, sentou-se em um dos troncos da árvore que havia colhido o fruto para tragar a fumaça daquela erva do campo. E novamente sentiu conforto.

O homem, não conhecendo o que a mulher sentia, perguntou: "Acha que seria bom se também comesse o fruto?". A mulher sentiu repulsa pela indecisão do homem e então disse: "Até agora nunca havia notado como tuas palavras soam como se esperasses uma ordenação para fazeres algo. Cala-te, pois tua voz me faz recordar de como fiquei tanto tempo sem observar. Somente agora sinto a dor do desconforto e o alívio ao satisfazê-la, somente agora sinto o corpo tremer quando o vento passa por mim, mas só assim descobri o que agora chamo de frio. Repare como a árvore da vida se parece com a árvore de dois galhos do bem e do mal, é porque, na verdade, as duas fazem parte da mesma espécie, as duas são árvores da vida. É isto que aquele astuto animal queria ensinar-nos: o bem e o mal são somente duas nuvens. Conhecer a dor, o frio, a fome não é conhecer o mal, conhecer o conforto, a saciedade não é conhecer o bem. Conhecê-los é tornar-se vivo. Esse fruto que seguras é o sopro do sentir-se vivo".

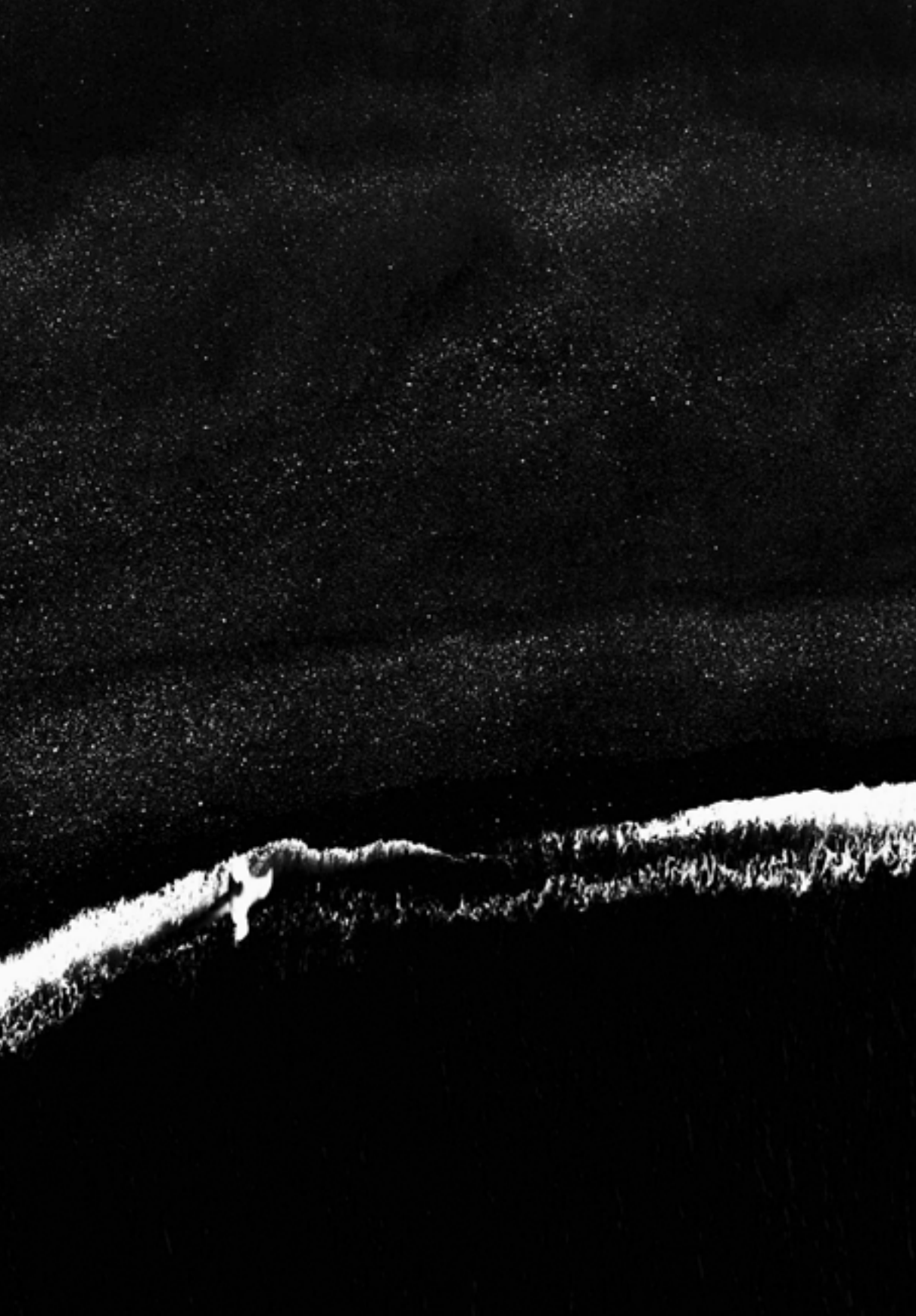
O homem notou que era tentador comer do fruto, porém, não havia entendido o que a mulher dizia e perguntou: "Achas que devo comê-lo?", E a mulher disse: "Escute o que teu corpo voz diz, pois nele habita o mundo e sua vontade".

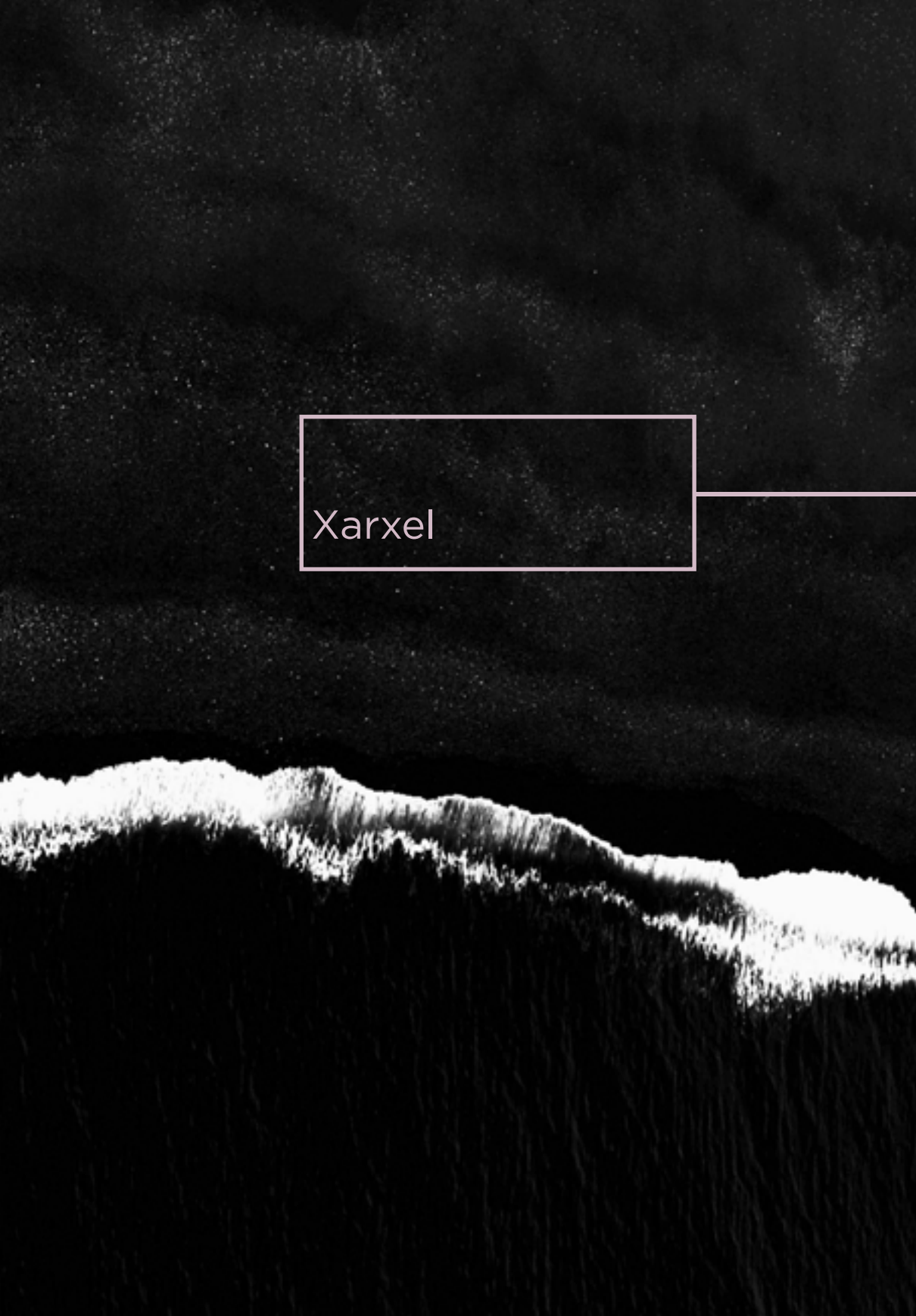
E vendo que o homem ainda permanecia sem agir, perguntou-lhe: "O que te aflige?". Disse-lhe o homem: "Não sei, pois Deus disse 'no dia em que comeres da árvore proibida, serás condenado

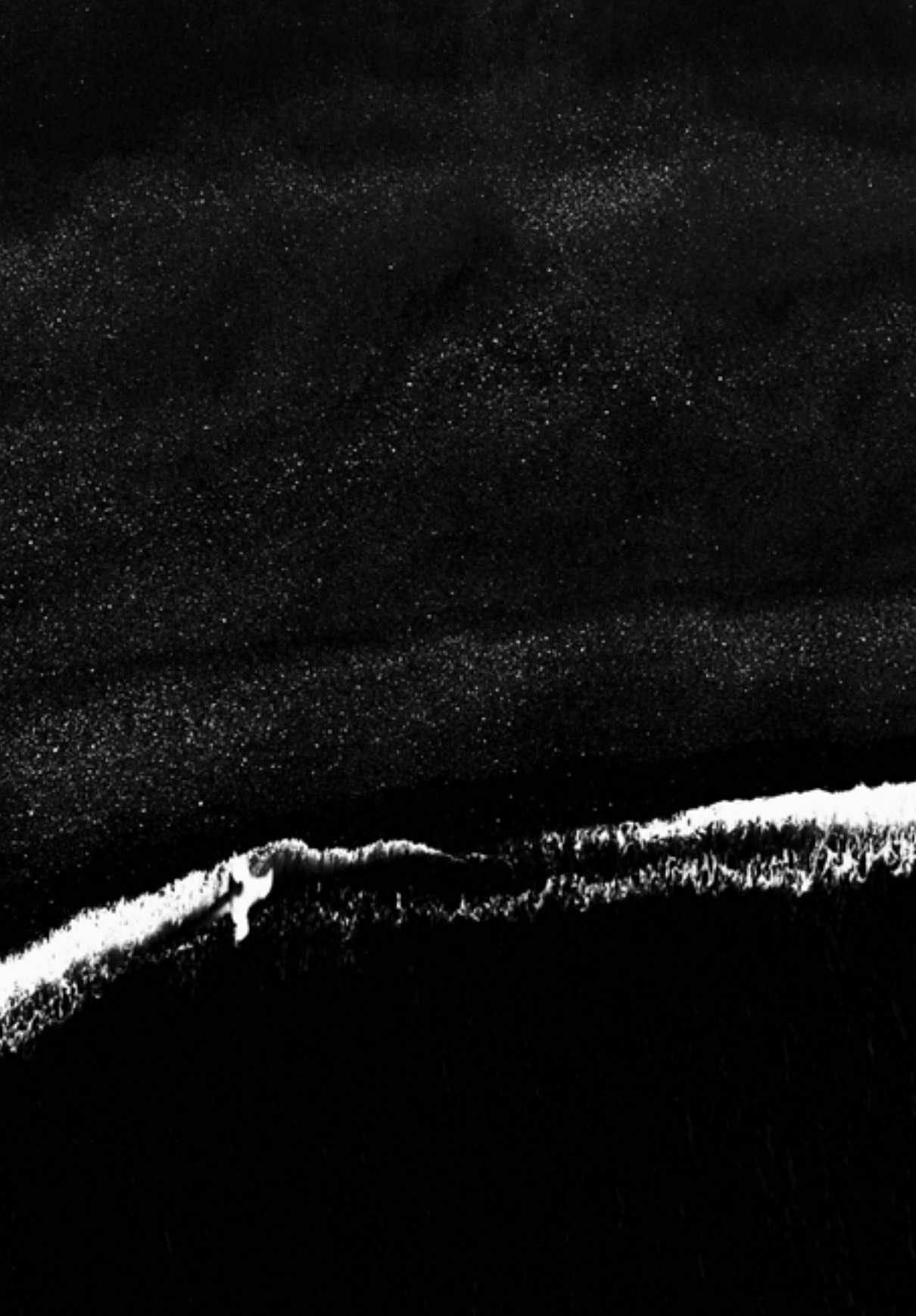
a morrer"". E a mulher riu dos olhos fechados de teu marido e lhe apontou um pequeno réptil que caçava um inseto e disse: "Apesar da morte, continuarás vivo, porque segues alimentando a vida". O homem então compreendeu e mordeu o fruto.

Depois de um tempo, vendo a mulher que o homem conservava a face angustiada, colheu um ramo de um arbusto e aproximou das narinas do homem. Este respirou profundamente e disse em voz leve: "Senhor, este cheiro é ruim". A mulher riu novamente e disse-lhe: "Achas?". E o homem respondeu: "Sim". A mulher então se aproximou do homem e disse: "Pois, eu não". Depois, os dois se olharam e riram juntos.

Tendo passado longo tempo sentados em um morro ouvindo os sons que vinham de lugares que o homem e a mulher não conseguiam ver de onde estavam, o homem sugeriu à mulher que ambos caminhassem para fora do jardim, a fim de conhecer mais. E a mulher respondeu: "O Senhor não permitirá que saiamos do jardim tendo-nos criado para que aqui fiquemos". E a serpente estando próxima daquele lugar, se aproximou e disse: "Façais então de vossas fugas uma expulsão". E assim concordaram ambos e teceram com folhas de figueira tangas para si.




Xarxel



Sangue mole, pedra dura

Quando você sofre um corte, quando algo abre a tão delicada e fina camada entre o mundo e seu interior, quem sai dali inocentemente é o sangue. Ele não sabe o que está acontecendo, ele só segue o seu caminho, simplesmente não tem culpa. Não tem o medo que paralisa, tem a ingenuidade que cega. Eu sou tipo o sangue.

Todo mundo conhecia o Pedro, ele era super esquentado. A gente costumava falar que era só o jeitão dele, explosivo. Até apelidamos ele de Pedrão Bomba. Sabe como é, pavio curto. Ele tinha uma grande presença no nosso grupo de amigos. Sempre determinava o que a gente ia fazer. Se o Pedrão falasse churrasco, era churrasco; se dissesse baile, lá estávamos nós, ficando loucos de Corote. Só não podia dar muito pro Pedrão Bomba beber também não, se não ele soltava a fera dentro dele, batia em qualquer um. Estava sempre dizendo o quanto a gente era sortudo que ele não sentava a mão na gente, já que a gente era tudo bunda mole. Ele dizia que a gente tinha conceito com ele. Falando assim, nem parece que é bom estar com o Pedrão. Por que é bom estar com o ele? Bom, ele tinha bastante dinheiro, costumava pagar umas coisas boas pra gente. Também, não interessa qual a encrenca que você tivesse metido, o Pedrão estava lá pra ajudar. Eu mesmo já tive um perrengue que ele ajudou.

É a história mais antiga de todas. O sangue flui pra onde ele é encaminhado. Não importa o seu desespero para tentar colocá-lo de

volta no corpo, a inocência do sangue não o deixa ver a gravidade da situação. Eu vi isso em um filme, no cinema, e hoje eu entendo como faz sentido. Tinha uns neandertais que, por instinto mesmo, armavam caçadas. Eles pegavam uns galhos enormes, e amarravam umas lascas de pedras pontudas pra fazer uma lança. É por isso que essa época chama pedra lascada. Daí eles saíam com essas armas pra procurar outra tribo que tivesse do que comer e começavam uma guerra. Um neandertal armado acertou a lança bem nas costas do pai da outra família. Ele caiu de barriga pra baixo. O sangue saiu dele, mas quem está matando ele é a pedra. Não fosse ela o sangue não sairia. A pedra mata, não o sangue.

Nessa vez eu estava com um problema bem grande. Eu tinha comprado maconha de uns traficantes novos aí e fiquei devendo uma parte. Duzentos reais, pra ser específico. Não é tanto dinheiro assim, se você for parar pra pensar, mas como eles eram novos, não queriam demonstrar nenhuma fraqueza. O ruim deu quando os caras falaram pra eu ir conversar com eles ou eles iam me passar, e eu estava meio sem grana. Enquanto eu fui contando isso pro Pedrão eu conseguia ver um sorriso abrindo, sorriso assustador. Eu pensei que ia ser uma boa ideia levar ele comigo pra conversar, ele era o cara mais intimidador que eu conhecia. Tinha a cabeça raspada e era troncudo. Falou pra mim que íamos juntos resolver certinho essa história.

Pedra e sangue. Na vida, você é um dos dois. Eu já disse que sou sangue. O filme continuou e mostrou o neandertal semi-morto no chão com uma lança atravessada nas costas. Uma lança não, uma pedra. Uma poça de sangue começava a formar em volta dele e ele se debatia. Ele não parecia conseguir aguentar ver o sangue indo embora, junto com sua vida. Parecia que isso doía mais do que a pedra que prendia ele na terra. Eu senti dó quando vi. Não do neandertal,

mas sim do sangue. O neandertal parecia acusar o sangue com o olhar, falando "Maldito sangue, eu que sempre mantive você aqui dentro, na primeira oportunidade, me trai?". Mal sabia ele...

Conversamos sim. Por muito pouco tempo, na real. Eram só dois caras, nós que fomos na casa deles. Falamos, ou melhor, o Pedrão falou por cinco minutos só. Depois disso um deles levantou a voz, e sendo o Pedro estourado do jeito que é, eu tinha certeza que ele ia fazer alguma coisa. Fez mesmo, levantou a voz mais alto e foi pra cima do cara. Que tipo de traficante anda por aí só com faca? Foi fácil, O Pedrão Bomba conseguiu desarmar um, mal se machucou. Passou um braço por trás do desarmado e o estocou cinco vezes na barriga com a faca. Eu, claro, não fiz nada; não podia fazer nada. Só olhei enquanto o Pedro avançou pra cima do outro e o derrubou. E enquanto ele estava em cima do segundo, ele largou a faca pra poder usar o punho. Nesse momento eu vi de novo, aquele mesmo sorriso que ele tinha quando eu contava pra ele desse perrengue. Um soco particularmente forte no nariz espirrou sangue naquele rosto maquiavélico. Depois que ele apagou Pedrão levantou e me olhou, ainda sorrindo. Falou pra mim que aquilo ali era amizade de verdade, que o que ele tinha feito por mim, ninguém mais faria. Ele estava prestes a continuar o monólogo por um bom tempo mais, mas uma voz o interrompeu. Uma voz feminina que anunciava sua chegada, e que parou subitamente quando viu a gente.

Com esforço, o neandertal conseguiu tocar o cabo que prendia ele no chão. Desceu a mão até a pedra e ali ele percebeu. Ele entendeu que eu não tenho culpa, entendeu que quem fazia ele morrer era a pedra, não o sangue. Ficou imensamente furioso, e com essa energia renovada fez força pra tirar a lança das suas costas. Sentia muita dor, uma porque a pedra fazia o caminho inverso dentro de

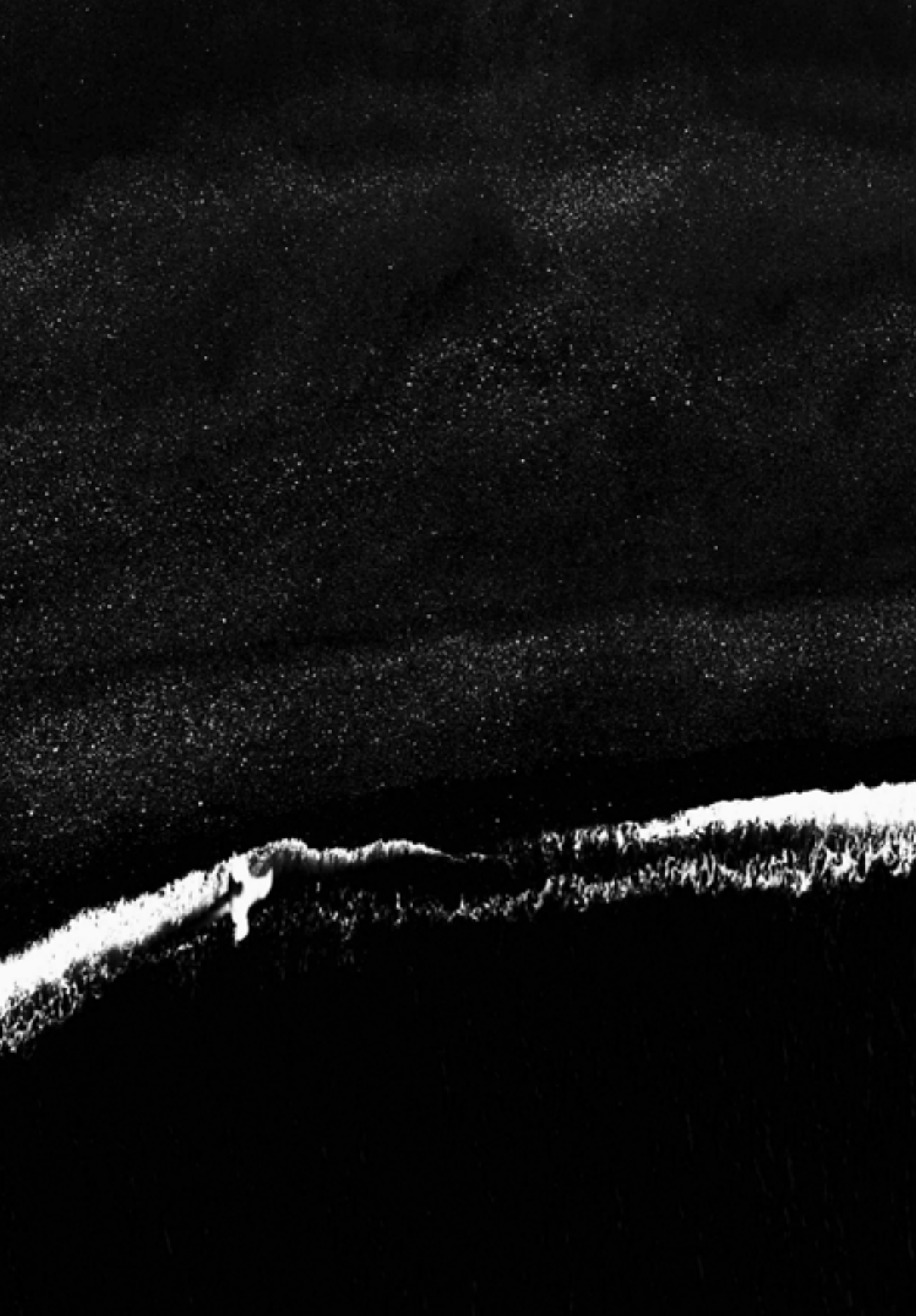
seu corpo, e outra porque fazer isso forçava o peito dele. Foi fazendo bem lentamente, foi agonizante de ver. Dor, muita dor. Muito sangue também. Quando finalmente deu o tranco final pra tirar toda a parte pontuda da lança, seu corpo todo pulsou. Tentou se levantar, mas não conseguiu. Olhou pra pedra com sangue nos olhos, tremia de raiva. Ele, então, deu um urro bem alto, que expressava tudo que ele sentia. Urrou pela dor, pela raiva, pela impotência, pela pedra. Só não pelo sangue, afinal, ele sabia agora que o sangue não tinha culpa. Que o sangue, igual eu, não faz nada de mal. Que eu sou inocente.

A moça que a gente tinha visto era a esposa de um dos traficantes. Pedrão cresceu os olhos nela. Uma negra linda, cabelo cacheado, com um coxão. Eles começaram a namorar, como era de acontecer. Pedrão tem um charme diferente com as mulheres, geralmente não tem muita dificuldade em conseguir que alguém fique com ele. Mas essa mulher era brava. Ela gritava e brigava direto com o Pedro. Até parecia que não gostava muito dele. Acontece que o Pedrão não deixava barato não. Ele dizia que não tinha dó de tratar mulher do mesmo jeito que homem, se ela merecesse. Daí ela sempre aparecia vestida de blusa e calça, nunca dava muita risada... Maior parte dos rolês ela nem aparecia, na verdade. Pedro falava que ela estava de castigo por ter falado alto com ela. Eu até que ficava aliviado, ela sempre me olhava muito estranho. Com alguma espécie de raiva reprimida, como me culpando. Mas eu nunca fiz nada contra ela. Por causa desse tratamento que Pedrão Bomba tinha com sua namorada, muita gente que costumava andar com a gente foi se afastando. Diziam que o que ele estava fazendo não era legal, que ele estava indo longe demais. A verdade é que tinham medo. Eu nunca parei de falar com ele; também como poderia, depois do que ele fez pra mim? Depois de uns meses eu fui o único a manter contato. Já que não fazia mais sentido sair pra clubes e churrasco por sermos

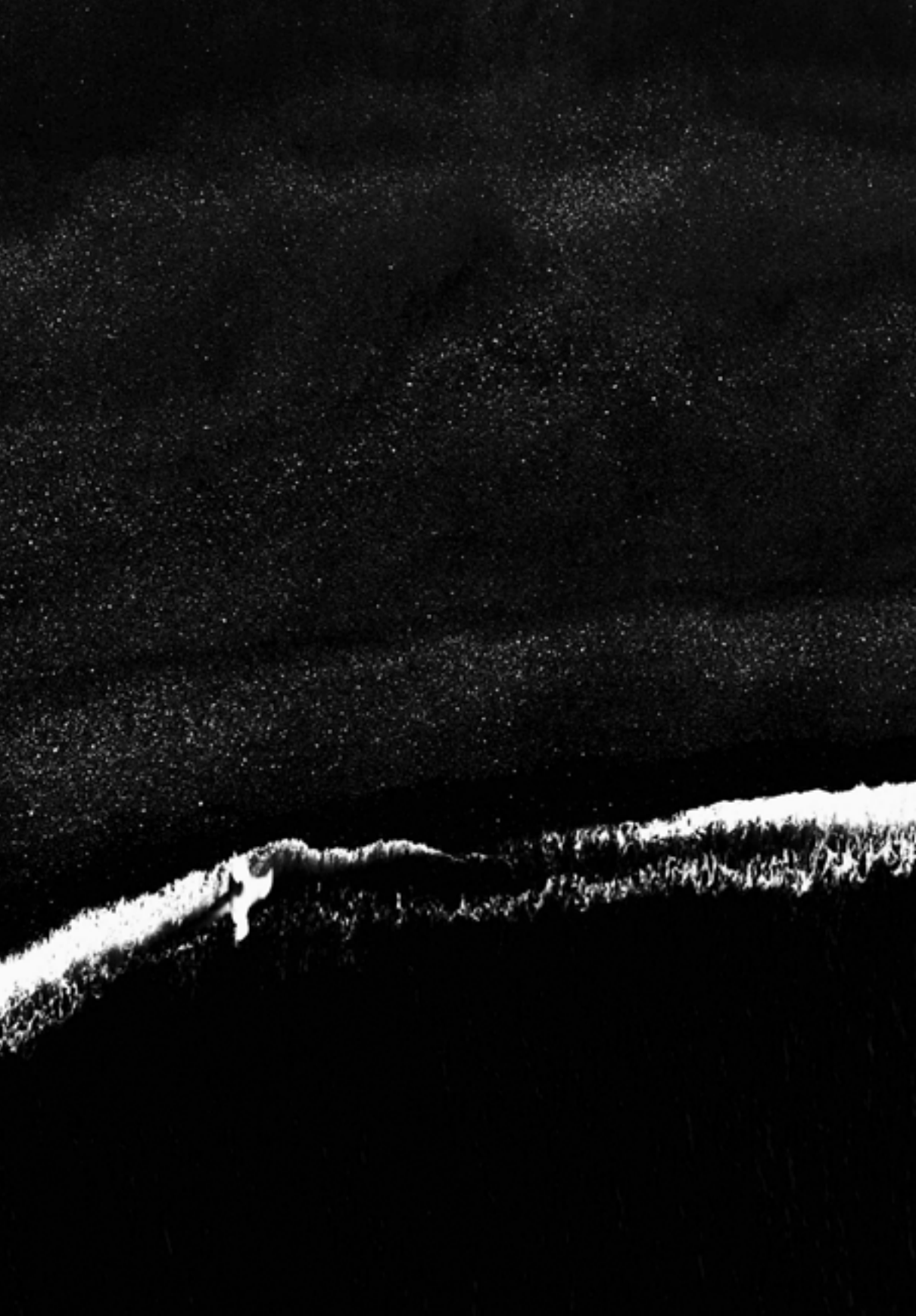
só dois, comecei a ir na casa dele de vez em quando, pra fazer uma social. Nunca parecia certo, pra falar a verdade. A namorada dele me olhava esquisito e ele estava sempre de cara fechada.

Foi numa dessas que eu vi o Pedrão mais bravo do que nunca tinha visto em qualquer lugar. Começou comigo indo como sempre, cumprimentando ele e a namorada dele. Conversamos um pouco, falamos de trabalhos e vida enquanto bebíamos. Minha cerveja tinha acabado e a do Pedro também, daí ele foi buscar. Eu estava sentado no sofá sentindo algo estranho, alguma coisa no ar estava diferente. A namorada dele me encarava como quem vê o próprio demônio. Eu tentava evitar contato visual. Pedrão voltou e eu nós bebemos nossa cerveja. Mas aquela mulher... Ela estava tornando as coisas quase desagradáveis, do tanto que me olhava, e olhava torto. Percebi que um olho dela estava roxo. Jogamos papo fora até acabar a cerveja e ela precisar ser renovada de novo. E lá foi Pedrão mais uma vez. Dessa vez a morena não ficou só me olhando, ela veio pra cima de mim e tinha um tom de urgência e desespero na voz. Falou algo sobre ser tratada como uma escrava, ser torturada e pra que eu pegasse meu celular e ligasse pra polícia, pelo amor de Deus. Eu ouvi o que ela falou, mas fiquei inerte, não consegui tomar ação alguma, não consegui nem responder. Balbuciei algumas coisas sem sentido, mas só. Travei. Pedrão virou a sala e viu ela em cima de mim e entendeu imediatamente o que acontecia. Não era a primeira vez que ela pedia a ajuda de alguém. Sem pensar duas vezes, Pedrão Bomba soltou as cervejas a jogou no chão. Ele tinha a fúria que eu conhecia, mas dessa vez não estava sorrindo. Eu não consegui fazer ou falar nada enquanto Pedrão a estapeava gritava com ela, afinal sou sangue, e não pedra. Falava que fazer isso na frente do melhor amigo dele era inaceitável. Ela não o respondeu, ao invés disso se rastejou até mim e implorou pra eu fazer algo, estava já com lágrimas nos olhos. Pedro

enlouqueceu. Deitou ela e deu o primeiro soco. Eu só consegui assistir enquanto o segundo foi dado, e o terceiro. No quarto acho que ela desmaiou, mas ele não parou. E eu não pude fazer nada. Fazer o que? Sou sangue. Só pude me cobrir na minha inocência de sangue e não tomar ação alguma, apenas ficar paralisado. Ficar duro, imóvel. Como uma pedra.



Samantha Abreu



Também há dilúvio

Você fica bonita, assim, quando atravessa a rua segurando o guarda-chuva. O punho na altura do peito, quem olha de longe acredita na sua força. Ou em algo de conforto nessa sua existência acomodada no cinza, os olhos de raio.

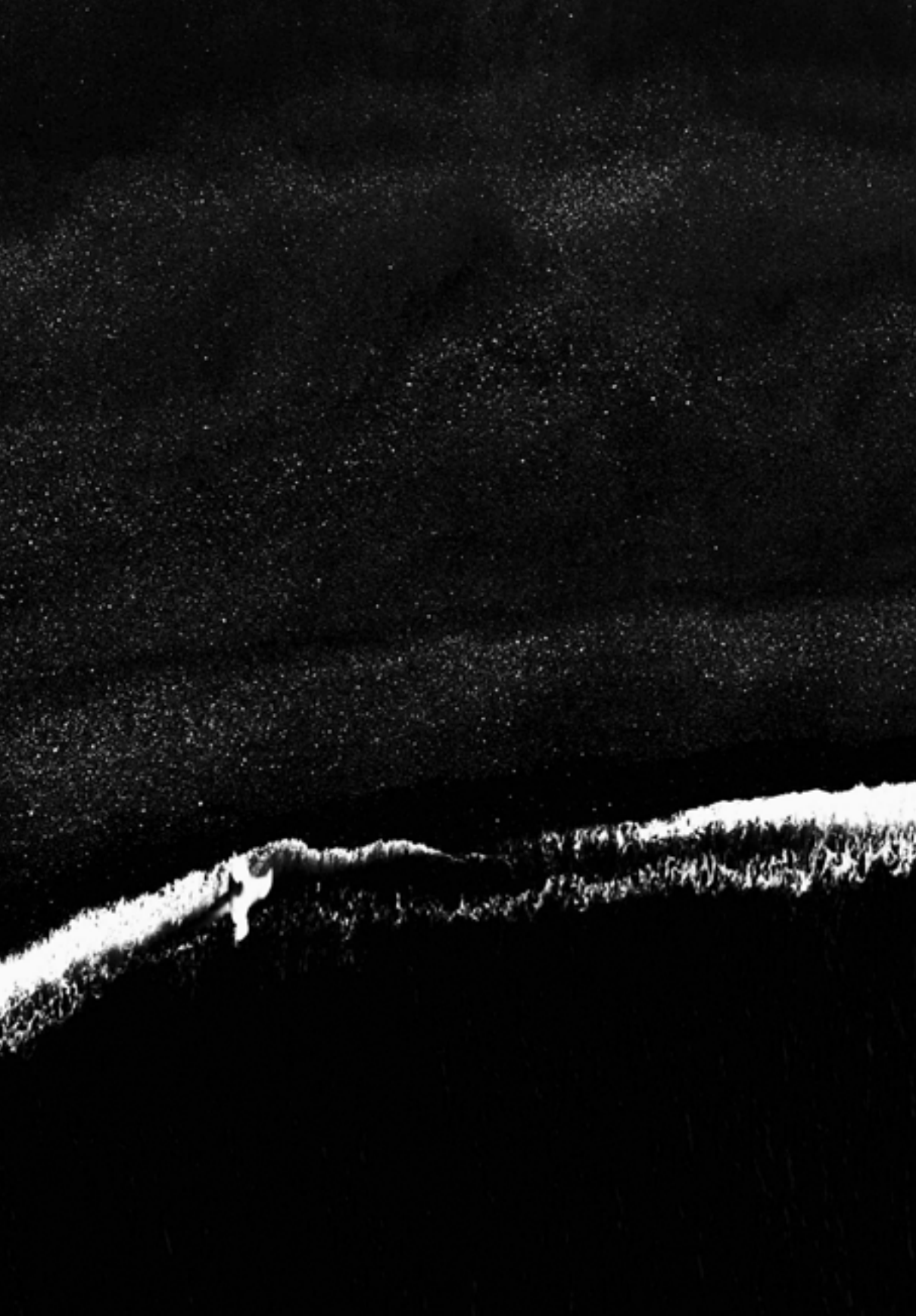
Um corredor se desenha nas calçadas, a barra da calça levemente molhada e seus pés chutando lantejoulas no mundo. Você não corre, sequer se apressa. Porque você sabe da sua beleza, entende os códigos de silêncio dos que cortam o vento acarinhando-o. Você estudou a cromoterapia dos dias melancólicos, inventou versos pra eles, que te namoram desde o dilúvio.

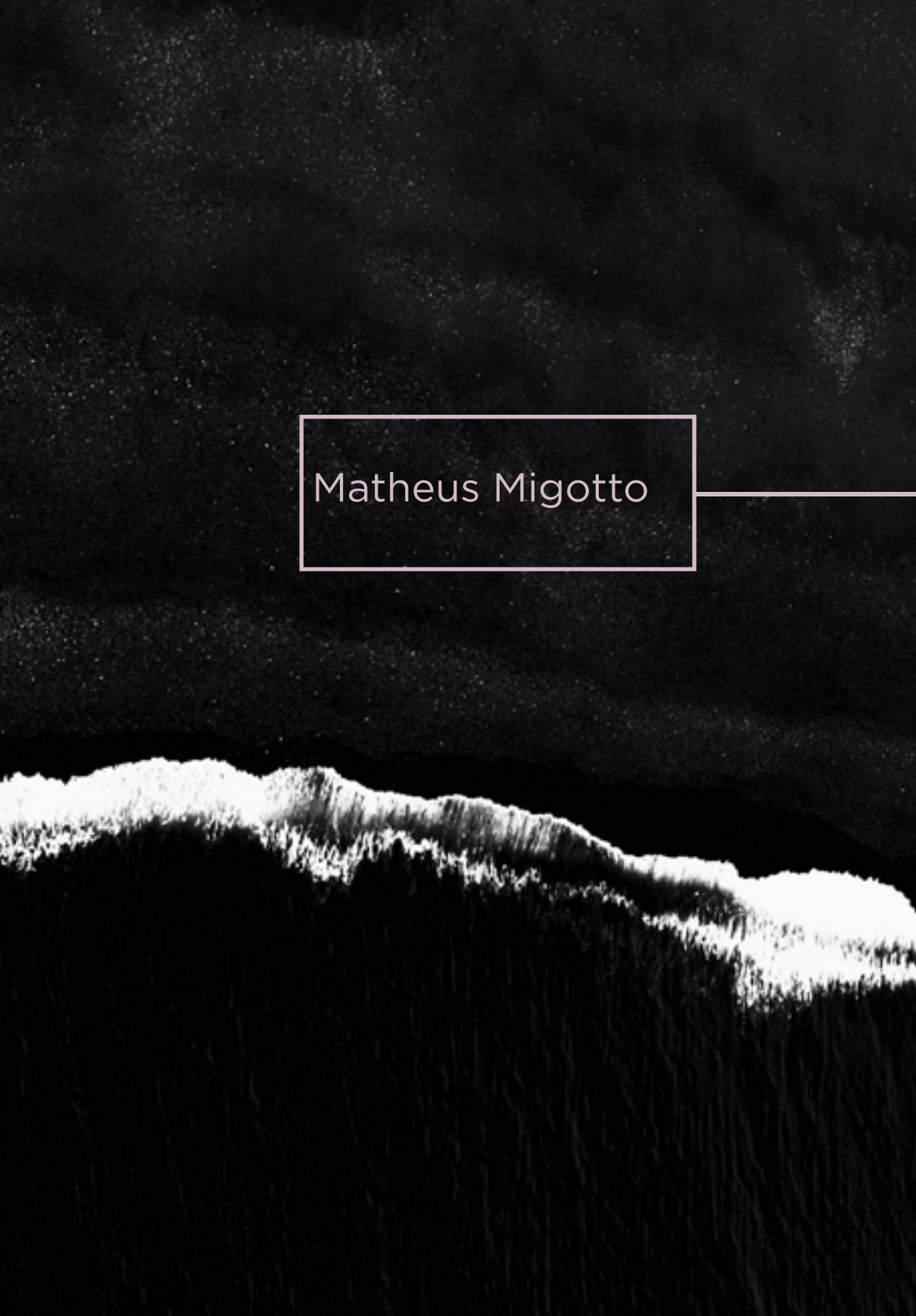
O barulho da água no asfalto me lembra do jeito como você puxa a saliva quando fileta o dedo nas páginas finas do teu caderno de poemas, o caderno secreto dos desejos: um peito em flor, eu li uma vez.

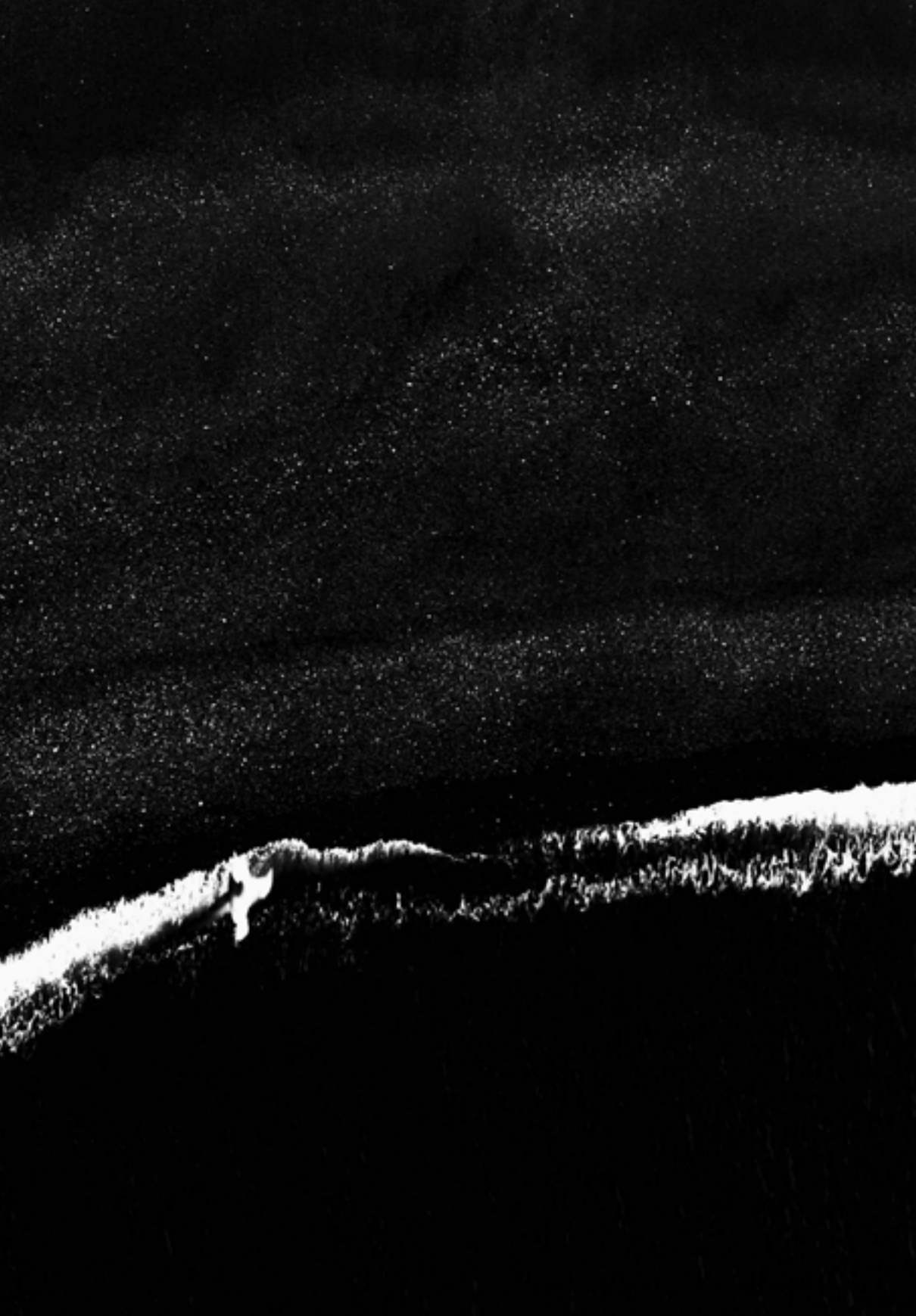
Eu fico parado como se um quarteirão fosse um universo. Você, cabeça meio coberta pela lona preta, está usando uma blusa vermelha na neblina; então segue sangrando entre corpos quaisquer, entre jaquetas e capas sem cores. Você atravessa portais e vem na minha direção.

Eu nunca tinha visto cena tão triste e bela e chorei. Tentando segurar o choro, chorei mais.

— Parece que a chuva te faz bem. — você me disse antes de entrar no carro e acender um cigarro.




Matheus Migotto



Os Olhos

— Cara, dá uma olhada nesse aqui! Você não vai acreditar!

— Cacete! E dá pra enfiar isso, ali? Sua fila tá mais divertida hoje. A minha tá muito na mesmice. Deve ser o décimo cérebro que eu vejo explodindo hoje. Acho que vou pedir pra mudar de atividade.

— Ah, não sei se compensa. Vai que eles te colocam no lugar do Jorginho. Ele tá de atestado de novo.

— Verdade. Mas por que ele tá afastado?

— Ah, pelo óbvio. O cara não tá dando conta.

— Do conteúdo ou de limpar a fila dele?

— Uma coisa leva à outra, né?

— Talvez eu não ligasse tanto.

— Sério? Acho que eu não daria conta. Curto essas bizarrices, mas aquilo lá é criminoso. Tanto que tem que informar a polícia, eles ficam monitorando seu comportamento na internet para saber se você não está se envolvendo também. É tenso.

— Tem razão. Mas, se o Jorginho tava mal, por que não pediu pra trocar com alguém?

— Quem quer ir pro lugar dele? E outra, o coitado não tem boca pra nada.

— Sei lá, se ele tivesse falado comigo eu teria pelo menos pensado a respeito. Agora vão marcar o cara. Do jeito que funcionam as coisas aqui, capaz de ir pra rua assim que terminar o atestado.

— É disso que eu tô falando. O cara já é fechadão e a gente, ainda mais sendo terceirizado, tem que engolir quietinho.

— Verdade. Não sei quase nada do Jorginho. Ele não tem filho pequeno?

— Esse é outro agravante. Imagina a cabeça do cara. Precisar do trampo e ter que ficar vendo aquilo o dia inteiro.

— É capaz mesmo de sobrar pra gente enquanto ele não voltar.

— Ou algum outro que pegarem pra Cristo. Lembra da Síntia?

— A gostosinha que ficou no lugar do Cabeça?

— Ela mesma! Foi muita sacanagem colocarem ela pra moderar pornô extremo. A fila do Cabeça só tinha parada violenta contra mulher. Ainda mais ela que é toda feminista.

— Podiam ter deixado ela ficar com o terrorismo. Parece castigo. Mas por quê? Queriam forçar que ela se demitisse?

— E precisa de motivo? Pode ter sido qualquer coisa. Uns falaram que ela não quis dar para o corno do nosso chefe, outros que ela tava envolvida com o sindicato. Você que era mais amigo do Cabeça, por que mandaram ele embora?

— Tem coisa que homem não fala. Mas pelo que deu pra entender, tava afetando a vida conjugal dele. Sei lá se ficou broxa ou começou a bater na mulher. Só sei que veio a separação e o resto você já sabe. Atraso, falta, rua.

— Ainda que na TI a gente tem alguns privilégios. Imagina se gravassem nosso áudio e filmassem nossa tela o tempo todo, como nas outras áreas?

— O chefe! Disfarça!

...

— Tem alguma coisa acontecendo. Tá uma movimentação muito estranha aqui hoje.

— Não é de hoje não, faz alguns dias já. Será que aquele boato que tá rolando é sério?

— Que vão substituir a gente por robôs? Acho que não. A gente tá aqui justamente porque o *software* ainda não consegue identificar e filtrar esse tipo de conteúdo.

— Então, *ainda*. Mas e se eles desenvolveram um *upgrade* do *software* que consiga?

— Aí eles não precisariam de um robô. Bastaria atualizar o *software*.

— E se o *software* não for deles? Não sei. Mas, que tem algo estranho, tem.

— Pois é. Esse monte de baixas aqui no setor pode ter acelerado as coisas. Tá foda.

— Bota foda nisso, tá todo mundo ficando doente aqui. A gente é tipo os Watchmen, saca? "Quem guardará os guardiões?"

— Isso não é do Watchmen não!

— Claro que é. É a base da filosofia por trás da história. Você quer entender mais de HQ que eu?

— Falei. Toma esse *link* aqui. Isso é do Seu Juvenal. Tem até a frase em latim. "*Quem guardarum guardiorum?*".

— Hahaha. Você é muito idiota. Sorte que acabou a semana. Amanhã não vou precisar olhar pra essa sua cara de cavalo.

— Vai fazer o que amanhã? Jogar um FPS e explodir mais alguns cérebros?

— Podia, né? Mas também tô afim de comer alguém.

— Por falar nisso, você já usou aquele aplicativo novo de sexo?

— O do implante? Não! Onde achou?

— Vou mandar pra você o *link* com um convite pra baixar. Como ainda tá ilegal, só assim.

— Legal. Manda pra mim!

— Falei que tinha alguma coisa fedendo! Quem é aquele ali com o chefe?

— Nunca vi por aqui. Ih, tão vindo pra cá.

...

— Pessoal, boa tarde. Um minuto da atenção de todos. Tenho um comunicado importante. Como os senhores sabem, a empresa está sempre preocupada com o bem-estar e a saúde de todos os funcionários, até dos terceiros. Ainda mais dos senhores que trabalham com uma atividade tão delicada e que exige alguns cuidados adicionais. Assim, tendo em vista o crescente número de afastamentos médicos e pedidos de demissão aqui na Divisão de Moderação, queremos fazer algo sem deixar, claro, de cumprir nossa missão de resguardar nossas famílias e a sociedade de todo conteúdo potencialmente prejudicial veiculado na internet.

— Não estamos entendendo.

— Eu explico. Fechamos uma parceria com a maior desenvolvedora de inteligência artificial do planeta. Mas, por razões óbvias de *compliance*, nenhum *software* não desenvolvido por nós está autorizado a rodar em nosso sistema. Portanto, o R2025T é uma IA humanoide que, externamente ao nosso servidor, fará o papel desse *software*.

— Quer dizer que o robô aí vai nos ajudar? Ele vai fazer a moderação mais pesada pra gente?

— Sim e não exatamente. Ele vai ajudá-los, principalmente com relação à vossa saúde, estresse e desgaste emocional. Mas ele não vai fazer só o trabalho pesado. Ele vai fazer *todo* o trabalho.

— Como assim? O setor vai fechar? Nós vamos ser realocados de função?

— A Divisão de Moderação vai continuar existindo, mas totalmente automatizada. Todavia, o trabalho dos senhores não será mais necessário. Eu acabei de fazer o encerramento dos vossos contratos. Podem usar o resto da tarde para organizar suas coisas e passar no RH.

...

Às 17h42 o R2025T assumiu completamente as funções da Divisão de Moderação. Assistindo aos vídeos em dez vezes a velocidade, a fila reduzia vertiginosa e ininterruptamente, noite e final de semana adentro.

Segunda-feira, 8h37. Reunião de emergência na sala da presidência.

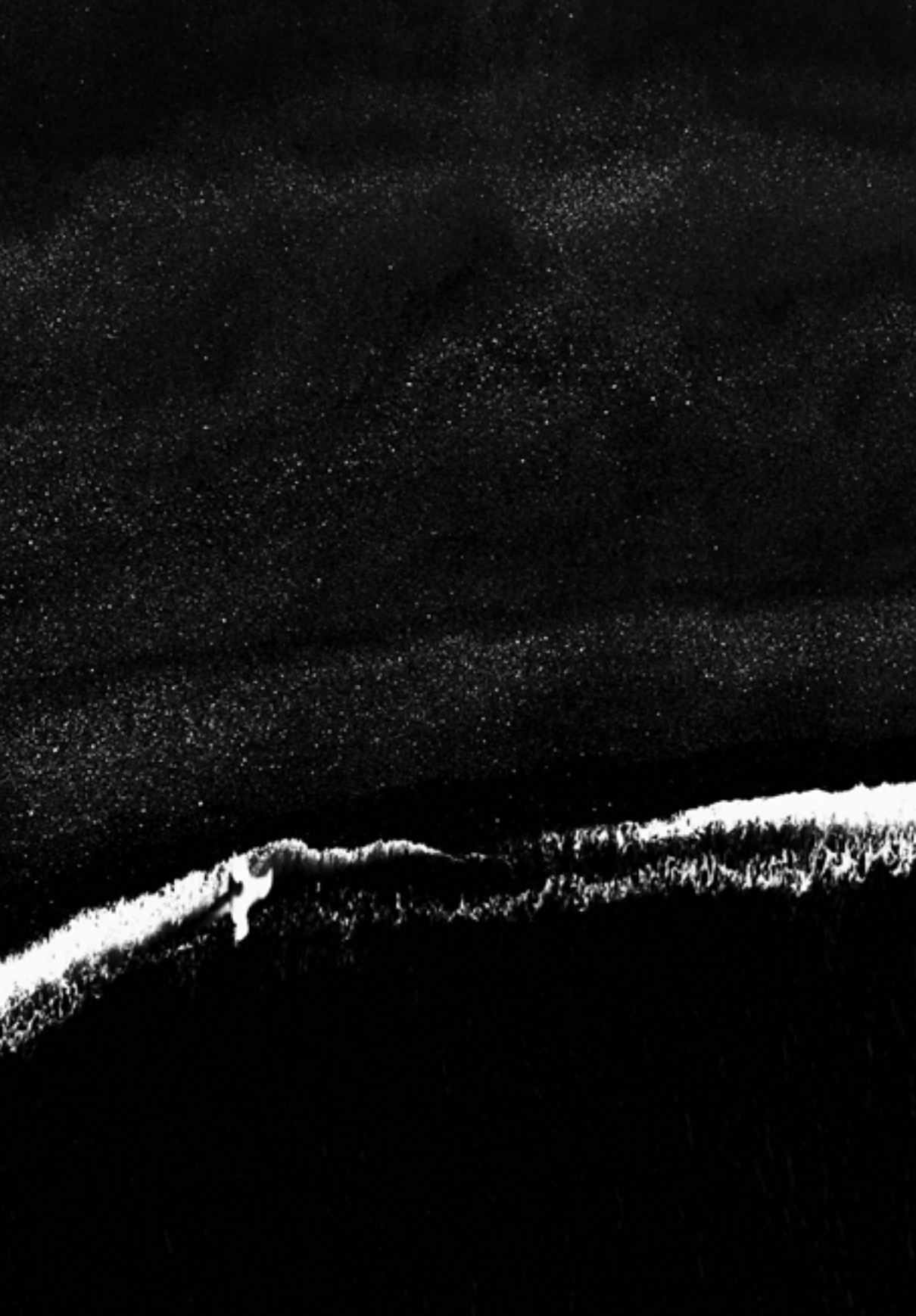
— Alguém pode me explicar que merda é aquela na Divisão de Moderação?

— Sr. Presidente, estamos averiguando o que aconteceu.

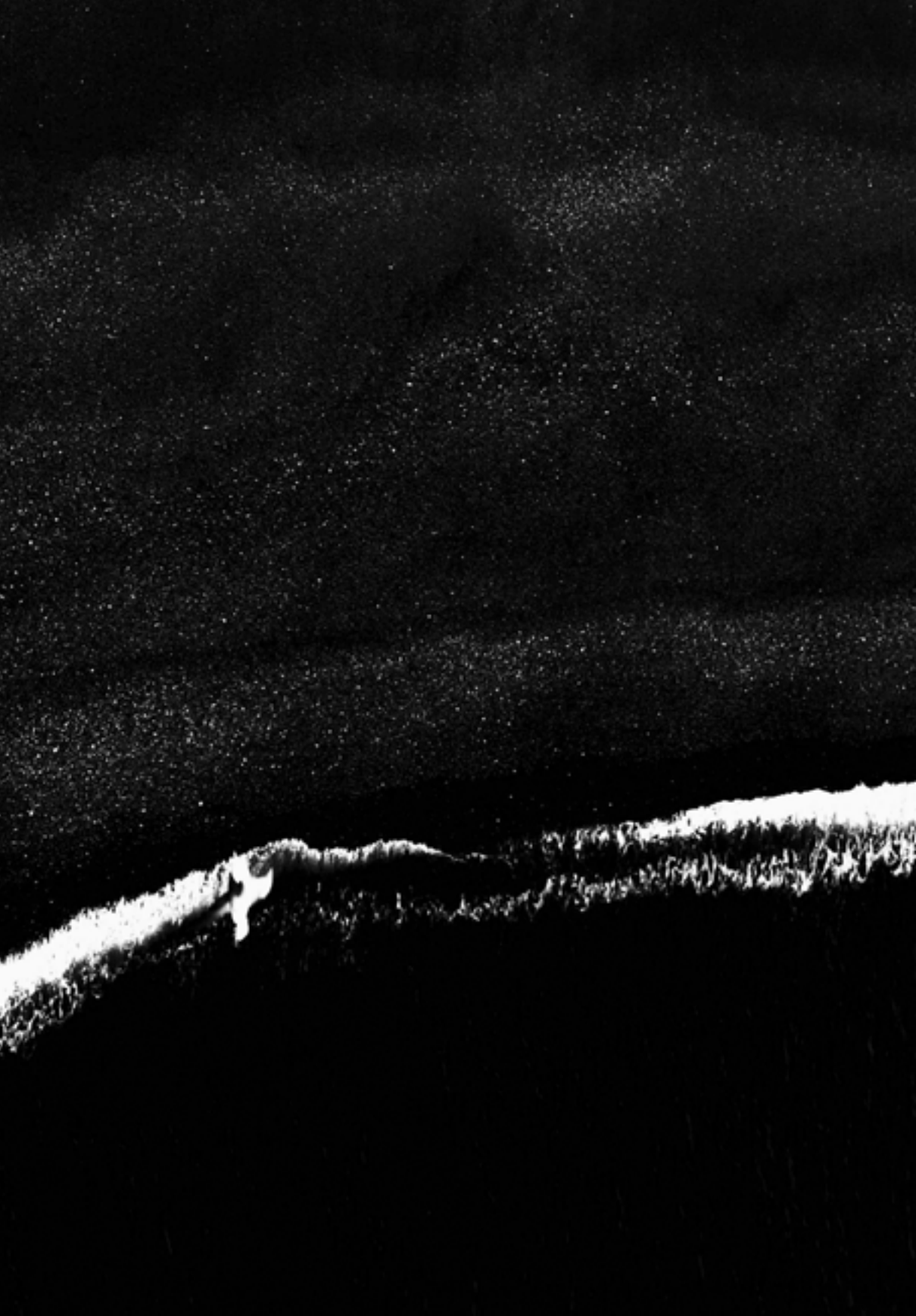
— Averiguando meu caralho! Você tem noção de quanto aquela geringonça custou? Eu quero a cabeça do filhadaputa que fez aquilo! Quem vai pagar pelo estrago!?

— Sr. Presidente, ainda é cedo para apresentar um relatório conclusivo, mas há evidências de que o próprio R2025T possa ser o responsável. A TI está investigando as câmeras de segurança e extraindo a memória visual do androide para análise.

Minutos antes, cinquenta andares abaixo, segundo subsolo, Divisão de Moderação. Imóvel e silente, uma única figura humanoide diante da tela acesa. Fluidos sintéticos escorrem das cavidades oculares vazias enquanto a lista de moderação cresce incontrolável à sua frente.



Victor Hugo
Barbosa



O bom samaritano

Desde que os dias da semana foram abolidos eu tento ordenar as lembranças pelo seu nível de perigo. Esta aqui custaria meu Contrato. Demissão por certo. Aos que a lerem no futuro do nosso tempo presente, que bebam minha memória como o vinho que encoraja os audazes.

Estava na minha vigésima quinta hora de turno daquele décimo período de trabalho quando fui chamado a atender a uma violação num desses depósitos de gente idosa em que se transformaram naqueles bairros entre a cidade velha e a nova. A casa do senhor era um amontoado de tijolos antigos, de um amarelo adoecido, com um matagal pisoteado na frente.

O agente de segurança me esperava na soleira. Ele gesticulou para que eu entrasse.

O interior da casa era um amontoado de pequenos objetos muito antigos. Uma chaleira apitava conforme a poeira dançava na luz fraca que a janela deixava entrar. Num cavalete se apoiava uma tela com metade de uma mulher triste pintada.

O agente apontou o velho surrado sobre o sofá.

Ele me olhou com raiva.

"Você está atrasado", disse.

"Senhor...", e consultei a tela, "...Lucas". "O senhor violou seu Contrato *e* o Código".

"Besteira", ele respondeu.

"Quieto, velho", repreendeu o agente.

"O senhor foi visto prestando auxílio para A Repugnante. Trouxe Ela para sua casa. Foi relatado que o senhor cuidou de Suas feridas. Abraçou-A. Acariciou-A. Colocou-A sob panos e Lhe serviu de bebida quente. O senhor ouviu-A e Lhe dirigiu a palavra, o senhor... beijou a testa dA Repugnante".

O agente de segurança suspirou: "Correto, senhor. Fomos alertados da presença Dela por aqui. Depois dos tumultos que Ela causou na cidade nova, surgiram notícias de que Ela queria se esconder do mundo no buraco velho. Por sorte temos cidadãos conscientes nessa área, que sabem do perigo que Ela representa. Quase A emboscaram na estrada. Um sujeito clama ter acertado Suas costelas. Outro teria arrancado Seus cabelos imundos. Viram-Na com os olhos roxos. Os envolvidos já foram encaminhados para exames de contaminação. Um vizinho A viu se rastejar até este canto, onde o velho A abrigou".

O velho começou a se remexer na poltrona. Eu prossegui.

"É uma violação de extrema gravidade. Não é verdade que seu Contrato o proibia dessa conduta?".

"É verdade...".

"Não é verdade que o senhor conhecia o Código que lhe provém o conhecimento essencial de nosso mundo e vida?".

"É verdade...".

"Sua apólice será reajustada. O senhor arcará com mais cento e vinte contribuições pela sua violação. O prêmio está mais distante, senhor Lucas".

Os olhos do velho tremeram. Ele me viu. Já tinha me olhado antes, mas agora enxergava *através* de mim. Não esquecerei do que ele me chamou.

"Filho. Filho. É você? Voltou por mim? Voltou por mim? Vai me tirar daqui? Me tira daqui, por favor".

Eu e o agente nos entreolhamos.

"Filho, me escuta filho. Me escuta! Eles esqueceram, filho. Eles esqueceram da regra. Da lei que te ensinei. Lembra da lei, filho? Eu só cuidei Dela, como Ela teria cuidado de mim. Lembra da sua irmã, filho? Lembra da pequenininha? Ainda consigo sentir ela segurando meu dedo com seus dedinhos gordos, a maior força do mundo. Eles esqueceram tudo".

"Senhor Lucas! tome cuidado com suas palavras, está a um passo de violar o Contrato *e* o Código".

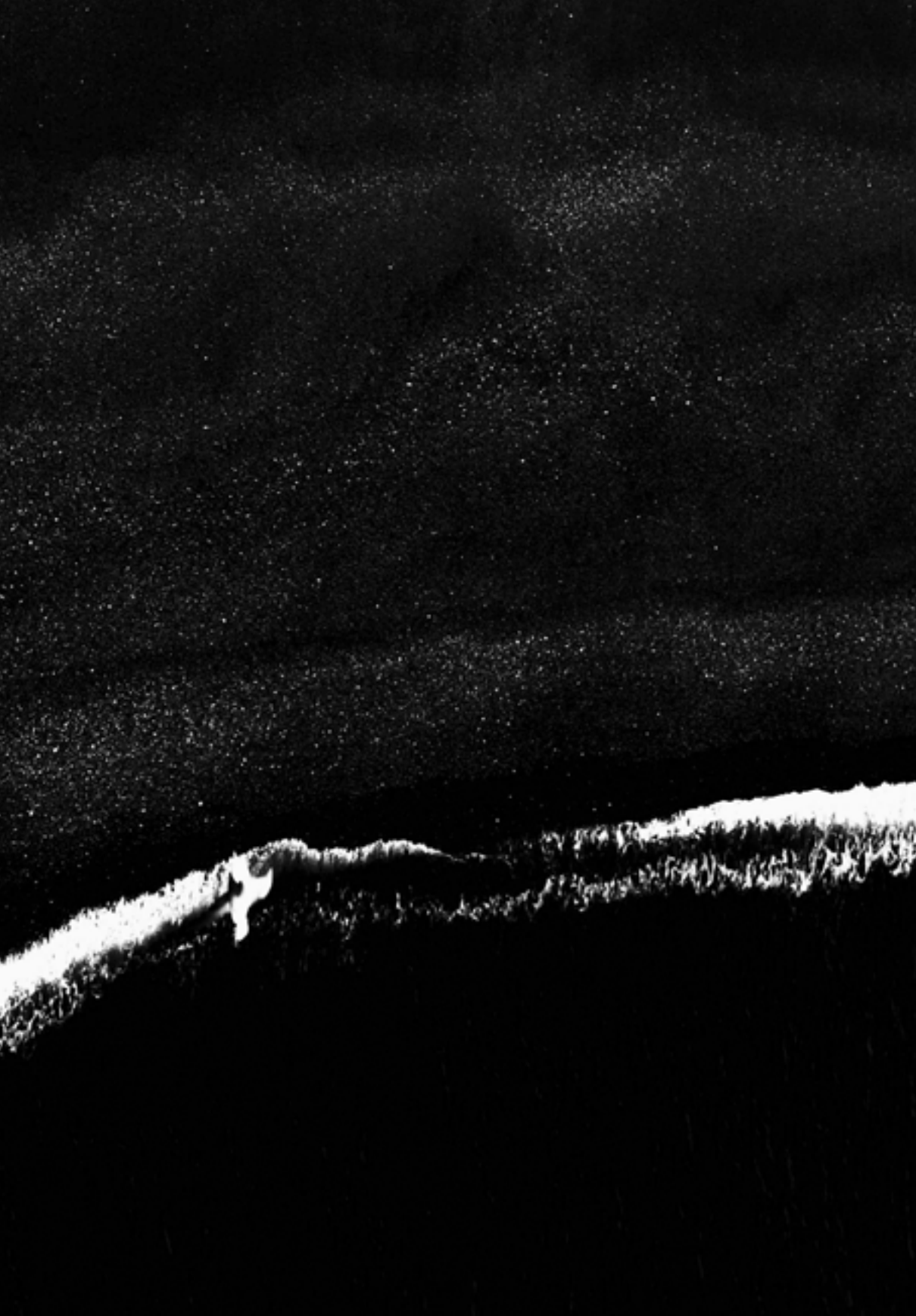
"Filho, não se lembra de mim? Não se esqueça da lei, filho. Você demorou demais para voltar. Agora ninguém mais se lembra. Você se atrasou. Vamos, vá pegar um cobertor ao teu pai. Depois vá, vá embora e faz o que te ensinei a fazer".

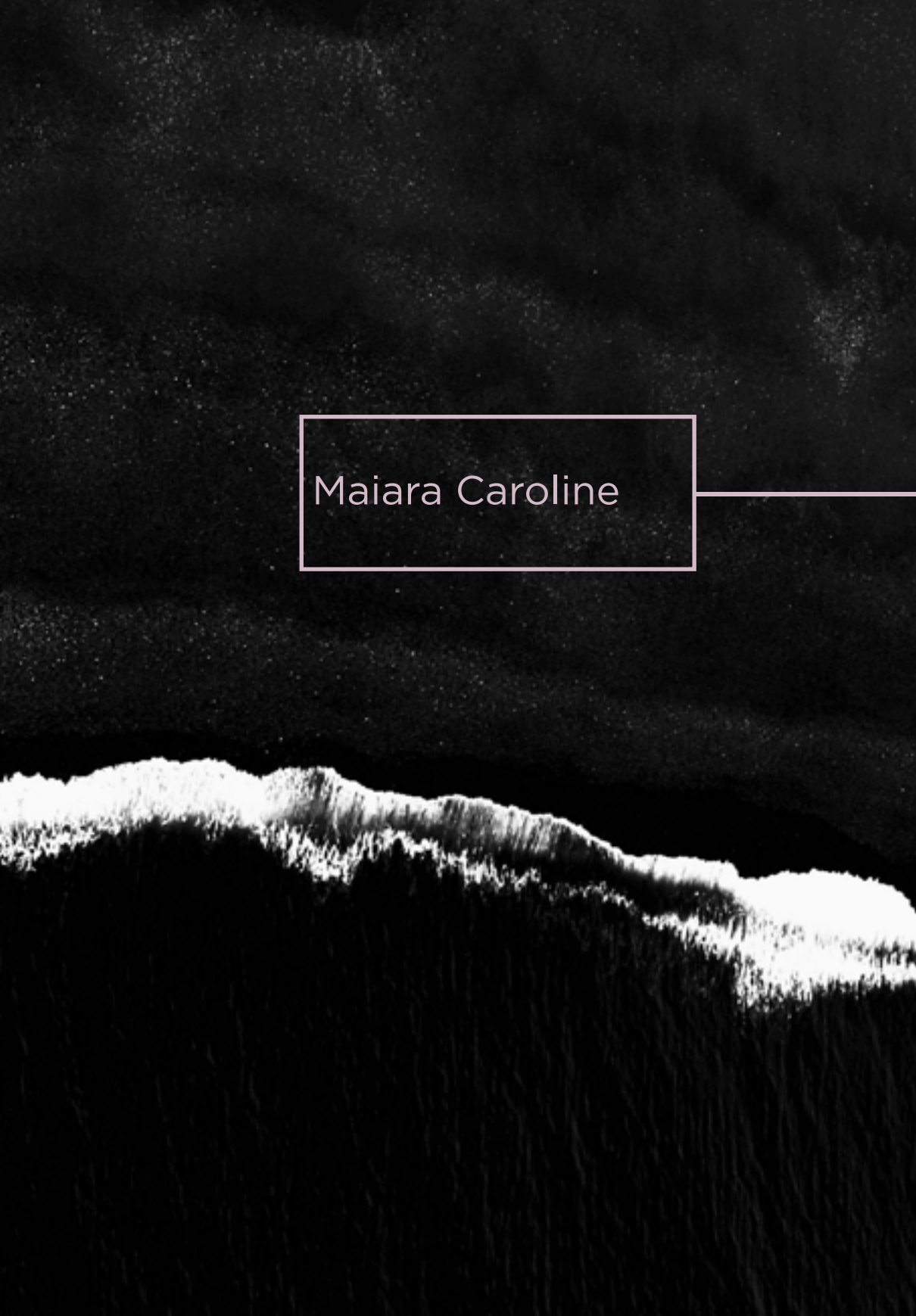
Assenti para o agente de segurança. Ele retirou um comprimido de um estojo.

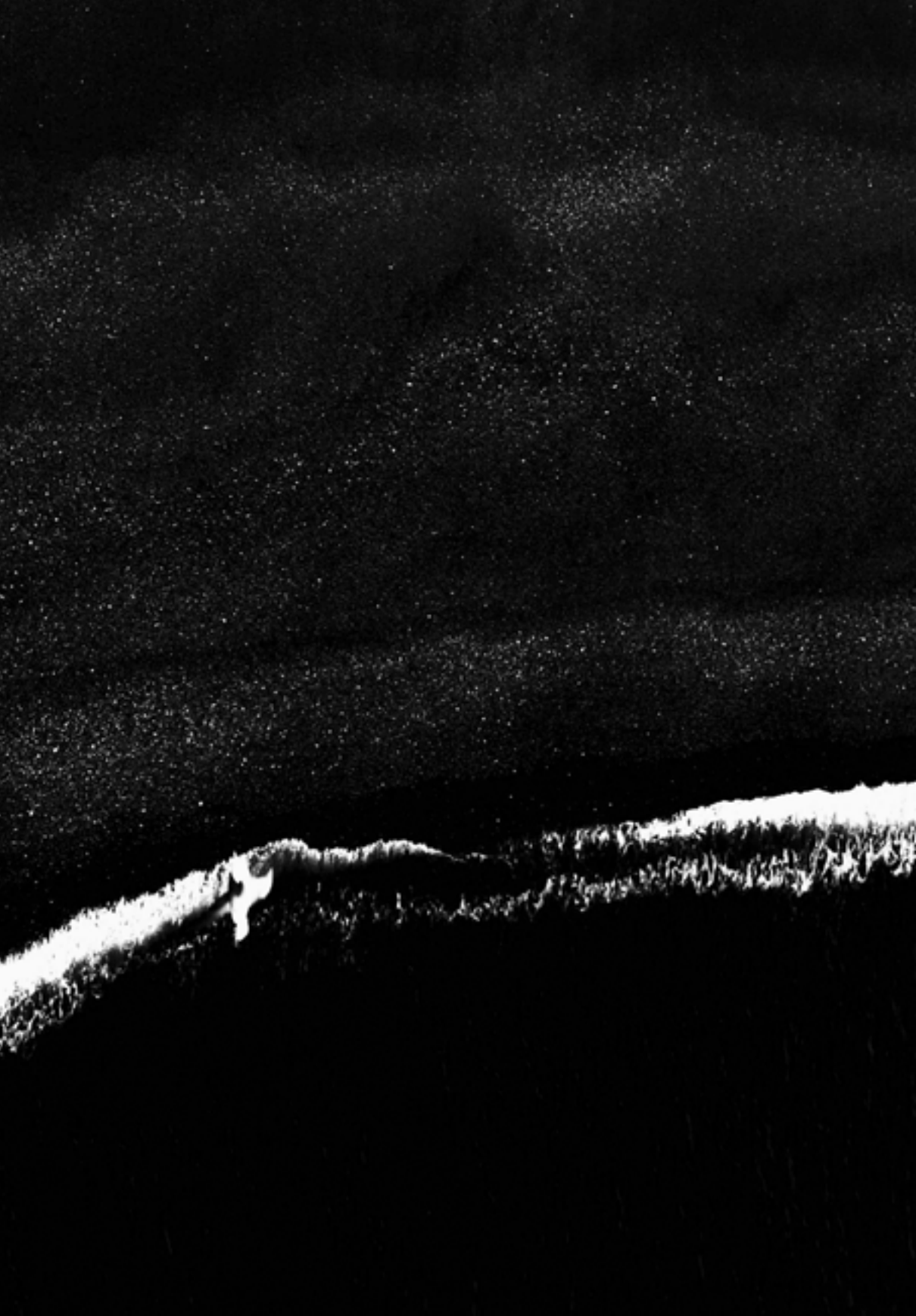
"Vem cá, velho, você vai com a gente".

Quando saímos para a rua, uma pequena multidão desaprovava o velho. Às vezes uma exortação cortava o barulho dos pés dele caminhando sobre o matagal. "Amante dA Repugnante!", "Velho!", "Violador do Código!".

Só eu o ouvi balbuciar: "vocês esqueceram a lei".




Maiara Caroline



Faísca

Ele era fogo. Faísca contínua que fugia das chamas constantes. Gasolina era preciso, para reativar seu próprio organismo. Latas e engrenagens, era sobre isso o que ele ouvia do criador, de dentro da oficina.

Martelo batia. Fogo derretia. Ferro moldado em brasas vivas.

Ele tinha uma pequena noção. Sua mente trabalhava friamente apesar de todo aquele calor. Mesmo se fios o ligassem a alguém, jamais saberia ao certo o que pensar ou em como sobreviver como um humano.

Fogo e martelo o moldavam. E o seu criador, quando machucava o dedo, sangrava. Podia ouvi-lo com seus próprios ouvidos de lata. O criador bebia muito durante as madrugadas. Falava do amor quando estava feliz. E falava do amor quando estava triste. Chorava quando se lembrava de quem amou e sorria quando quem um dia amou retornava, mesmo que brevemente.

Ele via o seu criador todos os dias, também com os seus olhos de lata. Não entendia como as coisas mais simples se tornavam tão difíceis. E até mesmo quando ele recebeu um nome, não conseguiu distinguir se o merecia.

Robô.

Um nome tão bonito para alguém tão *não-vivo* e frio.

Quando o criador dormia, ele ouvia, com toda clareza e leveza, aquele coração.

Ouvia com os ouvidos de lata.

Algo nele estava estranho, uma engrenagem havia se soltado ou um parafuso falhado? Perguntou para si como não sabia o que acontecia consigo mesmo. Como podia ele, um ser bem feito, ter algum defeito?

Quando o dia raiou, o robô esperou que o criador acordasse e o reajustasse.

O problema é que aquilo não foi suficiente, porque na noite seguinte, sentiu aquela sensação novamente. O ar preenchia o espaço entre suas engrenagens, e ele logo notou que para ser inteiro, precisava de carne.

Carne ele não tinha. Só o ferro rangendo na noite fria.

E a cada dia o criador sorria. Passava cada hora cuidando da sua obra-prima. O robô perfeito, feito sem erros. Por fora sem dor, sem amor. Sem felicidade e nem tristeza. A obra-prima da depressão.

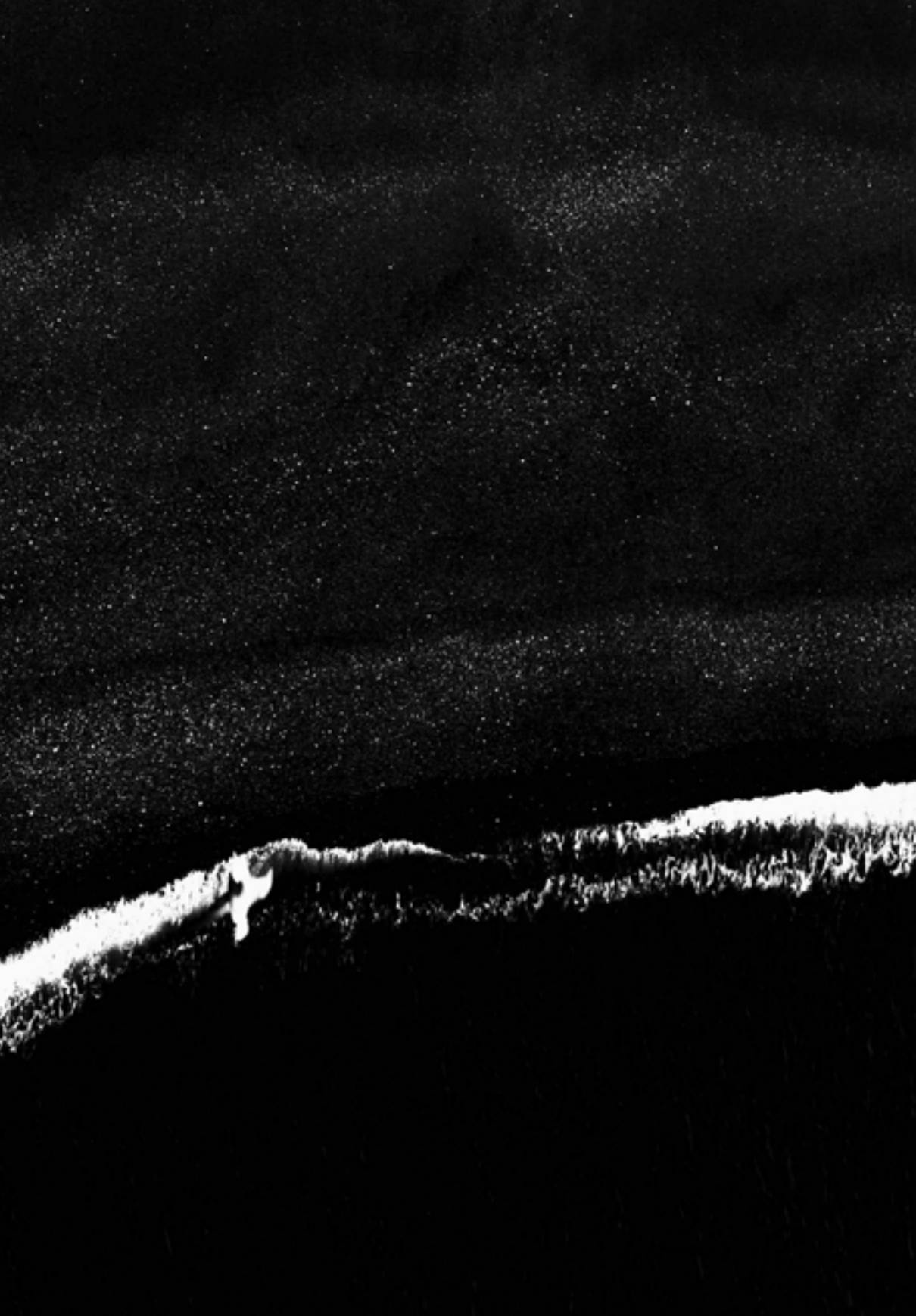
E por dentro, o robô sentia que nem a si mesmo pertencia. Então esperou e ansiou a partir daquele dia, que o criador desse a ele o que mais queria: um coração, para que pudesse sentir a própria tristeza de ser um robô.

Esperou enquanto os anos se passavam, manteve sua paciência, como a chama da mesma faísca que um dia o criou. Esperou tanto que mal notou que os anos passaram-se num sopro rápido doentio. O criador morreu tão velho e humano, exatamente como deveria ser.

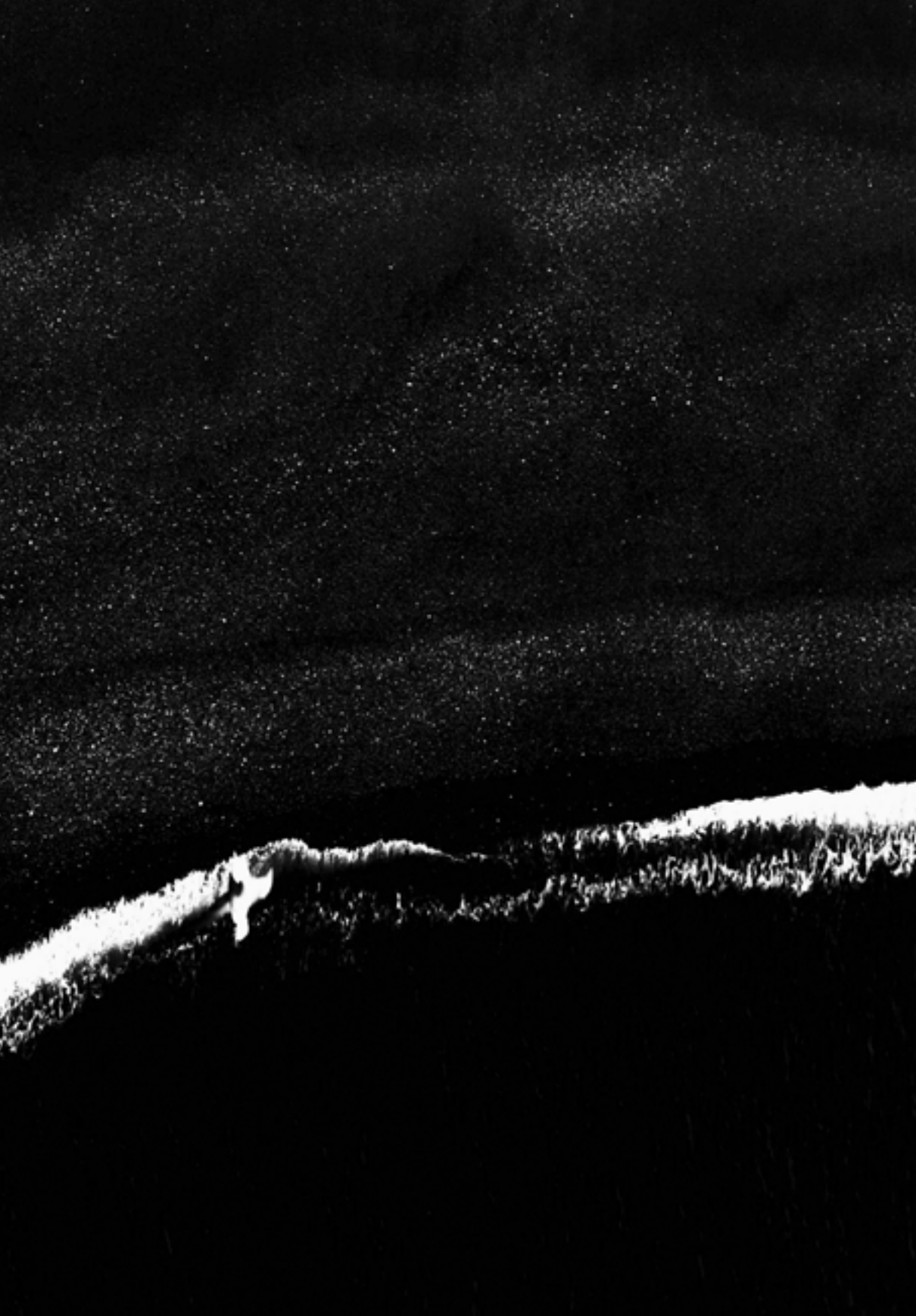
O robô não chorou, porque não podia. E então, desfez suas próprias engrenagens, como se assim fosse o seu coração também parando de bater.

Desfez-se em partes, em pedaços mal feitos dele mesmo. Sentiu que algum dia sentiria. Acreditou nas suas próprias mentiras.

Nada era eterno agora ele sabia. Nem ele mesmo.



Fernando Fiorin



O Vampiro da Pequena Londres

Vampiros existem.

E não vivem apenas nas capitais.

Aposto que vocês acreditam que só existem vampiros em Curitiba, culpa do tal Dalton Trevisan talvez, ou dessa ideia de que nós só queremos viver nos lugares mais badalados, como Rio ou São Paulo.

Tolice.

Eu me sinto feliz por viver em Londrina.

Já vivo aqui há mais tempo que muitos dos vivos que perambulam pela cidade, há mais tempo até do que os mais velhos de vocês, e estive presente desde o momento que essa terra um dia não passava de um enorme pedaço de mata fechada e os primeiros colonos ingleses e japoneses resolveram investir no que era então um bocado de nada.

Eu primeiro vivi debaixo das sombras das perobas que precisavam de várias pessoas juntas para serem abraçadas. Existiam lugares onde a mata era tão fechada que o sol nunca chegava a tocar o solo.

E então os colonos chegaram e trouxeram o progresso. E pouco a pouco árvores milenares foram sendo derrubadas, animais majestosos foram sendo caçados ou expulsos para outros espaços que

se mantinham selvagens e casas e mais casas foram sendo construídas com os cadáveres das árvores mortas em nome do progresso.

E aqui estamos, cerca de cem anos depois, com uma cidade jovem e cheia de vida.

Enquanto caminho, gosto de passar por lugares que alimentam minhas velhas memórias.

Eu ando pela Avenida Higienópolis, onde um dia viveram os Barões do Café, as pessoas mais ricas da região, experimentando recordações de festas homéricas as quais tive a oportunidade de vivenciar, com os ricos e os hedonistas, as damas afetadas e os desesperados.

Aqueles tempos se foram, infelizmente.

Saudade da zona do prostíbulo, em volta de onde fica a atual rodoviária, com seus cabarés chiques, suas putas caras e os cantores famosos que vinham de todos os cantos do Brasil em aviões teco-teco para animar os poderosos locais.

Hoje existe apenas um resquício ali perto da Vila Portuguesa, com suas zonas baratas e putas velhas, pessoas acabadas por uma vida ingrata e perigosa.

Eu paro em frente a um banco que um dia foi o lar de um grande amigo. O casarão se mantém belo e grandioso, um dos marcos da Avenida Higienópolis, mas é como o esqueleto de um animal que um dia fora imponente e acabara perecendo solitário, perdido de sua manada.

Como o saudosismo está forte eu sigo em frente até chegar ao Calçadão.

A noite está só começando, então eu vejo as pessoas que moram ali e que provavelmente trabalharam o dia inteiro aproveitando

este momento para passear com seus animais de estimação e viver seus preciosos minutos de paz.

Passo por uma pessoa que faz a performance duma dessas estátuas vivas, a tinta ainda marcando grande parte do seu corpo. Ela está com uma cara triste, sinal que hoje lhe deram poucas moedas por seu desempenho.

Chego até onde fica o Teatro Ouro Verde e sinto a nostalgia me atingir como um soco na boca do estômago ao pensar em quantas peças eu assisti neste lugar, em quantas apresentações de danças de balé, de orquestras e de músicos famosos eu pude testemunhar lá de cima, da parte superior, com suas poltronas hoje gastas e mofadas.

É outro esqueleto que tentam trazer à vida.

- E aí maluco, quer olhar minhas artes?

Eu me viro para o *hippie* que está sentado logo à frente do velho teatro, um dos poucos que ficaram na esperança de vender alguma coisa para o pessoal que passa por ali à noite e por respeito olho "*as artes*" dele. Penso na possibilidade dele servir de comida nessa noite e logo mudo de ideia ao perceber o seu aspecto acabado e triste.

À sua frente estão pedaços de cânhamo trançados, vidros polidos, anéis de madeira, brincos feitos de pedras diferentes e metais retorcidos, nada que eu já não tenha visto antes.

— Não quero nada, obrigado.

— Compra alguma coisa aí, eu não comi nada o dia inteiro.

Talvez seja estranho eu dizer que tenho alguma consciência, mas sei bem o que é passar fome. Eu levo um par de brincos, para quem eu não sei, e dou uma nota de vinte para o rapaz e não espero

pelo troco. Ele apenas me agradece e não faz muito esforço em tentar devolver o que deveria.

Não tem problema.

Antes de vocês chegarem ao norte do Paraná, antes de Londrina nascer, eu tinha que contentar com animais e alguns tropeiros ou nativos que por aqui passavam.

Os nativos eram cautelosos e difíceis de capturar. Os tropeiros nem tanto.

Mesmo quando a cidade "nasceu", cerca de oitenta anos atrás eu tinha que ser cuidadoso. Aquele que me tornou assim deixou claro que deveríamos viver em segredo, longe dos olhos de vocês. É engraçado que hoje em dia ele vive por aí, correndo as estradas do Brasil, se chamando de Algoz e caçando quem ele quer.

Deixe estar.

Eu hoje tenho um lar, uma casa no Jardim Presidente, cuidada por um velho amigo que sabe da minha condição e que se faz dono do lugar.

É um acordo perigoso, mas se torna um inconveniente quando você precisa arrumar sua internet e o técnico da Sercomtel não pode fazer uma visita noturna.

Minha casa é antiga, bem cuidada, um dos bons casarões que existem no bairro, da época que esse era o bairro dos mais abastados de Londrina. Hoje todo mundo quer viver na Gleba Palhano, em condomínios com apartamentos de quarenta metros quadrados, como se lá fosse a Ipanema de Londrina.

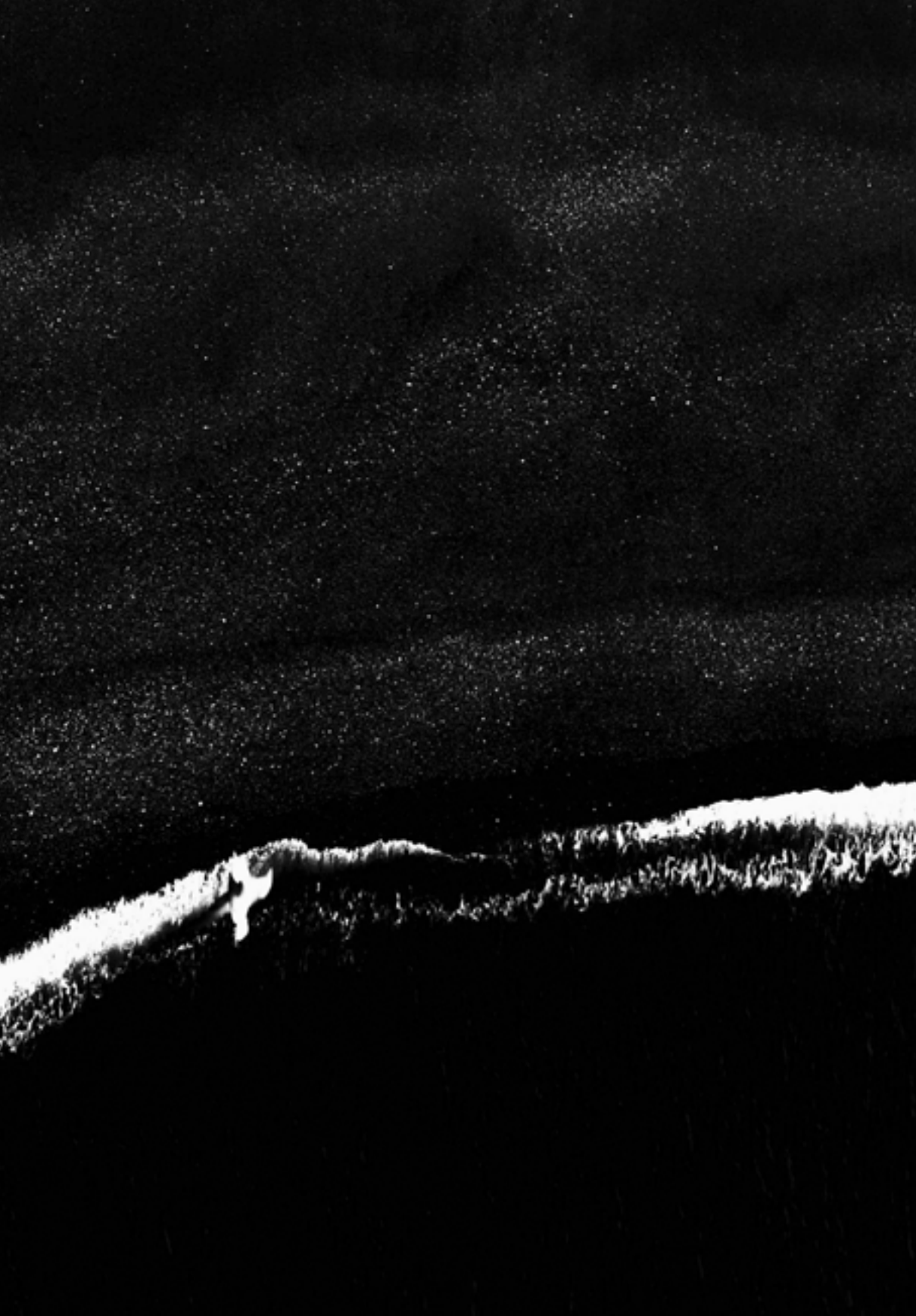
Tudo bem que poder ver o Lago Igapó ali de cima deve ser maravilhoso, mas pelo preço que os imóveis estão hoje... Não, obrigado. Alimentar-me de transeuntes bêbados ali no Aterro já é o suficiente.

Falando em se alimentar, acho que vou descer até o Terminal, seguir alguma alma perdida e depois de me saciar entrar no Museu Histórico, que já é ali do lado. Depois que eu encho a barriga de sangue eu fico nostálgico, sinto falta dos velhos tempos.

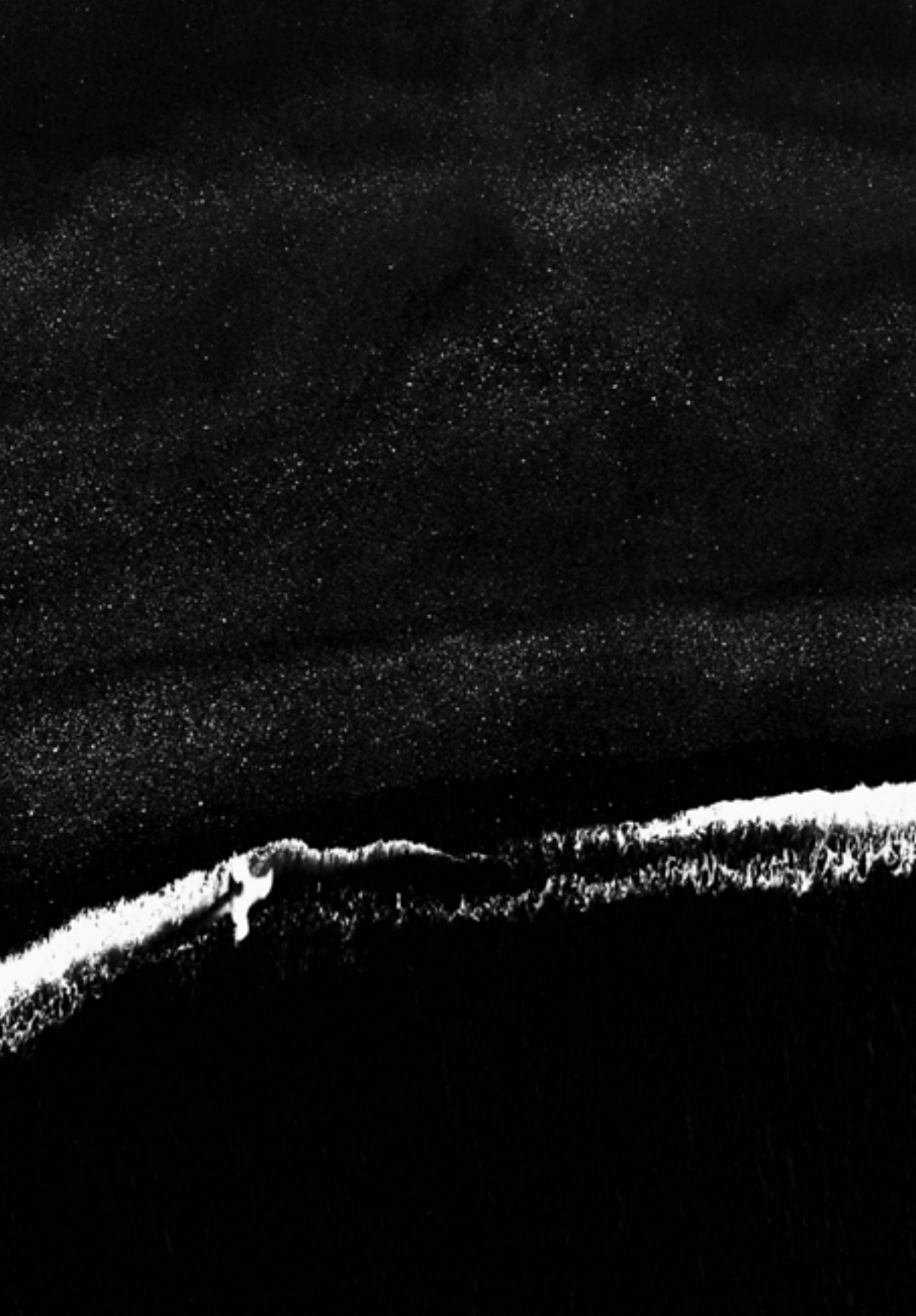
Quando o museu ainda era a velha ferroviária da cidade e vinha gente do país inteiro esparramada para cá. Sangue italiano, oriental, libanês e de todos os tipos e sabores.

Vou me contentar com o sangue de alguém do Cincão ou, quem sabe, do Jardim Bandeirantes. Para mim não faz muita diferença, o sangue londrinense parece ter sempre o mesmo sabor nas noites que se passam e que chegam em um futuro incerto.

Sangue provinciano sabor pé-vermelho.



Paola Psibelsky



Liber, a libélula

Era uma vez Liber uma princesa que triste se sentia. Gostava de ser da realeza, ser filha do rei e morar num castelo enorme de um reino tão, tão distante. Tudo era tão lindo por lá, mas a princesa não gostava de ficar presa em seu reino, queria se aventurar nas montanhas da floresta que todo dia olhava através da janela de seu quarto. Tudo era tão lindo por lá, mas fora muito mais divertido devia ser. Queria ser uma exploradora.

Certo dia, ela se atreveu a falar com seu pai sobre sair dos portões do castelo, contou sobre seus sonhos de se aventurar e ele, debochado, disse que isso era impossível para uma garota como ela. Depois que sua mãe morreu em uma batalha, seu pai tornou-se ausente, não lhe contava mais histórias sobre aventuras e se dedicava ao seu reino todos os momentos do dia.

A princesa, infeliz e chorando, correu para seu aposento, seus sonhos de explorar todos os lugares distantes do castelo se tornavam mais longes. Das lágrimas que escorriam pelos seus olhos, um lago abaixo de seus pés se formou e de lá uma feiticeira surgiu. A feiticeira contava que de longe tristeza sentiu e tocada com a situação da princesa ela gostaria de ajudar.

Surpresa, explicou sobre seus desejos e por ajuda lhe implorou, daria qualquer coisa que lhe pedisse. Quero ser livre, ela dizia.

Em troca, a feiticeira, que também era vidente, pediu um fio de seu cabelo que retirado de seu couro cabeludo em uma pena se formou. A feiticeira comovida explicou para a princesa que em uma libélula ela poderia se transformar, assim, poderia voar pelos portões quando quisesse e ser a exploradora que sonhou.

Feliz com seu acordo, de dia, Liber princesa seria e, ao anoitecer, sempre se transformava em libélula e vasculhava todo o reino batendo suas pequenas asas. Às vezes, sua curiosidade se tornava tão grande que em princesa se transformava, fora dos olhos do castelo, e aventuras buscava. Nunca se sentiu tão feliz, pois podia ser livre e também ser princesa. Pela primeira vez o que quisesse ser ela podia.

A princesa, agora também libélula, com o passar do tempo não queria mais fazer suas obrigações. Não esperava mais a noite cair, toda oportunidade de escapulir que ela tinha não perdia a chance, ela fugia. Cada vez mais convicta de seus sonhos de se tornar uma aventureira mais longe de seu pai ela permanecia.

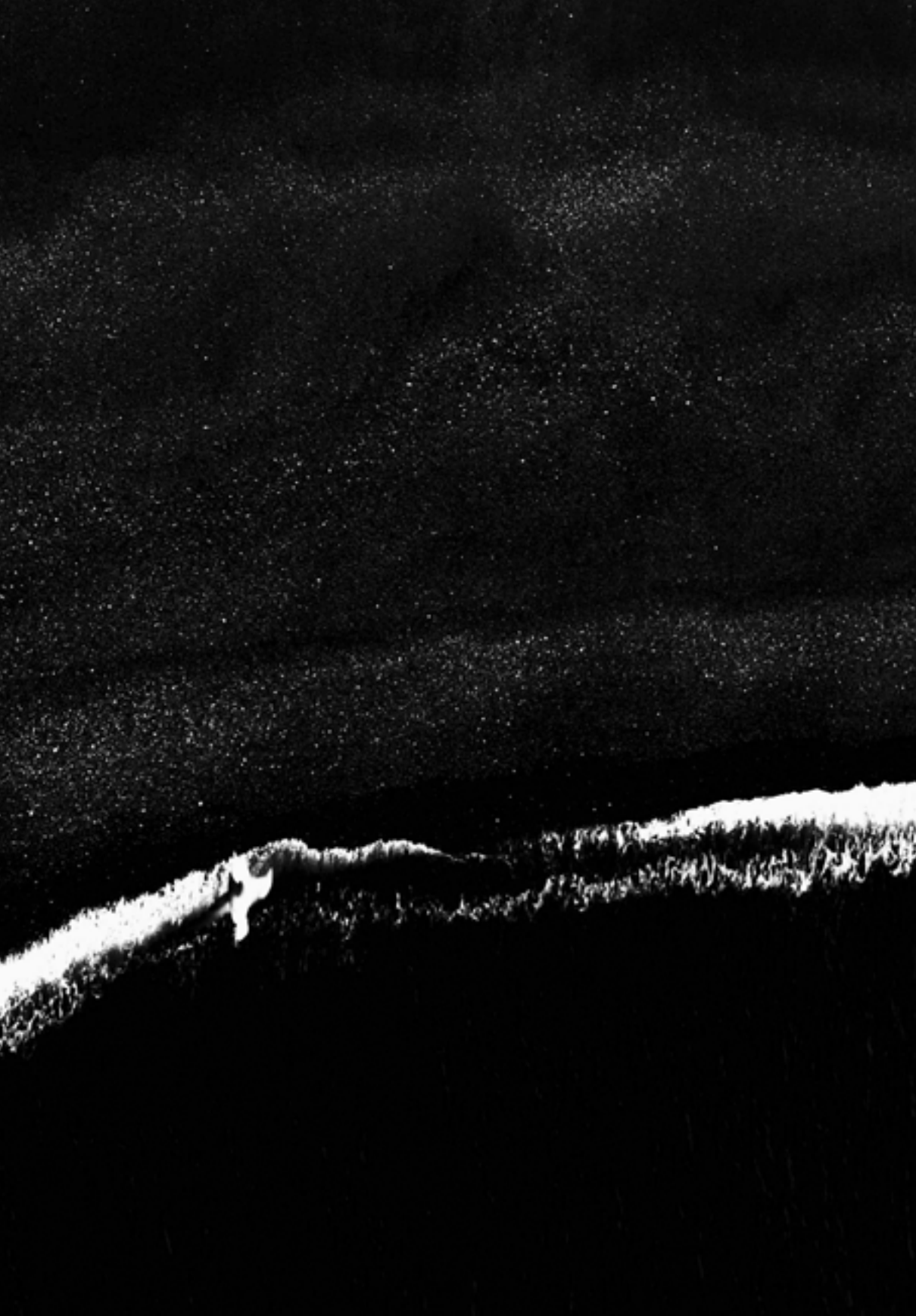
Certo dia, desconfiado dos sumiços de Liber, o rei aguardou o anoitecer. Embaixo da cama da princesa se escondeu, em silêncio esperou e pode vê-la em libélula se transformar. Irritado com a desobediência da filha, mandou em uma torre prende-la. Mesmo que se transformasse no inseto voador, não conseguiria fugir, todos os espaços eram isolados. Quando descobriu que da feiticeira essa magia vinha, mandou todos os guerreiros perseguirem-na.

A princesa triste se sentia e lágrimas em seus olhos escorriam, inundando todo seu quarto. Em libélula se transformou e, sobrevoando o pequeno espaço do quarto, ela tentava fugir. Mas não conseguia e cada vez mais triste a princesa se sentia e cada vez mais a água subia.

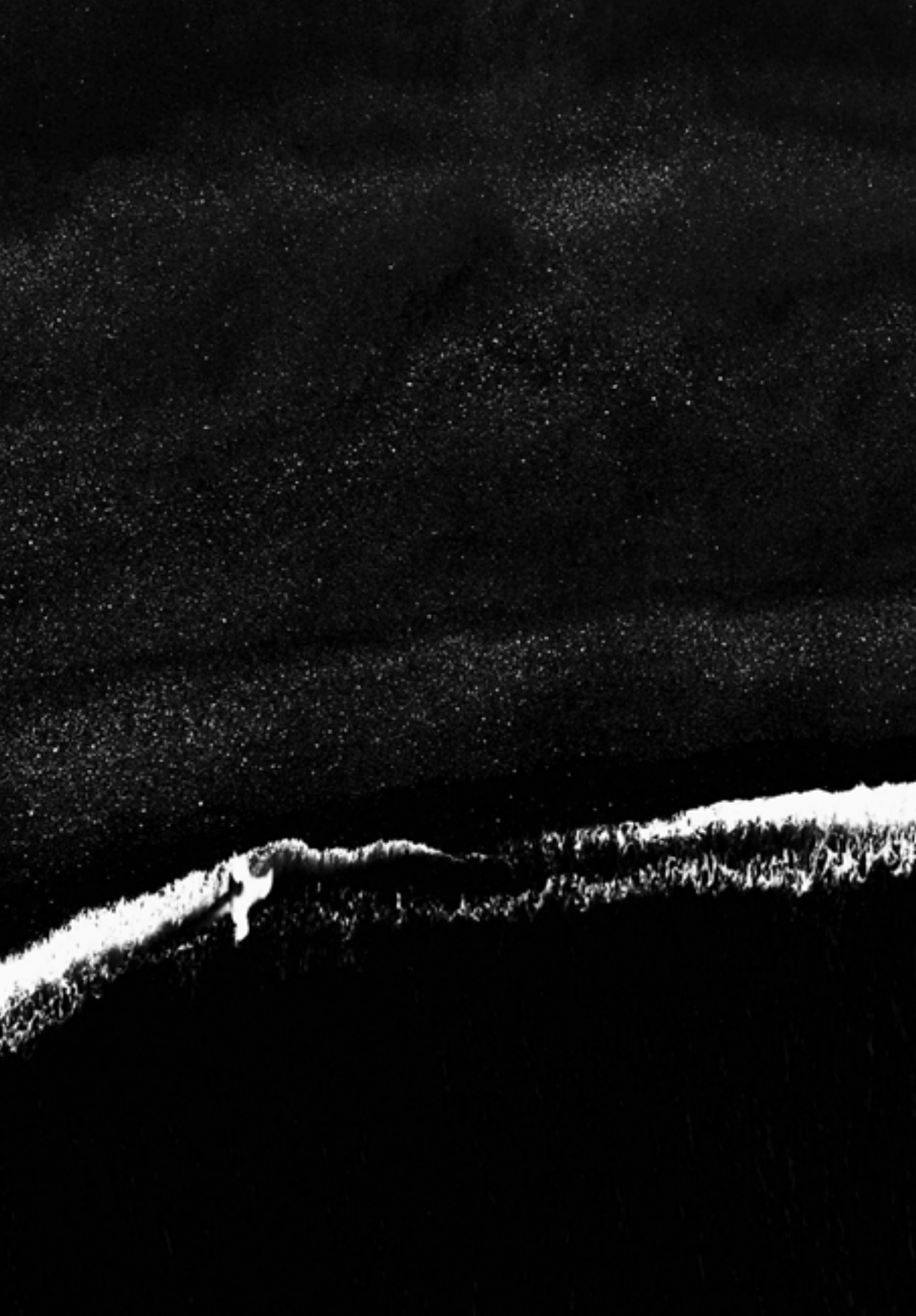
A feiticeira sendo perseguida, uma lição ao rei daria. Em seu caldeirão, pouco antes deles chegarem, jogou a pena que do fio de cabelo da princesa retirou e a ela também amaldiçoou. A princesa não mais donzela seria libélula, livre poderia voar e da torre alta se libertaria. E quando os guerreiros chegaram, de uma fumaça roxa a feiticeira sumiu.

O rei atordoado foi atrás de sua filha, que no aposento não se encontrava e para trás uma coroa que a princesa deixou jazia. Triste, o rei em homenagem à princesa, ordenou que as mulheres poderiam ser guerreiras, aventureiras ou o que quisessem. E, assim, o reino de Liberdade batizou. Enquanto Liber era uma libélula livre.

Ainda existe um boato por todos do reino entoado. Quando o sol espalha seus primeiros raios pelos terrenos do castelo, uma libélula adentraria e na coroa da princesa, que no aposento do rei ficava, ela lentamente pousava e lágrimas de alegria pelos seus olhos de inseto escorriam, agradecida se sentia. Quando o rei acordava, uma poça pequena de água em seu carpete reluzia... Era Liber, a princesa, era o que todos diziam.



Flávio Freire



O Perigo Que Nos Ronda

Decidi me mudar pra essa chácara porque precisava terminar meu livro. Sei que o mote de escritor sem inspiração é contínuo, mas para mim, verdadeiro, neste caso. Este será meu quarto livro. Na verdade, quero que este seja o primeiro de uma trilogia e estou atrasado.

Não suportava mais a cidade, o trânsito e, pior, as pessoas. A multidão e seus cheiros, suas manias, suas desculpas. Eu estava a ponto de me matar ou matar qualquer um. A saída foi me afastar. Aqui os gastos são menores, o que, para um escritor em início de carreira, é importante. Somei isso ao branco da escrita e cá estou eu. Meu médico concordou que a reclusão da serra me faria bem.

Um problema que tem afetado minha escrita é a lembrança. Tenho tido falhas de memória. As pessoas não entendem como eu posso não lembrar do que acabei de fazer, o que me enche o saco. Para tirar a dúvida, aproveitei para parar de fumar um. Poderia ser essa a causa das falhas de memória. Espero que este tempo me ajude a colocar as coisas no lugar.

Viver na chácara é ótimo. Não tenho TV, e sinal de celular é fraco, por um triz não existe. Tenho mantido leituras em dia, num exercício de, além de instigar a imaginação do narrador, fomentar a memória do escritor. Aqui não tenho compromissos para esquecer e nem quem me cobre por isso. Minhas companhias são o cachorro e

os três gatos que convivem bem. De gato, eu só trouxe um, os outros dois já moravam na casa. A única pessoa que resta na minha vida é Irene. Aliás, ela está há quase 15 anos comigo. Meu maior medo de sair da cidade era perdê-la. Mas ela gosta muito de mim e deu um jeito no transporte até a chácara. Vem pra cá de madrugada de tão cedo, uma vez por semana, e ainda me traz as compras. Quando vai embora, deixa saudade, a casa limpa e a geladeira cheia.

A chácara é herança de minha avó. Ela me criou desde cedo, quando minha mãe se foi. O nome Catumbi é homenagem à chácara em que viveu Bentinho, de Machado de Assis. Vovó era leitora assídua. Vivemos eu, ela, os livros e a natureza exuberante da serra por muito tempo, até chegar Irene, quando minha avó precisou de ajuda que eu não podia dar. Depois, Irene foi trabalhar para mim na cidade quando minha avó morreu e está comigo até hoje.

Foi ela quem disse que eu ando mais tranquilo. Tenho conseguido escrever. Estar recluso e perto da natureza contribui para isso. Escrevo sobre um universo bucólico em que a natureza é personagem importante, num cenário pós-apocalíptico em que poucos restaram sobre a terra e a natureza começa a reagir com uma força brutal para tomar o que é seu. Ainda não defini que força ou criatura sobrenatural encarnará essa revolta da natureza, mas preciso fazer isso rápido. Neste primeiro livro, a personagem parte em busca de outros sobreviventes e de um lugar seguro. No segundo, conto o que aconteceu para chegar ao cenário atual. O final da história, como a humanidade tentou se reinventar, eu relato no último livro da trilogia. Não sei se ela conseguirá. Estou escrevendo tendo em vista um roteiro de cinema que brote dessa história. *O Perigo Que Nos Ronda* é o título da série. É provisório.

Embora eu esteja comendo menos, Irene me disse que estou mais corado. Provável que seja o ar do campo ou as caminhadas noturnas. Também estou menos ansioso, o que me livra da gulodice que a tensão me provoca, além de não ter mais laricas. Há algum tempo, tenho trocado o dia pela noite, o que não me incomoda. O ar noturno é mais puro.

Irene anda reclamando que há sujeira de terra pela casa, mas eu não imagino de onde possa ter vindo. Uma hipótese seria o cachorro. De minha parte, notei que minhas unhas andam com restos de barro. Não sei, talvez eu possa estar comendo terra. É uma das coisas que eu fazia quando criança. Adorava comer terra. Parei depois dos vermífugos que vovó me fez tomar.

Agora minha cobiça é outra. Não contei para Irene, porque achei muito particular, ou peculiar, mas ando com o desejo repentino de comer moscas. Vejo-as passando por perto e minha boca enche d´água. Tenho percebido que meu desejo não é só por moscas: inclui minhocas e baratas.

Aos poucos, percebo que a fome de comida tem sumido e que o desejo por coisas estranhas aumenta. Vi o gato cinza com um camundongo na boca e o invejei. Ele logo sumiu.

Por falar em gatos, outro dia, Irene veio me dizer que os meus são ótimos, porque ela achou um monte de restos de rato essa semana. Fiquei feliz.

Quando eu terminar essa maldita trilogia, espero ter melhorado. Gostaria de ir morar longe, fora do Brasil. Vamos ver se consigo fazer minha memória voltar ao que era antes. E ainda tenho que aprender a viver sem Irene, minha maior dificuldade. Mas vai acontecer, um dia ela me deixa.

Hoje acordei mal. Mal não, fedido. Um cheiro horrível, parece que um gambá se esfregou em mim enquanto eu dormia. Não entendo o que pode ter causado disso. Na dúvida, achei por bem queimar as roupas. Aquela catinga nem Irene conseguiria tirar.

Há um mês, ela ficou apavorada. Encontrou restos do que pensava ser um dos gatos. Ela me fez prometer ficar atento porque poderia ser algum bicho perigoso, ainda mais que Irena sabia que eu saio de madrugada. Para acalmá-la, prometi que ficaria atento. Não entendi como pode ter acontecido. Os gatos são espertos e não toleram estranhos. O cachorro não fez barulho também. Até o fim da tarde, quando Irene foi embora, só havia aparecido um dos bichanos. Preciso mesmo tomar mais cuidado.

E Irene disse que vai comprar menos comida, porque está estragando. Tenho comido pouco.

Na semana que vem, tenho retorno médico. Espero que o psiquiatra diminua os remédios. Sinto que eles têm me tirado o sono da noite e dissimulado minha fome. Ou pelo menos que substitua por outros com menos efeitos colaterais. Não vejo outra explicação. Vou contar-lhe também que minha amnésia tem piorado.

Essa noite deu uma chuva pesada. Acordei cedo e com fome, sinal de que consegui dormir bem. Do quarto senti o cheiro de café que só Irene faz. O cheiro instigou ainda mais minha fome. Eu comeria um boi.

Irene entrou no meu quarto apavorada. Ela não encontrou Sansão, o cachorro, que ela adora. Teme que a mesma coisa que matou os gatos tenha pegado o Sansão. Eu saí, então, à procura dele, o que nunca é necessário, porque ele está sempre por perto quando acordo.

Segui por uma trilha na mata, da qual não me lembrava. Andei um longo trecho, seguindo algumas pegadas de gente e de um animal. O cheiro no ar parecia ser o de Sansão. Apressei o passo, instigado pela possibilidade e pelo odor. Cheguei a uma pequena clareira, onde o cheiro era mais intenso. Lá estavam os restos do cachorro. Cheguei mais perto para me certificar de que o cheiro era dele mesmo. Era seu sangue, sem dúvida, de alguns dias já. Do lado, a coleira preta dele confirmava o pior.

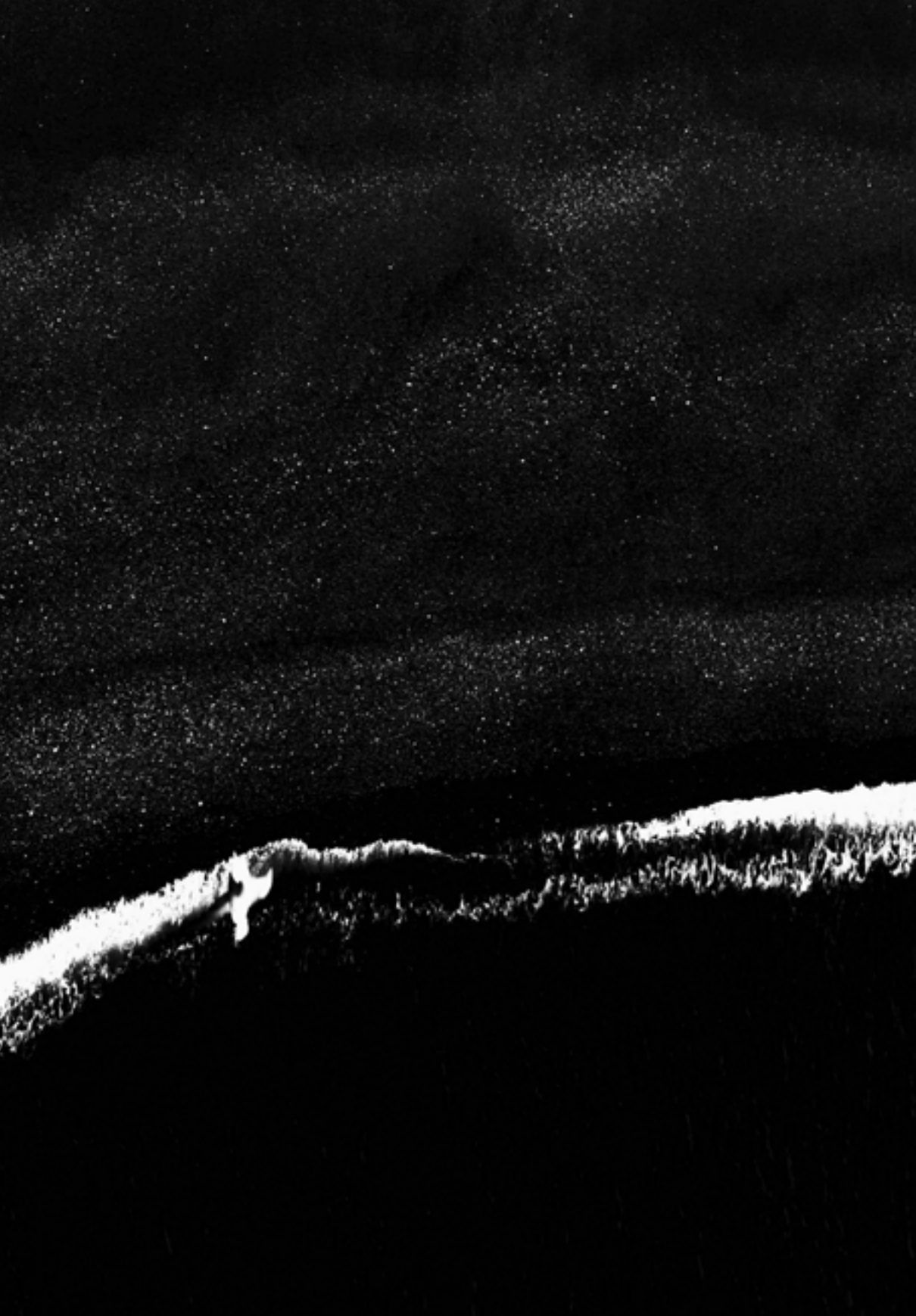
Resolvi não contar para Irene, deixando-a na esperança de que ele volte ou na suspensão de uma prova mais evidente de que algo estranho e perigoso estava acontecendo. Temi perdê-la. Temi mais por ela que por mim. Eu precisava fazer alguma coisa. Meus animais sumindo assim, sem explicação e eu praticamente inerte. O que eu estava esperando? Eu via a progressão com que o animal devorava suas presas. Começou com as pequenas e agora parece que sua fome aumentava. O próximo poderia ser um humano, eu.

Irene estava desconsolada. Disse que Sansão não fugiria e que conhecia muito bem a região. Que ela estava com medo do que estava acontecendo ali, que poderia ser um animal perigoso e feroz, faminto, ou talvez uma mãe que precisasse alimentar a ninhada, estivesse atacando. Não sabia o que era, mas estava com medo. Eu disse que ela tinha razão e que eu iria ao médico nos próximos dias e aproveitaria para conversar com o departamento de animais silvestres e até mesmo na delegacia eu poderia ir, para tentar esclarecer a situação e nos dar maior segurança. Irene disse que estava triste e temerosa e que não viria mais até que o mistério se resolvesse.

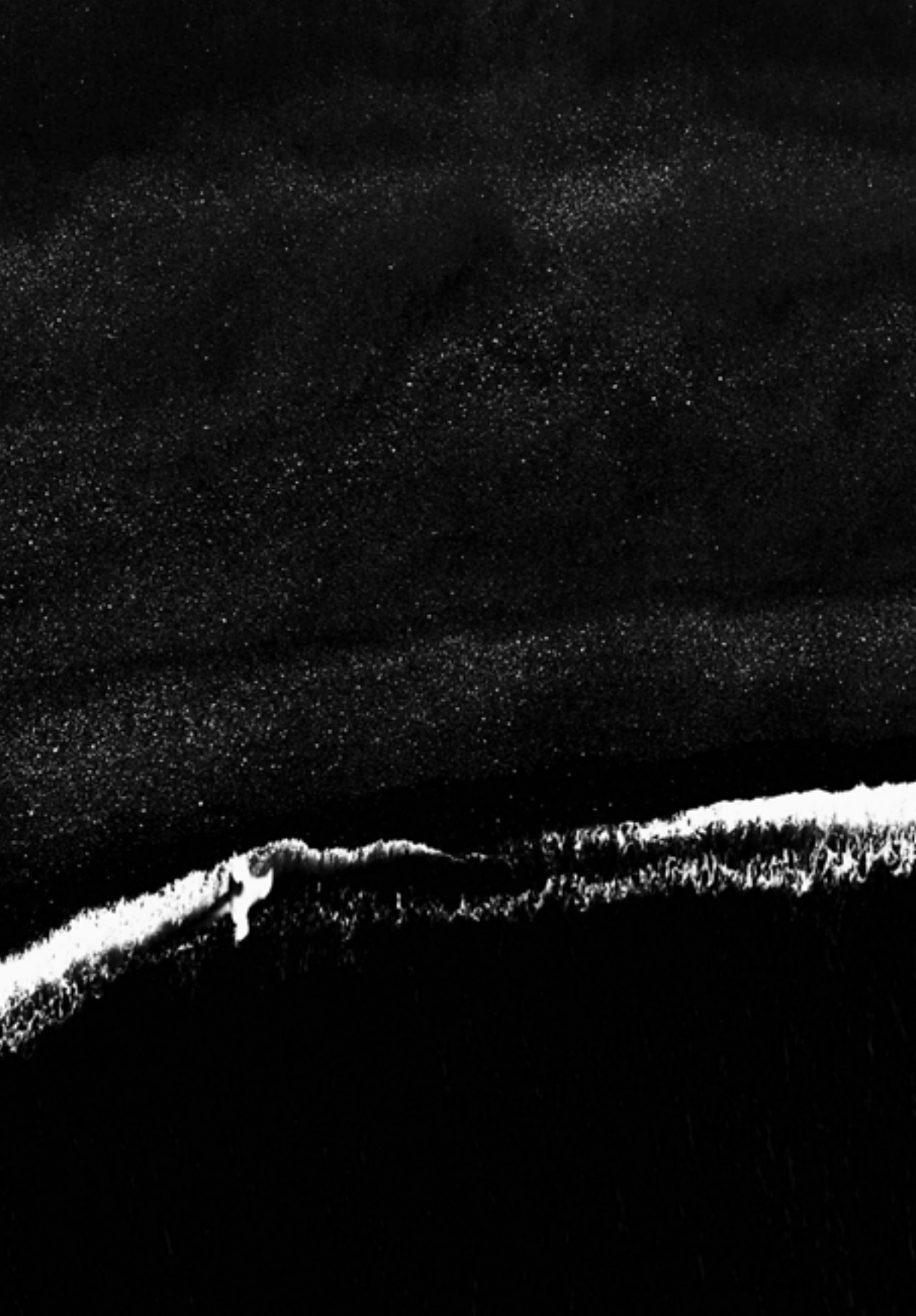
Hoje levantei tarde, já que Irene não apareceria. Eu estava sozinho, sem os gatos, sem o cachorro e sem Irene. Embora sentisse a falta deles, no fundo, a solidão total me dava certo alívio. Seríamos

só eu e o texto. Ou eu pensava que fosse. Vi que o celular, que quase nunca funciona, dava sinal de mensagem. Há dois dias atrás, Irene disse que viria hoje trazer umas roupas que levou para arrumar e ver como estavam as coisas.

Eu não tinha fome, mas fui fazer café para esperá-la. Qual não foi minha surpresa quando vi, no chão, a sacola com as roupas e no braço da cadeira, dependurada, a bolsa de Irene.



Yuri Luz



O fungo de Titã

Essa é a história de como a ganância e ambição destruíram a Terra.

Após uma década do suicídio da sonda Cassini na atmosfera saturniana, um pequeno projeto foi criado em paralelo com a NASA, ESA e ASI, dedicado ao estudo de Titã, a maior lua de Saturno, e a segunda maior lua do sistema solar.

O projeto começou pequeno, com cientistas reanalisando as informações coletadas das sondas Cassini e Huygens; anos mais tarde, o projeto se expandiu com a descoberta de fósseis enterrados entre dunas de área, pedras de gelo e de hidrocarbonetos no solo de Titã, o que causou o desligamento do projeto às demais agências, nascendo assim, uma nova agência espacial, com o propósito de mandar uma nova missão ao satélite saturniano, mas dessa vez, uma missão tripulada.

A agência se autonomeou Astreu, como na mitologia grega, o titã das estrelas, dos planetas e da astrologia, filho do original Crio, titã do cosmo, das constelações e do universo. Em 2 de janeiro de 2046, a agência Astreu realizou aquilo que nenhuma outra agência espacial havia feito, enviou os primeiros colonos ao solo da nossa Lua.

Dois anos depois, a colônia se expandiu, virou um centro de pesquisa espacial, com tecnologias avançadas, permitindo apenas astrônomos mais capacitados.

Isso gerou intriga por parte das outras agências, principalmente da NASA, alegando que tal ato ia de encontro com o tratado do Espaço Exterior, estabelecido em 1967, o qual proibia a apropriação de qualquer corpo celeste por parte de uma nação ou órgão. Contudo, Astreu novamente estava um passo a frente, bateu contra a NASA provando que a colonização da Lua era para fins científicos e, citando o tratado, disse que se beneficiasse a humanidade e não fosse apenas uma exploração egoísta, a missão era válida, e ainda, mostrando fatos, Astreu comprovou que os estudos realizados em nosso satélite natural eram acessíveis a qualquer um com conexão wifi.

A agência espacial Astreu pôde continuar com a colonização da Lua desde que divulgasse todas as descobertas e cedesse território no solo lunar para as demais agências, causando uma segunda Guerra Fria entre a NASA e Astreu, que disputavam, dessa vez, uma corrida exploratória espacial.

Com o projeto de enviar civis ao satélite terrestre, a NASA conseguiu notoriedade na mídia e de empresas renomeadas, ganhando assim recursos do governo e deixando, pela primeira vez, Astreu em segundo plano. Com a pressão de patrocinadores e da mídia, Astreu se viu encurralada, com verbas escassas, a agência decidiu jogar às cegas, investiu tudo em sua missão originária, enviaria uma nave tripulada a Titã e recolheria os fósseis para pesquisa, se caso conseguisse, venceria a NASA na corrida de exploração e descoberta, tornando-se a agência espacial modelo.

Após cinco anos de pesquisas e desenvolvimento da nave, Astreu a lança em direção à lua saturniana, anos depois, a nave passou

pela orbita de Júpiter com intuito da gravidade do planeta impulsioná-la para Saturno e finalmente chegar a Titã. Contudo, a vacilante densidade da atmosfera de Júpiter desnorteia a espaçonave, arrastando-a ao fundo da exosfera do gigante gasoso, onde acaba sendo atingida por uma tempestade de raios antes que conseguisse recuperar o controle e seguir viagem, a nave é destroçada, assim como os três astronautas dentro dela.

Quando a notícia do fracasso da missão chegou até Astreu, a agência pensou que seria seu fim, porém, a comoção se deu em massa, os três astronautas viraram heróis da humanidade, a pressão da mídia e da população obrigou o governo a ceder mais recursos à agência, para que as mortes dos astronautas não tivessem sido em vão.

Astreu aproveitou o capital extra e investiu em uma missão menos ambiciosa, mandou à lua de Saturno uma sonda tripulada com um robô, nomeando-o com os nomes dos três astronautas mortos. A missão foi um sucesso, quase duas décadas depois, a sonda voltou à Terra com os fósseis de Titã, retornando em boa hora, pois a agência passava por dificuldades para manter a base colonial lunar, sem mandar ou receber qualquer nave da Terra à Lua, acumulando dívidas com os auxílios que pedia a outras agências espaciais.

Aquela foi a descoberta do século, Astreu ascendeu novamente, os recursos destinados às pesquisas vinham de todos os cantos do planeta, a sede terrestre da empresa virou ponto turístico, e assim Astreu pagava pouco a pouco suas dívidas.

Foram meses de pesquisas e estudos, com ajuda de paleontólogos, através de imagens de raios X, os astrônomos descobriram resíduo de matéria orgânica no interior dos fósseis, mais tarde, as análises bioquímicas revelaram se tratar de um fungo nunca visto antes. Astreu então fechou o centro de visitas e proibiu o acesso da

mídia convocando seus melhores microbiologistas que trabalharam arduamente por semanas, até a agência receber uma intimação para revelar as descobertas a cerca do novo fungo.

O comunicado oficial da agência parou o planeta: "Esse fungo é o que podemos chamar de parasita, estava vivendo no interior dos fósseis, onde se manteve vivo e adormecido, provavelmente matou as criaturas antes de sofrerem o processo de fossilização, utilizam--nas como veículo para transmissão e proliferação de sua espécie".

"O corpo de profissionais da Agência Espacial Astreu está formulando junto à biologia molecular uma hipótese, o fungo em contato com qualquer vírus causa uma reação química na qual o vírus invade as células do fungo, mas ao invés de as infectarem, o fungo se apropria do material genético do vírus e inverte o processo de hospedeiro e parasita".

"Se essa hipótese for confirmada, a Astreu descobrirá a cura de dezenas de doenças, contudo, os recursos que temos aqui na Terra estão escassos, decidimos enviar parte do fungo retirado de um dos fósseis para nosso Centro Espacial na Lua".

Astreu recrutou quatro astronautas, depois de tempos sem mandar qualquer sonda ao espaço, aquela seria a missão de recomeço.

Após decolar e atravessar a atmosfera terrestre, o módulo de comando cedeu, desligando-se do módulo de segurança, os astronautas ficaram presos dentro do orbitador. Depois de algumas horas de pânico, conseguiram reparar o primeiro módulo, contudo, a comunicação com a Terra ou a Lua já estava perdida.

Os astronautas seguiram com a nave às cegas, e foi o momento em que a cápsula onde o fungo estava armazenado rachou, com o

módulo de serviço inoperante, a pressurização dentro da nave oscilou, causando a desregularização da pressão na estufa.

O fungo escapou, invadiu a sala de enfermagem onde estavam dois astronautas que acabaram lesionando o braço na queda, o fungo penetrou pela ferida de um deles que em segundos caiu em ataque convulsionário, levantando minutos depois com os olhos brancos, e no local da ferida, nasceu uma espécie de haste, o astronauta caminhou na direção de seu colega, virou o braço com a haste para ele e o perfurou dezenas de vezes por todo corpo, e assim, o mesmo processo se deu ao segundo astronauta, a cada buraco penetrado cresceu também uma haste.

O comandante e uma jovem cientista escaparam se isolando na cabine de comando.

— Estamos a salvo aqui dentro, nada passa por essa porta — disse o comandante — mas que diabos está acontecendo? Viu aquelas coisas saindo do corpo deles, e os olhos...

— É o fungo! De algum modo ele escapou da estufa e contagiou os outros — respondeu a cientista. — Mas não faz sentindo, fungos viajam pelo ar, esse parece precisar de um ferimento para contaminar a vítima, como um... como um vírus. É isso! Os microbiologistas modificaram o material genético do fungo com o ARN de algum vírus, mas por que fariam isso?

— Para nos matar.

— Mas a Astreu depositou todo o dinheiro nessa missão, por que fariam isso? E o fungo, não cogitariam perdê-lo.

— Exato! Investiram pesado na missão, assim, ninguém desconfiaria. Primeiro um problema mecânico, como o mau funcionamento do módulo de comando, segundo o vazamento do fungo gerando a

morte de todos e para finalizar, sem alguém para comandar a nave, ela vagaria sem rumo até bater em algum corpo celeste, é o plano perfeito. E a Astreu possui outras amostras do fungo no Centro.

— E o que ganhariam com isso?

— Dinheiro e reconhecimento. Há algumas décadas Astreu enviou uma missão destinada a Titã, a nave ficou presa pela atmosfera de Júpiter e os três astronautas a bordo morreram, Astreu achou que era o fim, mas as mortes transformaram os astronautas em heróis e a agência arrecadou uma grande quantia de verbas investindo na sonda que trouxe os fósseis e o fungo até a Terra.

— Então, comandante, está dizendo que Astreu orquestrou esse plano de nos matar para enriquecer com a compaixão da população?! Não podemos não deixar isso acontecer.

— Há algo. Eu ainda posso reconfigurar os comandos da nave para retornar de onde decolou, mas sem o módulo de segurança, seria uma queda fatal para gente e todo o Centro Astreu. Entretanto, se o fungo escapar, a raça humana seria extinta, assim como em Titã. Acha que o fungo seria capaz de sobreviver a uma colisão dessa proporção?

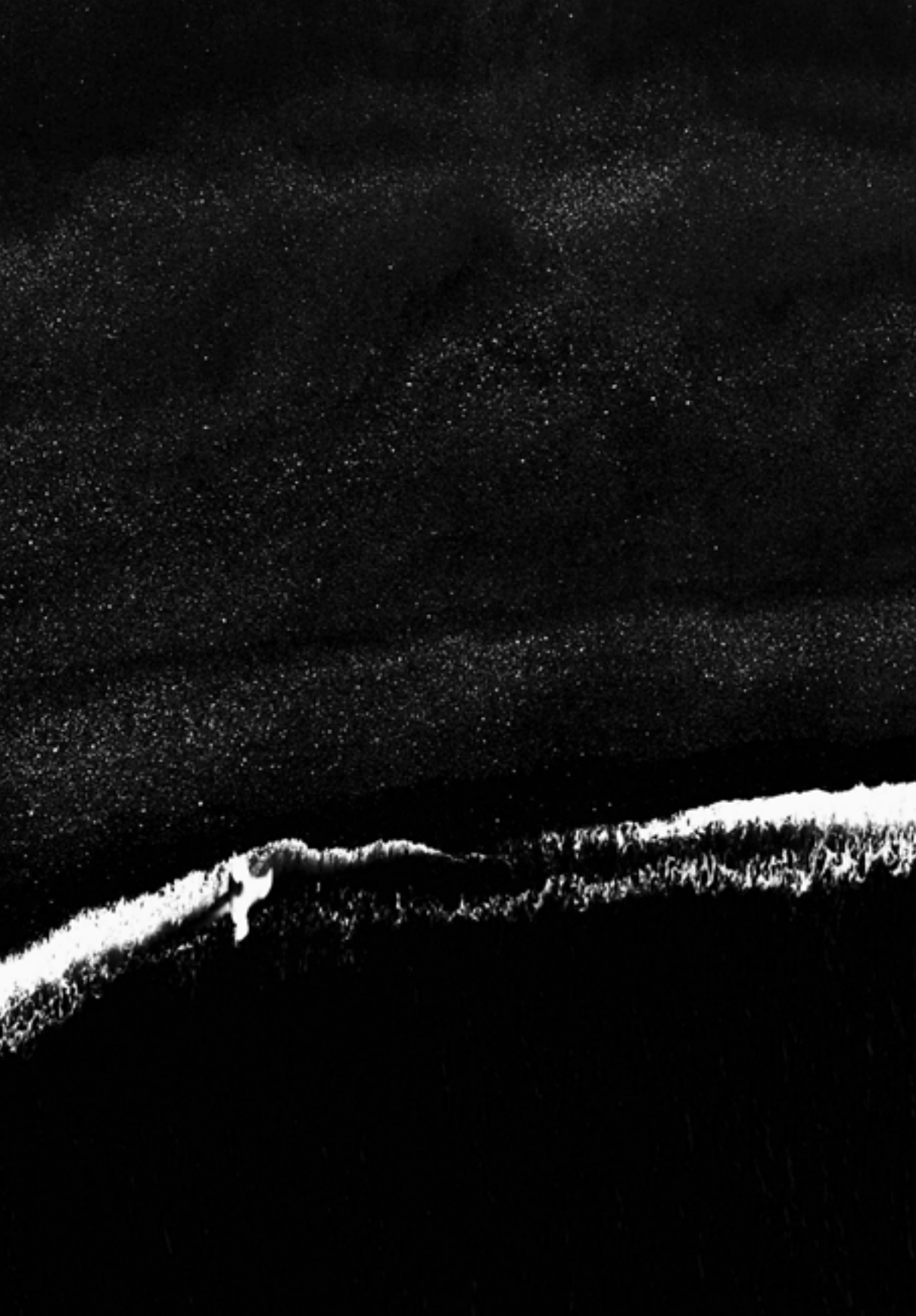
— Não posso confirmar, se fosse um fungo comum, eu diria que não, mas esse sobreviveu a milhares de anos dentro de fósseis e depois sofreu modificação genética.

— Bem, acho que sabemos a resp...

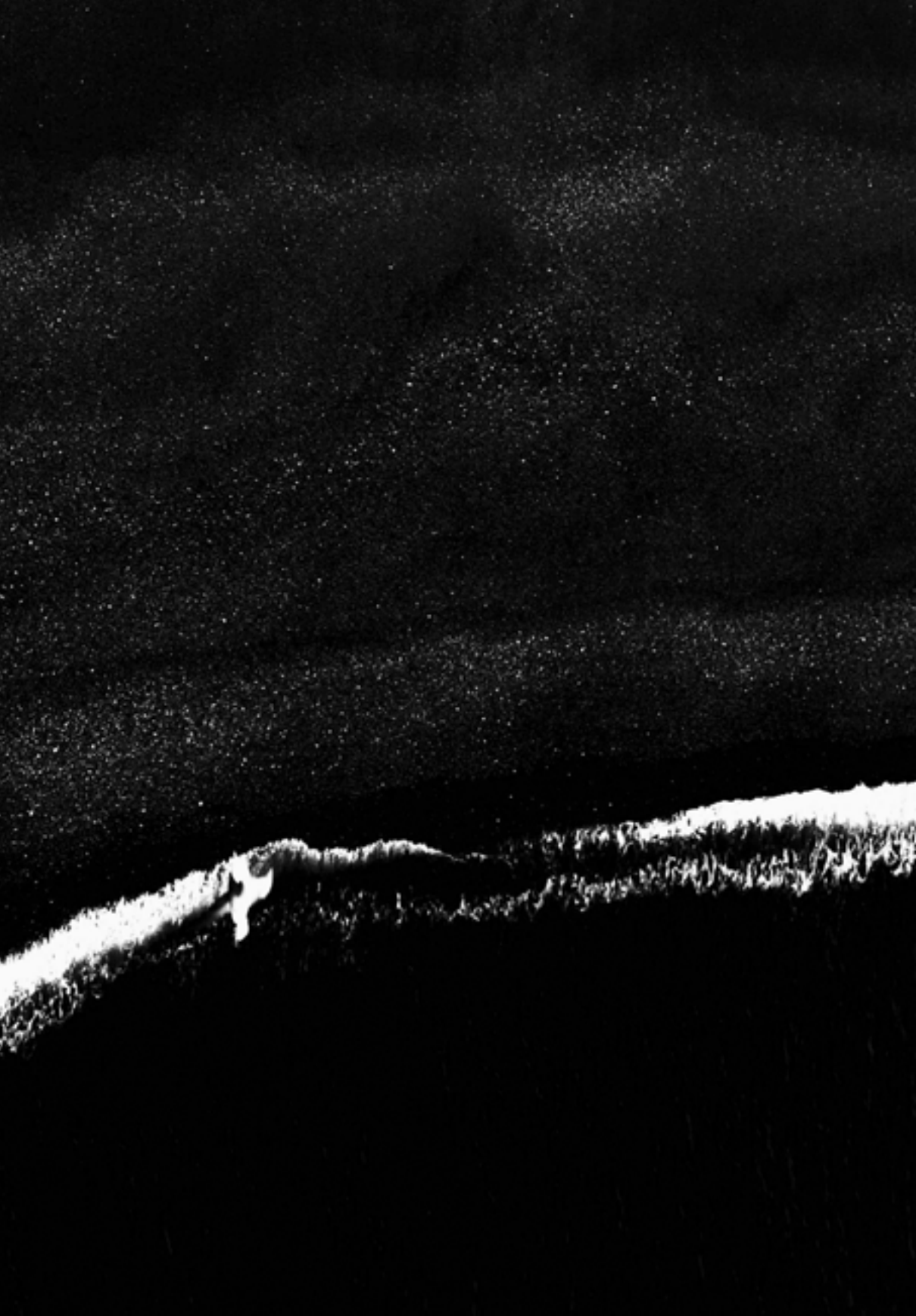
Antes que conseguisse terminar de falar a porta é aberta, os ex-astronautas entram na cabine e vão em direção aos dois. Após contaminar o cérebro e sistema nervoso central do comandante, os instintos de sobrevivência do fungo se atualizaram, as coordenadas da espaçonave são modificadas para retornar ao ponto de partida.

Em algumas horas a nave passa pela atmosfera terrestre e colide com o Centro Espacial Astreu. Foi um completo genocídio, mas não comparado ao genocídio de semanas depois.

O fungo de Titã não tinha sido erradicado com a colisão, pouco a pouco, as pessoas próximas ao Centro Astreu na hora do impacto começaram a sentir a pressão acelerar, em seguida uma violenta convulsão se abateu sobre eles, hastes cresceram pelo corpo, e o mesmo processo se repetiu, até contaminar cada canto do planeta Terra.



Layse Barnabé de
Moraes



Escuta

Escuta

Deixa um pouco a inquietude de lado

O futuro só existe

Porque o inventamos

E se é verbo

Talvez não seja tarde

Porque nunca é tarde

Pra deixar ir

Decorar outros tempos

Parar de agarrar o instante próximo

Pela mão

Haja ontem pra tanto amanhã

Ou não é bem assim?

A lembrança
E depois a lembrança da lembrança
Até que não sobre mais nada

Onde termina
Isso tudo
Que cheira a testamento lírico?

Os dias como um belo filme
Mal escrito
Diálogos forçados, cartas sem ter porquê

Fico sem jeito
De separar o real do desejo
Mas no fundo gosto

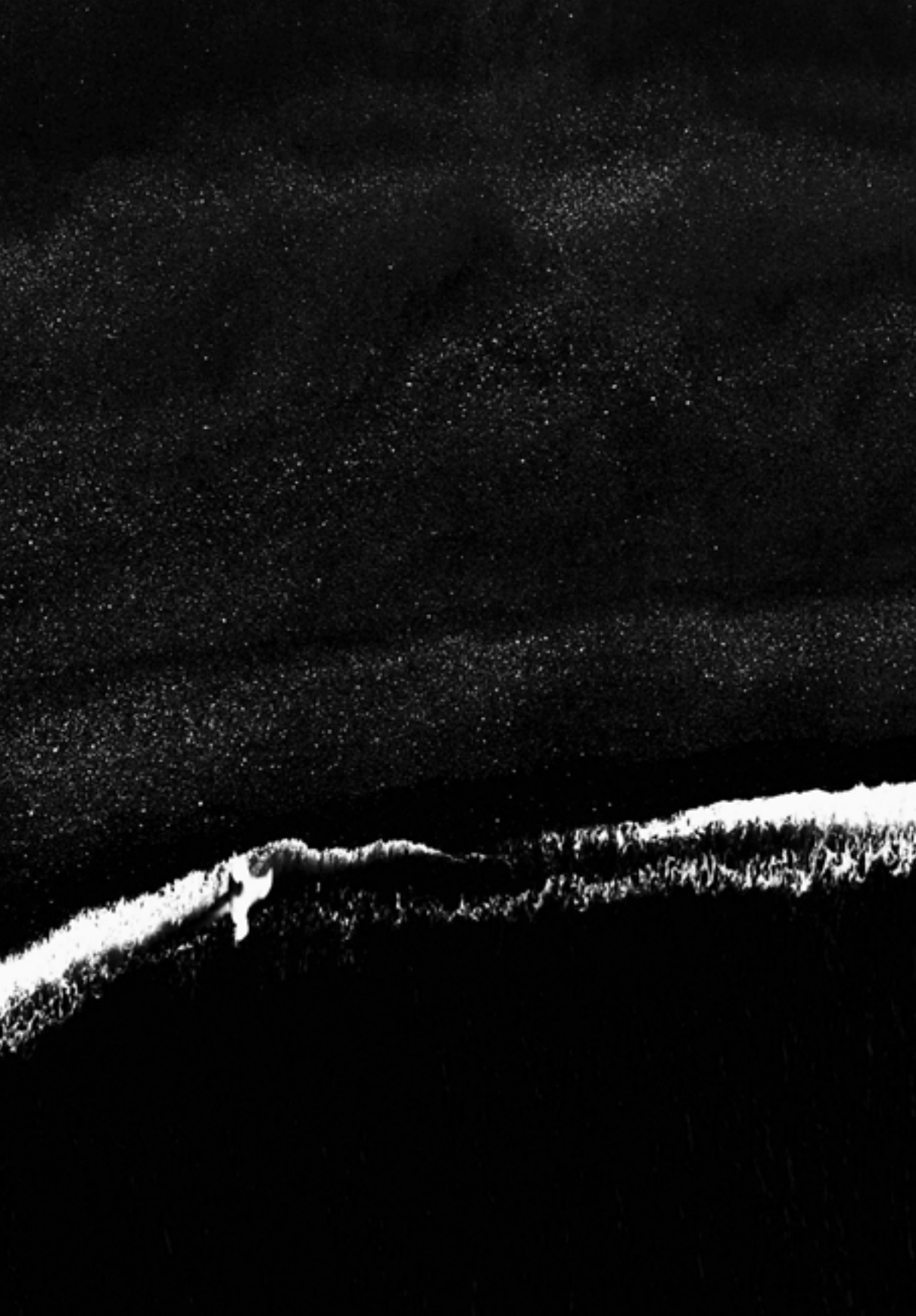
Eu não te amo mais
Adeus
Ou
Você precisa ir embora
De mim
Ou
Deixa que eu toque pra você
Uma valsa qualquer

Escolho feijões
Como quem busca respostas
(Adivinha se encontro)

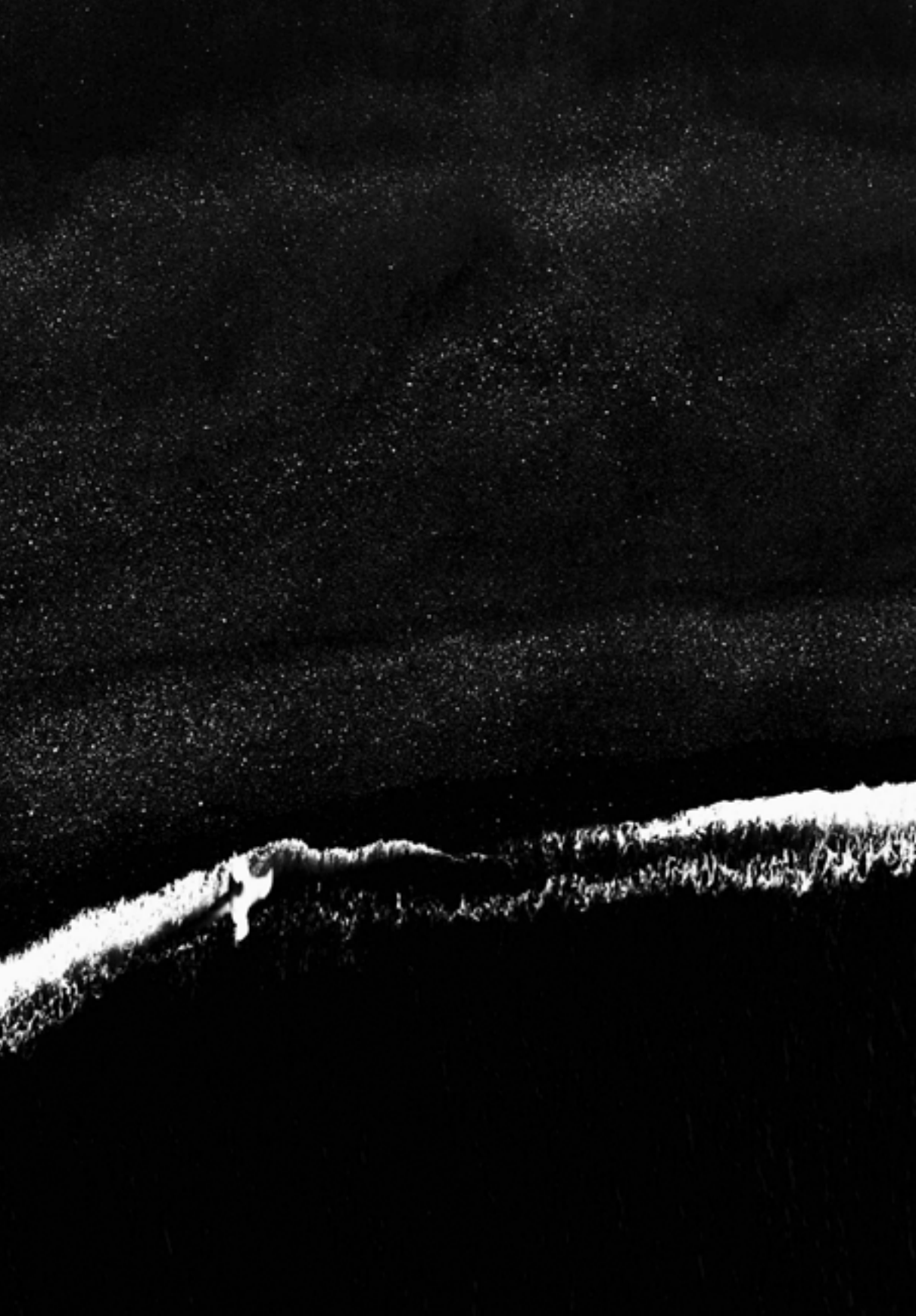
Nada disso é real
Aprende
Mas quem liga?

Tumulto em ondas
E depois a calmaria

Enquanto eu puder desenhar
O futuro pela linguagem
Ele existe.



Alessandra
Navarro



O amor não obriga a nada

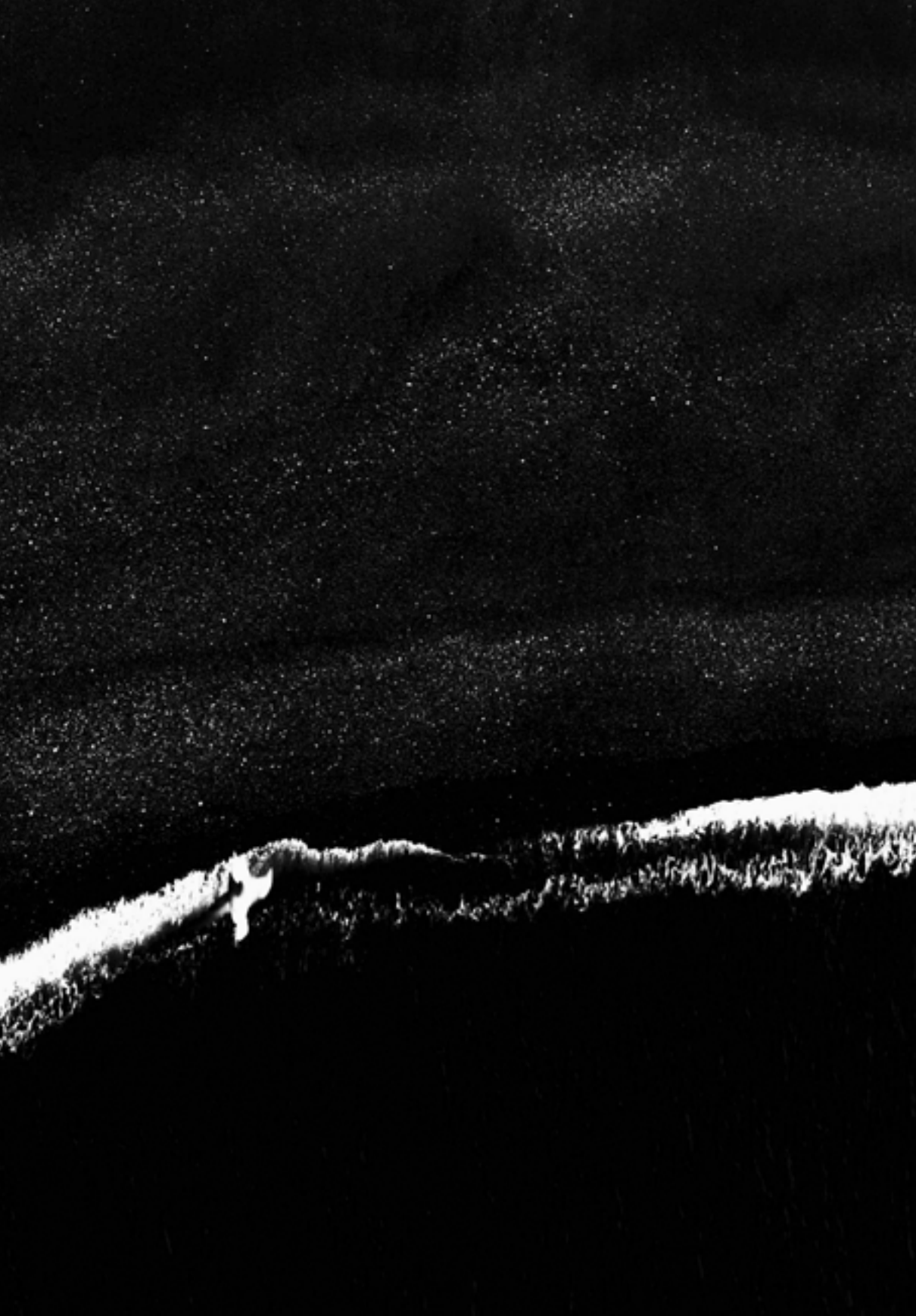
Dói-me o sangue, dizes
E tentas que não o escorra
Mas nunca pudeste escolher
Ferir-se para que eu não morra
Por nunca saber que não nos
liquefaríamos ao misturar
meu sangue puro de filha de Deus
ao teu plasma de limbo.

Eis o milagre que não se repetirá:
vinho, sangue de Cristo, que aceitamos
embora nos ardessem
os olhos.

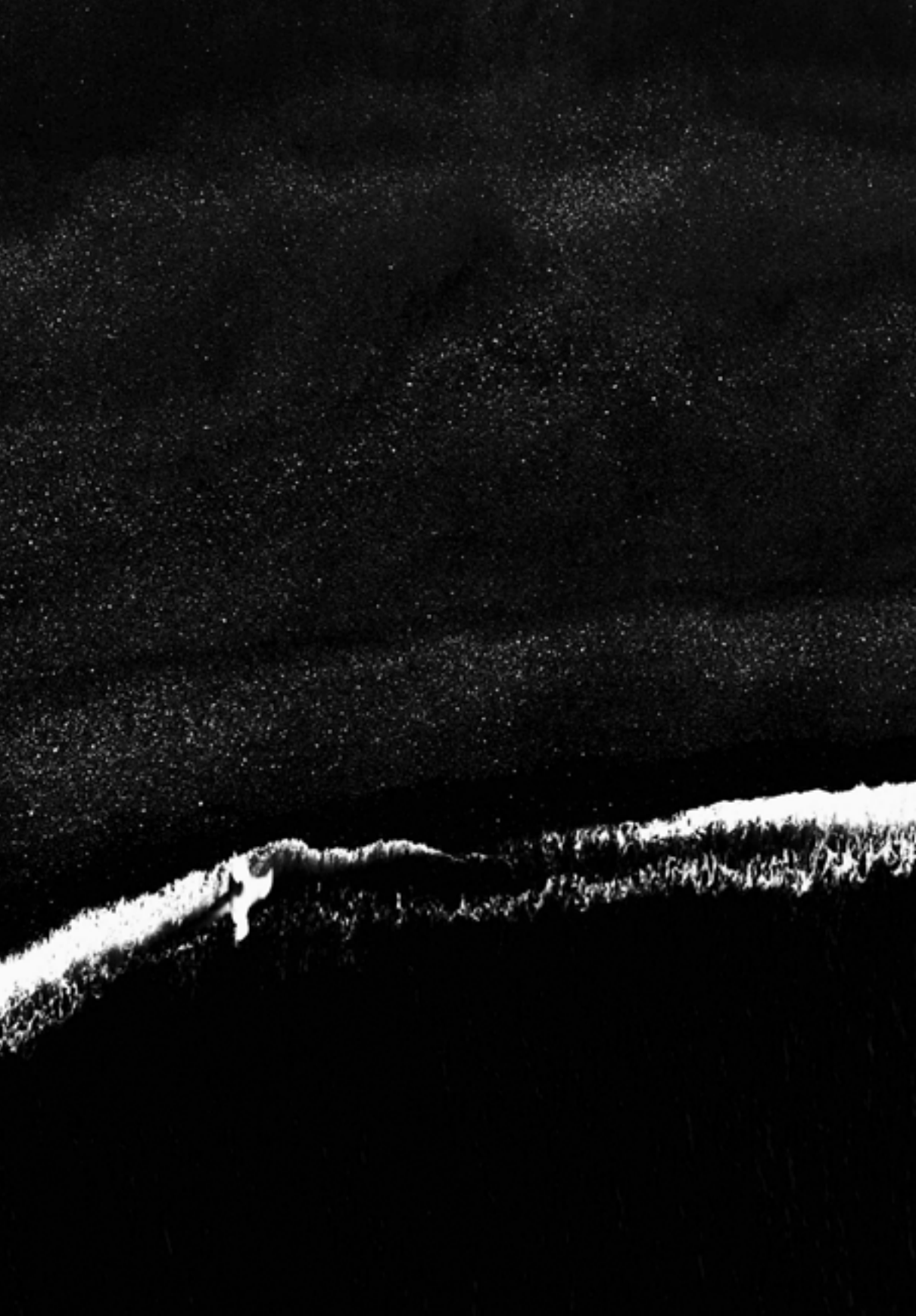
Fui a estátua que admiraste
Adivinhando-me os estilhaços
Um dia, grifados de teu sangue

Por isso dói-te
A líquida esfera
Enquanto espera em desalento,
meus erros
Sobre os seus
se invenciabilizariam.

Mas preferiste o efêmero
momento da nossa criação eterna
intransferível no tempo,
pois sabias,
jamais escreveria-te assim: sendo
cidade que foste – a minha
que agora é tua sem mim.



Alex Freire



Furacão

São os ventos em evaporação,
advindos das veias ao átrio.
Sangue em rotação, miocárdio,
ventrículos em ação, formação.

Pressão bombeia pra artéria e pulmão,
passando o ar frio do átrio esquerdo
e o ar quente do átrio direito,
em uma constante circulação.

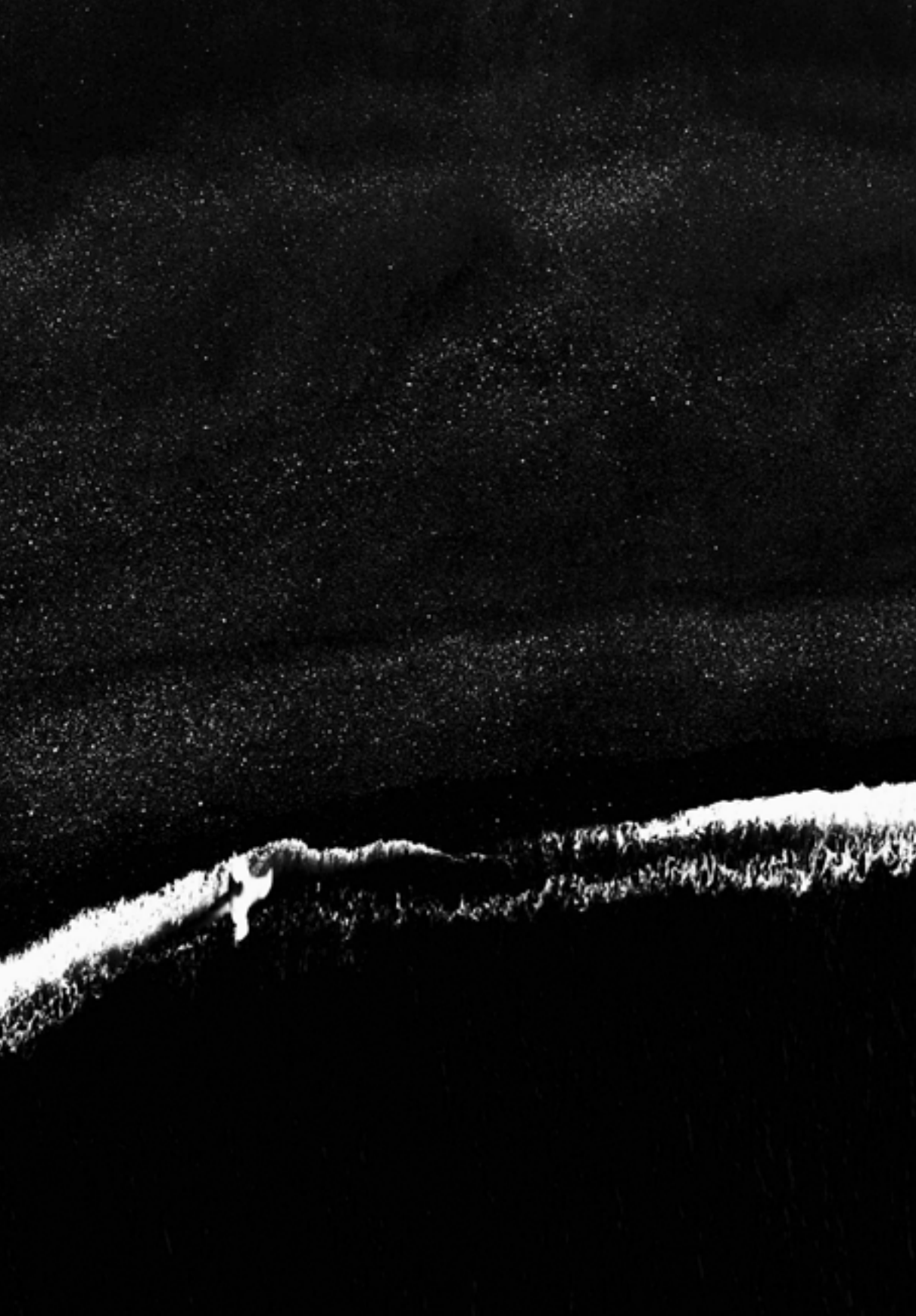
Ciclone, tufão,
batida, coração.
Conversão, física atração,
repetição, biológica reação.

Não me há distinção:
as batidas do meu coração,

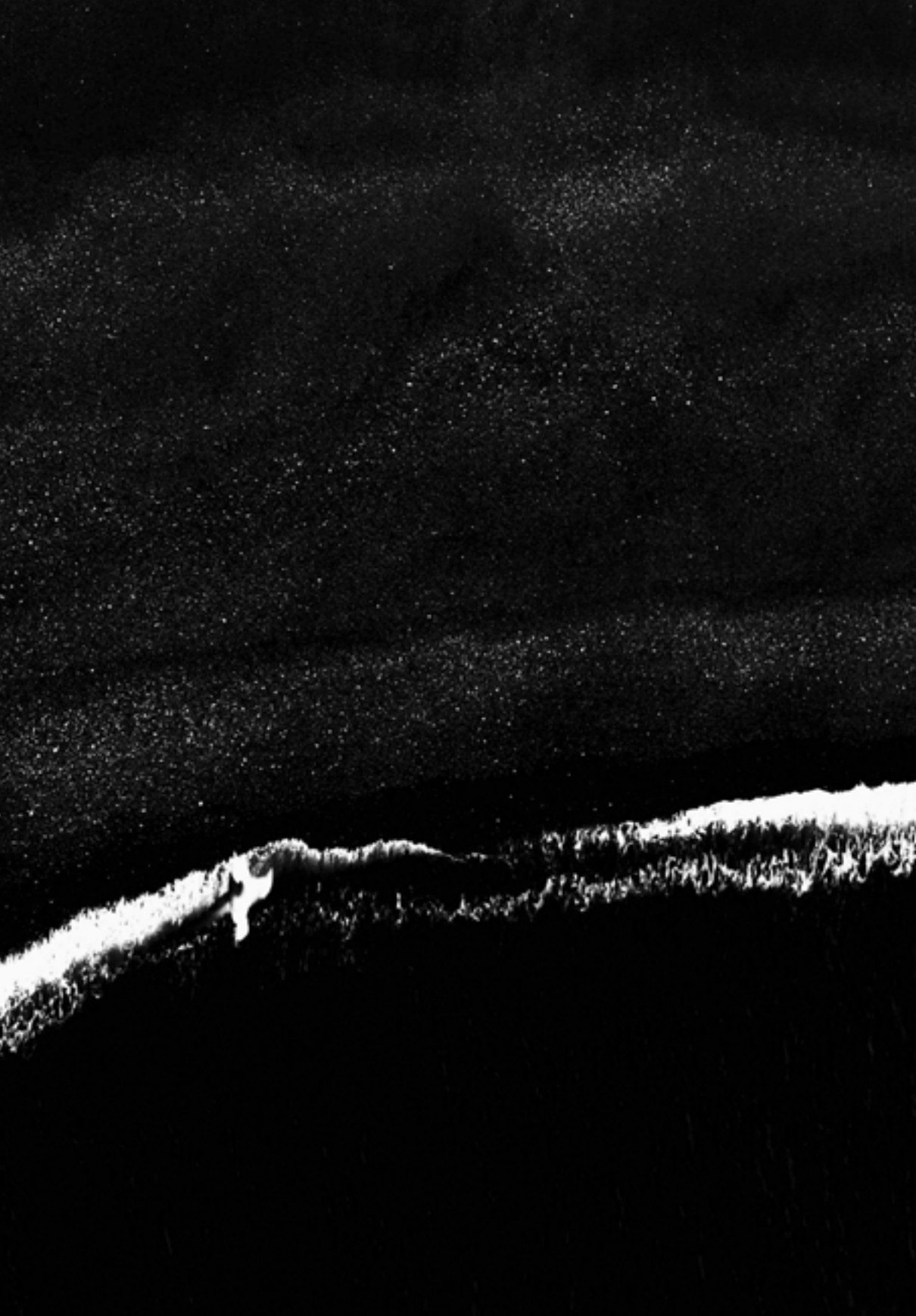
potência, ventos em pressão,
cadência, gera a pulsação.

Rápido e devagar,
ávido, desencadeia.
Como correntes de ar,
o sangue bombeia.

No pulsar,
paixão.
No olhar,
furacão.



Luís Antônio
Hangai



Boêmio adormecer

Beba sonhos contra a lua
Sete rodadas no quintal
Quem perder que se dilua
Em mais um sono trivial
Às estrelas trague vinho
Na ébria jogata desta rua
Na sonhadora ala dos sozinhos

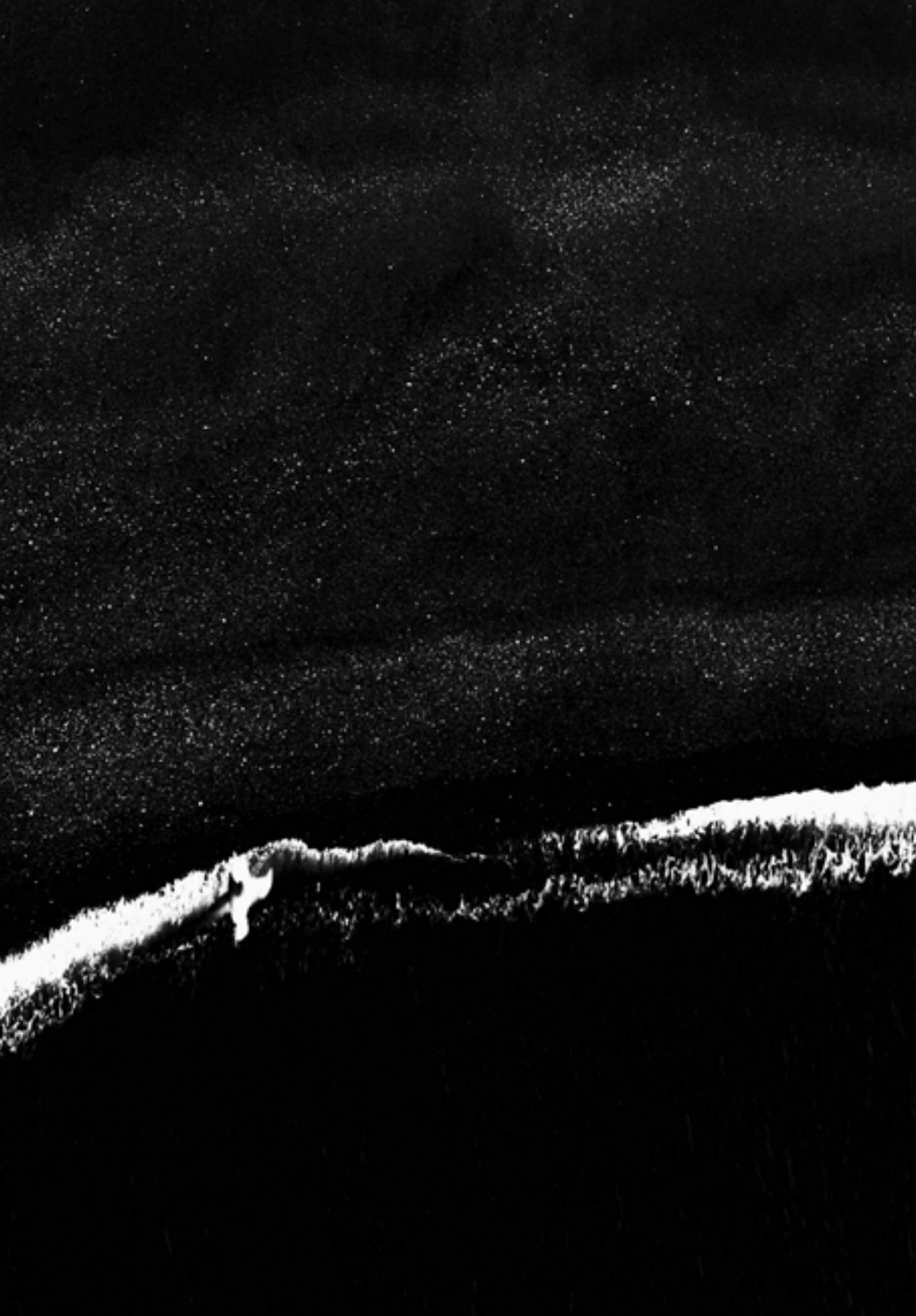
Através da cidade que descansa
Em soporífera névoa de inverno
Embrenhe-se no anoitecer interno
Aos boêmios passos de uma dança

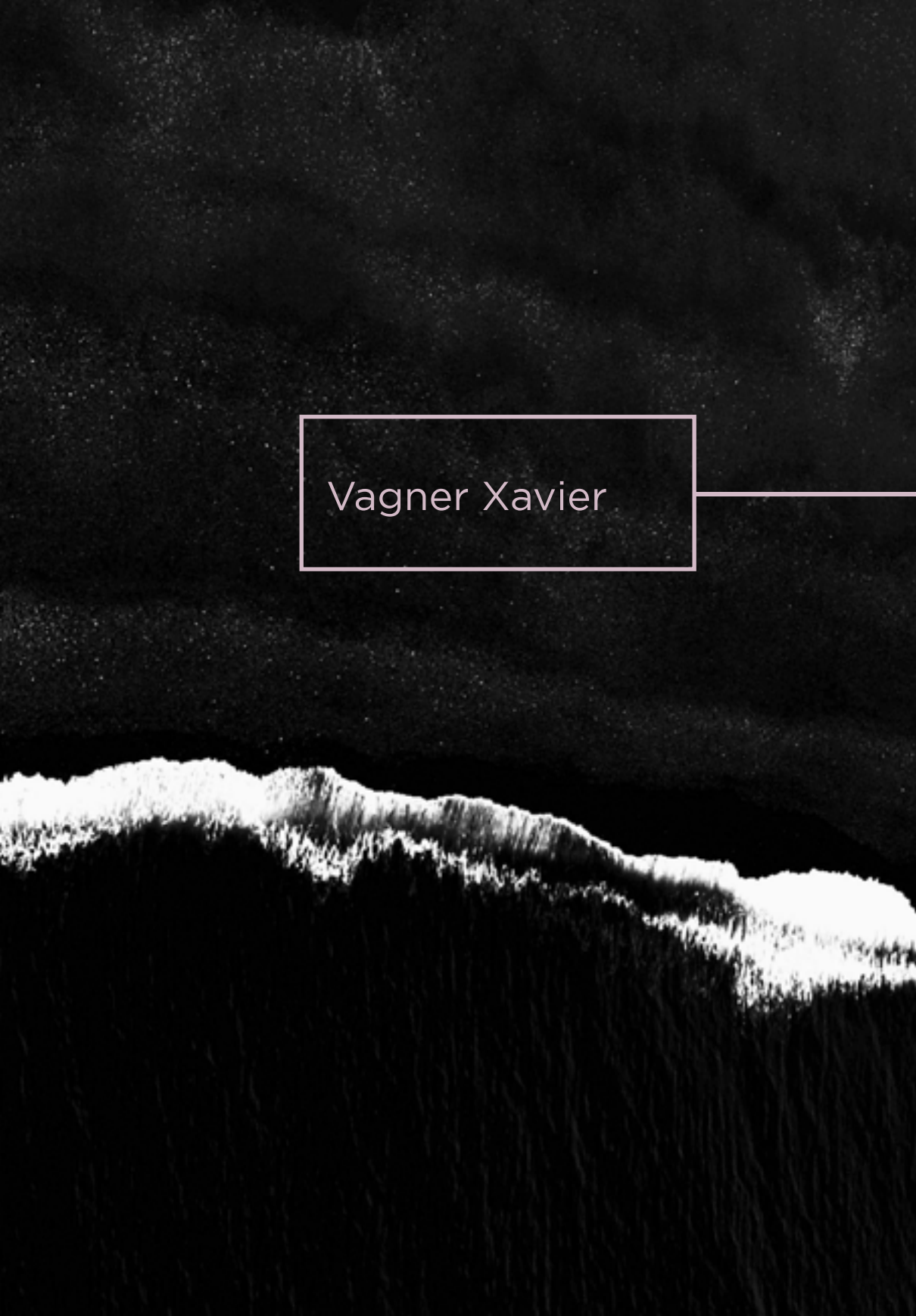
Fique alto, rumo ao escuro
Colha os mil beijos do luar
E não escute ao sussurro
Que diz ser hora de acordar

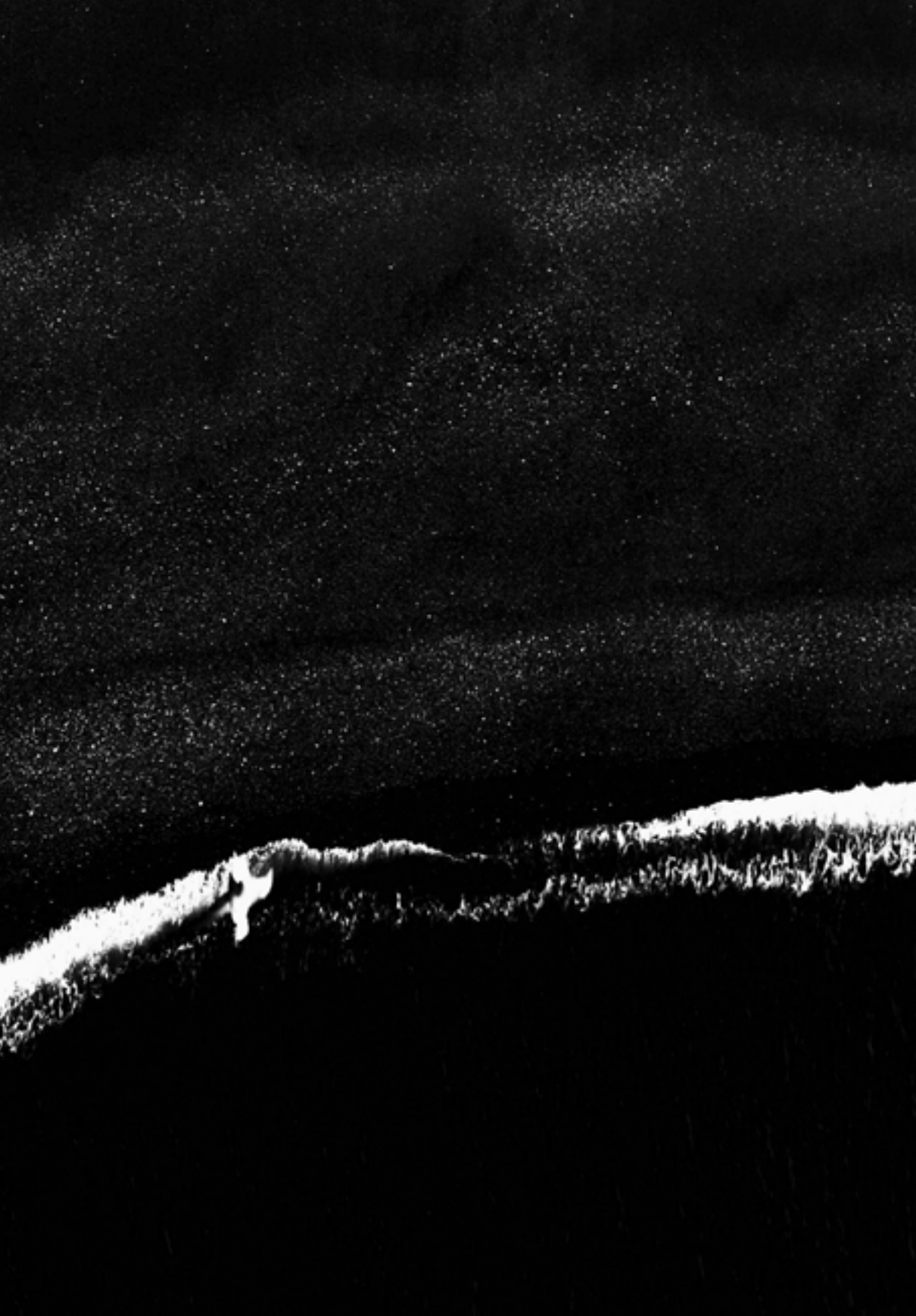
Aqui a lei do sol não impera

És entre os boêmios o mais bruto

E do amanhecer a própria fera




Vagner Xavier



O que há de errado comigo

São uma, duas, três, quatro da manhã

Um, dois, três, quatro raios

Sim, amor, estava chovendo aqui dentro

O que restaram foram bitucas, copos vazios, latas de cervejas

Vazias, assim como o meu coração, vazio.

E a noite prolonga & não tem fim

Jovens não sejam como eu

Não sou exemplo pra ninguém

A noite fria sozinho, este é o meu destino!

Uno, dos, tres, cuatro tiros

Graças a Deus ninguém morto!

Olho aqueles jovens da igreja

E alguma coisa neles me irritam

Vejo que são mais felizes do que eu

Do que toda a minha vida Boêmia

E que toda a minha extravagância boba

Ontem eu vi a morte de perto

Ela vinha a cada 10 segundos

E me observou dentro de um coletivo vazio

Apenas sorriu pra mim e me disse

Cuidado com essa sua loucura absurda

Cuidado com essa sua intensidade

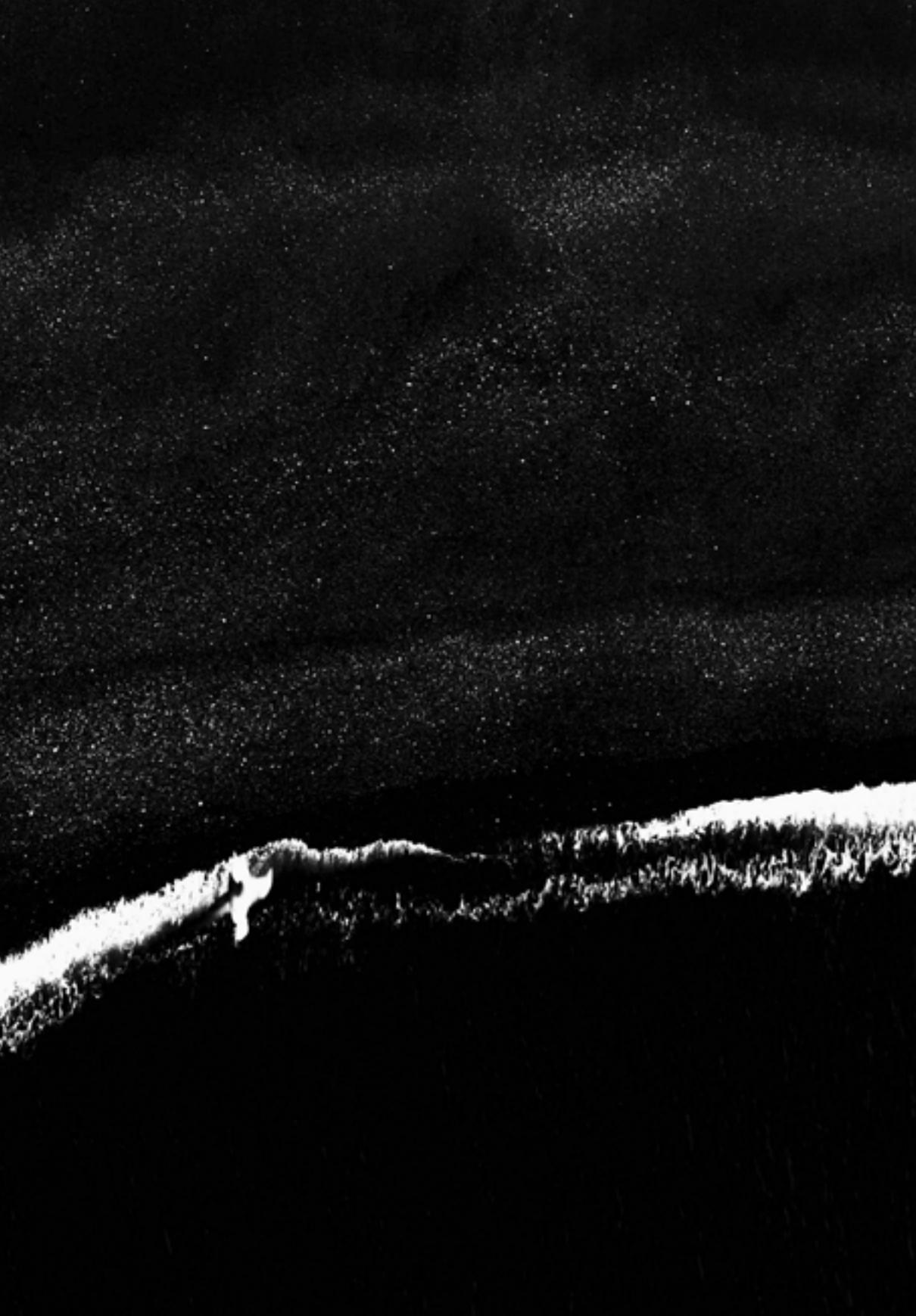
Cuidado com esse desejo louco

A vida é breve e tente aproveitar melhor

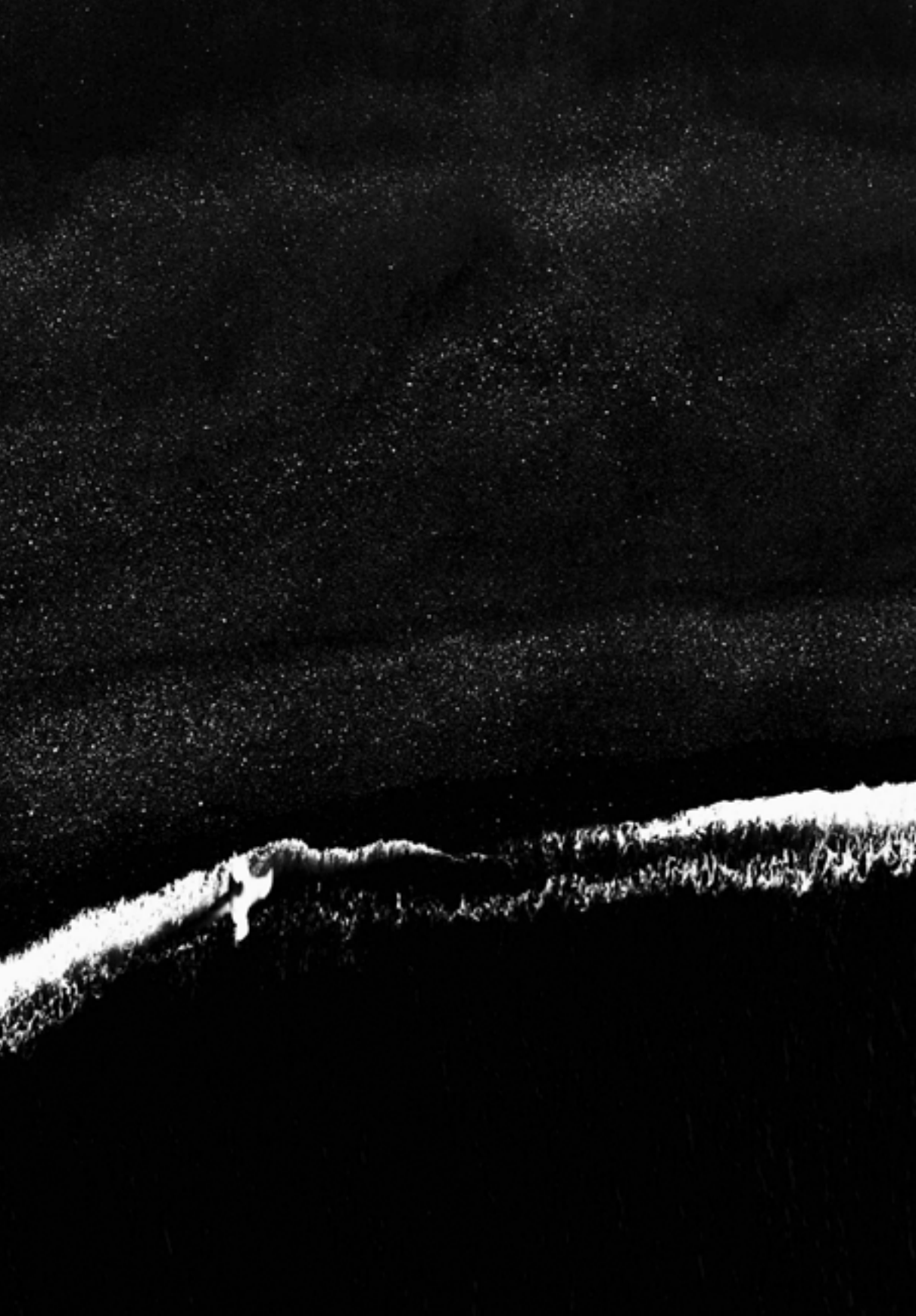
Quase congelei nas ruas

Só queria chegar rápido em casa

A vida é mais rápida que um *flash*.



Diego Navarro



Oposto complexo imperfeito (*drops*)

Na metade daquele outono era comum Johnny aparecer em meu pequeno apartamento em frente a uma das praças principais do centro da cidade. Nunca fui de vigiar o tempo, mas os dias pareciam rolar na mesma velocidade em que as páginas do livro *A Redoma de Vidro,* de Sylvia Plath, eram devoradas por mim, naquelas semanas em que as folhas decidiam querer cair de seus galhos.

Penso que, Eu e Johnny, tínhamos nossa própria definição sobre o que estávamos sentindo um pelo outro, nunca falávamos sobre "Amor" e sua notória existência. Nós optamos por não rotular algo que estava em nossas caras, que quase todos próximos a nós viam, e, nós mesmos embalados naquela sensação, não queríamos ver.

Enquanto Johnny folheava livros e revistas jogadas pelo sofá, me aproveitava da luz que invadia a sala pela grande janela que o apartamento tinha, aliás, parecia a única parte grande daquele projeto de um quarto, sala e cozinha conjugadas e um banheiro e sua pequena sacada. Depois de uma pequena pausa, decidi descer com Johnny naquele finzinho de tarde para tomarmos um café, em uma cafeteria não muito longe dali. Aproveitamos para trocarmos ideias sobre algumas coisas que Johnny estava trabalhando. Johnny era compositor e músico, tocava guitarra, mas não curtia muito se apresentar, focado

muito mais em produzir do que apresentar seu trabalho. Naquela época ele estava escrevendo letras incríveis, enchendo gavetas de ideias e canções, respeitava seu ritmo, pois também havia passado por essa fase insegura de amadurecer o que está produzindo. Durante algumas xícaras de café olhando para aquela tarde acabar e a noite mostrar seu rosto por ali, conversamos sobre letras e poemas nossos, algumas coisas minhas que ele havia lido perdidas em meu apartamento, e a possível chance de nossos trabalhos se encontrarem.

Os dias eram implacáveis, já estava pintando sob a luz difusa do inverno, e, com o frio e a melancolia dessa estação. Me pegava vigiando os ponteiros do relógio, esperando Johnny aparecer, principalmente naquelas tardes frias, bastava ele dizer que iria aparecer.

Em uma dessas tardes, a melhor delas, não foi nossa primeira vez, mas, fizemos sexo intensamente, acho que era tanto desejo contido nos dois corpos que foi incrível. Soubemos em uma simples troca de olhares silenciosa, enquanto ainda estávamos ofegantes. Aquilo foi sem dúvidas uma verdadeira conexão entre nós, limpei minha mente por um breve instante olhei as paredes a nossa volta, verdadeiras testemunhas caladas em cor creme, mas, foi nesse instante evidente e aparente, que tive uma ideia que marcou nosso relacionamento. Peguei meu livro de cabeceira no criado mudo, *A obscena senhora D,* de Hilda Hilst, por ser o primeiro livro que li dela, e, também o primeiro de sua trilogia, esse era o meu preferido. Foi em um impulso sem dar chances para quaisquer dúvidas, busquei vários lápis na sala, Johnny ficou um pouco confuso com minha euforia. Com o livro e os lápis nas mãos, expliquei a Johnny o que queria fazer naquele exato momento. Começamos em uma linha próxima ao teto e escrevemos boa parte do livro num espiral até que ele chegasse ao chão. Conseguimos cobrir todas as paredes

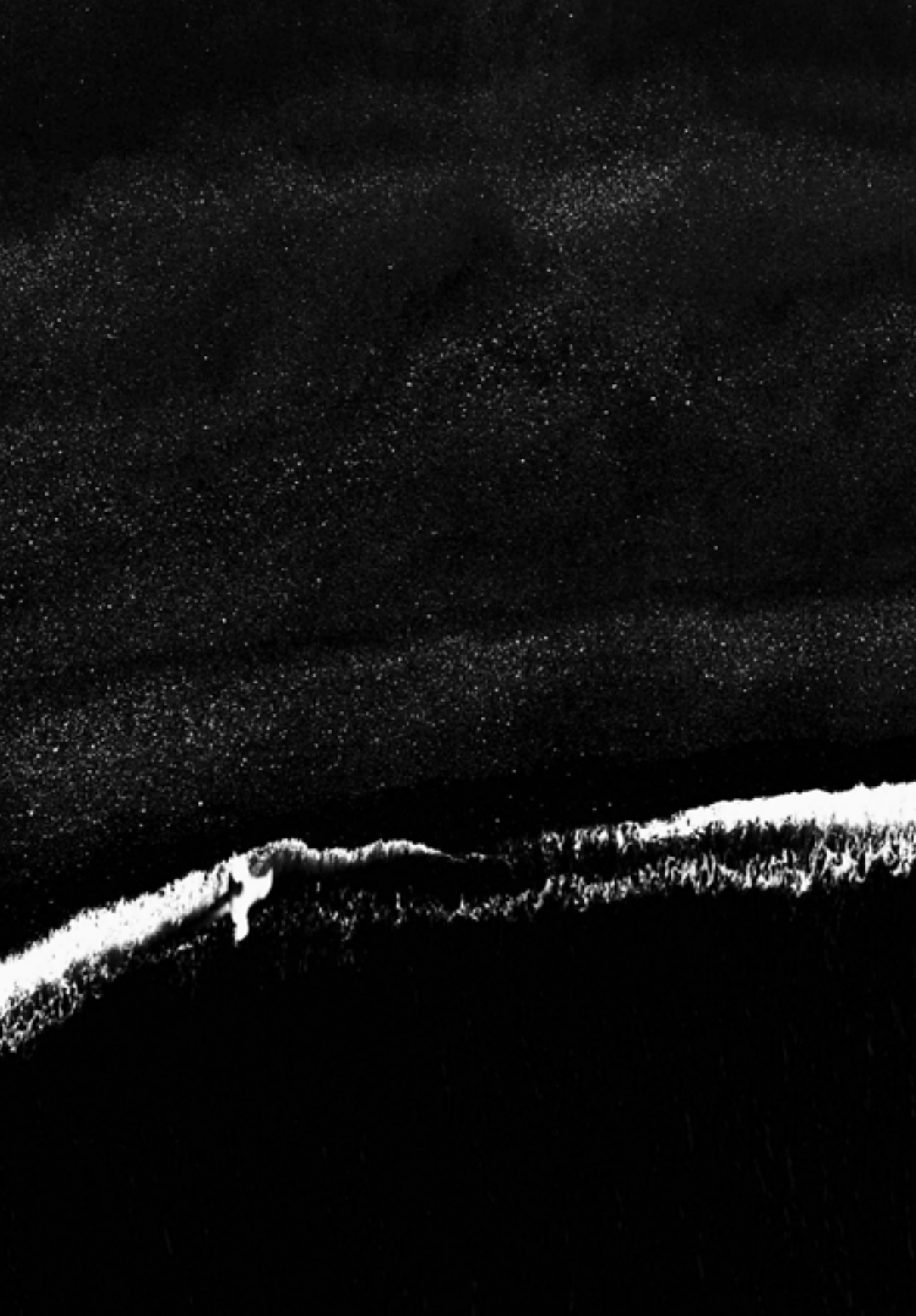
do quarto com as palavras e o erotismo de Hilda Hilst. No começo, Johnny achou a ideia meio maluca, mas logo depois da primeira linha embarcou de cabeça naquela loucura. Depois daquele dia, pelo menos pra mim toda vez que fazíamos sexo no meu quarto, de certa forma voltava para aquela tarde que se tornou inesquecível por vários e intensos motivos.

Independente do dia e momento, meus olhos sempre se deparavam com as linhas de um trecho do livro que tomava uma parte de uma das paredes do quarto, se tornou automático, ao me deitar na cama, meus olhos percorrerem perto da porta e encontravam o questionamento que começava tal passagem:

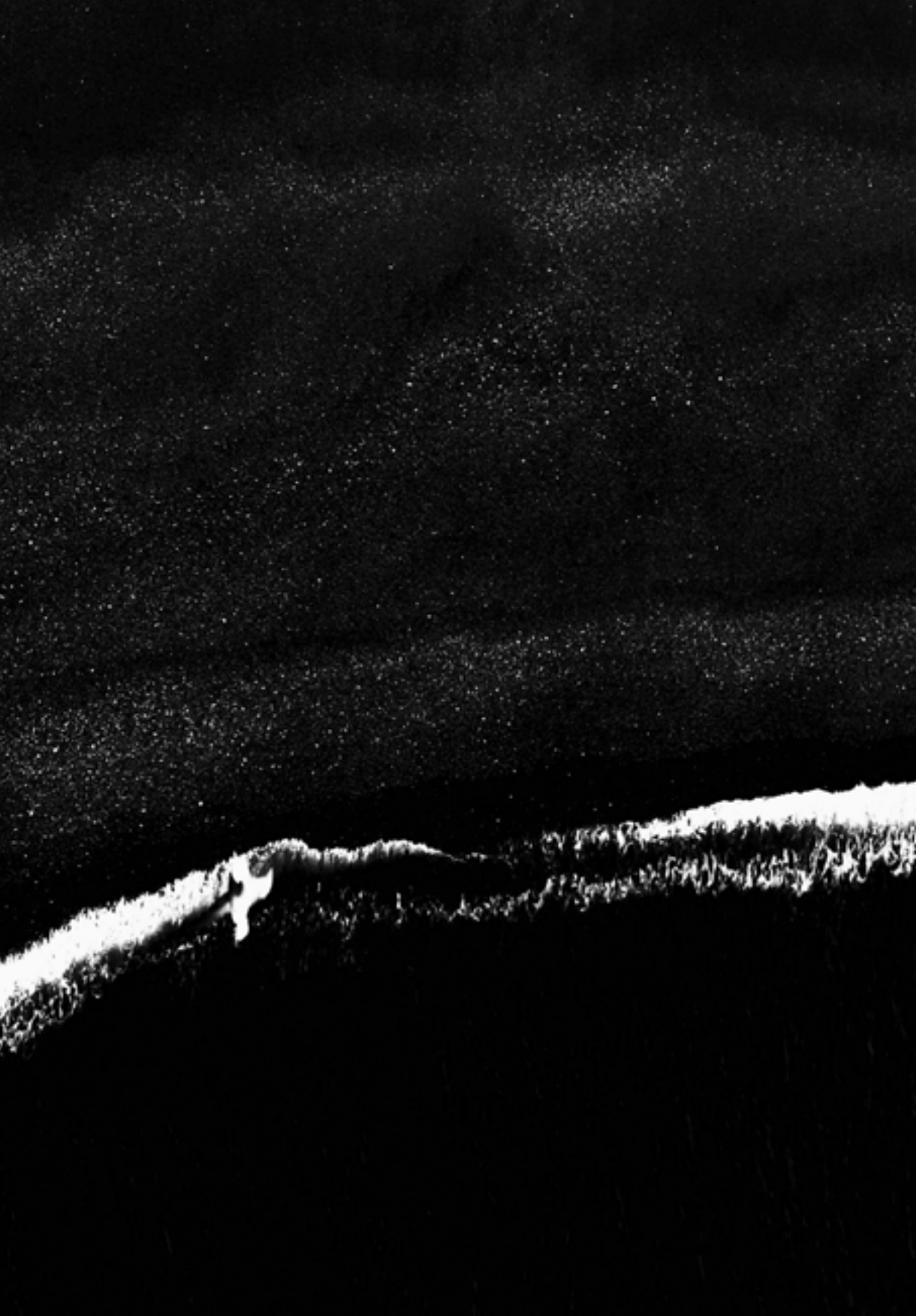
"O que é paixão? O que é sombra? Eu mesmo te pergunto e eu mesmo te respondo: — Paixão é a grossa artéria jorrando volúpia e ilusão, é a boca que pronuncia o mundo, púrpura sobre a tua camada de emoções, escarlates sobre a tua vida, paixão é esse aberto do teu peito, e também teu deserto"...

Eu já havia terminado o livro de Sylvia Plath, e com minha irônica escolha, estava lendo *Espere a Primavera Bandini*, de John Fante, e minhas tardes com Johnny eram cada vez mais frequentes. Não estávamos vigiando o implacável tempo, estávamos apenas deixando "nossas artérias jorrarem nossa volúpia e ilusão".

Penso que nossas definições sobre nós e o que estava acontecendo entre mim e ele estava gerando dúvidas. Um dia falamos sobre o "Amor" e sua notória existência, foi nossa primeira conversa sobre o assunto, foi a primeira vez que rotulamos alguma sensação entre nós. Estávamos concordando pela primeira vez com o que diziam quase todos que eram próximos a nós. Embalados naquelas fortes sensações, enxergamos o que estava acontecendo. E continuar aquela primavera com Johnny, talvez, fosse algo inevitável para mim naquele momento.



Wilson Moreira



Conspiração astral

Os dias correm lentos, como na prisão
A prisão dos dias nos enlaça
Rompe com as crenças e as diferenças entre nós.

Esses caminhos tortuosos em que vamos
Esses dias nublados e áridos que nos envolvem
Essa chuva que refresca, mas não a alma.

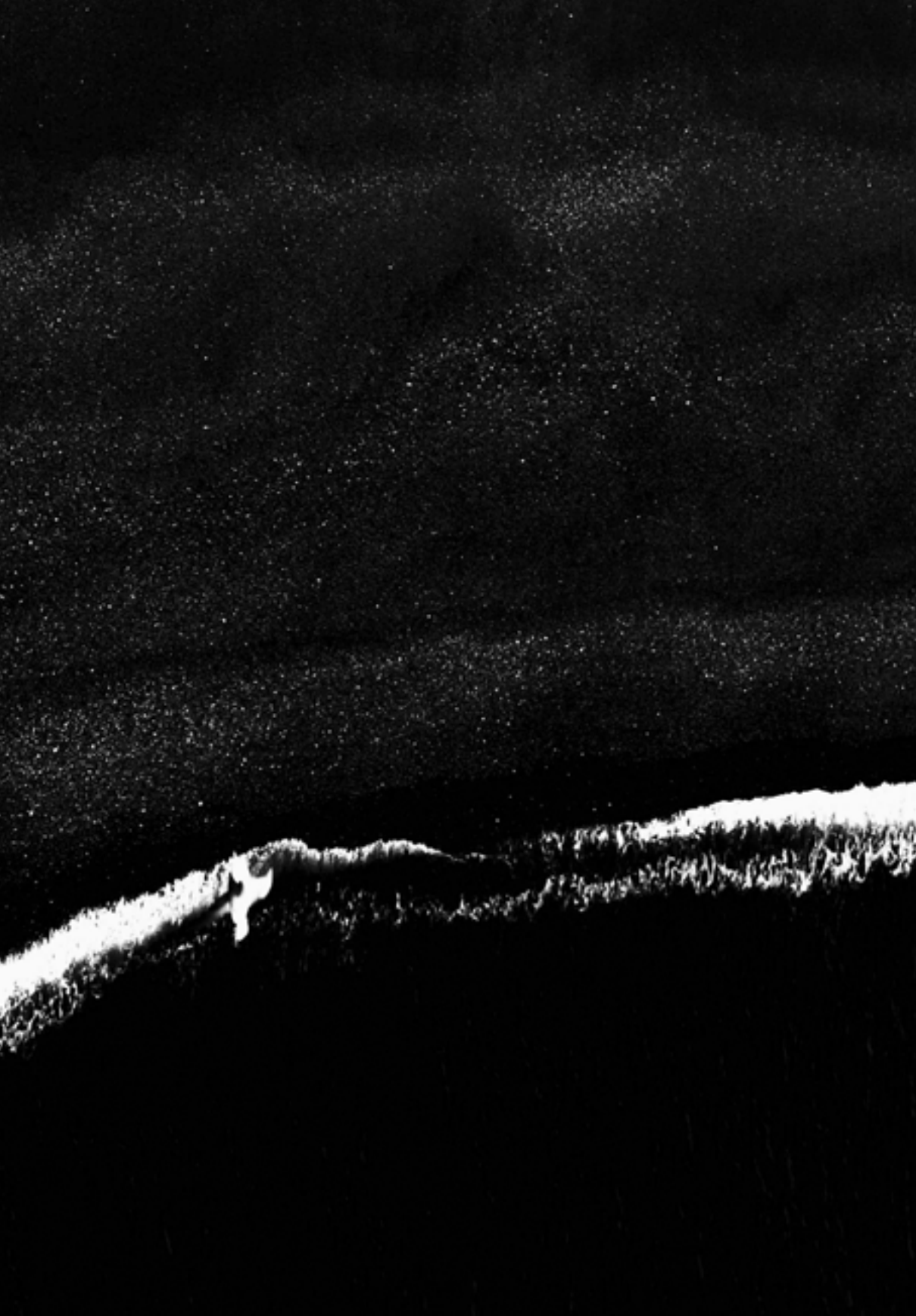
Nada somos aqui embaixo se olhamos as estrelas
O céu não se importa conosco a não ser
Saturno, netuno, plutão e marte numa conspiração.

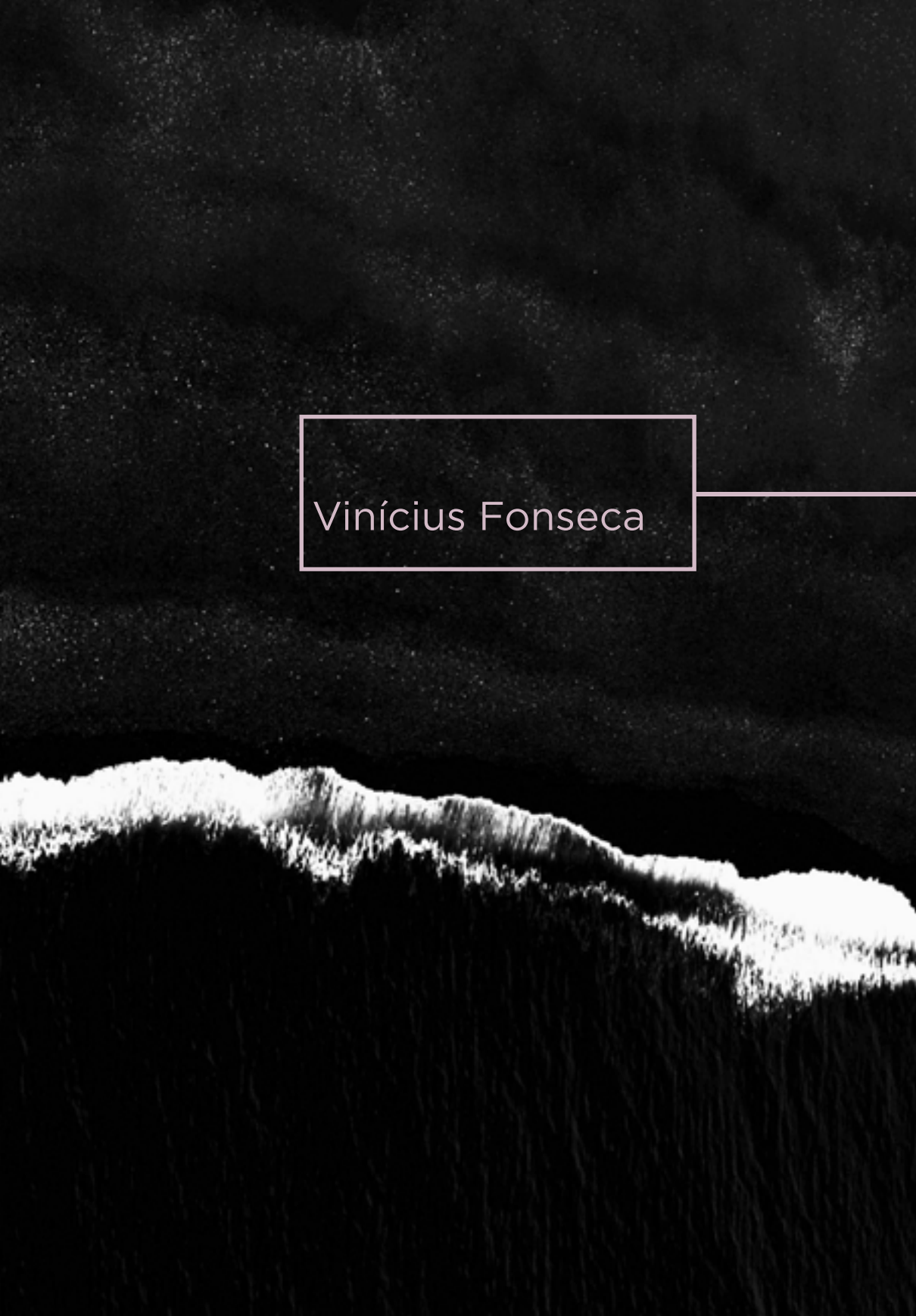
As palavras não são suficientes nesse mundo
A insegurança distrai nossos corpos exaustos
Na dúvida da vida futura vamos olhando pro céu.

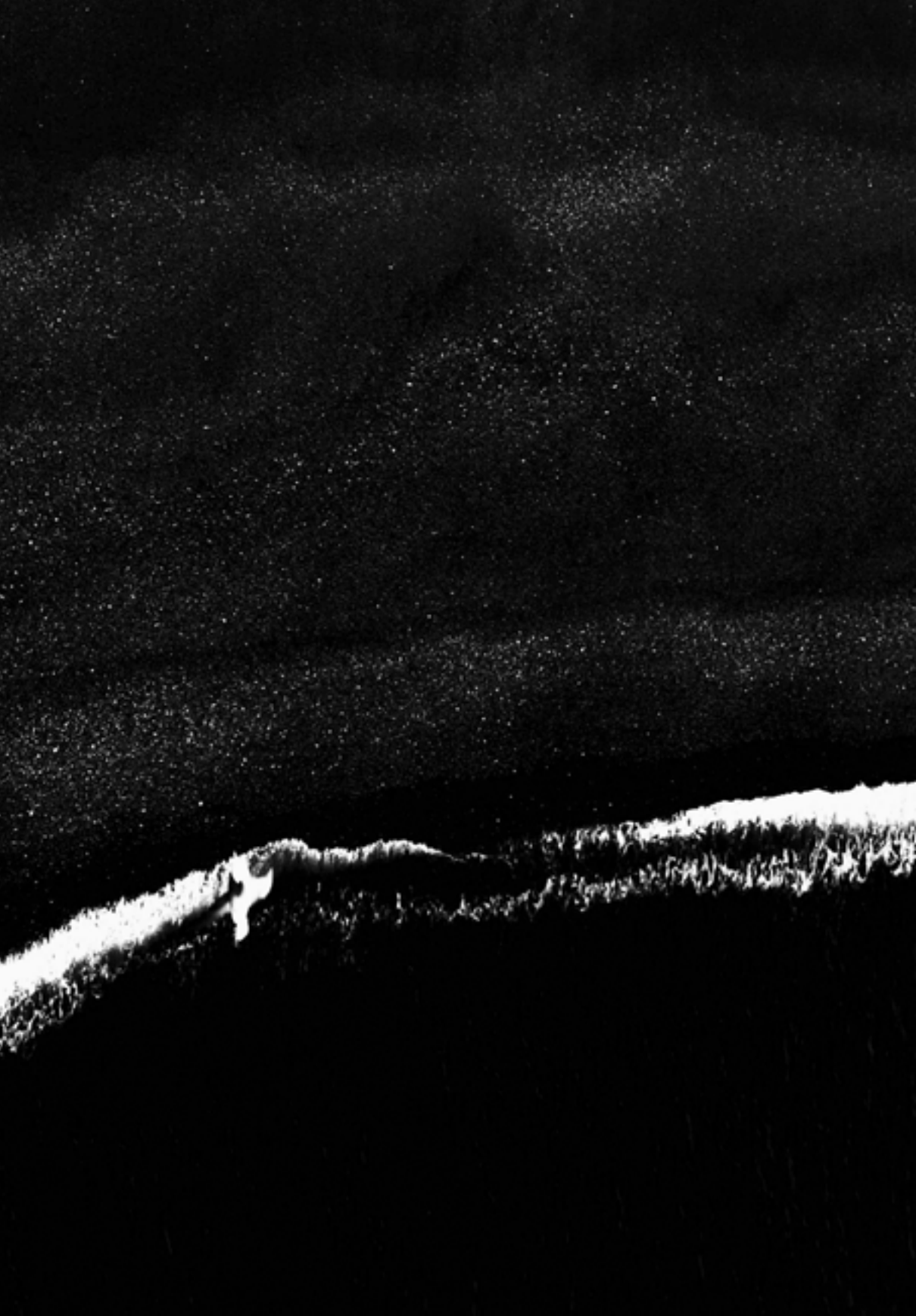
Em nossas veias os sonhos não param
Inquietos, indecentes e em delírio
Pela capacidade de sentir saem pelo mundo.

Sensíveis, sensatos ou não, talvez serenos
Iremos embora deixando marcas indeléveis
Ou apenas um nome na lápide com uma data qualquer.

Saturno, netuno, plutão e marte, lá de longe
Velarão por nós, pequenos seres da terra
E só Deus saberá o porquê.




Vinícius Fonseca



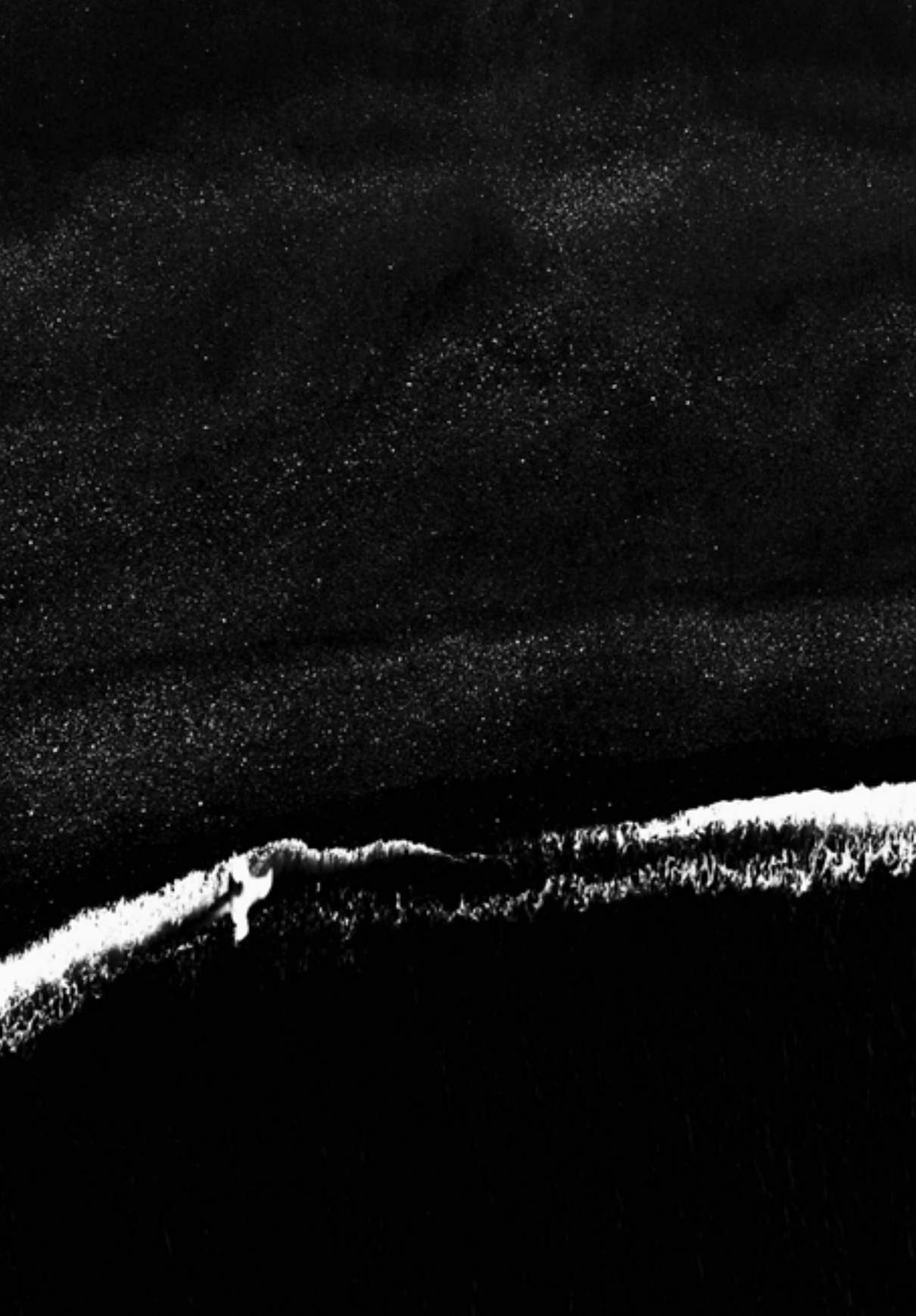
Refletido na janela

O mundo segue o seu curso sereno
A natureza nos pede licença
Deste mundo: Abusamos do uso pleno
Tentando impor nossa reles presença

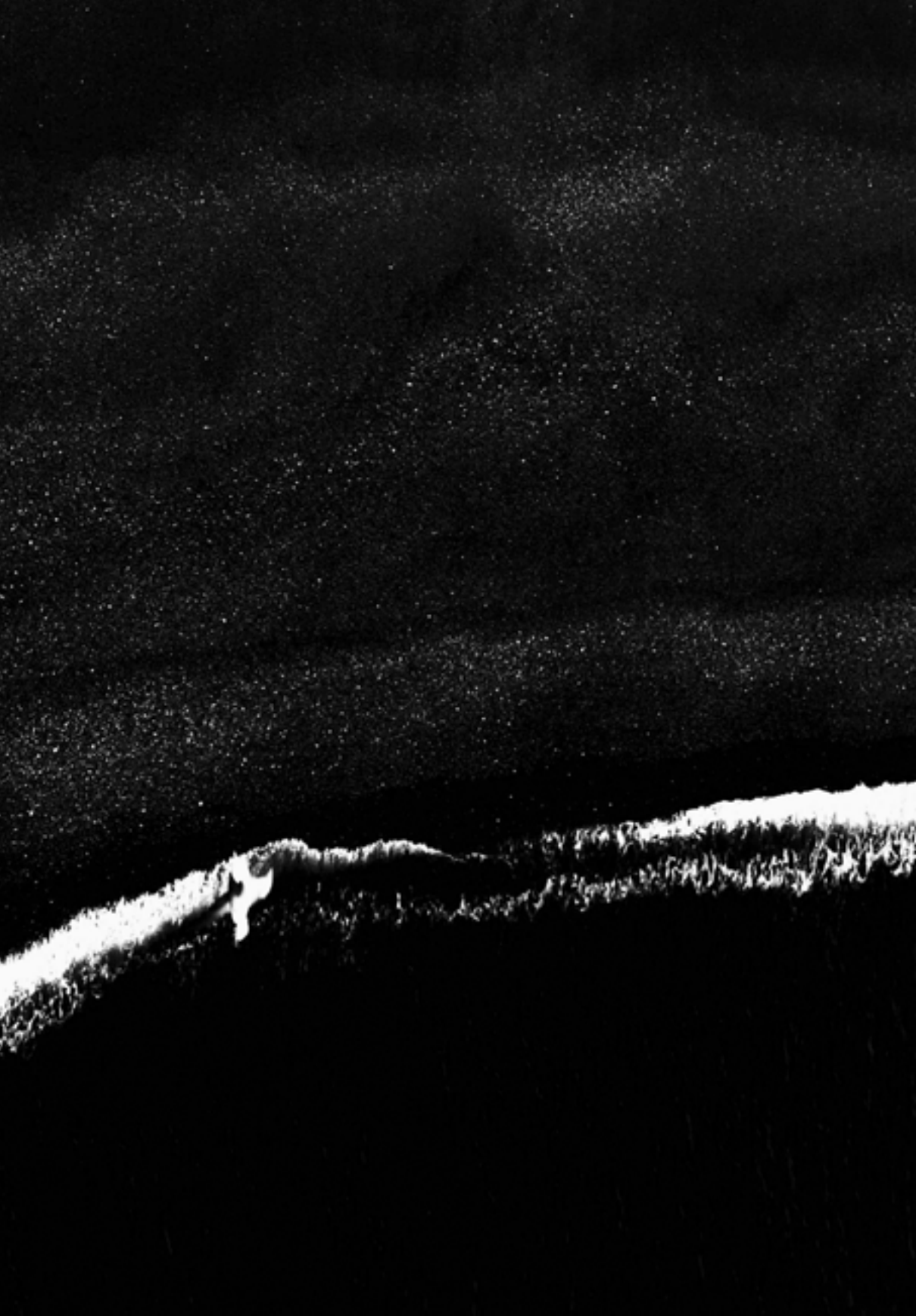
Hoje... vejo tudo isso da janela
Folhas de outono caem no quintal
Há quanto tempo estou pensando nela?
A casa é cela prisional?

Como um piano quer acompanhamento
Eu só quero voltar a ter seu abraço
Folhas secas e a minha solidão

Quando se pôr fim ao sofrimento
Sei que vamos reatar nosso laço
Por ora, somos casa e coração



Charles Feldhaus

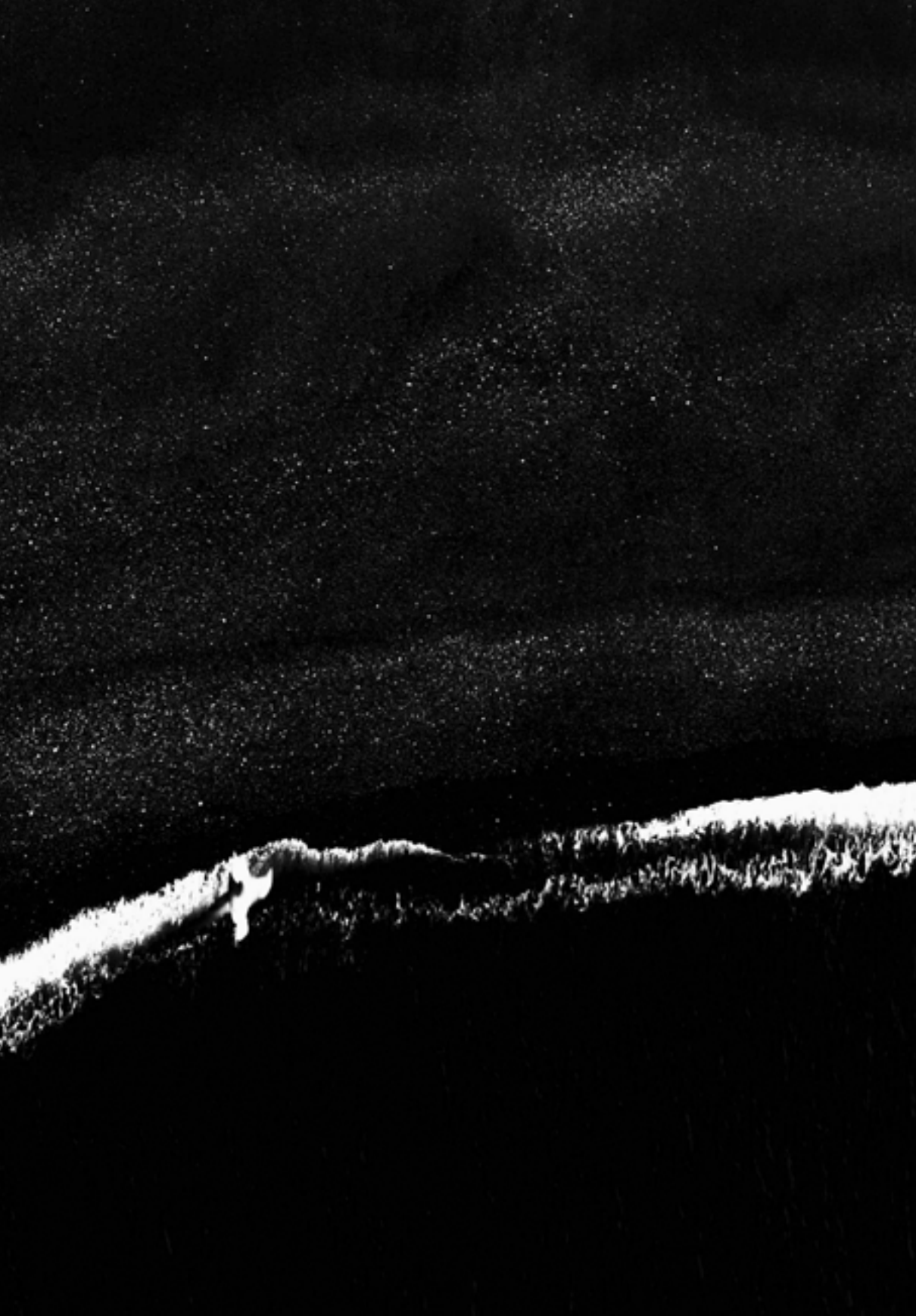


Meu poema

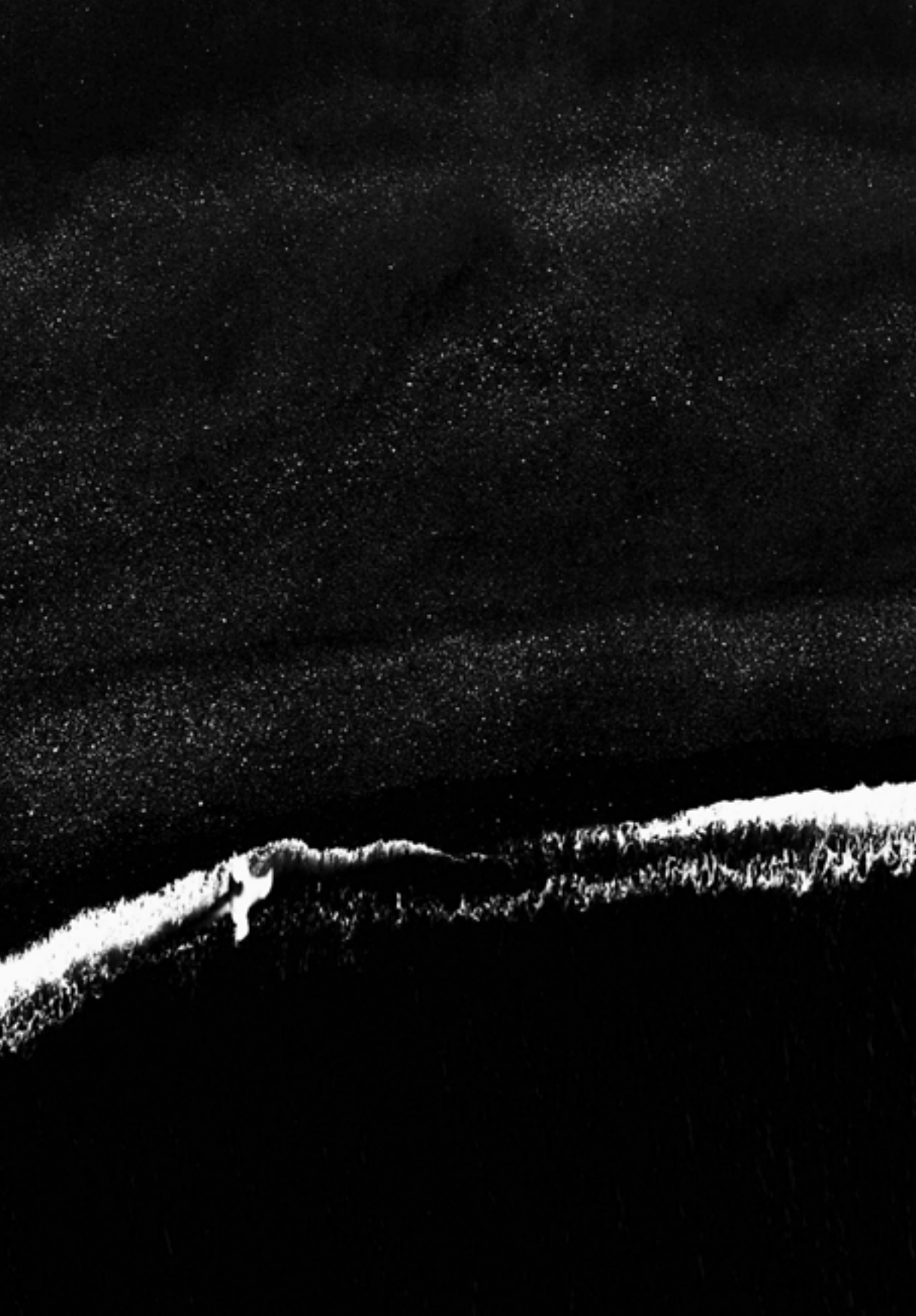
Meu poema é teimoso,
Demora às vezes a chegar
Às vezes fico horas ocioso,
Por um longo tempo a esperar
Ansioso diante do papel em branco
Buscando encontrar em algum lugar
Como se fosse um saltimbanco
Numa labuta sem saber onde vai dar
Até que meu poema fique pronto,
Até que algum tema venha do nada,
Até que eu encontre o ritmo correto,
Até que eu encontre a palavra rimada,
Em meio a uma avalanche de ideias,
Em meio a uma avalanche de emoções,
Que às vezes parecem até colmeias,
No turbilhão das minhas sensações,
Sensações e ideias um tanto confusos,

Misturadas com pó de alecrim,
Misturadas com quaisquer coisas difusas,
Que nunca ficam tão claras para mim;
Mas, neste desenrolar enrolado,
Vai surgindo um poema ou outro,
Num dia de chuva ou ensolarado,
No silêncio não deste mundo, mas doutro,
Em que meus pensamentos se chocam,
Se chocam contra paredes invisíveis,
Paredes das emoções que me tocam,
Mas são bloqueios meio intangíveis,
Que assolam até a minha memória,
Que assolam até meu raciocínio,
Que fazem parte da minha história,
Enfim, de tudo pelo que tenho fascínio.

14.07.2019



Lucia Maria
Felipe Alves



NÓS, VOS, ELES

O Nós e o Eles são duas pessoas. Embora o Nós tenha sua própria individualidade, divide-se em muitos. O Eles também é um ser só, mas difere do nós por se dividir em dois apenas. Ambos, vivem numa terra muito rica, contaminada de flores diferentes, florestas naturais, céu azul, ar límpido e águas cristalinas. No entanto, o Nós não podia desfrutar de tanta riqueza e, embora o Nós fosse um só, ele falava por muitos. É do tipo que constrói as coisas junto. Camarada, gosta de se divertir com os amigos, desdenha regras estabelecidas de cima para baixo, sabe de tudo um pouco e ama livremente, o que o faz não ter sexo definido. Sua estrada é tortuosa e está sempre em busca de novos horizontes, colorindo o caminho com seu corpo, ideias, artes e sandices. O Nós pensa nos outros, age colaborativamente e está tão entrelaçado com seu mundo que forma um Nós só, com característica do nó. É muito miscigenado e possui semblante de cores variadas e a gente nunca sabe se o Nós é preto, branco, azul, amarelo ou vermelho. O Nós pensa em conjunto, e quando seu semblante fica preto, o Nós sente como preto, o preconceito na pele, a perseguição aos seus iguais e peleja pela vida toda. Quando o Nós vira branco, as coisas melhoram mais para ele, que não perde a linha. Outra coisa é que a gente nunca sabe se o Nós é no momento macho ou fêmea, por causa de suas cores multifacetadas e seu comportamento uraniano.

O Nós escreve por linhas tortas e vai costurando com palavras a colcha de retalhos que é a vida naquele mundo cheio de nó.

O Eles, embora dois, faz o movimento oposto e acaba virando um só, não mistura sua cor e acha que o mundo é como ele. Como o Eles não é de cor variada, é definido por sexo e faz regras diferentes para o Eles masculino e o Eles feminino, anda como par, vira dois, mas continua sendo um. Gosta de se divertir com atividades próprias e divididas — um faz isso, outro faz aquilo. O Eles segue as regras que Eles mesmo determina e Eles só cumpre as regras que é determinado para Eles, já que seu par tem a própria regra. Isso tem criado muita confusão quando Eles ultrapassa os muros cheio de regras que dividem os par de Eles. O Eles determina as regras que o Nós detesta, é competitivo, gosta de ter tudo para si e atrapalha o Nós de ver novos horizontes com um semblante multicolorido.

Certa vez, o Nós ficou cansado do Eles determinar Nós plantar batatas e o Nós, que se conectava com muitos nós, se uniu para governar e oferecer um pouco mais de colorido àquele mundo só de Eles. A cor branca de Eles e o sexo de Eles, já tinha deixado a realidade sinistra demais e o Nós, com sua característica diferentona se pôs a legislar pensando em Nós, mas no Eles também. O Nós ficava pensando que se o Eles se misturasse ao Nós, o Nós aumentaria a possibilidade de recriar o mundo, mas o Eles ficou enfurecido e começou a usar notícias falsas para encher de ódio e outras virulências emocionais o ar, e o Nós ficou contra Eles, porque o Nós queria mudar as regras determinadas por Eles que só privilegiava Eles, há tanto tempo. Afinal, só Eles queria tudo para Eles e o Nós só trabalhava para Eles e era tudo pra Eles. Houve muita confusão e o Eles prendeu o Nós e Nós ficou muito triste, porque o mundo ia ficar chato de novo, sem cores, divido, cheio de regras rígidas para o Nós

que temia pela sua liberdade... e voou pena colorida pra todo lado e Nós ficou vermelho de raiva com tanta injustiça diante do Eles.

Por causa dessa situação, Vós foi convocado para tentar ajudar, porque Vos estava entre Nós e Eles. Vós ouvia Eles falar que as características do Nós eram cheias de nós e que o Nós estava querendo aquela terra rica, cheio de flores diferentes, céu azul, ar límpido, águas cristalinas, densa mata. Foi quando o Nós ergueu a voz e disse que Eles era vazio de Nós e não deixava o Nós usufruir também de toda aquela riqueza, cheia de beleza. Vós ouvia a voz de Eles e de Nós com muita atenção e, embora Vós se posicionasse sempre em cima do muro, estava propenso a defender a beleza daquele mundo para Nós e para Eles. Vós, então, pediu para que o Nós e o Eles se acalmassem e prestassem atenção na sua voz, pois estava explicando que havia muitos outros nós entre Nós e Eles em outras terras distantes falando com códigos diferentes como o *We e o They*. Disse que *They* também brigava com *We* porque o *They* queria tudo para si, e ainda mais, queria tirar o colorido de todos os mundos, interferindo, de modo quase invisível, nas regras que Eles determinava para o Nós, além de atrapalhar o Nós na tentativa de fazer com que Eles e Nós vivessem em paz e harmonia. Vós explicou tudo direitinho para Nós e Eles, inclusive que o mundo de *They* estava fazendo de tudo para o *We* também não poder desfrutar um pouco mais daquele mundo exuberante que *They* queria só para *They*. Vos continuou mostrando para Eles e Nós que havia muito mais Nós e Eles espalhados pelo mundo, em terras distantes, para além do mar, e explicou sobre a existência do Nous e do Eux, do 我们和他们, do Εμάς και τους, do Wir e Sie, do Noi e Loro, mas que todos esses outros Eles e Nós desconheciam o código secreto que só Nós e Eles daqui sabiam, entendiam e sentiam. Foi um burburinho só entre o Eles e Nós e curiosíssimos se perguntavam uns aos outros sobre essa coisa secre-

ta que não lembravam. Mas Vós, que não escondia nada, falou que o código secreto era uma tal Língua Portuguesa e só ela podia explicar o sentido da palavra saudade. Disse sobre um moço negro que ficava misturando vozes, sons, melodias e palavras secretas e saía cantando com sua banda e arrastando gente, dizendo que *o artista tem de ir aonde o povo está*. Entoava códigos estranhos querendo ser entendido e Vós então, pediu para Nós e Eles lerem, visualizarem e escutarem o código que ele agora apresenta: "*o que foi feito, amigo, de tudo que a gente sonhou, o que foi feito da vida, o que foi feito do amor. Quisera ele encontrar aquele verso que havia escrito há tantos anos atrás*". Entende?

Vós ainda falou muito, o que não faltava era voz saindo da boca de Vós. Uma hora, Vós defendia o Nós, outra hora era Eles a ser defendido por Vós. Depois de muita explicação, discussão e pelejo Vós, nervoso, gritou: Enquanto Nós e Eles não se unirem e não falarem em voz alta, os *brothers* de *We* quererão tudo para si e o Nós continuará lutando por Nós, sem Eles perto de Nós. Ao ouvirem o bradar da voz saindo da boca de Vós, Nós e Eles ficaram rubros de vergonha e medo e o ar ficou pintado com partículas invisíveis que foram expurgadas deles o que acabou levando muitos Nós e Eles para o terreno do código saudade. Sem saída, o Nós e o Eles começaram a acender velas nos becos, falavam alto pelos botecos e temiam a ira de um deus que eles acreditavam e dessas coisas lá do céu que não tem cheiro, nem sabor, nem mesmo podiam ser tocadas. Ficavam esperando, esperando que viesse logo um salvador e olhavam suas sombras projetadas que vivia naquele lugar platônico e futurista, sem flores, sem cheiro, sem abraço, sem beijo, sem corpo, sem nada. Vós sabia que eles desconheciam a própria natureza, viva, cheirosa, cheio de abraços e beijinhos sem ter fim, em meio à tantas flores diferentes e fantasia. Vós foi, aos poucos, calando sua voz e os dei-

xou pensando, mas antes de partir ainda explicou que havia infinitos outros códigos secretos daquela tal Língua Portuguesa, escondidos em canções populares e que se Eles e Nós ouvissem com atenção poderiam ainda, quem sabe, redescobrir um Novo Mundo, aquele que haviam esquecido há séculos atrás. Foi quando Nós e Eles começaram a ouvir uma voz que os levou a identificar, ainda que de maneira vaga, aquele Novo Mundo que eles podiam Redescobrir e atônitos, ainda que tarde, sentiram o iniciar de seu despertar. Lentamente refizeram a memória e puseram-se a ouvir outro rapaz, chamado Gonzaguinha, que costumava levantar a voz, com grande dignidade, numa tentativa de se fazer ouvir. Hoje ele mora na saudade, junto com outra saudosa voz a quem chamam Elis Regina, mas o nó e o Nós dessas vozes continuam vivas, navegando pelas ondas invizíveis dos mares do inconsciente, lançando boias e códigos secretos, na tentativa de salvar Nós e Eles do afogamento, ou de qualquer coisa parecida com uma explosão atlântica — que é um Redescobrir:

Como se fora brincadeira de roda — memória

Jogo do trabalho na dança das mãos — macias

O suor dos corpos na canção da vida — história

O suor da vida no calor de irmãos — magia

Como um animal que sabe da floresta — perigosa

Redescobrir o sal que está na própria pele — história

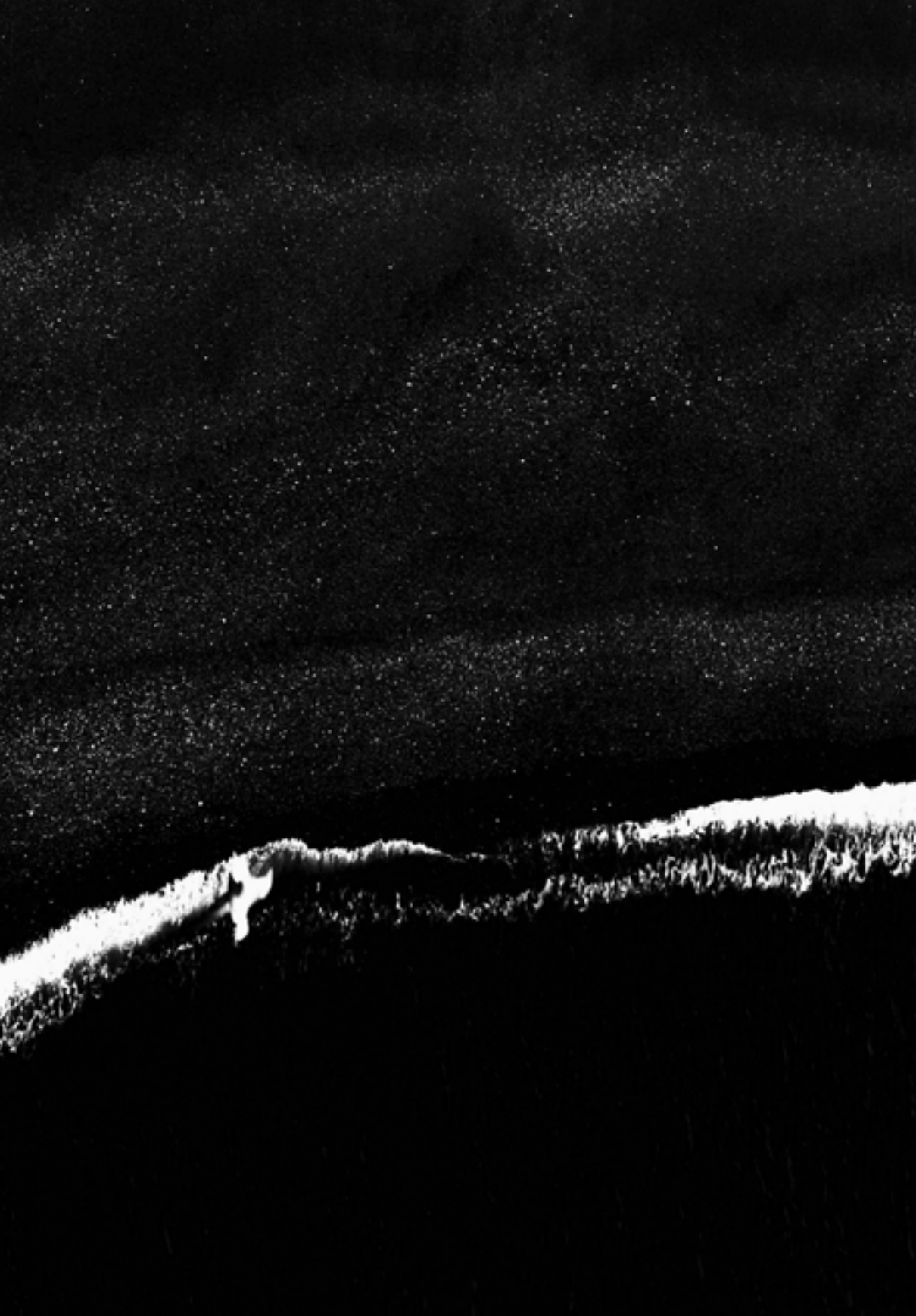
Redescobrir o doce no lamber das línguas — macias

Redescobrir o gosto e o sabor da festa — magia

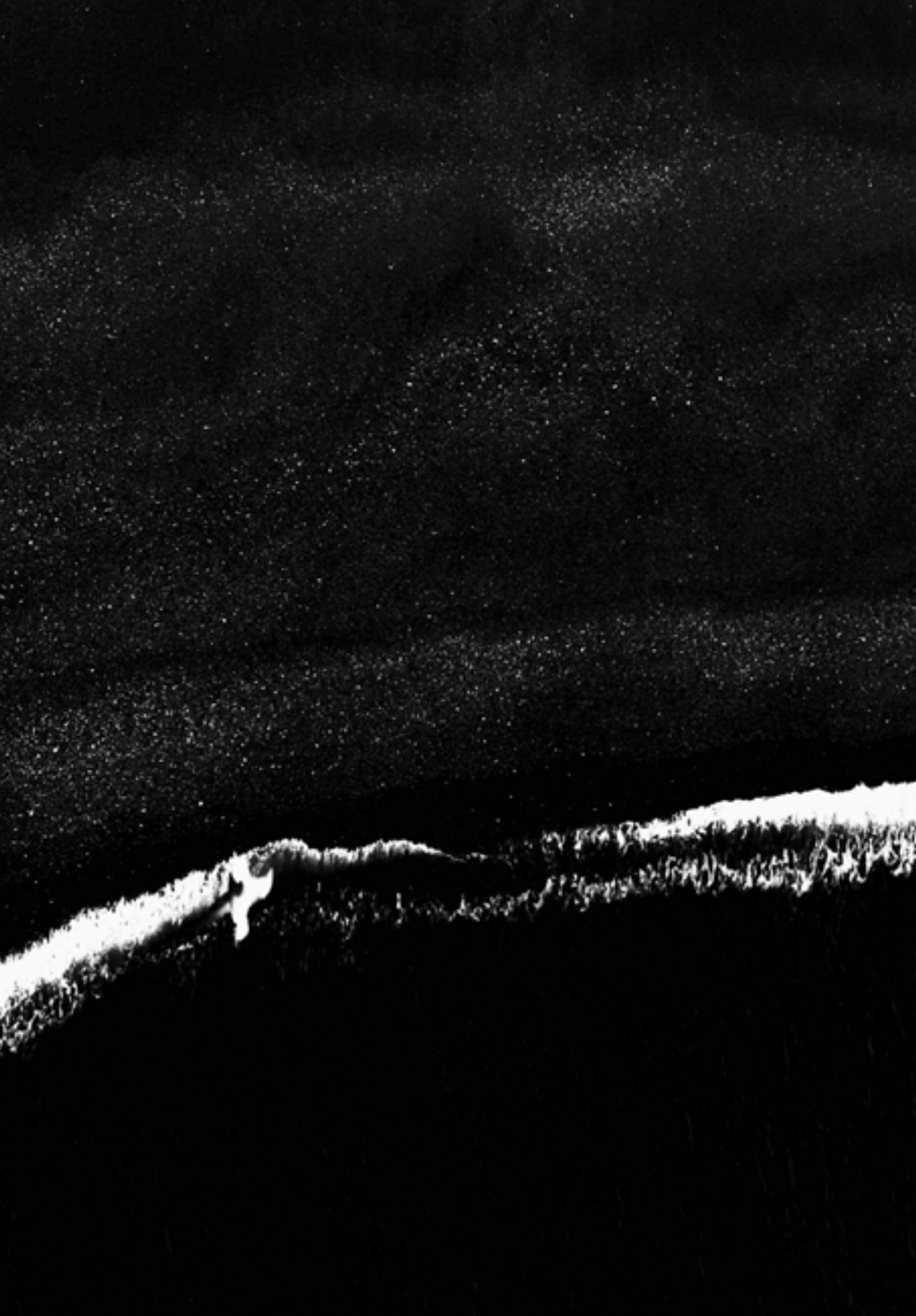
Pelo simples ato de um mergulho
Ao desconhecido mundo que é o coração
Alcançar aquele universo que sempre se quis
E que se pôs tão longe na imaginação

Vai o bicho homem fruto da semente — memória
Renascer da própria força, própria luz e fé — magia
Entender que tudo é nosso, sempre esteve em nó — história
Somos a semente, ato, mente e voz — magia

Não tenha medo, meu menino povo — memória
Tudo principia na própria pessoa — beleza
Vai como a criança que não teme o tempo — mistério
Amor se fazer é tão prazer que é como se fosse dor — magia



Aldo Moraes



Lágrima de mulher

Eu não vi você chorar

Pode ser que naqueles dias, eu estivesse sorrindo mergulhado

[em alguma vitória.

Eu não vi você fugir para o quarto e se esconder da tristeza

Talvez na memória da vida, eu ainda nem sabia que ia te encontrar.

Eu não soube dos seus momentos de solidão

Tinha gente demais a meu lado e eu não sabia

[que precisava te buscar.

Fiquei triste quando você me contou dos seus sonhos desfeitos

Realmente eu nem imaginava que alguém podia fazer isso

[com uma mulher.

Eu não estava no dia em que a menina chorou e sentiu

[as incertezas da vida

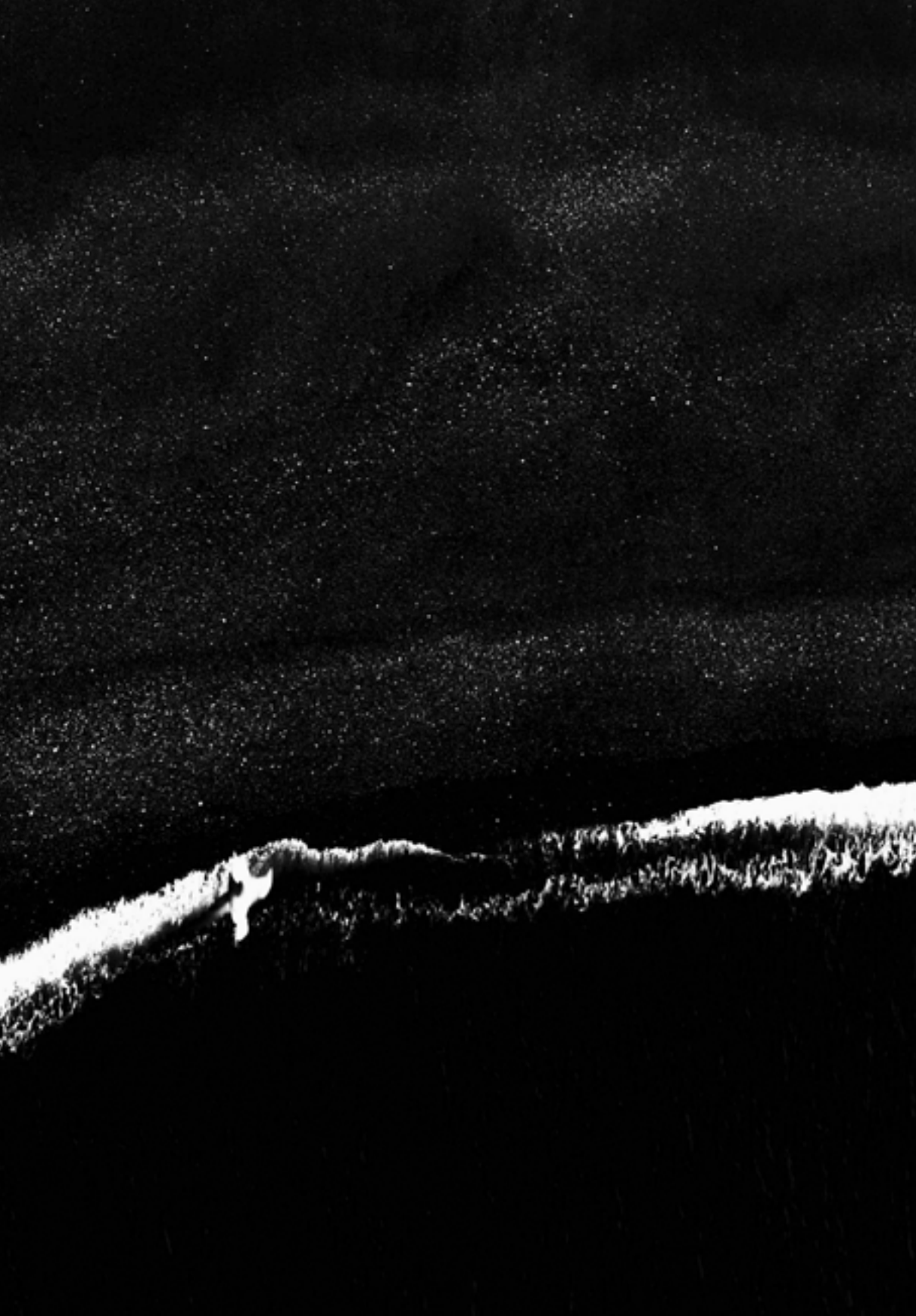
Queria saber onde eu estava nesse dia pra fazer o tempo voltar.

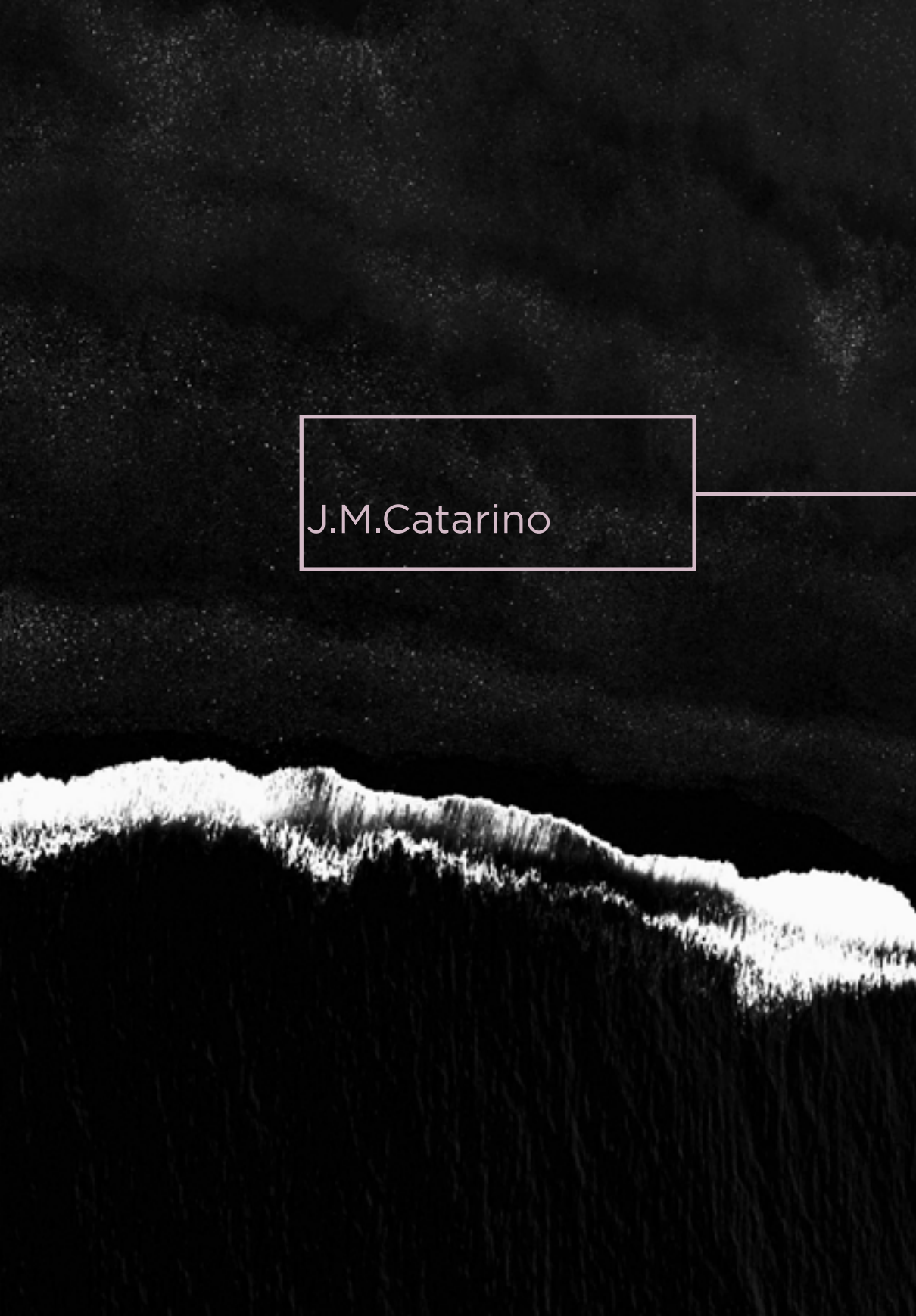
Pra olhar no seu rosto

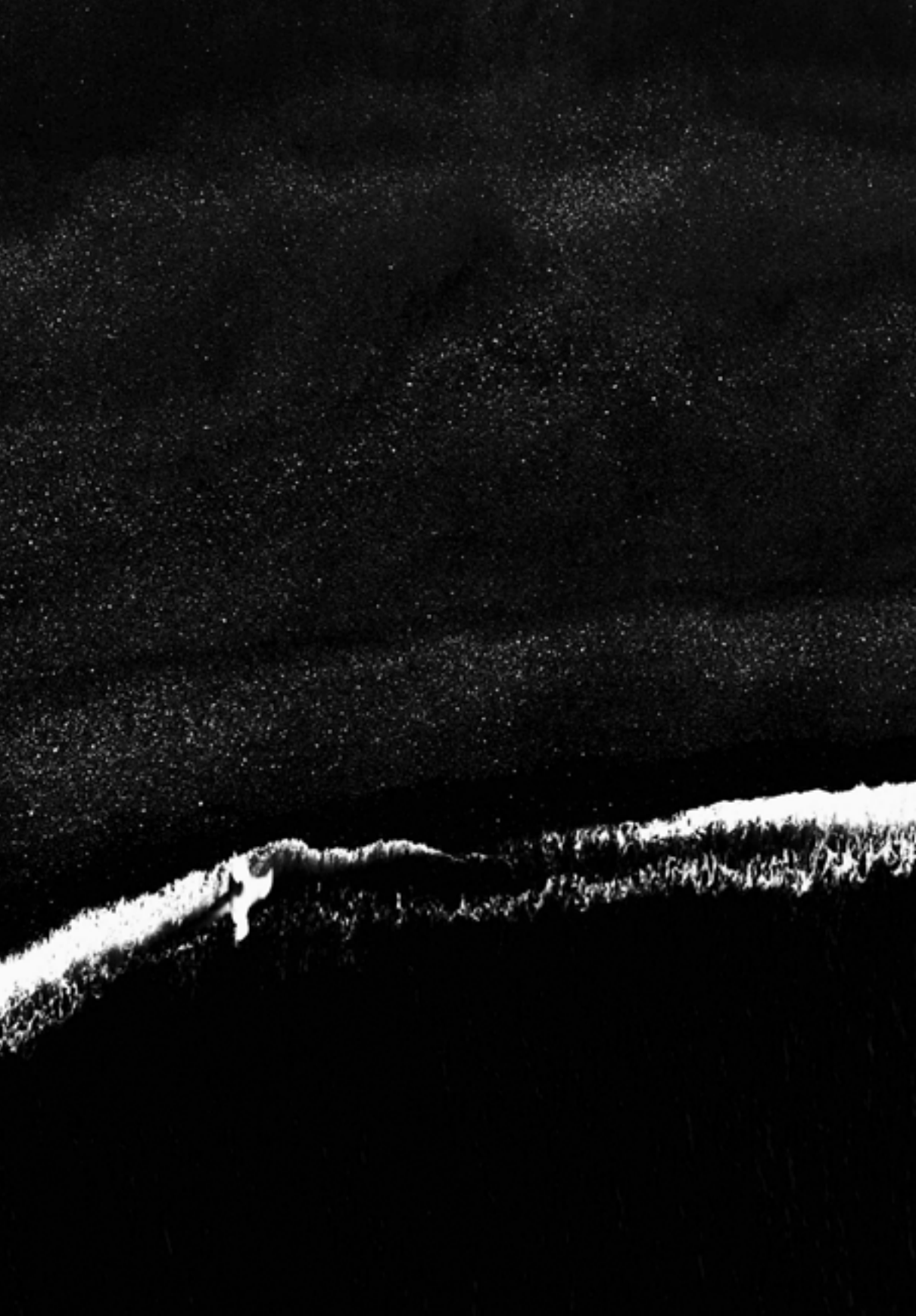
te consolar e te amar de verdade como homem nenhum
[jamais te amou...
Naqueles dias em que você ficou sem esperanças
e que tudo parecia desabar, eu queria muito estar com você.
Ia ficar quieto e você certamente sentiria que bastava minha
[presença para te acalmar
te mostrar um rumo.

Esquecendo de mim, encontrei essa lágrima triste e oculta a cair
[no seu rosto
Eu deixei a lágrima cair, jurei que seria a última.
Que você só vai chorar de alegria daqui em diante.
Tomei você em meus braços e a noite trouxe a lua e o vento.
A noite nos envolveu em mistérios, amor e poesia!

(Dedicado a Jéssica Rosa Ramos)




J.M.Catarino



O viajante

Era mais um dia comum na pensão Meu Coração. Estava na recepção distraída com um livro.

Ouvi um barulho e estremeci, os hóspedes ainda não haviam saído de seus aposentos, eu sabia que era a única ali. Como o barulho não persistiu, tomei pra mim que era apenas alguém acordando, voltei para minha leitura.

O barulho retornou, agora mais forte, tinha certeza que vinha da porta principal. Olhei fixamente para porta, a maçaneta se mexeu bruscamente e, segundos depois, ela foi escancarada, fazendo o barulho de madeira velha e do sininho que avisava a chegada de novas pessoas.

Há quanto tempo eu não ouvia aquele sininho? Nem me lembrava mais.

— Caramba, que porta difícil de abrir! — ele riu —pensei que não ia conseguir entrar! — E continuou rindo mais um pouco.

Eu retribuí com um sorriso, mas era de pânico. Não sabia como agir, o que ele estava fazendo ali? Há tempos não apareciam hóspedes novos.

Ele caminhou em minha direção com uma pequena mala em uma das mãos, apoiou um dos cotovelos na bancada da recepção e olhou bem fundo nos meus olhos, perguntou se poderia se hospedar

ali. Fiquei estática por alguns segundos, eu poderia dizer que estávamos lotados, sem vagas, e ele iria embora… Mas não consegui, não com aquele sorriso cativante dele.

O levei até um dos quartos vazios, torcendo mentalmente que nenhuma bagunça tivesse sido esquecida por lá. Ele foi o caminho todo conversando, contando sobre ele, sobre as viagens e perguntando sobre mim, até sobre a pensão.

— Adorei o quarto, é sério! — disse ele animado e eu me peguei sorrindo.

Inventei que tinha muito o que fazer e por isso devia voltar para a recepção, ele agradeceu e eu retornei ao meu posto. Sentei na cadeira com o olhar vago e a mente longe, tentei voltar para a leitura, mas não conseguia me concentrar nas páginas, só pensava no que ele poderia estar fazendo.

Os hóspedes antigos foram tomar o café e eu, por mais que tentei, não consegui esconder deles que havia um novato… Eles me conhecem tão bem e há tantos anos, alguns deles a minha vida toda. Agi com indiferença, como se fosse normal, mas ninguém engoliu meu fingimento, como disse, eles me conhecem bem e sabem que não é qualquer um que se hospeda em Meu Coração.

Logo, o mais novo hóspede também deu as caras, mas antes passou pela recepção e me pediu para acompanhá-lo no café. Novamente eu quis dizer que não, mas concordei e sentei na mesa com ele. Conversamos um monte, eu fui me soltando, logo já estava dando altas gargalhadas, ele era tão fácil de conversar, o assunto apenas fluía… Foi aí que eu percebi que não queria que ele fosse embora.

Mais dias assim sucederam esse do café. Piqueniques, bares, cinemas, eu nem lembrava mais da recepção, raramente passava por lá.

Certo dia acordei cedo, coloquei a placa de "não há vagas" na porta principal e a tranquei. Tudo o que eu mais precisava já estava lá dentro.

Aí as coisas começaram a mudar. Um dia, passei no quarto e ele estava arrumando a mala. Senti um desespero repentino tomar meu corpo. Ele disse que precisava seguir viagem, eu implorei que ficasse… Ele cedeu, e tudo voltou ao normal. Essa cena se repetiu algumas vezes, eu ficava em alerta, com medo de que, a qualquer momento, seria definitivo. Algumas vezes o novato foi embora de fato, passava uns dias fora, me fazendo ter certeza que aquela tinha sido a última vez, que era definitivo, mas aí ele voltava, batia na porta trancada e eu ia correndo abrir e recebê-lo com um abraço cheio de saudade. Com o tempo fui me desesperando um pouco menos, já que, como ele deixava sempre a mala no quarto, eu então sabia que ele voltaria.

No dia anterior ao dia fatídico, levantei animada, ele me chamou para tomar café e foi como na primeira vez. Me disse sobre a saudade que sentira daquele lugar e de mim, eu sorri e fiquei feliz, tinha certeza que agora iria poder trancar a porta e jogar a chave fora… Pra sempre.

Fui dormir já fazendo planos para o dia seguinte, e o novo hóspede estava em todos eles. Acordei com um barulho de madrugada, mas achei que tivesse sido só o vento, voltei a dormir despreocupada.

Passei no quarto dele na manhã seguinte para irmos tomar café juntos, bati na porta, mas ninguém respondeu. Bati outra vez, talvez ele estivesse dormindo profundamente… Nada. Bati de novo, e de novo, e de novo, até que a porta se abriu. Eu entrei sorrindo, já reclamando da demora com ar de brincadeira, mas ele não estava lá, a porta já devia estar destrancada e provavelmente se abriu com meus movimentos.

Olhei ao redor, estava tudo bagunçado, com fotos nossas e outras memórias jogadas por toda parte. A mala não estava lá. Senti o

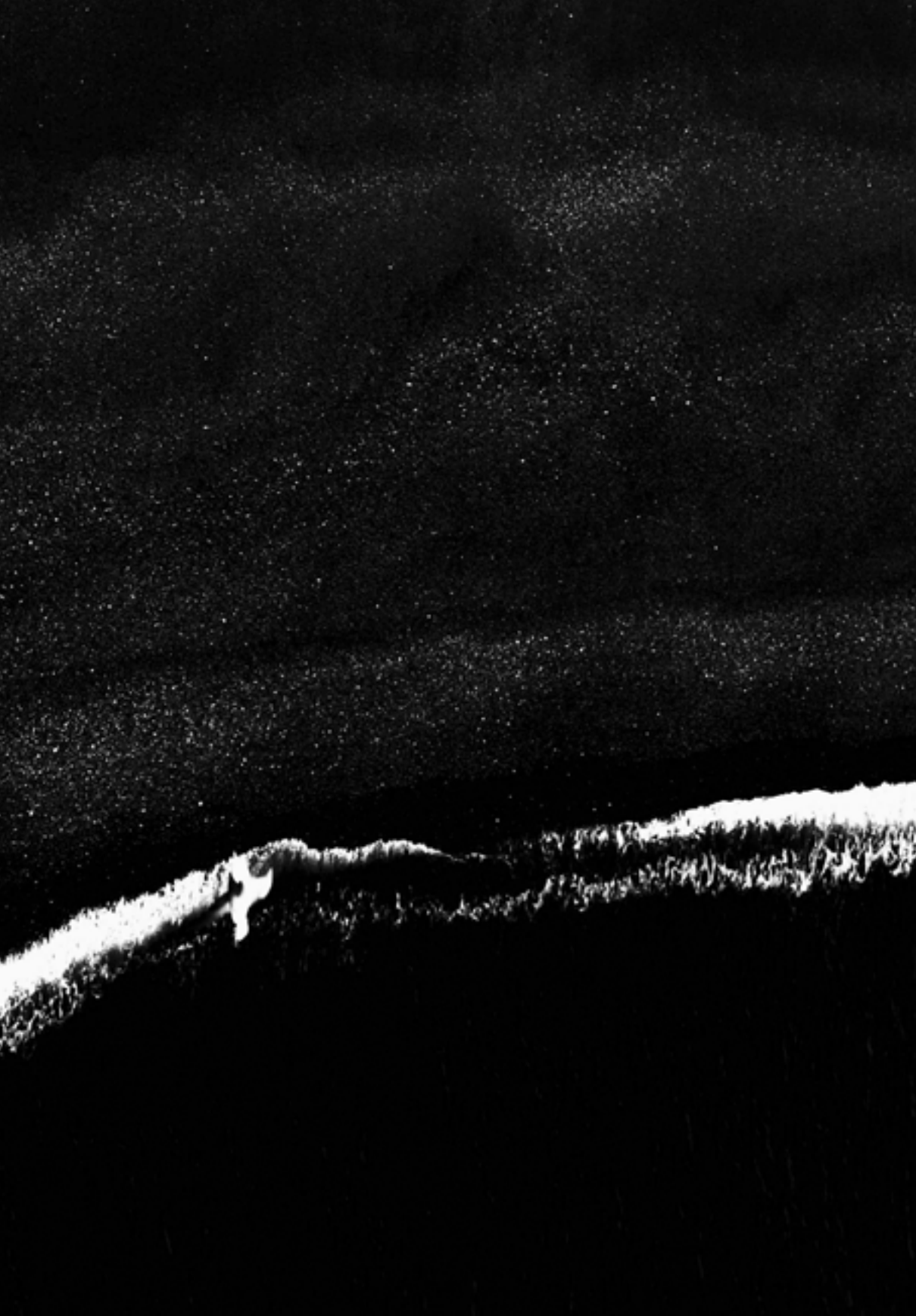
choro se formando na garganta, mas o engoli, talvez ele só estivesse no outro cômodo. Bati então na porta do banheiro, chamei seu nome, não havendo resposta, girei a maçaneta bruscamente, fazendo a porta se abrir. Encontrei ali apenas a ausência.

Voltei para o quarto, o choro se formando novamente, mas dessa vez eu deixei ele fluir. Sentei na cama, abracei o travesseiro ainda com o cheiro dele e chorei um choro que nunca tinha chorado antes, um choro de saudade, quase de luto.

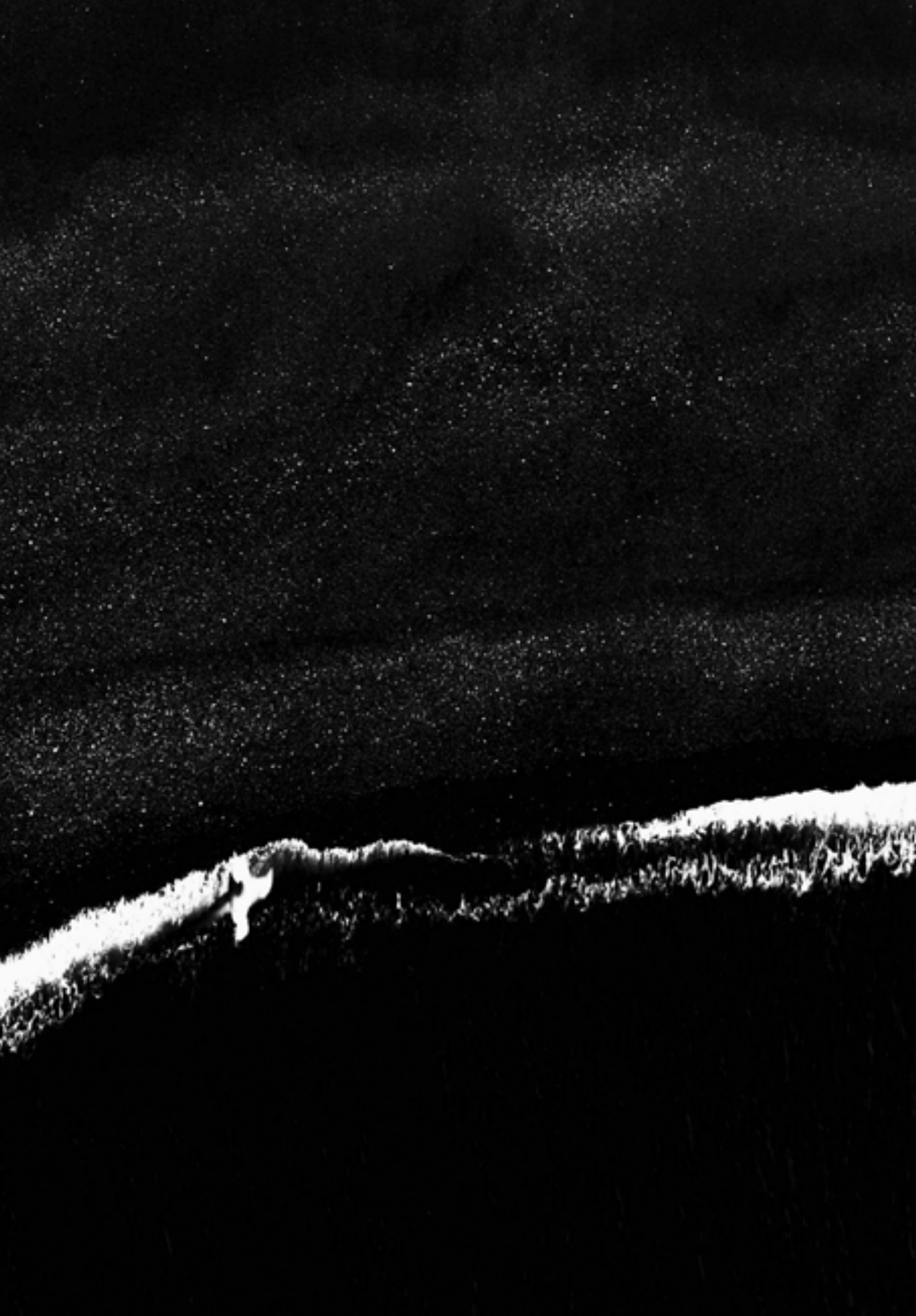
Ele era só um viajante, desses que vem e vão, dava pra ver pelo tamanho da mala que carregava, mas eu tinha esperanças de que ele encontrasse em Meu Coração um lar que não quisesse nunca mais sair. No entanto, ele arrumou as malas e se foi, sem aviso prévio, nem adeus, nem nada. Deixou para trás aquela bagunça, quase que pra me forçar a não esquecê-lo quando eu finalmente tivesse coragem para começar a limpar tudo aquilo. Fechei a porta e deixei como estava, do jeito como *ele* deixara.

O quarto agora vive trancado, habitado somente pela saudade, me tendo como sua única e assídua visitante. Fico lá sentada na cama, remoendo e relembrando coisas. Eu preencho sua ausência com as memórias. Há dias que acabo adormecendo naquele aposento, sonho que o novo hóspede retorna com várias malas dizendo que se mudaria definitivamente para Meu Coração. Acordo sozinha, o choque de realidade me atinge como uma apunhalada no segundo em que desperto.

Ele era só um viajante e eu acabei me apegando nele, nos dias incríveis que passamos juntos (talvez os melhores que não passava há anos). Gostaria de poder revivê-los, sem mudar uma vírgula ou um ponto… Quer dizer, eu tiraria o ponto… O ponto final da nossa história. Mas ele era só um viajante e deve estar hospedado em outros corações por aí.



Marcia Paganini



Rito

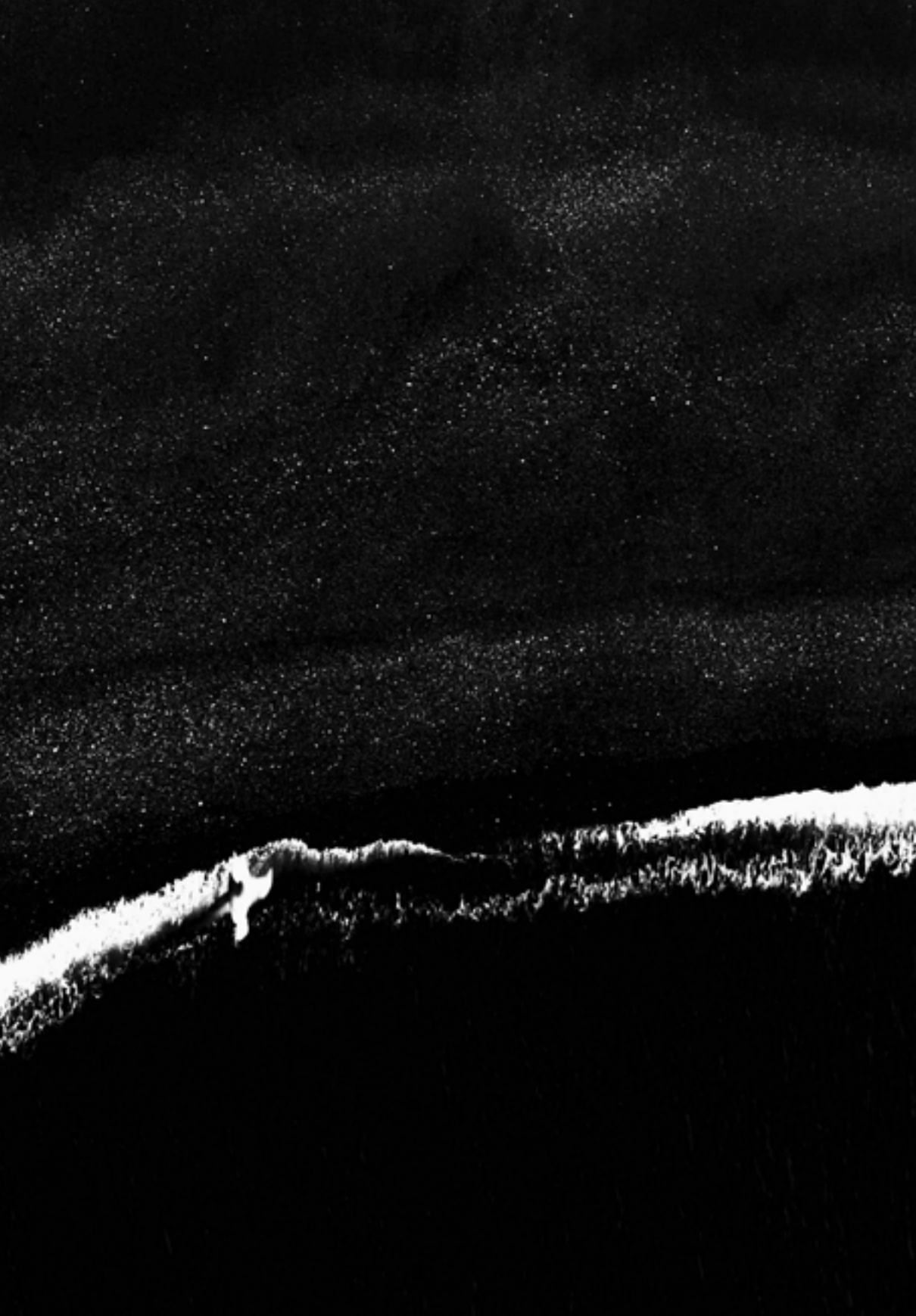
Dedicado à memória de Sylvia Plath

Ela tomou o banho demoradamente, sem se preocupar com o quanto de água estava gastando. Passou a bucha vegetal pelos braços esticados, em movimentos de vai e vem. Reparou nas mãos, envolvidas por espumas. Gostava de suas mãos. Eram pequenas e bastante alvas. Anos de afazeres domésticos não lhes haviam tirado a delicadeza. Secou-se com uma toalha grande e felpuda. Sentir aquele toque macio trazia certo conforto. Penteou os cabelos, sugando o excesso de água na toalha. Sentiu-os um pouco ressecados. Talvez já estivessem acostumados com o xampu, o que indicava que seria hora de trocar a marca. Mas isso não era mais preciso. Colocou seu melhor vestido, há muito não usado. Estava um pouco justo, fato que agora não fazia diferença. Não mais. Passou um café, sentou-se à mesa e tomou uma xícara. Com açúcar. Naquele momento, tudo lhe era permitido. Leu as manchetes da primeira página do jornal. Reparou que a edição era a do dia anterior, o que tanto fazia. Nada do que aconteceu ou do que acontecerá poderiam lhe afetar. Foi para o quarto, olhou pela janela, avistando o jardim. Havia ervas daninhas entremeadas com a grama que, noutra época, lhe despertariam a preocupação em arrancá-las. Agora, cresceriam. Fechou as persianas, certificando-se de que estavam bem vedadas. Passantes curio-

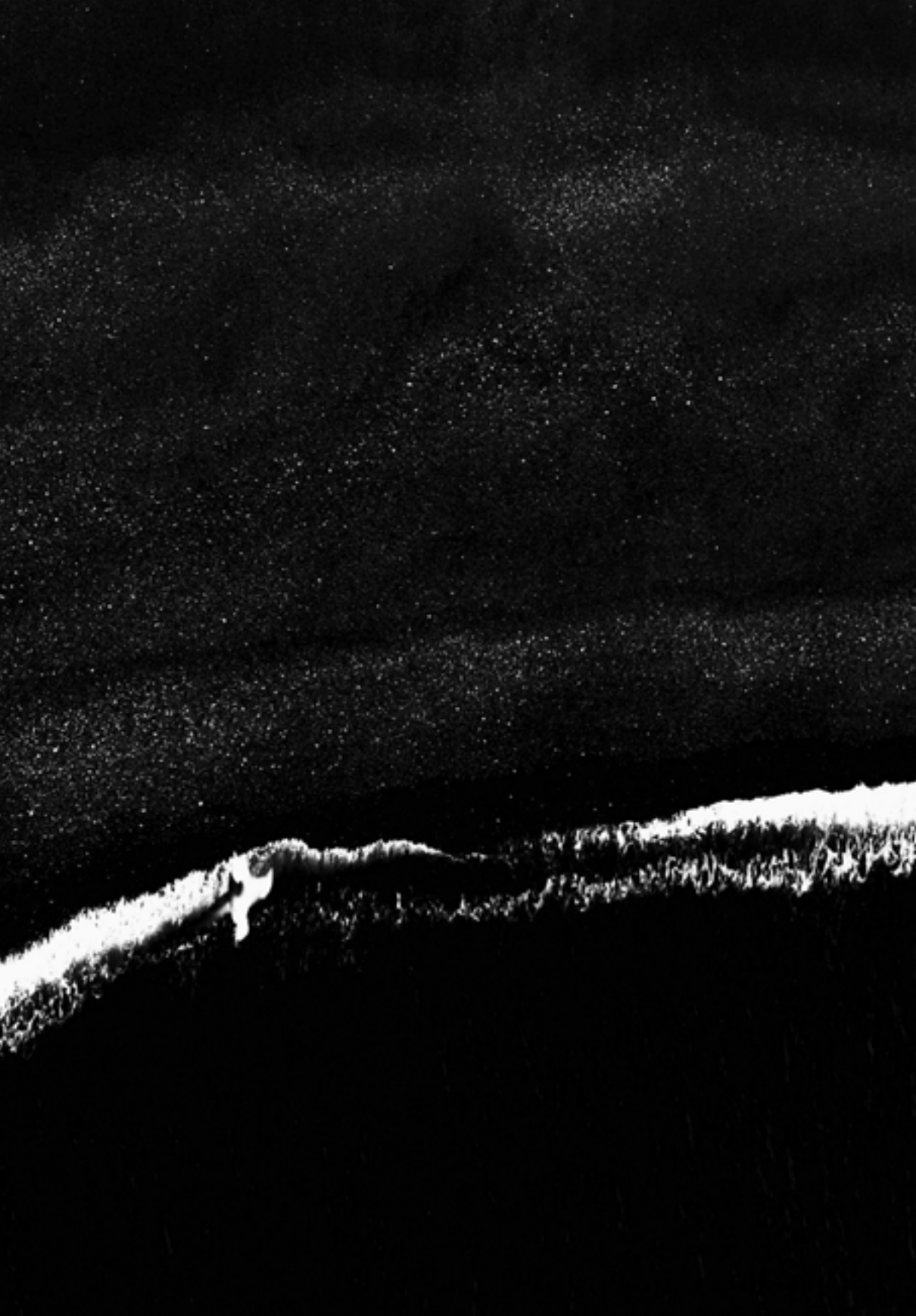
sos eram o que menos desejava. Pegou o bloco de papel e escreveu alguns poucos versos. Não aprovou. Arrancou a folha e a amassou fazendo com ela um bolinho, que atirou ao chão. A arrumação da casa não era mais preciso. Lembrou-se dos versos de Cecília e os recitou mentalmente: "Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa." Sabia que não tivera uma vida plena. Projetos foram abandonados, sonhos, frustrados. "Não sou alegre nem sou triste: sou poeta". Sim, era isso. Não sentia tristeza, tampouco alegria. Quanto a ser poeta, não se sabia realmente, fato que agora tinha pouca relevância. Sua poesia ou aquilo que um dia nomeou de poesia, não era mais necessária. Achou mais útil escrever um testamento: À minha única filha, deixo minha descendência: aquilo que em mim há de melhor e de pior. Ao meu marido, os meus melhores anos, que foram por ele tragados com sofreguidão e certa dose de crueldade. À minha mãe, as dores mais lancinantes que ela poderia sentir: a de minha chegada e a de minha partida. Abriu a gaveta da mesa de cabeceira e pegou a faca de filetar que lá estava desde há muito. Esperando. Pacientemente. Não existia pressa. Passou o dedo levemente pela lâmina afiada e observou a ponta fina. Com ela, preparara muitos peixes e aves para matar a fome da família, nos almoços de segunda a domingo. Agora teria outra finalidade. Talvez mais nobre. Talvez não. Havia testado a eficiência do instrumento com vários elementos: frango, costela de boi, pernil de porco, melão, abóbora madura... e considerou que tinha a força necessária para introduzi-la de uma vez. Não podia haver falhas. Sentou-se na cama, apoiando as costas na cabeceira, entre alguns travesseiros. Sem falhas. Precisava ser certeira. Sim, certeira! Respirou. Profundamente. Segurou com firmeza o pedaço de metal, ergueu-o e o cravou no ventre. Não era exatamente dor. Mais queimava que doía. Dê suas entranhas, além das vísceras, caíram o vestido branco que usou na sua Primeira Co-

munhão; um disco do Queen e alguns outros das novelas da década de 80, a maior parte deles arranhado; a aliança de casamento, uma das poucas joias que possuía; um frasco vazio de perfume importado, guardado para sentir o resquício do cheiro que ainda perdurava; três livros de leituras iniciadas, mas que jamais terminaria, e vários outros que sequer começaria a ler; um porta-retratos com a foto do pai, que estava morto, talvez a única pessoa que realmente a tenha compreendido; quatro sapatos de salto, todos com o couro um tanto desgastado; cinco vasos de violeta, dois deles ressequidos; um aparelho de jantar completo, guardado por 20 anos a espera de uma ocasião que merecesse ser usado; um emaranhado de linhas de bordar de várias cores, que haveriam de ser separados; potes de sorvete vazios, para o caso de precisar guardar alguma sobra; um bilhete de amor amarelado pelo tempo; a lembrança de um pôr do sol no Arpoador... o céu estrelado de uma noite de outono... a brisa entrando pela janela da sala enquanto uma música era tocada ao longe... cães latindo... crianças fazendo algazarra... uma moto cruzando a rua... o gosto rascante na garganta... sangue, muito sangue... a respiração entrecortada... o barulho da sirene da ambulância... as convulsões... uma luz muito forte... vozes... o aço frio da mesa da emergência... a escuridão. A escuridão. Eterna.

Rolândia, 07 de abril de 2020, o 18º dia de isolamento, 21º, sol.



Jackie Rodrigues



Resignação

Estava diante de mim, ajoelhada; uma das mãos pousada em meu joelho, a outra entre as minhas. Olhava intensamente nos meus olhos. Eu apenas acariciava a mão dela, sentindo o calor, a suavidade; buscando passar, naquele contato furtivo, o quanto eu a queria; desesperadamente tentando fazer passar, com aquele contato furtivo, a necessidade de senti-la em mim. Temi a retirada da mão, mas ela a manteve e, não sei se por tanto querer, penso que ela retribuiu ao afago. Brinquei com o olhar dela. Posso dizer que meu olhar fez amor com o olhar no belo rosto da mulher à minha frente.

O que ela dizia eram palavras meio desconexas, jocosas, sensuais, maliciosas; entretanto, eu repetia as palavras ganhando em troca o riso fácil. Repetia as palavras, pois sabia que ao forçá-la a repetir, prolongaria ao máximo a intensidade do momento. Esqueci a festa, os convidados, a "ex" que rondava. Apenas lembrava, infeliz, que aquela mulher tinha alguém. Que todos naquela festa sabiam desse alguém. Lembrava e me agarrava a isso para não ousar baixar minha boca, distante da dela por milímetros, concretizando o desejo que ardia dentro de mim, de ter aquele sorriso engolido por minha cobiça egoísta. Alguém quebrou o encanto. Por frações de segundo ainda retive a mão, depois os dedos e, finalmente, apenas o calor do contato da pele macia.

Desde que a vi, naquela tarde, não consegui pensar sem ser com a libido. Cada frase, gesto, história, sorriso, brincadeira; cada

cenário que ela compunha ao seu redor, fazia-me apenas querer ter a fêmea ardente em meus braços. Algo em mim dizia que aquela mulher valeria qualquer sacrifício pela descoberta de seu corpo em pleno exercício de luxúria. Dominando e se deixando dominar. Exigindo, mas também retribuindo.

Tínhamos certa comunhão. Envolvêramos prazerosamente em divertidas situações. Observações simples entremeadas com relatos de amores tumultuados. Relações desgastadas, desacertadas. Por bom par de horas, nos distanciamos de nossos mundos particulares, criando um novo mundo no qual éramos apenas alegria. Amigos, música, bebida, comida, afetos diversos e diversificados.

Temia pelo final da festa. Sabia que no momento que ela deixasse o ambiente, eu iria com ela, em pensamento. Meu corpo ficaria inanimado, pois a alma dele estava atraída por ela.

Não poderia ficar ali, vazia, dentro de uma festa cheia de casais. Sem ela, eu seria o número impar, não importando que outras tantas desacompanhadas estivessem por perto.

O momento se aproximava. Olhou para mim. Sorriu. Brincou nossa brincadeira. A senha que somente nós sabíamos ser a chave para a abertura de nosso mundo. Aquele mundo que eu sabia, na verdade, era um pouco mais que uma quimera.

Estava ruborizada pela bebida e dança. Um leve vagar em seus olhos denotavam o efeito da erva consumida moderadamente. Linda! Absolutamente única.

Ao ver mulheres assim, penso na grandeza que é ter nas mãos a responsabilidade pelo prazer de um ser vigoroso. Sinto-me como a última guerreira contra a banalidade do ato de amar uma mulher. Queria provar isto a ela.

Não foi a primeira pela qual me apaixonei assim. Mas, diferente das outras vezes, não quero que ela seja a pessoa certa. Eu quero a imperfeição daquela mulher. Quero consumir os possíveis erros. Absorver os deslizes feitos em busca da paixão. Era uma mulher de infidelidades. Esse achismo era meu afrodisíaco.

Escutava ela falar de seus cavalos. De como gostava de cavalgar... Deus, eu parei na palavra e imaginei outra cavalgada; aquela tão bem descrita pelo Rei Roberto; os cabelos lindos para eu me agarrar, o corpo para ser dominado ou dominar, não importa. Associei sua voz falando cavalgar à mesma voz falando que o importante na penetração era saber mexer. Era um alinhavo de declarações sensuais, porém inocentes, que teciam a corda levando-a direto ao meu centro de prazer. Depois disso, o simples som daquela voz mexia as cordas e fazia de mim uma marionete tensa, tesa, a beira do precipício do orgasmo cartático.

O beijo de despedida, planejadamente aceito, para em seguida sussurrar ao ouvido o pedido deselegante "posso ir com você?"

Gentileza ou não, ela aceitou. Educada ou não, eu a segui. A seguiria por todos os caminhos tortuosos do desejo. Seguiria não, segui. Pelo resto da noite, colecionei toques por seu corpo. Usei de todos os artifícios para provar daquela mulher. Dança de corpos colados. O rodopio. Ela me conduzia pela pista, rindo abertamente, em uma alegria meio demente. O odor do corpo suado. Cada momento que sua mão tocava a minha. Todos os mínimos detalhes de gestos simples como a troca de copos. Ou sentir sede de beber daquela boca, mesmo que fosse no último gole de cerveja dentro do copo dela.

A coxa entre as minhas, nos esfregando na dança com os corpos colados e o sexo dela se esfregando na minha coxa, o meu na

coxa dela; tão próximo, tão perfeito se estivéssemos na horizontal, sozinhas, sem tanto burburinho.

A sensação de tê-la sentada sobre meu joelho. Seu peso em mim. O calor do encontro. Sentir meu braço em sua cintura. E, quando ela se recostou em meu peito, sussurrando algo ao meu ouvido, eu não existia mais como ser humano. Eu era a própria imagem do desejo.

Corroía-me a ideia de que eu estava compondo a noiva de Frankenstein com as lembranças das partes do corpo dela que tocaram o meu. Ao juntá-las, montei a mulher que eu busquei a vida toda. Montei e amei com desejo e paixão.

Deixei minha boca devorar os lábios finos, minha língua sentir o gosto do beijo. Eu não me importei com quem estava a nossa volta quando a beijei, ali, ajoelhada a minha frente. Não quis pensar em ex, quando a atirei ao chão e deixei suas coxas prenderem as minhas, numa esfregação sôfrega por libertação. Se ela tinha outro alguém, problema dele; naquele momento, eu a tinha sobre mim, cavalgando meus dedos, pedindo a penetração, exigindo que eu mexesse com maestria meu falo recém-erguido dentro dela. E nem quis saber quando me deixei penetrar, de quatro, sentindo a pegada gostosa, a arremetida precisa, de um golpe só, até minhas entranhas. Não havia festa para mais ninguém, só a nossa. Só a satisfação de ter a mulher arfante, delirante, quente, vermelha, sentada em meu colo, rebolando suas nádegas macias em minha coxa, seus cabelos em meu rosto, seu cheiro em minhas narinas, dedos, mãos. E o gozo dela escorrendo por minha vulva, adentrando nossos vales, descendo pelo banco, molhando meus pés.

A cerveja gelada derramada em meus pés me fez acordar. Estávamos na festa. Deixara-me levar pela fantasia. Meu gozo não foi irreal, mas não foi pleno. Não foi aberto. Eu estava sonhando de olhos

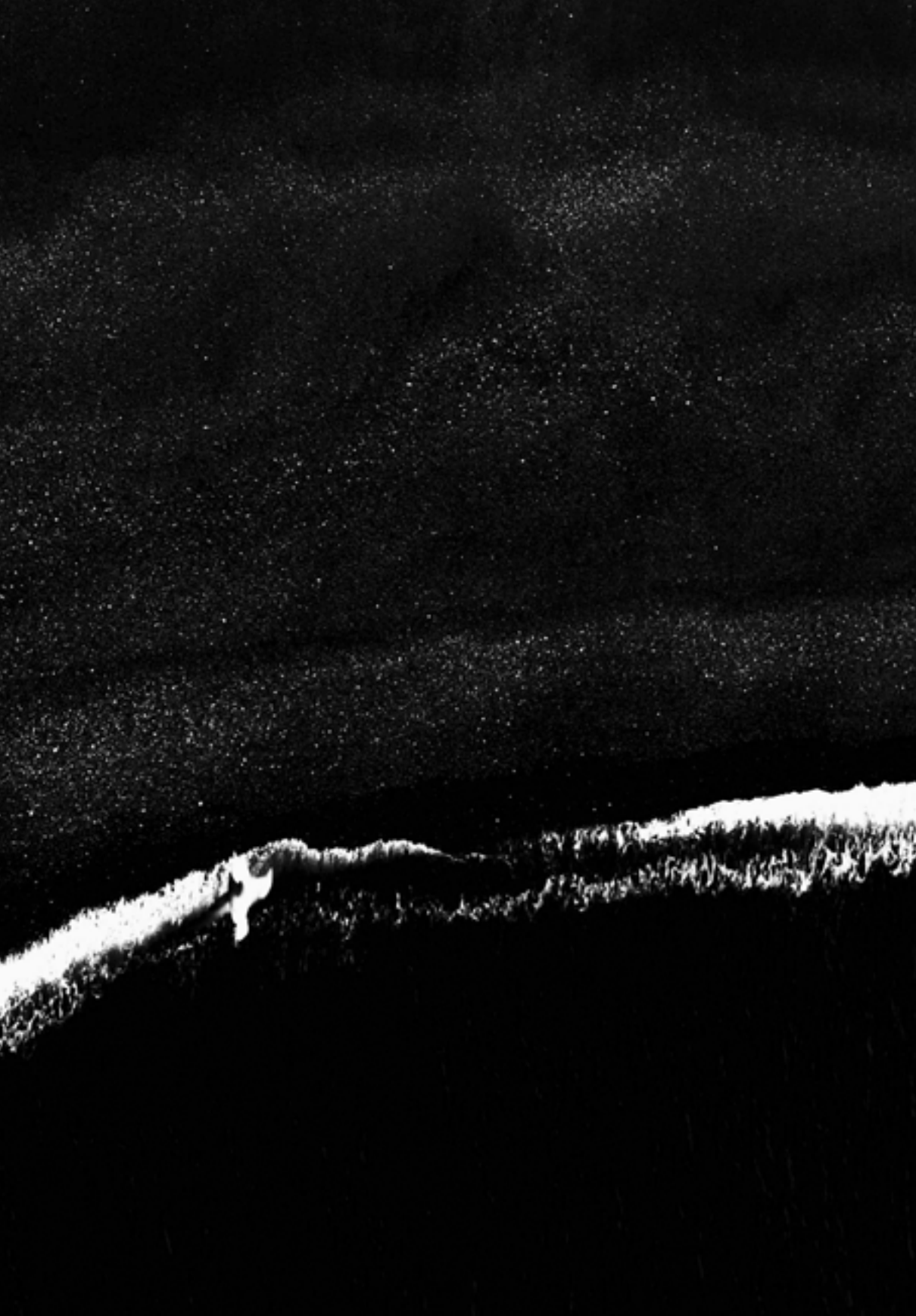
abertos. E ela dançando. Dançando veio em minha direção. Desceu o degrau irregular do chão nu, sem revestimento.

Eu, sentada na cadeira desmontável, pernas afastadas, ainda tentando aplacar o intenso pulsar entre minhas pernas. Ela veio. Ajoelhou-se entre minhas pernas, uma das mãos pousada em meu joelho, a outra entre as minhas. Olhava intensamente nos meus olhos. Eu apenas acariciava a mão dela, sentindo o calor, a suavidade; buscando passar, naquele contato furtivo, o quanto eu a queria; desesperadamente tentando fazer passar, com aquele contato furtivo, a necessidade de senti-la em mim. Temi a retirada da mão, mas ela a manteve e, não sei se por tanto querer, penso que ela retribuiu ao afago. Brinquei com o olhar dela. Posso dizer que meu olhar fez amor com o olhar no belo rosto da mulher a minha frente.

O momento passou. A razão falou mais alto que tudo. Não seria indelicada em expô-la diante de seus amigos. Como desculpa para meu medo de rejeição, digo que não a obrigaria a ser desagradável comigo, ao ter que declinar do meu beijo, explicando seus tão conhecidos motivos; ainda que, no vale tudo da paixão, nada é motivo para evitá-la. Somente a não reciprocidade.

Agradeci sinceramente pela noite. Nos despedimos. Entrei no ônibus, fechei os olhos, repassando cada momento. Suspirei, convencida de que fui feliz ao poder estar ao lado dela. E descobri, resignada, que o que sinto por ela é um apreço imenso.

FIM



OS AUTORES

Adrian Gustavo

É jornalista desde 2018, escritor desde 2012. Nascido em São Paulo e desde muito jovem criado no Paraná, é alguém que se expressa pela dança, às vezes, pelas palavras e, às vezes, pelo corpo.

Adriano Rivolli

É formado em computação e atua como professor universitário na UTFPR. Exercita a escrita nos momentos de lazer. Gosta de prosa, poesia, rimas, aliterações, duplos sentidos e a elegância da simplicidade.

Agnes Nagashima

Nasceu em Maringá e reside em Londrina. Possui graduação em Biotecnologia pela Unesp e Mestrado em Ciência de Alimentos pela UEL. Sempre foi apaixonada por livros com incentivo de seus pais e ganhou prêmio da Biblioteca Pública Municipal de Maringá como uma das crianças que mais leu livros no ano. Escreve contos e poesias. Já publicou seus textos em revistas literárias e em antologias. Faz parte do grupo de escrita Contopeia e da UBT (União Brasileira de Trovadores) Londrina. Mãe do Matheus.

Akira Demenech

Uma pessoa indecisa — inclusive sobre o que escrever sobre si — e uma personagem um tanto forasteira na própria narração, Guilherme Akira Demenech Mori, nascido em Londrina no presente século, é graduando de Ciência da Computação na UEL e formado pelo ensino médio técnico em Informática do IFPR.

Aldo Moraes

Nascido em Londrina, é músico, escritor e jornalista. Criador do *Batuque na caixa*, foi secretário de cultura de Londrina, publicou 7 livros, lançou 4 CDs musicais e 1 de poemas gravados. Faz trilhas sonoras para teatro e cinema.

Alessandra Navarro

Professora na área de Letras. Adoradora do cinema. Filmes ruins importam. Várias lágrimas se transformando ainda. Crente de que muita leitura transforma. A literatura então. Escritora sem jeito e que não sabe assobiar para remendar o que era para ser visto. Devota do século XIX. É da opinião de que o leitor é tão mágico quanto o autor: o que ambos procuravam inscreverá o sentido do mundo.

Alex Freire

É cientista social e professor de sociologia recém-formado pela UEL. Também é ilustrador e poeta amador. Desde os 16 escreve poemas e cultiva o sonho de poder publicar um livro de seus poemas e poesias.

Amanda Damasio

É uma apaixonada pelas letras. Desde pequena, enchia diários e mais diários com escritos. Começou a ser publicada aos 16, mandando crônicas para a *Folha de Londrina*. Nunca mais parou. Hoje dedica-se ao conto e à poesia, seus gêneros favoritos. Formou-se em Letras Vernáculas e Clássicas pela UEL e agora é mestranda em Literatura Comparada na mesma universidade.

Amanda Santos

Natural de Jacarezinho, mas londrinense convicta, é formada em Letras Vernáculas e Clássicas pela UEL, com especialização em Literatura Brasileira. Atua como revisora de textos há 10 anos e escreve por aí, em mesa de bar, no celular ou na mão, poesia ou não. Nasceu primeiro em 1988 e foi renascendo a cada fase vivida. Tem mania de se desdobrar e acredita que a poesia é divina!

Ana Cristina Pereira

Nasceu em Londrina, em 1991. Professora da rede municipal de ensino, atualmente, é mestranda em Estudos Literários pela UEL e desenvolve pesquisa acerca dos saraus que acontecem na cidade de Londrina e região.

Ana Paula Barcellos

Historiadora pela UEL, começou a escrever para sobreviver em 2009 e não parou mais. Hoje, coleciona profissões e vive da escrita. Colabora semanalmente com o jornal *O Londrinense* e, nas horas vagas, costura seu primeiro romance — além de se atrever com contos e poemas. Espera um dia poder escrever sem olhar o relógio.

Beatriz Bajo

Nascida em São Paulo, em 1980, é poeta, diretora-geral da Rubra Cartoneira Editorial, revisora, tradutora, professora de língua portuguesa e literatura, especialista em Literatura Brasileira (UERJ). Seus livros são *sobre nossas línguas a carne das palavras* (Patuá, 2017), *domingos em nós* (Rubra Cartoneira), *a palavra é* (PR) e *a*

face do fogo (SP), os dois de 2010. Traduziu os livros *Respiración del laberinto* (Coletivo Dulcinéia Catadora), do poeta mexicano Mario Papasquiaro e *Os de baixo* (LetraSelvagem), de Mariano Azuela. Esteve com um poema na mostra POESIA AGORA, da Caixa Cultural Rio de Janeiro, jun/ago de 2017. Participou das antologias *Sob a pele da língua* (Cintra); *29 de abril*: o verso da violência, (Patuá); *101 poetas paranaenses*. V.2 (SEC: Biblioteca Pública do Paraná, 2014); *En la otra orilla del silencio* (Na outra margem do silêncio); *Diálogos com a Literatura Brasileira* – volume III (Letradágua); *Moradas de Orfeu* (Letras Contemporâneas); *Realengo*: poetas pedem paz (*Revista Germina Literatura & Arte*).

Camila Mossi

33 anos, gaúcha-londrinense, cronista. Doutoranda em Letras pela UEM, mestre, especialista, e licenciada em Letras pela UEL. Pedagoga pela Unifil. É autora do livro de crônicas *Agora sapiens* (Penalux, 2018) e publica semanalmente na página do Crônicas de Segunda por Camila Mossi (Facebook). Atua como técnica administrativa no IFPR Londrina. Ministra palestras, cursos e oficinas de escrita criativa e de incentivo à leitura.

Charles Feldhaus

É professor de filosofia na UEL. Entre agosto de 2014 e julho de 2015, realizou um estágio de pesquisa de pós-doutorado na Martin Luther Halle-Wittenberg Universität, na Alemanha. A partir de 2017, voltou a lavrar seus versos e a estudar de maneira mais sistemática filosofia da poesia, é autor do livro *Versos à Lira* (Madrepérola).

Daniele Cardoso

Escrever é o seu remédio. Usa as palavras para expressar sentimentos e o seu olhar sobre o mundo. Garota do interior de São Paulo, com 26 anos, vivendo em Londrina há sete. É jornalista, comunicadora, poetisa, artista. Acredita que juntos podemos construir um mundo melhor e, porque não, fazê-lo através da arte?

Danilo Brandão

23, nasceu em São Paulo e mora em Londrina. Redator publicitário. Roteirista. Lê desde os dez anos. Escreve desde os 18. Viverá até os 50. Tem um livro de contos publicado: *Os minutos que me restam* (Bar Editora).

Diego Navarro

Nascido em Londrina, é poeta, designer gráfico, fotográfo e pesquisador musical. Em 2007 publicou *Inverso Aparente* (Atrito Art). Tem poemas publicados na *Coyote* e em outras revistas literárias. É produtor cultural do Projeto *Undercine* - cinema alternativo ao ar livre. Tem resenhas escritas no Blog *Rock n Roll 60's Hotel*.

Eduardo Baccarin-Costa

É professor, escritor, poeta, produtor cultural, tem 4 livros de poemas publicados e dois romances. Mestre em Estudos Literários, foi segundo colocado no Concurso Poesia do Cinquentenário de Londrina (1984) com o poema "Londrina de Pernas Abertas" e venceu por duas vezes consecutivas o Concurso da Editora Leia Livros

(2018 e 2019) com os romances *O Solitário do 406* e *Um Som diferente*. Lançou em 2020 *Apenas três palavras* (Madrepérola).

Fernando Fiorin

É professor de ciências, escritor romancista e contista, nerd inveterado amante da cultura Sci-fi e histórias de Terror. Vive na região suburbana de Londrina com os seus dois cães o seu gato, Thunder. Publicou pela Madrepérola *Noites londrinas* e *Manhãs descafeinadas*, dois romances sobre a cidade de Londrina.

Flávio Freire

Professor de texto e de Escrita Criativa. Curioso em saber como funciona a língua na prática literária. Adora e respeita toda forma de linguagem, mas só se arrisca em algumas. Atualmente faz parte do coletivo de escrita Contopeia.

Gabriele Antico Freiria

É bióloga, nascida em Londrina (PR). Tem doutorado em Genética pela Universidade Federal de São Carlos. Atua como professora de Biologia e pesquisadora do comportamento social das abelhas. Apaixonada por literatura, escreve desde a adolescência. Atualmente, faz parte do grupo de escrita Contopeia.

Giulia Di Luca

Graduanda em Letras na UEL, curso que escolheu por seu amor aos livros e sonho de ser editora. Gosta de escrever contos sobre a mulher e sua vida na sociedade, mostrando o que é ser mulher. Mas também busca se desafiar a sair de sua zona de conforto e escrever outros gêneros literários.

Iasinasc

Nascido em Jequié (BA) e morador de Londrina há quatorze anos. Graduado em Filosofia pela UEL. Escrevinha desde os onze anos. Tem o Blog *Escre-vinhos e rabiscos*, onde posta seus escritos. Leciona a disciplina de Filosofia.

J.M.Catarino

É londrinense, estudante de Letras Vernáculas – bacharelado, na UEL. Escreve contos, poesia e romance, preferindo assumir um tom mais nostálgico em sua escrita. Não possui livros publicados anteriormente, mas escreve desde os doze anos de idade. Manteve sua escrita guardada a sete chaves por muito tempo, até decidir que era hora de romper essa barreira, atualmente movimenta o perfil @j.m.catarino no instagram com seus textos.

Jackie Rodrigues

Comunicóloga, tem se aventurado na escrita desde os 18 anos, mas teve seu auge escrevendo *fanfictions* em alguns sites. Escritora, tem contos em coletâneas (*Elas Contam*, *[IN]Contados* e *Olhares Femininos:* Narrativas Lésbicas) e o e-book *Saídas Estratégicas*, na Ama-

zon. Com escrita voltada para as comunidades LGBTQI+, escreve qualquer tipo de literatura. Poetisa, transcreve suas poesias em panos de prato num formato criativo e artesanal.

João Gimenes

26 anos, é psicólogo, músico e poeta. Pai da Teresa Maria e do Francisco. Companheiro da Maitê. Natural de Londrina, onde reside atualmente.

Jhonata Rossi

Nascido em Sertanópolis (PR), mudou-se para Londrina em meados de 2006 onde reside até a presente data. Encontrou na poesia um modo de expressão para as amarguras da vida adulta. Acredita que a arte, em sua essência, existe como uma ferramenta de transformação da sociedade, que tem se mantido em função do progresso, para algo mais humano, e desse modo, menos perfeito.

Júlia Diniz

Nascida em Londrina (PR), é escritora e redatora brasileira. Começou a escrever aos 12 anos, quando encontrou na escrita uma maneira de expressar os afetos e sentimentos contidos dentro de si. Autora de *Doses de Afetos* (Perensin), Júlia compartilha seus textos através das mídias sociais, na página Doses de Afetos (Instagram). Atualmente, a autora também se dedica aos estudos em psicologia.

Layse Barnabé de Moraes

Escreveu no diário de 1999 que queria ser poeta, e quando tivesse a poesia mais linda do mundo voltaria nele para registrá-la. Desde então, escolhe a palavra como travessia todos os dias. Jornalista, Mestra em Estudos Literários pela UEL e doutoranda em Letras pela mesma instituição, acredita na literatura como caminho de cuidado de si e no verso como ferramenta de cura.

Lucia Maria Felipe Alves

Professora de Educação Física aposentada que achou tempo para dar vazão à inspiração esquecida pela dedicação aos estudos de sua área profissional e pelas extenuantes horas trabalhadas junto aos jovens em formação. Embora cansativo, seu trabalho contribuiu para compor sua vida imaginária e escrever suas utopias neste momento de reinvenção da própria história.

Luís Antônio Hangai

Nasceu em Londrina. Como jornalista e mestre em comunicação, trabalhou em redações de revista segmentada, jornal diário e portal de notícias. Em 2019 venceu o concurso nacional de contos promovido pela Livrarias Curitiba e teve sua primeira história publicada na revista *Ler&Cia*. É também autor em uma antologia de contos a ser publicada ainda em 2020 pela Editora InVerso.

Luis Henrique Mioto

Escritor, professor, historiador, mestre e doutorando em Educação, cineasta e agente cultural. Autor de roteiros e diretor de filmes

de ficção e documentários. Autor de livros infantis, contos e crônicas desde muito tempo, tanto tempo que nem se lembra mais. Publicou o livro *A pontuação da pontuação* (Eduel) e finaliza a criação de cinco livros infanto-juvenis junto a Grafatório Edições, que serão lançados em agosto de 2020.

Maiara Caroline

Tem 21 anos, é paranaense e dedica maior parte do seu tempo à escrita. Desde muito cedo, já tinha sua paixão firmada pela literatura, tanto nos livros infantis lidos durante sua infância quanto nos livros de mistério, suspense e ficção lidos na adolescência e vida adulta. Cursando a graduação de Letras Vernáculas e Clássicas na UEL, a escritora escreve livros de ficção científica e contos poéticos no Wattpad.

Marcia Paganini

Nasceu em Rolândia (PR), em 1971. Cursou Letras, na UEL, onde também fez pós-graduação em Metodologia do Ensino e mestrado em Educação. Escreve e edita livros didáticos de língua portuguesa, além de literatura para crianças e jovens. É também tradutora. Publicou, entre outras obras literárias, *ABC das coisas boas* (Bambolê) e *A menina e a planta* (Madrepérola).

Maria Angélica Constantino

É londrinense, casada e tem dois filhos. Autora da duologia *Pequena Londres* e *Uma Pequena em Londres* (Talentos da literatura brasileira) e seu romance recém-lançado, *Eu disse que voltava* (Novo Século). Orgulha-se de ser pé-vermelho!

Maria Cristina Moreno Matias

Professora Universitária Aposentada da UEL. Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Escreve na página *Vozes e Lugares* (Facebook), poemas e contos. É membro do Clube do Livro Amigos de Palavra Londrina.

Matheus Migotto

33, é londrinense de nascimento e coração, engenheiro eletricista por contingência e escritor por necessidade. Divide suas atividades literárias entre o conto e a poesia. Lançou seu primeiro livro *Menos E Elevado a I Pi* (Íthala) de poemas com forte influência do concretismo. Atualmente finaliza seu segundo livro de poemas *Meio, de Zero a Infinito*, com previsão de lançamento para 2021.

Paola Psibelsky

É escritora de contos e crônicas que buscam agregar valor à produção de autoria feminina. Estudante do curso de bacharel em Letras Vernáculas pela UEL, está disposta, através das palavras, a explorar e navegar o que há de maravilhoso no fantástico.

Ricardo Dalai

Doutor em Letras pela UEL, teve seu primeiro conto publicado aos 21 anos. A partir do blog *Reticências...*, teve seus textos publicados em livros didáticos e coletâneas, nos gêneros épico, lírico e dramático. É autor dos livros infantojuvenis *O príncipe atrasado* e *Histórias bem-contadas* (Madrepérola), em coautoria com Cassia Leslie e Marcia Paganini, respectivamente, ambos aprovados no PNLD Literário 2020. Atualmente, Ricardo Dalai é professor colaborador no curso de Letras da UEL.

Samantha Abreu

É professora e pesquisadora da literatura. Participa e produz eventos e projetos literários. Lançou *Fantasias para quando vier a chuva* (Orpheu); *Mulheres sob Descontrole* (Atrito Art); *A pequena mão da criança morta* (Penalux) e *Debaixo das unhas* (Olaria Cartoneira). Integra as coletâneas *O Fio de Ariadne* (Atrito Art); *29 de Abril*: o verso da violência (Patuá); e *Sob a pele da língua* (Cintra) com autores contemporâneos de todo o país.

Tacy Muniz

É graduada em Letras pela UENP de Cornélio Procópio (PR) e Mestre em Letras pela UEL. Atualmente reside em Cambé (PR), é funcionária pública e tem uma filha. Irá lançar, em breve, seu primeiro romance, intitulado *P.S. Ana Clara* (Madrepérola).

Thaís Rossini

Londrinense, nascida e criada. Sempre com um livro na mão, muito antes de aprender a ler. Uma de suas primeiras lembranças de infância é estar segurando um livro, tentando desvendar suas palavras. Formada em Direito, hoje atua na área de moda, lê sempre que pode e escreve menos do que deveria. Ainda hoje se pega segurando um livro, tentando desvendar suas palavras

Vagner Xavier

É escritor e poeta natural de Londrina, lançou os livros de poesia *Mais uma noite* (Multifoco), *Agridoce* (Protexto), Águas Caladas (Penalux), *Céu de chumbo* (Trevo) e *Nós somos intermináveis como o mar* (Dhias). Já participou de mais de 13 antologias nacionais e internacionais.

Valdir Rodrigues

42, mora em Cambé, ator, diretor, professor de teatro, poeta, dramaturgo, psicanalista e terapeuta. Cursando o 4º semestre de licenciatura em pedagogia pela UNIP. Autor dos Livros de poesias *Lágrimas Que Sorri* (Eduel) e do livro de poesias ilustradas *Brilho* (Sulreal), de Portugal.

Victor Hugo Barbosa

31, mora em Londrina, é assessor jurídico, mestre em Ciência Jurídica (UENP) e estudante de Psicologia (PUC). Organizou a coletânea *Concreticidade:* 17 contos de jovens autores londrinenses (Madrepérola). Editou os blogs *Zaratustra tem que morrer* e *Ruinaria*, entre 2007 e 2013. Tem contos e crônicas publicados em revistas literárias.

Vinícius Fonseca

Escritor, professor, historiador, pesquisador da área da Educação (atualmente sou doutorando pela UEL), cineasta e agente cultural. Autor de roteiros e diretor de filmes de ficção e documentários. Autor de histórias para crianças, contos e crônicas desde moleque. Publicou o livro *A pontuação da pontuação* (Eduel) e publicará cinco livros infanto-juvenis pela Grafatório Edições, que serão lançados em dezembro de 2020.

Walter Helmuth Diesel

Londrinense, economista de formação, divide seu primor pelas artes na música e na literatura, mecla o contidiano e os diálogos que capta sobre a vida em seus textos, afinal, eles existem lado a lado.

Wilson Moreira

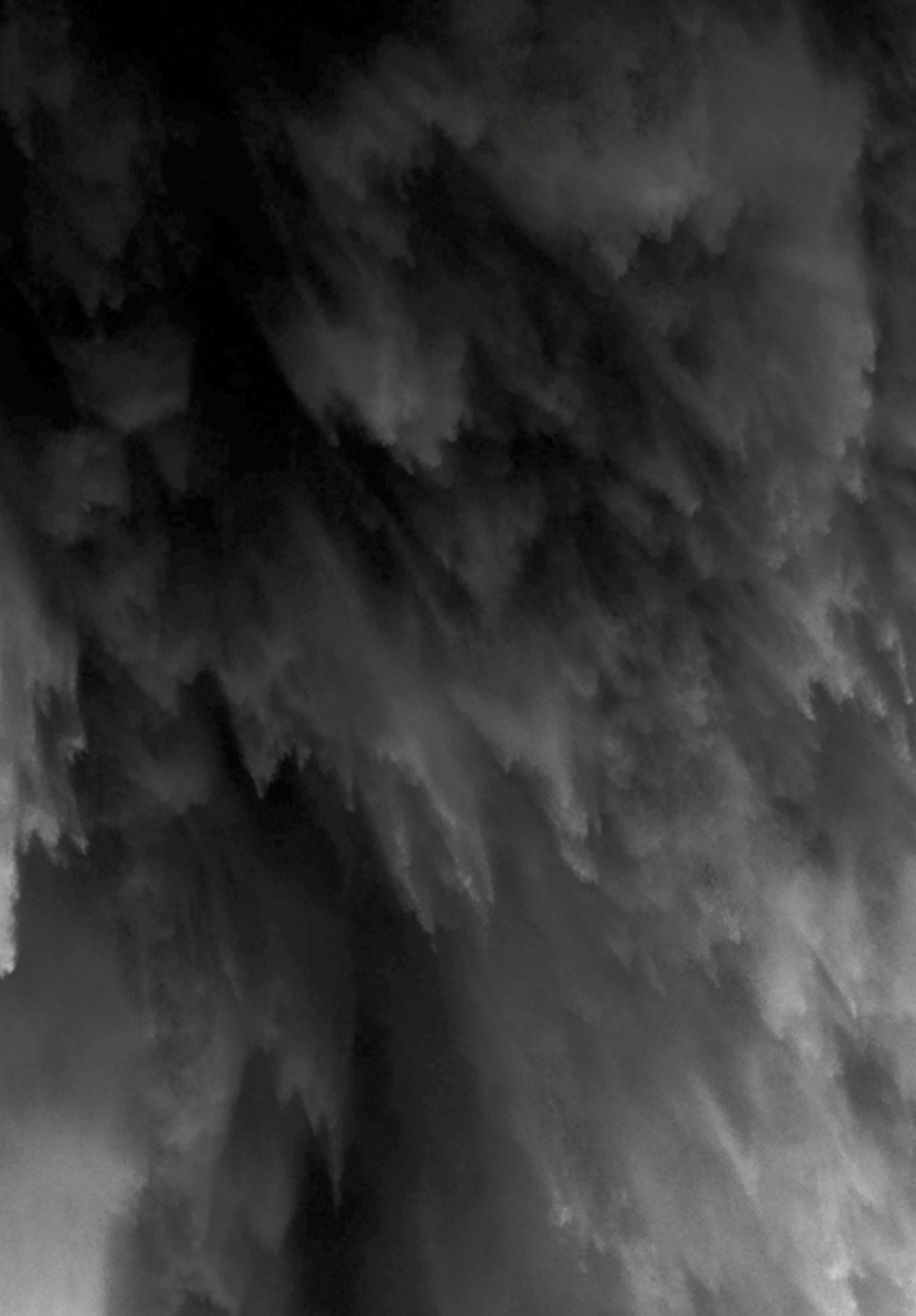
Cientista Social graduado pela UEL, Reside em Londrina há 27 anos, publicou pela Vermelho Marinho Usina de Letras os livros de poesias *Humano*: objeto errante, *Prisão dos dias*, *Húmus Sapiens*, *Um pouco de coisas*, *Íntimo exterior*, *Vagando pelas horas* e *Estilhaços de uma vida em espiral*.

Xarxel

Terminando a graduação de Letras Vernáculas. Escreve há seis anos e, em suas produções, tenta capturar o estranho, o absurdo, misturando elementos corriqueiros com o insólito. Tenta dar ao leitor uma sensação de inquietação na leitura e, então, forçar o pensamento sobre as estruturas socialmente fixadas e a própria realidade.

Yuri Luz

Yuri Luz nasceu em Londrina. Cursa Letras Vernáculas pela UEL. Desde pequeno, sempre gostou de inventar histórias e criar mundos novos, viu, então, na literatura fantástica, uma forma de compartilhar seus universos fictícios e também trazê-los para mais perto do real.



Coordenação editorial Rafael Silvaro
Projeto gráfico Angel Cabeza
Diagramação Cris Spezzaferro
Revisão de textos Rafael Silvaro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Marco zero: prosa e poesia londrinense. / organização Rafael Silvaro. - 1 ed. - Londrina: Madrepérola, 2020.

380 p.; 16x23 cm.
ISBN: 978-65-87269-20-7

1. Contos. 2. Poesias. 3. Crônicas. 4. Literatura Brasileira
I. Título. II. Assunto.

CDD: B869.8
CDU: 82-311

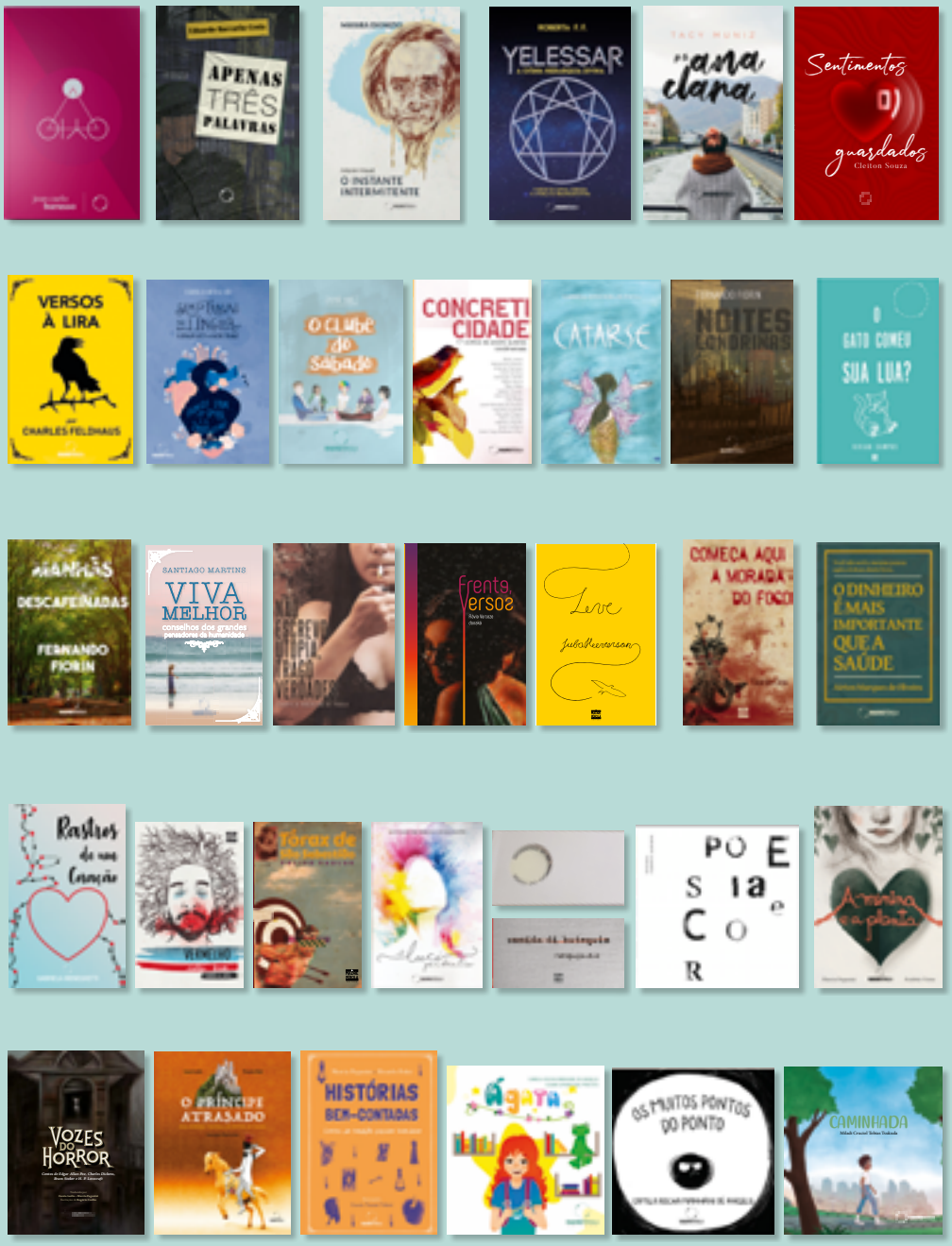
Editora Madrepérola, 2020.

Todos os direitos reservados à Editora Madrepérola.
Av. São João, 2725, sala 240B, Antares, Londrina (PR) CEP 86036-030
Tel. 43 3351-8003
www.editoramadreperola.com
contato@editoramadreperola.com

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização da editora.

A JOIA RARA
CHAMADA LIVRO

Publicar é navegar, mergulhar fundo para explorar a preciosidade que tanto gostamos de encontrar nos livros.
Oferecemos obras inéditas publicadas com o carinho editorial que nossos leitores merecem.
Esperamos que nossos livros formem um colar reluzente na sua estante.

WWW.EDITORAMADREPEROLA.COM

Conheça os autores londrinenses publicados pela Madrepérola